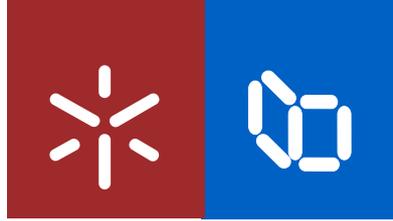




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ana João Herdeiro de Brito Alves Moreira

**Um tratado de medicina inédito do século XVIII:
estudo comparativo com fonte impressa e
aspetos de variação na língua do Minho**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ana João Herdeiro de Brito Alves Moreira

**Um tratado de medicina inédito do século XVIII:
estudo comparativo com fonte impressa e
aspectos de variação na língua do Minho**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Anabela Leal de Barros

DECLARAÇÃO

Nome: Ana João Herdeiro de Brito Alves Moreira

Endereço eletrónico: ana.joao.herdeiro@gmail.com

Telefone: 919878944

Número do Cartão de Cidadão: 14174751

Título da dissertação:

Um tratado de medicina inédito do século XVIII: estudo comparativo com fonte impressa e aspetos de variação na língua do Minho.

Orientadora:

Professora Doutora Anabela Leal de Barros

Ano de conclusão: 2016

Designação do Mestrado: Mestrado em Ciências da Linguagem

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, / /

Assinatura: _____

Agradecimentos

Gostaria de expressar aqui o meu agradecimento a um conjunto de pessoas que, de diferentes formas, me ajudaram e tornaram esta dissertação possível.

À minha orientadora, Doutora Anabela Leal de Barros, pela sábia orientação científica, pela paciência e disponibilidade, pelo precioso apoio e pelas palavras de carinho, confiança e incentivo.

À minha família, pela compreensão e encorajamento constante.

Ao Vinícius, pela paciência e apoio incondicional.

A todos os meus amigos, que me apoiaram e compreenderam a minha ausência em momentos importantes.

Às minhas colegas de mestrado, Mónica e Cátia, pela profícua partilha de saberes e amizade.

Ao funcionário do Arquivo Distrital de Braga, Luís Araújo, pela disponibilidade e ajuda incansável que possibilitaram a descoberta de informações essenciais à realização deste trabalho.

Resumo

Neste estudo, damos a conhecer um manuscrito inédito, pertencente ao Arquivo Distrital de Braga. Conforme pudemos apurar, o seu autor – um eclesiástico que assina pelo nome de “Reytor Antonio Dias” – era natural da região do Minho e terá produzido os textos presentes no códice em meados do século XVIII. De entre essa variedade de escritos, escolhemos analisar e editar semidiplomaticamente aquele que denominamos o «Tratado de Medicina» – uma espécie de compêndio das principais doenças e respetivos tratamentos da época setecentista – que cedo concluímos constituir uma síntese da *Medicina Lusitana*, do consagrado médico Francisco da Fonseca Henriques. No entanto, apesar de o autor do manuscrito ter consultado uma fonte impressa cujo registo de língua se aproxima da norma-padrão, podemos verificar que isso não o impediu de revelar, no seu tratado, numerosas e significativas formas linguísticas que evidenciam ampla variação ao nível gráfico, fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical. Tendo sempre presente o confronto entre ambas as fontes, investigamos, então, neste trabalho, os fenómenos que mais avultam em cada um dos referidos aspetos em variação no «Tratado de Medicina», especialmente aqueles que podemos reconhecer como típicos dos dialetos setentrionais, ou do dialeto minhoto em específico. Assim sendo, o testemunho do «Tratado de Medicina» do Reitor António Dias vem acrescentar preciosos contributos para um conhecimento mais preciso e completo acerca das características da língua dos falantes do Minho no século XVIII, enriquecendo, desta forma, o estudo da variação linguística e da dialetologia histórica em território português.

Palavras-chave: edição de manuscritos medicinais, português setecentista, história da língua portuguesa, variação linguística, dialetos setentrionais, dialeto minhoto.

Abstract

In this study, we present an unpublished manuscript that can be found in the Braga District Archive. As we were able to verify, its author – a priest who identifies himself as “Reytor Antonio Dias” – was born in Minho, a northwest region of Portugal, and wrote the manuscripts in the mid-18th century. Among the various texts, we chose to study and make a semidiplomatic edition of the one we named «Tratado de Medicina» – a sort of compendium of the major diseases of the century and their common treatment – which, actually, constitutes a synthesis of a book named *Medicina Lusitana*, written by the famous physician Francisco da Fonseca Henriques. In spite of having used a published source with standard Portuguese, the author of the manuscript registered, in his text, numerous and significant linguistic forms and structures that reveal graphic, phonetic, phonological, morphological, syntactic and lexical variation. Always bearing in mind the confrontation between both sources, we investigate, in this study, the most prominent phenomena of linguistic variation found in «Tratado de Medicina», specially those we can identify as typical of the Portuguese northern dialects or, in particular, as belonging to the Minho dialect. Therefore, Reitor António Dias’ «Tratado de Medicina» is a precious contribution to a more accurate and detailed knowledge about the characteristics of the language that people from Minho spoke in the 18th century, enriching, this way, the study of linguistic variation and historical dialectology in Portuguese territory.

Keywords: edition of medical manuscripts, 18th century Portuguese, history of the Portuguese Language, linguistic variation, Portuguese northern dialects, Minho dialect.

Índice

I. Introdução	1
1. O códice e o seu autor	4
2. O «Tratado de Medicina»	8
2.1 A medicina portuguesa no século XVIII	10
2.1.1 A terapêutica	11
2.1.2 A farmacopeia	14
2.2 A fonte impressa do «Tratado de Medicina»	18
2.2.1 Mirandela e a sua obra <i>Medicina Lusitana</i>	19
2.2.2 Da relação do «Tratado de Medicina» com a fonte consultada	21
2.3 Do estilo do texto	25
II. Edição do «Tratado de Medicina»	29
1. Critérios de edição	29
2. Edição semidiplomática	35
III. Estudo da variação na língua do «Tratado de Medicina»	111
1. Da variação e mudança nas línguas	111
1.1 Tipos de variação	112
1.1.1 Variação diatópica	113
1.1.2 Variação diastrática e diafásica	114
1.2 Níveis de variação	115
2. Da variação gráfica	117
3. Da variação linguística	129
3.1 Aspectos fonéticos e fonológicos	129
3.1.1 Fenómenos gerais	129
3.1.2 Fenómenos dialetais	135
3.2 Aspectos morfológicos e sintáticos	141
3.3 Aspectos lexicais	148
IV. Conclusão	155
Bibliografia	159
Anexos	167

Índice de quadros

Quadro 1. Aspetos em confronto entre o manuscrito e as três edições da <i>Medicina Lusitana</i>	22
Quadro 2. Capítulos do «Tratado de Medicina» cuja(s) referência(s) não coincide(m) com o número do(s) capítulo(s) correspondente(s) na <i>Medicina Lusitana</i>	22

Índice de figuras

Figura 1. Reprodução da página de rosto da 3ª edição da <i>Medicina Lusitana</i> , existente na Biblioteca Pública de Braga	20
Figura 2. Reprodução de uma página interior da 3ª edição da <i>Medicina Lusitana</i>	20

I. INTRODUÇÃO

Na presente dissertação, propomo-nos proceder à edição e estudo linguístico daquele que denominamos o «Tratado de Medicina» do Reitor António Dias, um texto inédito do século XVIII incluído no Manuscrito 608 do Arquivo Distrital de Braga, e que, conforme explicitaremos futuramente, toma por base uma obra de referência da medicina setecentista portuguesa composta pelo médico mirandense Francisco da Fonseca Henriques. Uma vez que nos foi possível descobrir relevantes informações relativas à biografia do autor do tratado, bem como à localização temporal aproximada do códice em causa, entendemos que tal nos permitirá associar com maior segurança as características linguísticas deste texto manuscrito a um determinado estágio de língua numa região delimitada, revelando-se o tratado, portanto, um valioso objeto de análise linguística.

Neste sentido, e de forma a preservar o interesse linguístico do «Tratado de Medicina», procedemos a uma edição de natureza semidiplomática, já que procurámos ao máximo respeitar e conservar o texto do manuscrito, não deixando, no entanto, de ter em conta alguns critérios. Podemos, ainda, considerar que a edição efetuada evidencia traços (quase) não intrusivos de carácter interpretativo, na medida em que, através do acrescento de alguns elementos (desde grafemas a sintagmas) no corpo do texto ou da introdução de variadas notas de rodapé, procurámos clarificar o conteúdo de determinadas passagens e assim facilitar a leitura e compreensão das mesmas, fornecendo explicações e informações adicionais, e recorrendo quando necessário a citações da obra impressa de Fonseca Henriques pertinentes para o confronto com o manuscrito.

Assim sendo, este tipo de edição permitir-nos-á executar e concretizar o principal objetivo do nosso trabalho: investigar e estudar, numa perspetiva diacrónica, as características linguísticas – sobretudo fonéticas, mas também morfológicas, sintáticas e lexicais – presentes no manuscrito, especialmente aquelas que poderão ser reconhecíveis como típicas dos dialetos setentrionais e, mais especificamente, do dialeto minhoto – tendo em conta a naturalidade do autor. Na análise dos diversos fenómenos linguísticos encontrados teremos ainda em atenção não só a variação contida nos limites do «Tratado de Medicina», mas também as múltiplas e interessantes diferenças observadas entre a fonte manuscrita, produzida por um eclesiástico minhoto, e a fonte

impressa, redigida por um clínico de origem transmontana, mas de formação coimbrã e (con)vivência na corte.

O nosso estudo encontra-se organizado em **quatro secções** (assinaladas com algarismos romanos), que, por sua vez, se podem dividir em várias subsecções (identificadas com numeração árabe).

A **primeira secção**, cuja principal finalidade é introduzir e contextualizar o tratado em análise, inclui duas subsecções. No ponto 1, procederemos à descrição geral do códice em que se insere o «Tratado de Medicina», apontando as suas características físicas, a diversidade de assuntos nele abordados e informações relativas à sua localização espaço-temporal; apresentaremos, ainda, os dados biográficos recolhidos acerca do Reitor António Dias, autor principal do códice e único responsável pela elaboração do «Tratado de Medicina». No ponto 2, iremos concentrar-nos na caracterização do tratado, explicitando a sua estrutura formal e analisando, genericamente, os problemas de saúde enunciados ao longo dos capítulos que o compõem; além disso, e uma vez que o tratado se enquadra no âmbito da medicina portuguesa setecentista, consideramos pertinente assinalar também as características fundamentais da mesma – nomeadamente, as terapêuticas e os fármacos mais comumente utilizados –, exemplificando, sempre que possível, com excertos da fonte manuscrita; revelaremos, ainda, algumas informações acerca da obra impressa de Fonseca Henriques em que o tratado é baseado, assim como a biobibliografia essencial deste autor; procuraremos, também, registar e comentar a relação existente entre ambos os textos, destacando as semelhanças e diferenças de forma e conteúdo mais interessantes e curiosas; finalmente, procederemos à caracterização do estilo discursivo do tratado.

Na **segunda secção**, iremos expor, primeiramente, os critérios utilizados na edição semidiplomática do «Tratado de Medicina» do Reitor António Dias; logo de seguida, apresentaremos a mencionada edição, enriquecida com numerosas anotações em rodapé, de intuito elucidativo.

A **terceira secção**, destinada à investigação das particularidades linguísticas do «Tratado de Medicina», divide-se em três subsecções. No ponto 1, começaremos por enquadrar a nossa análise no seio dos estudos sobre variação e mudança na língua, explorando, sobretudo, os tipos e níveis de variação presentes no texto manuscrito, em contraste com os da fonte impressa. O ponto 2 dedicá-lo-emos à variação gráfica, que,

apesar de não ser uma questão puramente linguística, não poderia aqui ser ignorada, já que a ortografia adotada pelo autor do manuscrito apresenta características muito próprias, opostas até às vigentes na época, afastando-se igualmente da padronização e normatização encontradas na obra impressa. No ponto 3, iremos inventariar, comentar e estudar quantitativamente os casos de variação fonética (espelhados na grafia) e de variação morfossintática e lexical que mais avultam ao longo do tratado, procurando sempre salientar os aspetos dialetais; ao longo da análise, teremos em conta o testemunho e contributo dos gramáticos portugueses antigos e de estudos linguísticos modernos que, com maior ou menor profundidade, versam sobre o comportamento, evolução e distribuição de alguns dos fenómenos analisados.

Finalmente, na **quarta secção**, apresentaremos as conclusões retiradas ao longo do processo de investigação e de redação da presente dissertação, bem como as dificuldades e limitações encontradas, fornecendo, ainda, algumas indicações de trabalho futuro.

1. O códice e o seu autor

O manuscrito 608 do Arquivo Distrital de Braga é um códice encadernado em pergaminho, mas já sem a capa original, tendo sido colocado, *a posteriori*, numa capa de proteção em cartão. Medindo, aproximadamente, 21 cm de comprimento por 15 cm de largura e 3 cm de lombada, este manuscrito é composto por 181 fólios – iniciando no fólio 17 e terminando no fólio 253 –, todos eles numerados a tinta pela mesma mão – a do autor principal. O número total de fólios supramencionado não inclui, naturalmente, aqueles que estão em falta ao longo do códice, ou seja, os fólios 1 a 16, 116 e 117, 120, 121 e 122, 130 a 159 e 234 a 243. Além disso, os fólios 47 a 48v. e o fólio 118v. encontram-se em branco. É também importante registar um engano na numeração que ocorre no fólio que se segue ao 244, uma vez que é numerado como 241 e não 245, como seria de esperar (não se trata de páginas trocadas, pois há uma sequência lógica entre os fólios 244 e 241); a numeração prossegue, então, do fólio 241 até ao 253v. Há, ainda, uma folha solta que não parece encaixar em nenhuma das partes que estão em falta, indicando a possibilidade de continuação do manuscrito para além do fólio 253⁽¹⁾.

No que respeita ao seu conteúdo, o códice reúne matérias e assuntos diversos – desde a religião à política, da medicina à agricultura –, escritos em português ou em latim, sendo, na sua maioria, “tratados” que apresentam os vários tópicos a abordar sob a forma de perguntas às quais se seguem as respetivas respostas. Convém, ainda, salientar que este caderno não engloba (aparentemente) textos pessoais ou originais, mas reproduções – mais ou menos adaptadas – de livros, notícias, e outras obras ou documentos que, certamente, seriam do interesse do(s) copista(s).

Assim, de modo a desvendar o interior do manuscrito, apresentamos de seguida um inventário dos títulos dos vários textos que surgem ao longo do mesmo:

[fl. 17]	«Tractado 3 / Do misterio da Santissima Trindade.»
[fl. 21]	«Tractado 4 / Do Mysterio da Incarnacam»
[fl. 30v.]	«Tractado 5. / Da criacam dos Anjos, e dos homens.»
[fl. 33v.]	«Tractado Vltimo / Da garacam do homem.»
[fl. 37]	«Thiologia Speculativa; sive / Directorio p. ^a exames em forma de Dialogo»

⁽¹⁾ Esta folha solta foi numerada pela mesma mão que fez a restante numeração do manuscrito (embora não seja totalmente perceptível o seu número medial – 264?, 284?), mas o seu texto apresenta uma letra distinta.

[fl. 45]	« <i>Compendio / Dos capitulos da Sagrada scriptur[a]</i> »
[fl. 49]	« <i>De Cazibus in Archiepiscopatu Bracha</i> »
[fl. 75]	« <i>Disputatio Vnica / Das cousas mais principais da Constituicam Bracarense.</i> »
[fl. 119]	« <i>Opiata do D.^r Fran.^{co} de Amarin dos arcos</i> » (Receita)
[fl. 123]	« <i>Tratado de Medicina</i> » ⁽²⁾
[fl. 205]	« <i>Capitolacam de Habana, e Ilha de Cuba no ano de 1762.</i> » (Notícia)
[fl. 214]	« <i>Copia dos Artigos das pazes, q' se fizeram nos 4 Reinos de Portugal, Castela, Inglaterra, e Franca no anno de 1762.</i> »
[fl. 216]	« <i>Dando as boas festas a sua A S.</i> » (Poema)
	« <i>De veijar a mao a sua A S.</i> » (Poema)
[fl. 217]	« <i>Tratado da Agricultura</i> »
[fl. 247]	« <i>Tratado coriozo pelos Mezes / Para a conserbaçam da saude, e pronostico dos nacimentos, e p.^a Agricultura</i> »

À medida que percorremos os fólhos do manuscrito, apercebemo-nos de que a maior parte deles se encontra preenchida com a mesma caligrafia – a do eclesiástico “Reytor Antonio Dias”, o principal autor e presumível proprietário do códice. No entanto, duas caligrafias distintas, que permanecem anónimas, podem ser reconhecidas em determinadas passagens do códice, surgindo, ao todo, em cerca de trinta fólhos. A primeira ‘mão’ não identificada apresenta-se de forma dispersa ao longo do manuscrito, muitas vezes finalizando um parágrafo que começara por ser grafado pelo copista principal. Assim, é provável que tal letra pertencesse a um outro membro do clero e que este convivesse regularmente com o Reitor, auxiliando-o, esporadicamente, na construção do seu caderno de apontamentos. Por sua vez, a segunda ‘mão’ anónima concentra-se num só texto em latim – «*De Cazibus in Archiepiscopatu Bracha*» –, que aparenta estar incompleto.

Como já mencionámos, apenas é conhecido o nome do autor associado à caligrafia maioritária do manuscrito, uma vez que este foi o único a assinar no final de alguns textos. Assim, através da sua assinatura, percebemos facilmente que o Reitor

⁽²⁾ Na realidade, não há um título expreso no primeiro fólho relativo a este assunto (fl. 123), o que indicia a possibilidade de o mesmo se encontrar num dos fólhos anteriores que estão em falta. No entanto, por analogia com os títulos de outros textos do manuscrito, e tendo em conta os cabeçalhos encontrados em alguns dos fólhos sobre medicina, decidimos denominar este conjunto de «Tratado de Medicina».

António Dias foi coordenador de uma instituição religiosa⁽³⁾. A par da referência antroponímica, alguns locais e datas mencionados ao longo do manuscrito permitiram que informações mais específicas acerca da biografia do autor, bem como a localização espaço-temporal aproximada do códice, pudessem ser apuradas.

Deste modo, a seguinte passagem do manuscrito, que finaliza a «*Disputatio Vnica / Das cousas mais principais da Constituicam Bracarense.*», revela-nos o local onde o autor terá produzido os textos presentes no amplo códice, todos ou, pelo menos, uma parte deles, possivelmente por volta da década de 60 do século XVIII:

Nota, q' aqui nam escribi a obrigacam dos Visitadores, e as mais censuras, vsuras por nam ter lugar ahinda, o q' se pudera vir [*sic*] na Constituicam, pois so procurei fazer compendio do q' os Parrochos devem ter mais cuidado de saver. **S. Miguel de Lavradas 19 de 9b.º de 1762.**
o Reytor Antonio Dias [fl. 118]

É possível indicar, ainda, vários outros pontos do manuscrito em que se encontram menções ao ano de 1762:

- Capitolacam de Habana, e Ilha de Cuba no **ano de 1762**. [fl. 205];
- Carta escrita em de Havana em **20 de Agosto de 1762**. [fl. 213];
- Copia dos Artigos das pazes, q' se fizeram nos 4 Reinos de Portugal, Castela, Inglaterra, e Franca no **anno de 1762**. [fl. 214];
- Copia da carta, q' pella sacretaria do Estado do Conde de Egramont se expedio ao Prisidente da Camara da sidade de Londres con **data de 8. de Nob.º de 1762**. [fl. 215];
- O conde soberano da Porucia, e Principe Lipe, q' veio acodir ao Reino da ~~I~~ invasam, q' inopinadam.^{te} fes a El rei de Castela metendo no Reino a **8 de Maio de 1762**, o fes El rei q' D.^s gd.^e conde de Eveja, e pr.^o Menistro da sacretaria; e ficou em seu lugar de Generalissimo, o General Emgres, q' esteve em Braga [fl. 215v.].

Além da freguesia de Lavradas (São Miguel), em Ponte da Barca, são referidos, numa anotação na última página do manuscrito, outros dois locais que remetem para o distrito de Viana do Castelo, uma vez que as freguesias de Pias e Mazedo pertencem ao concelho de Monção:

⁽³⁾ Mesmo que o autor principal do manuscrito não assinasse os seus escritos com o título de “Reytor”, seria facilmente perceptível o seu compromisso com a Igreja, tendo em conta os vários textos de cariz religioso que surgem ao longo do códice, elaborados por uma ‘mão’ aparentemente culta e muito acostumada à escrita e transladação – como o evidenciam, por exemplo, as abreviaturas abundantes e variadas, ou o uso erudito e constante de formas do futuro do indicativo com mesóclise (*darselheam, farseha*).

P.^a curar a vista dos olhos o P. Fran.^{co} Xavier da **frg.^a de Pias, Lugar da Lapa**.

D. Clara Irmao de Fran.^{co} Leixandre da **frg.^a de Manzedo** ao pe da Igreja. [fl. 253v.].

No entanto, após investigação dos dados biográficos do Reitor António Dias, foi possível verificar que este não era natural da dita freguesia, mas sim de Carvalheira (S. Paio), situada em Terras de Bouro, distrito de Braga, – local onde também veio a falecer, a 15 de junho de 1802⁽⁴⁾, depois de quase quarenta anos como Reitor da paróquia de S. Miguel de Lavradas.

⁽⁴⁾ O certificado de óbito do Reitor António Dias, que inclui ainda a referência à sua naturalidade, pode ser consultado no Arquivo Distrital de Viana do Castelo, no *Livro de Óbitos de S. Miguel de Lavradas 1794-1876* (fls. 19-19v.), e no Arquivo Distrital de Braga, no *Livro de Óbitos de S. Paio de Carvalheira 1737-1811* (fl. 117).

2. O «Tratado de Medicina»

Registado pela mão do Reitor António Dias, o «Tratado de Medicina», que se encontra compreendido entre os fólhos 123 e 204v. do códice⁽⁵⁾, apresenta-se-nos como um texto limpo e organizado, quase sem rasuras, embora de caligrafia pouco cuidada.

Ao longo das cento e quatro páginas que compõem o tratado, é possível identificar um total de trinta e três patologias distintas, distribuídas por trinta e cinco capítulos. O interior dos capítulos segue uma estrutura regular: a encabeçar, o título com a designação da doença que será examinada, seguindo-se vários pares de pergunta-resposta que procuram fornecer uma breve explicação do respetivo problema – além das suas principais causas, sintomas, prognósticos, consequências – e, acima de tudo, revelar, através de inúmeras receitas e mezinhas, os remédios, métodos, técnicas e dietas capazes de curar (ou, pelo menos, atenuar) determinada maleita, tanto em lactantes, como em crianças mais velhas ou adultos⁽⁶⁾. Observem-se as seguintes passagens do manuscrito, em que se identifica a negrito os vários aspetos referidos:

- **Perg. q' cousa he inflamacam dos olhos. R q' he hua inflamaçam da tunica adunata, com dor, com rubor, e com ardor dos olhos** [*Da inflamacam dos olhos*, fl. 165v.]
- **Perg 2. ¶ por q' causa sucede esta desordem na espinhela. R q' por quedas, pancadas, toses violentas, por tomar grandes pesos, torcer o corpo, ou de mober m.¹⁰ corpo** [*Da espinhela*, fl. 185]
- **Perg. q' sinais a vera p.^a se conhecer q' hum doente tomou veneno. R q' he dificuldade no ingolir, nausia na boca, aperto, ~~o~~ <e↑> dores na garganta, tose, vomitos, arotos fetidos, grandes dores de estamago, ancias no coracam, suores frios** [*Dos q' tomam veneno pela boca*, fl. 179v.]
- **Perg. 3 q' pronosticam os olhados. R q' se se nam acodir a curalos, causan dores de caveca, febres, <vomitos, e fastio←>** [*Do mal do olhado, ou cobrante*, fl. 123v.]
- **Perg. 1 como se curaram os meninos q' mamam deste mal. R q' logo lhe lancaram no ouvido doloroso a mai, ou ama q' os cria leite de peito deitandoo com esse ouvido p.^a cima** [*Das dores nos ouvidos*, fl. 169]

⁽⁵⁾ De notar que os fólhos 130 a 159 estão em falta no códice. No entanto, presume-se que os mesmos já se tivessem 'perdido' do conjunto quando o tratado foi escrito, uma vez que o fólho 160 continua o assunto do fólho 129v. sem que haja um lapso textual.

⁽⁶⁾ Raramente se indica algo sobre ou para os idosos em específico, pelo que se presume que estão incluídos nos 'adultos'. Há, no entanto, uma referência explícita aos "velhos" em "As nevoas nos mininos sam faceis de se curar, nos **velhos** sam incuraveis, e nos adultos sam dificeis de se curar" [fl. 167v.]; em outras passagens do manuscrito, pode haver uma interpretação ambígua, não sendo certo que se trate de idosos, pois o autor pode estar a referir-se simplesmente às pessoas mais velhas, que já não são bebés ou crianças: "nos meninos pela m.^{1a} humid.^e, e nos **velhos** pellos m.^{10s} excrementos he mais mao de se curar" [fl. 166].

- **Perg como se fara a cura nos adultos.** R q' logo no princip[i]o tomara vomitorio desta sorte en vinho, ou em outro liquor = 2 oncas de vinho emetico; ou 3 oncas de agoa benedita de Rulando, bem turba [*Das febres malignas*, fl. 204]
- **Perg como se haverá na dieta o enfermo.** R q' pode comer de quaisquer aves, exceto a perdis, e cadornis, nam comam peixe, nem figados de cabra, de bode, e de cabirto [*Da Gota coral*, fl. 161]

De entre as várias doenças registadas ao longo do tratado, muitas são provocadas por parasitas – vírus, bactérias e vermes (como as lombrigas) – que atacam o interior ou o exterior do corpo, originando infeções e inflamações mais ou menos graves, ou causando somente incómodo ao ‘hospedeiro’ (os piolhos, por exemplo). Neste sentido, uma grande parte dos capítulos procura tratar, para além das patologias propriamente ditas, os sintomas e reações do corpo humano aos referidos parasitas e/ou outros distúrbios internos – como no caso da dor de estômago, vómitos, cólicas, disenteria, tosse ou febre.

As perturbações que se encontram em maior número no «Tratado de Medicina» pertencem ao âmbito das gastrointestinais – o fastio, os soluços, os vómitos e náuseas, as cólicas, as “câmaras de sangue” (diarreia/disenteria), as almorreimas (hemorroidas), a dor de estômago. São, ainda, frequentes os problemas que afetam a pele e o cabelo – as pústulas, a tinha (sarna), as “bexigas” (varíola), a queda e a caspa do cabelo e do corpo –, assim como as doenças relacionadas com a otorrinolaringologia – as dores nos ouvidos e surdez, a “esquinência” ou “garrotilho” (amigdalite ou difteria), e o “estilicídio” (fluxo aquoso) do nariz. Também são representativas as doenças cerebrais e do sistema nervoso que afetam as funções motoras e o equilíbrio, como a “gota coral” (epilepsia), as convulsões, os estupores (paralisia) e as vertigens.

Assim sendo, o tratado em causa constitui uma boa fonte para se conhecerem as enfermidades mais comuns em Portugal no século XVIII e, conseqüentemente, a forma como estas eram entendidas e tratadas pela medicina da época. É, por isso, interessante o facto de nos depararmos com doenças que, atualmente, são menos frequentes – como, por exemplo, a *tinha* (doença cutânea infecciosa que ataca o couro cabeludo) – ou que estão até totalmente erradicadas – como as famosas *bexigas* (doença infetocontagiosa, altamente mortífera na altura). Por seu turno, encontramos outras situações e problemas de saúde que ainda hoje podem afetar o mais comum dos mortais – vejamos, a título de exemplo, os capítulos sobre a queda e a caspa do cabelo, sobre os piolhos, as inflamações e névoas dos olhos, a surdez e a dor de ouvidos, a dor de dentes, a tosse, os soluços, o fastio, os vómitos, as cólicas ou as febres.

Para uma compreensão e contextualização mais completas deste tratado, iremos descrever, no ponto seguinte, as características fundamentais da medicina portuguesa setecentista, destacando a sua ideologia e influências, bem como as práticas terapêuticas e os fármacos administrados mais comuns.

2.1 A medicina portuguesa no século XVIII

Segundo Centeno e Faria (1963: 38), a medicina portuguesa setecentista seguiu e prolongou as ideologias e ensinamentos que haviam sido característicos dos séculos anteriores, não acompanhando, portanto, os vários progressos que se verificaram durante o século XVIII em outras nações da Europa, e que possibilitaram uma espécie de “Revolução Médica”, correspondente à maior viragem de paradigma na história da medicina. Deste modo, considera-se que prevaleceram o atraso e o tradicionalismo da medicina portuguesa, apoiados num precário sistema de saúde e de ensino da medicina que distanciou Portugal dos grandes centros europeus, como França e Inglaterra (Calainho, 2009: 4).

Os médicos portugueses terão continuado a orientar as suas práticas terapêuticas em função das doutrinas de Galeno, médico e investigador nascido na Grécia, no ano 130 d. C., cuja obra científica viria a influenciar a medicina europeia durante séculos (Centeno e Faria, 1963: 23). No entanto, apesar de a obra de Galeno ter sido notável, a sua influência acabou por revelar-se algo nefasta, pois a ela se atribui “o atraso sofrido durante séculos pela medicina europeia e a sua lentidão em progredir” (*id.: ibid.*). Sendo Galeno um confesso discípulo de Hipócrates – médico grego nascido em 460 a.C., considerado o “pai da medicina” –, segue, em muitos aspetos, a sua escola; assim, reconhece também a teoria hipocrática dos “Quatro Humores” – sangue, linfa ou fleuma, bílis amarela e bílis preta. Desta forma, o predomínio de um dos quatro humores sobre os outros explicava “os quatro temperamentos: o sanguíneo, o fleumático, o bilioso e o melancólico” (*id.: ibid.*), pelo que a atuação do médico deveria orientar-se pela regulação e equilíbrio destes quatro humores do corpo, como forma geral de tratamento e cura dos doentes.

No entanto, já em finais do século XVIII, o galenismo – por se revelar uma doutrina médica insuficiente e inadequada face à emergência de novas doutrinas – foi, inevitavelmente, afastado da formação e da própria prática médica (Pita, 1996: 16).

2.1.1 A terapêutica

Apesar de enriquecida com algumas novidades, a terapêutica adotada pelos clínicos portugueses de Setecentos manteve-se fortemente conservadora e fiel às prescrições de Hipócrates e Galeno, pelo que os “recursos médicos e cirúrgicos continuavam a ser muito limitados” (Alves, 2014: 122) e incapazes de dar resposta às necessidades da população.

Deste modo, “a trilogia terapêutica” fundamentava-se na purga, no clister e na sangria, como forma de regulação dos humores (Centeno e Faria, 1963: 38), ignorando-se, por sua vez, o tratamento cirúrgico, que esteve ausente das práticas médicas desde que Galeno o votara ao desprezo (Mira, 1947: 209, 221). Além das purgas e dos sangramentos, as indicações médicas costumavam incluir também ventosas, cáusticos, ‘vomitórios’ e dietas específicas para cada enfermidade. Vejam-se alguns exemplos de uso destas terapêuticas no «Tratado de Medicina»:

- **Resp. 2.** q’ os adultos se sangraram, os homens no braco, as mulheres no pe, e depois se purgara com agoa benedicta de Rulando, bem turba, 3. oncas cada ves [*Da tosse*, fl. 166]
- E depois dos vomitorios tomara leite qualquer, q’ seja, q’ he bom contra qualquer veneno, e no mesmo tempo se poram causticos nas pernas, ventosas pello corpo, p.^a fazer evacuar o veneno p.^a as partes distantes. [*Dos q’ tomam veneno pela boca*, fl. 179]

A sangria – o tratamento mais utilizado no «Tratado de Medicina» – foi um dos tratamentos mais antigos da humanidade, tendo persistido até ao final do século XVIII, a sua última fase de esplendor (Civita, 1970: 390). Por vezes, em sua substituição, surgiam, ainda, as sanguessugas, cujo uso inicial “parece remontar ao século I a.C.” (*id.*: *ibid.*):

Perg 2. como se curaram a inflamacam dos olhos nos meninos. **R** lavandolhe a m lancandolhe a may nelles o leite dos peitos m.^{tas} vezes, lavandoos com agoa borna cozida de murta, ou de funcho, ou de flor de sabogueiro; e se nam pasar lancarlheam sanguexugas detras das orelhas [*Da inflamacam dos olhos*, fl. 166]

No entanto, embora a terapêutica da época mantivesse características e tratamentos milenares, alguns medicamentos novos foram introduzidos: por exemplo, a *quinaquina*, a *ipêcacuanha*, o vinho emético ou o ópio. Os clínicos começaram a prescrever também certos metais como o mercúrio, o ferro, o sulfato de cobre ou de zinco (Sournia, 1995: 191).

A utilização da casca de *quinaquina* – a grande inovação no domínio da terapêutica – foi considerada soberana no tratamento das febres⁽⁷⁾. Esta planta, assim batizada pelos índios do Peru, que já conheciam as suas propriedades antifebris, chegou à Europa por intermédio dos jesuítas (*id.*: 188). É, portanto, natural encontrar, no «Tratado de Medicina», várias prescrições de *quinaquina* nos capítulos consagrados às febres:

Perg 2. como se curara a febre hetica. **R** q' sendo reduplicada com outra febre, **he purgarse com quinaquina.** [*Das febres*, fl. 200]

Contudo, apesar das suas virtudes, a *quinaquina* revelou-se ineficaz contra as numerosas febres que proliferavam, frequentemente provocadas por doenças de caráter epidémico ou endémico, como a varíola (*id.*: 189). Também a *ipêcacuanha*, planta proveniente do Nordeste brasileiro, aparentemente eficaz contra as febres diarreicas, apenas diminuía a frequência das evacuações, sendo incapaz de atuar sobre os germes causadores da doença (*id.*: 191).

Face ao fracasso de muitos dos medicamentos fabricados pelos farmacêuticos e médicos, os pacientes permaneceram dependentes das purgas, dos regimes alimentares mais ou menos fantasiosos ou contraditórios, das ventosas e das sangrias (*id.*: 192); aqueles com mais posses podiam, ainda, recorrer às águas termais – o que também é sugerido várias vezes no «Tratado de Medicina», mencionando-se, inclusivamente, outras opções para quem não possa frequentar *as caldas*:

⁽⁷⁾ A lista das febres enunciada pelos médicos era frequentemente exaustiva, dado serem inúmeras as suas variedades. Desde a medicina de Hipócrates que os clínicos descreviam as febres cujos acessos paroxísticos surgiam a intervalos regulares e, de acordo com o número de dias que separavam as crises, assim lhes chamavam febres duplas, terças, quartãs, mistas, etc. (Sournia, 1995: 189), como comprova o seguinte excerto do «Tratado de Medicina»:

Perg 1: quantas sortes ha de maleitas. **R** q' 4. ~~quart~~ quotidianas, q' dam todos os dias, outras tercans q' dam de 3, em 3 dias; outras coartans q' dam de 4, em 4. dias; e outras repetem ao 5, 6, 7, 8, e nono dia, q' se chamam quintanas, sextanas, septanas, octanas, nonanas, outras ha q' repetem cada mes, ou de anno em anno. [*Das febres*, fl. 201]

Perg. 3 como se curam as parlazias, ou estupores legitimos, q' tem mais ma cura. **R** (...) rarissimas vezes se debem samgrar, e **depois hir as caldas sulphurias**; e **se nam puderem hir as caldas tomaram banhos de erbas capitais com enxofre** como acima dixemos [*Dos Estupores*, fl. 164v.]

Era, portanto, inevitável que a medicina portuguesa, ainda em finais do século XVIII, primasse pela interligação entre o conhecimento médico e o ‘mundo sobrenatural’ (Calainho, 2009: 4). Essa associação reflete, sobretudo, a forte religiosidade impregnada na mentalidade coletiva da época – o corpo físico sujeitava-se às manifestações de forças sobrenaturais, traduzidas por “espíritos malignos e diabólicos”; a doença era vista também como “fruto da ação divina, que punia a má conduta humana (...), estando o corpo completamente vulnerável a esta relação” (*id.*: 5). Assim sendo, “as explicações sobrenaturais, ancoradas num profundo sentimento místico e religioso, tomavam o lugar do pouco conhecimento científico em relação às doenças e seus sintomas, ao funcionamento do corpo e aos possíveis remédios” (*id.*: *ibid.*), resultando em teorias puramente especulativas e arbitrárias. É, por isso, curioso – de um ponto de vista ocidental moderno – a presença de um capítulo sobre o *mal do olhar* ou *quebranto* a iniciar o «Tratado de Medicina», o que, juntamente com outras explicações e recomendações de cariz religioso ou supersticioso presentes no texto (como as dos exemplos seguintes), comprova a existência de uma fronteira fluida entre a ciência e as crenças culturais:

- **Perg. 5.** q' he o q' persevera de nam ter olhado. **R** q' o **trazer consigo azeviche**, ou **trazer ao pescoco escripto os nomes dos 3. reis Magos**, e outros mais q' tras Mirandela *supra* a n. 17 ad n. 18. [*Do mal do olhar, ou cobrante*, fl. 123v.]
- **Perg.** q' cousa he cabelo; q' he hua parte do corpo nutrida de sangue oleaginoso, e sulphureo por canudos, **criada pela Divina omnipotencia** conforme a necessid.^o do corpo. [*Do cabelo*, fl. 126v.]
- Tambem p.^a librar da gota coral he bom **trazer consigo a vnha do pe direito de burro** em hua manilha; ou **por no alto da caveca hua andorinha aberta**; ou **trazer ao pescoco a pedra nephritica**, ou **trazer hum cinto de pel de lobo do espinhaco** com a parte de dentro p.^a o couro da pesoa q' o trazer emrodilhado pelos lombos e barriga. [*Da Gota coral*, fl. 160v.]
- Tambem he bom **trazer ao pescoco o queixo de hum ourico cacheiro**, ou o **dente de hum cam vibo furado**, e **trazelo ao pescoco**. [*Da dor dos dentes*, fl. 175]

2.1.2 A farmacopeia

De forma idêntica à terapêutica, também a farmácia do século XVIII era de influência nitidamente galénica, tendo sofrido apenas ligeiras adaptações ao longo dos anos. Assim sendo, os médicos e ‘farmacêuticos’ da época serviam-se, sobretudo, das drogas de origem vegetal citadas e estudadas pelo próprio Galeno (Pita, 1996: 16).

No entanto, com a introdução de elementos e compostos químicos no tratamento de doenças, a farmácia portuguesa começou a afastar-se gradualmente das tradicionais condutas galénicas. Deste modo,

... a química que se praticava em Portugal, embora com apreciáveis atrasos, acertara já os seus passos pelas práticas e teorias químicas de além-fronteiras; faltava-lhe apenas afirmar-se e estabelecer-se como disciplina autónoma e libertar-se definitivamente da porção de galenismo que sobrevivia, no ensino e na prática farmacêutica, de mãos dadas com uma prática iatroquímica... (Costa, 1988: 25).

Neste sentido, alguns dos médicos mais famosos da época defenderam e procuraram colocar em prática esta comunhão entre a medicina e a química. João Curvo Semedo, na sua *Polyanthea medicinal*, dedica, inclusivamente, um tratado à “*bondade da Chymica*”, no qual alerta para a importância e necessidade de todos os médicos a aprenderem e utilizarem:

... não basta o ser Medico mas he necessario o ser Chymico; o Medico que o for, terá hum grande partido para vencer as enfermidades rebeldes, pois a Chymica lhe ensina a purificar os medicamentos (...) & assim vemos, que os remedios Galenicos, como são cheyos de fezes, se dão em grande quantidade, com enjoo dos doentes, & nem por isso obraõ melhor; & pelo contrario vemos que os remedios Chymicos, como são exaltados a huma grande pureza, em pouca quantidade, obraõ sem enjoo, com mayor efficacia, com grande promptidaõ, & com muyta brandura. (Curvo Semedo, 1727: 694);

Sem Chymica, he a Medicina hum corpo morto, incapaz de especulaçaõ, & de pratica, e quem a desprezar, (pelo grande trabalho que custa a aprender) perca as esperanças de curar doenças difficultosas... (*id.*: 695).

Muito devido à influência de Curvo Semedo, a farmacopeia portuguesa de Setecentos passou, então, a ser constituída não só por matérias-primas de origem vegetal e animal, mas também de origem mineral e química. Veja-se como nas várias receitas do «Tratado de Medicina» do Reitor António Dias se encontram presentes substâncias das quatro origens referidas – embora os elementos botânicos (ou apenas alguns dos seus constituintes: folhas, flores, frutos, sementes, raízes, cascas, resinas, etc.) sejam, no panorama geral, os mais frequentes:

- E por fim se abriram fontes nas pernas, e vanhos das caldas sulphurias, e depois se as postulas nam forem por si desecando se lavaram com agua cozida de malvas, rais de malvaisco, linhaca galega, flores de macela, estando quente, e depois de q' as postulas estiverem descobertas tomesse, vntese com o emgoento feito de 2. outabas de espodio, 2 de fezes de ouro notridas com oleo rosado, 3 outavas de tutia preparada, 1 outava de pos de cascas de avelans, e de mortinhos, manteiga antiga lavada com agoa rosada, quanta vaste, mesturado tudo no almofariz athe q' tenha a forma de emgoento: ou tome hua onca de manteiga salgada de vaca, outra de manteiga de porco, meia onca de enxofre, cada cousa deretida em sua tigela de barro, e depois se ajuntaram no almofariz lancandolhe hua outava de azougue extinto com a saliva, e hum escropolo de caparoza crua, mexendo athe q' fique frio. [*Das pustulas, que vulgo se chama fogo*, fl. 124v.]
- **Perg. 5.** como se curaram as vertigens fora dos accidentes. **R** purgariam com estas pirolas tomadas m.^{tas} vezes feitas desta sorte = 2 escropolos de aloes rosada, 10 granos de rezina de jalape, 8 graos de escamoneia sulphurada, mesturado tudo com xarope persico, e facamse pirolas, e dourense; ou vomitorios de agoa benedita de Rulando, ou de vinho emetico, ou com pos de quintilio, ou se purge com os pos de jalapea, e de [*di*]agridio de Paracelso, ou com xarope aureo. [*Das Virtigens*, fl. 162v.]
- **Perg. 3** como se curaram os adultos. **R** q' pr.^amente he tomar vomitorios, ou purgas, e qd.^o o remedio purgativo entra a obrar se tomara huma ajuda de cera branca purissima, e depois de o remedio obrar huma ajuda de leite com gema de ovo, e açucar. e destas se vsara logo des o principio da queixa, e pasados alguns dias se tomaram ajudas adstri[n]gentes de meio cartilho de cozim.^{to} de cevada, e aros, duas claras de ovo bem batidas, 3 outavas de gomma de aravia, meia onca de cebo de vode, 2 outavas de pos sutilissimos de pedra hematites, hua outava de pos de bolo armenio, e duas claras de ovo bem batidas, tudo bem mesturado: ou da agua da pia de ferreiro, ou ferrada com ferro velho cozida com raiz de solda, rosas secas, cevada torrada, 2. oncas de ~~eumo de tanchagem, e duas~~ sebo de vode, 3 outavas de alquitira, 2 claras de ovo bem batidas, tudo mesturado. [*Das cameras de sangue*, fl. 190v.]

Nas suas prescrições, os médicos e boticários incluíam, ainda, outros 'ingredientes' muito comuns na época, como os excrementos, urina, pele, cabelos, unhas, vísceras, crânios e cadáveres, de vários animais ou de seres humanos. Eram, também, recorrentes as receitas com rãs, cobras, minhocas ou lagartas. Observem-se algumas passagens do «Tratado de Medicina»:

- E depois em 30 manhans darse ha em caldo de galinha, <hum escropolo de→> meia onca de semente de peonia, dictamo branco, viscoquercino, 2 outabas de semente de armoles, 3 oncas de **craneo humano**, coral vermelho preparado, outava e meia, e outra outava e meia de jacintos preparados, meia onca da **vnha de grambesta**, hum escropolo de almi[s]car, hua outava de folhas de ouro, tudo mesturado, e feito em po [*Da Gota coral*, fl. 160]

- Também he excelente remedio tomar na voca e gorgorijar com ~~exere~~ agoa cozida com | **excremento de cam, e galinhas** botandolhe mel; a **pel de cobra** cozida com oleo de amendoas ~~deix~~ doces, e com este oleo cingir o pescoco, e por fim abrir a garganta; he bom remedio cozer **huas rans**, e pola[s] por emprasto na garganta. [*Da esquinencia, ou garrotinho*, fls. 178-178v.]
- Ou se faca **medicam.^{to} de minhocas** cozidas em agoa com rais de espargo, de funcho, ou salsa das ortas. No ventre se pora emprasto de **esterco de pombas, de galinha, de baca, de cabras, e de esterco humano** com folhas de engos, de sabogueiro, e de loureiro, cuja receita he = seis oncas de esterco humano ~~feiz~~ seco feito em po, e outro tanto de esterco de pombo, 2 outavas de enxofre, e 2. de flor de marcela, e **ourina de moco** q.^{to} vaste, fase emprasto, poinse quente, renovase qd.^o secar. [*Da inchacam do ventre, e hidropesia*, fl. 195]

No que respeita ao tipo de *preparações farmacêuticas* utilizadas, eram comuns os cozimentos, extratos, dissoluções, águas destiladas, espíritos, infusões, óleos, sais, sumos, polpas, tinturas, elixires, vinagres, vinhos medicinais, gomas, etc. (Pita, 1996: *passim*):

- He bom lavar a cabeça bem rapada com o **cozim.^{to}** de rosas, e marcela, e vntala, e o pescoco com **oleo** de ruda, de louro, e de castoreo. [*Das Virtigens*, fl. 163]
- E tomando m.^{tas} manhans 3 ou 4. pingas o **sal** volatil de ponta de viado, o **espírito** de alambre, ou **sal** de ferrugem, ou o **espírito** de sal armoni[a]co, em chocolate, ou **tintura** de cha [*Dos Estupores*, fl. 165]

Por sua vez, as *formas farmacêuticas* mais frequentes correspondiam aos emplastros, electuários, bolos, emulsões, misturas, pílulas, pós, unguentos, pomadas, xaropes, gargarejos, pastilhas, bálsamos, colírios, conservas, linimentos, etc. (*id.:* *passim*):

- E depois se purgara com estas **pirolas** tomando cada ves escropolo, e meio, cuja receita he a seguinte [*Da surdes dos ouvidos*, fl. 171v.]
- 5. oncas de **balsamo** de poru, e cera q.^{to} vaste p.^a fazer o ~~emprasto~~ **ingoento**. [*Do fastio*, fl. 184v.]
- depois se pora o **emprasto** de esterco de baca pulverisado com **pos** de cominhos, renovando m.^{tas} vezes no dia [*Das cobraduras*, fl. 196]

Relativamente aos instrumentos necessários à preparação medicamentosa e recipientes destinados ao acondicionamento dos medicamentos, destacam-se, sobretudo, os alambiques, os almofarizes ou os odres, além de utensílios mais quotidianos, como bacias, tigelas, panelas ou cestos:

- misturado tudo no **almofariz** athe q' tenha a forma de emgoento: ou tome hua onca de manteiga salgada de vaca, outra de manteiga de porco, meia onca de enxofre, cada cousa deretida em sua **tigela de barro** [*Das pustulas, que vulgo se chama fogo*, fl. 124v.]
- e depois de estilado no **lambique** sahira pr.º hua agoa, depois hum oleo, e no fim ficara hua materia crassa [*Dos Estupores*, fl. 165]

As unidades de peso e medida mais utilizadas em farmácia incluíam a libra, a onça, a oitava, o arrátel, o escrópulo, o grão, o punhado, o pugilo, a “mão-cheia”, a canada e o quartilho (sendo estes dois últimos fundamentalmente aplicados a substâncias líquidas):

- depois se purgara com este purgativo = 30 **treze granos** de resina de jalapa, **meio escropolo** de [*di*]agradio sulphurado [*Da inflamacam dos olhos*, fl. 166v.]
- **hua mam cheia** de folhas de salva, e de botonica outra, **meia onca** de rais de peonia, **dois punhados** de flores de rosmaninho, (...) **hua outava** de incenso, outra de almacega, outra de nosnogada, e **meia outaba** de bejoim [*Da surdes dos ouvidos*, fl. 172]
- tudo cozido em **hua canada** de agoa athe se gastar **hum cartilho** [*Das febres*, fl. 201v.]

Por fim, importa assinalar que, na época, não existia qualquer código deontológico ou controlo de uma autoridade na preparação (e venda) dos medicamentos, fabricando cada farmacêutico ou médico as suas misturas em função de critérios que lhe eram próprios ou baseados nas tradições locais (Sournia, 1995: 191-192; Mira, 1947: 227-228). Por isso é que, face às críticas, Curvo Semedo (s.d.: 1) expôs as razões por que o seu bezoártico “*não obra[va] tam bõs efeitos por outrem*” como quando ele o applicava, pois só o próprio conhecia as quantidades adequadas de cada ingrediente do fármaco, bem como o momento apropriado da sua administração ao doente.⁽⁸⁾ Assim sendo, é comum encontrar no «Tratado de Medicina» várias referências a medicamentos cuja identificação é feita através do nome de quem os concebeu, como ilustram as seguintes passagens:

- se o acidente durar m.¹⁰ tempo se lhe daram humas colheres de agoa de cereijas negras com hum escropolo de pos de **gutteta de Riverio** [*Da Gota coral*, fl. 129]

⁽⁸⁾ Devido a essa exclusividade de fórmulas, eram frequentes as falsificações de medicamentos por parte de alguns boticários, como acusa Semedo: “...*he certo que assim o Bezoartico, como algũs outros remedios, que vendem com o nome de meus, o não saõ, porque os verdadeiros feitos por minhas mãos só se achaõ em minha casa...*” (Curvo Semedo, s.d.: 3) ou em determinadas boticas que os compravam já feitos, uma vez que o médico afirma nunca ter revelado a sua composição a ninguém.

- vomitórios de **agoa benedita de Rulando**, ou de vinho emetico, ou com **pos de quintilio**, ou se purge com os pos de jalapea, e de **[di]agridio de Paracelso**, ou com xarope aureo. [*Das Virtigens*, fl. 162v.]
- logo se lancara na neboa **os pos extergentes de Mirandela** [*Das neboas dos olhos*, fl. 168]
- este he bom p.^a as toses, e gota artetica, **chamase pirolas de Mirandela p.^a os difluxos**. [*Do estalicidio*, fl. 180v.]
- darlhe no pr.^o dia hum coartilho do **cordial solutivo de Curbo**, meio de manham, e meio de tarde [*Do Pleuris*, fl. 183]
- **Perg. 3** como se curara o soluco causado de acidos acres. **R** com **agua de Inguelaterra do D. Fernam Mendes da Costa** [*Do[s] soluocos*, fl. 185v.]
- depois de tomar vomitorio, tomara em leite de cabra pedra cordial, ou **besoartico de Curbo**. [*Dos vomitos, e nausea*, fl. 187].

2.2 A fonte impressa do «Tratado de Medicina»

Na realidade, o «Tratado de Medicina» em análise não é um original do Reitor António Dias. Apercebemo-nos disso quando, logo no final do primeiro parágrafo do primeiro capítulo, «*Do mal do olhado, ou cobrante*», o copista divulga a sua fonte:

Ou he accidental, q' he qd.^o hua criatura adquirei nos humores huma tal corrupcam, de que resulta huma qualid.^o de dar olhado: *ita Nuno da Cunha Mirandela lib. 2., cap. 2. a n. 1 ad n. 7.* [fl. 123]

O mesmo se repetirá ao longo dos diversos capítulos do tratado, em que surgem (quase) sempre assinalados o(s) capítulo(s) correspondente(s) na obra consultada.

Assim, embora nunca sejam mencionados o título da obra em causa ou o ano da sua publicação, foi possível concluir que as várias referências bibliográficas remetiam para a *Medicina Lusitana* (“*offerecida ao Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Nuno da Cunha*”) do médico Francisco da Fonseca Henriques, também conhecido por Doutor Mirandela, por alusão ao topónimo da sua naturalidade.⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ No capítulo «*Das dores de almorreima*», surge, ainda, referência a outra obra que não a *Medicina Lusitana*:

Para aplacar as dores, inflamacam, e quentura demasiada, se pora sobre a parte hum emprasto do pam amasado com agoa rosada, gema de ovo, e oleo rosado; ou lavar com o cozimento de malvas, violas, barbasco, ou por as mesmas erbas machucadas com azeite comum. *sic Lux da medicina fol. 299.* [fl. 192]

Supomos tratar-se da *Luz da Medicina* (1664) do médico português Francisco Morato Roma (1588-1668). Para mais informações sobre este autor e a sua obra, *vd.* Lemos (1899: 42).

Deste modo, consideramos pertinente adicionar, na secção seguinte, algumas informações relevantes acerca do autor supramencionado e da sua respetiva obra.

2.2.1 *Mirandela e a sua obra Medicina Lusitana*

Francisco da Fonseca Henriques nasceu em Mirandela, na freguesia de Carvalhais, a 6 de Outubro de 1665, filho de Gabriel Pereira e Gracia Mendes⁽¹⁰⁾. Estudou os primeiros anos na sua terra natal, seguindo depois para a Universidade de Coimbra, onde se formou em Medicina, ainda antes de completar 23 anos. Começou a exercer a prática em Chaves e, posteriormente, em Mirandela, mas acabou por se transferir e estabelecer definitivamente na capital do país. Com a subida ao trono de D. João V, em 1706, Francisco da Fonseca Henriques foi nomeado seu médico, passando, assim, a ser o grande clínico da corte, o que contribuiu para a generalização da sua reputação como um dos melhores médicos de Portugal na época. Faleceu em Lisboa a 17 de Abril de 1731.⁽¹¹⁾

A Medicina Lusitana, socorro delphico aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males – título completo da obra de Mirandela em que o autor do «Tratado de Medicina» se baseou – foi publicada pela primeira vez no ano de 1710, na “casa de Miguel Diaz”, em Amesterdão. Posteriormente, foram publicadas outras duas edições, corrigidas e aumentadas, nos anos de 1731 e 1750, tendo esta última sido editada postumamente pela “Officina Episcopal de Manoel Pedroso Coimbra”, no Porto.

Medicina Lusitana é um volume extenso e portentoso⁽¹²⁾, dividido em três “Partes” (que, por sua vez, se dividem em “Livros” ou “Disputações”) que descrevem e analisam as diferentes etapas da vida humana: a primeira parte trata, então, «*Da Vida do Homem antes de nascer*», desde que “*se concebe, até que naturalmente se exclue*”; a segunda, intitulada «*Da Arte de criar, e curar meninos, e do Methodo racional de curar a maior parte dos males que padecem os homens*», ocupa-se, primeiro, da educação e

⁽¹⁰⁾ Sendo ambos os pais de origem judaica, Francisco renunciou aos seus apelidos, tomando os de seu tio por afinidade, casado com uma irmã do pai.

⁽¹¹⁾ Leiam-se estas e outras informações mais detalhadas sobre a biografia e obra de Francisco da Fonseca Henriques em Lemos (1899: 126), Menéres (1916: 141-240), Sales (1921), Mira (1947: 234-237) e Costa (2010: 123).

⁽¹²⁾ As duas primeiras edições da obra medem cerca de 30cm de comprimento e ultrapassam as oitocentas páginas; a terceira, com 36cm, quase alcança as setecentas.

cuidados especiais da primeira infância e, de seguida, da patologia médica; a última é consagrada ao estudo das febres, albergando, ainda, um tratado sobre o “*uso, e administração do Azougue nos casos em que he prohibido*” e, finalmente, uma dissertação sobre os “*humores naturaes do corpo humano*”⁽¹³⁾.

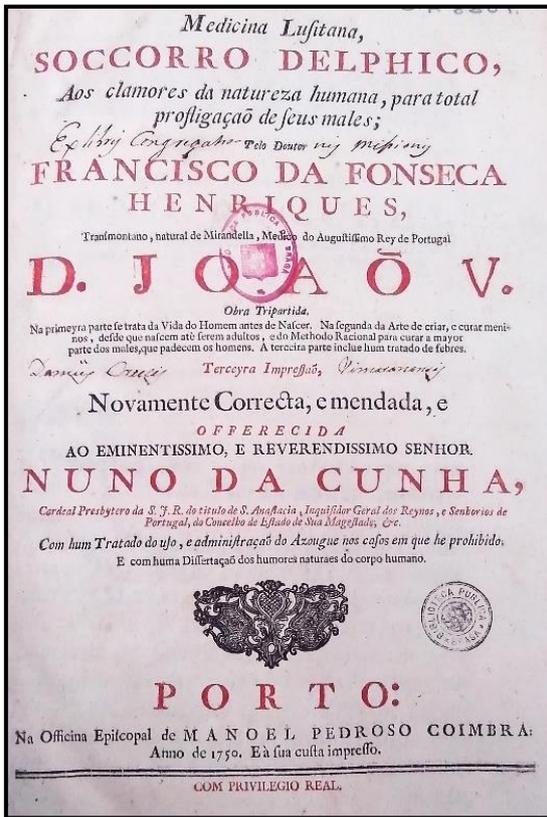


Figura 1. Reprodução da página de rosto da 3ª edição da *Medicina Lusitana*, existente na Biblioteca Pública de Braga.

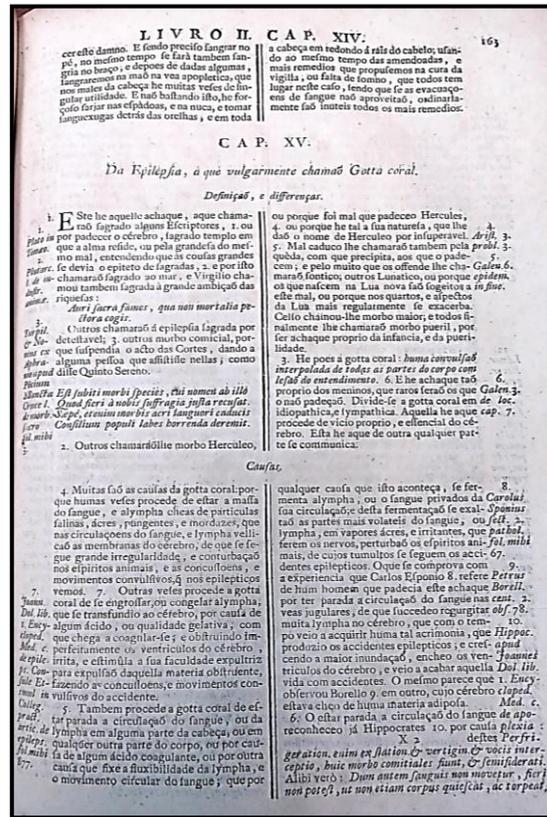


Figura 2. Reprodução de uma página interior da 3ª edição da *Medicina Lusitana*.

Além da *Medicina Lusitana*, que aqui apresentámos, Francisco da Fonseca Henriques é também autor das seguintes obras: *Pleuricologia* (1701), *Tratado do Azougue* (1708), *Apiarium medico-chymicum* (1711), *Madeyra Illustrado* (1715), *Anchora medicinal* (1721) e *Aquilegio medicinal* (1726).

⁽¹³⁾ Esta dissertação apenas surge nas 2ª e 3ª edições da obra; por sua vez, somente a 1ª edição inclui a “*Noticia dos remedios que temos em segredo; cazos em que servem, e modo com que se applicam*”.

2.2.2 Da relação do «Tratado de Medicina» com a fonte consultada

Para a construção do seu «Tratado de Medicina», o Reitor António Dias serviu-se de alguns capítulos incluídos no Livro II da Parte II da *Medicina Lusitana* – que, ao longo de 110 capítulos, se ocupa «*Dos males da infancia, e puerilidade, e de outros muitos que padecem os homens em qualquer idade.*» – e, ainda, de alguns presentes no Livro Único da Parte III, constituído por 13 capítulos que tratam «*Das febres.*».

De entre as três edições impressas da obra de Mirandela, julgamos ter sido a última aquela que foi consultada pelo autor do texto manuscrito. Para tal, apoiamo-nos nas semelhanças mais sintomáticas existentes entre o manuscrito e a 3ª edição da *Medicina Lusitana*, que não são, portanto, partilhadas com as anteriores edições. Assim sendo, e observando-se o Quadro 1, a edição de 1710 foi imediatamente descartada por não apresentar um remédio descrito no «Tratado de Medicina»⁽¹⁴⁾; tendo o mesmo sido acrescentado na 2ª edição da obra, regista-se nele a forma *diaquilão* (um emplastro aglutinativo) como uma só palavra, ao passo que, na última edição, a forma surge separada e grafada com ‘e’ (*de aquilaõ*), tal como se encontra no manuscrito; por seu turno, o substantivo *zedoária* (uma planta herbácea) aparece registado no manuscrito sem a vogal ‘a’ (*zedoria*), coincidindo, mais uma vez, com a 3ª edição da *Medicina Lusitana*; por fim, podemos notar que, no texto manuscrito, o vocábulo *anelar* parece ter sido alvo de correção de “*anular*” para “*anelar*” (cf. imagem do registo original, no Quadro 1), o que poderá revelar uma intenção de aproximação ao termo exibido na edição de 1750, já que ambos são semanticamente equivalentes – neste sentido, caso o copista seguisse a edição de 1731, certamente teria mantido a sua escolha lexical inicial, pois esta concordaria com o texto impresso. Além destes aspetos, será pertinente relembrar que, tendo sido a 3ª edição publicada no Porto, é natural que o seu acesso estivesse mais facilitado a um autor do Norte do que as prévias impressões da obra.

Deste modo, assumindo que o copista consultou, de facto, a última edição da obra de Francisco da Fonseca Henriques, todas as citações da *Medicina Lusitana* presentes neste trabalho (incluindo as notas de rodapé na edição do «Tratado de Medicina») reproduzem o texto e a grafia dessa mesma edição de 1750.

⁽¹⁴⁾ O remédio em causa é o seguinte: “*ou o emprasto mais vulgar he o emprasto da espinhela, q’ nas voticas esta preparado, q’ se chama de aquilam menor*” [fl. 185v.].

Quadro 1. Aspetos em confronto entre o manuscrito e as três edições da *Medicina Lusitana*.

Manuscrito	<i>Medicina Lusitana</i>		
	1ª edição (1710)	2ª edição (1731)	3ª edição (1750)
<i>de aquilam menor</i>	-	<i>diaquilaõ menor</i>	<i>de aquilaõ menor</i>
<i>zedoria</i>	<i>zedoaria</i>	<i>zedoaria</i>	<i>zedoria</i>
<i>anelar</i> 	<i>anular</i>	<i>anular</i>	<i>anelar</i>

Surge também a possibilidade de o Reitor António Dias se ter guiado por um manuscrito da 3ª edição da obra de Mirandela, ainda sem as formatações finais da versão impressa, ou por um volume impresso algo divergente, o que não era incomum no longo processo artesanal da impressão antiga, já que, no que respeita à indicação dos capítulos da fonte consultada, o autor do «Tratado de Medicina» comete alguns enganos pouco compreensíveis (*vd.* Quadro 2), tendo em conta que, no cabeçalho de cada página da *Medicina Lusitana*, está evidente o número de cada capítulo (*vd.* Figura 2, atrás), o que permitiria a fácil identificação dos mesmos.

Quadro 2. Capítulos do «Tratado de Medicina» cuja(s) referência(s) não coincide(m) com o número do(s) capítulo(s) correspondente(s) na *Medicina Lusitana*.

«Tratado de Medicina»	<i>Medicina Lusitana</i>
<i>Capitolo i / Do mal do olhado, ou cobrante</i> Capítulo 2	<i>Da fascinação, quebranto, ou mal de olho.</i> Capítulo 1
<i>Capitolo 3 / Da Tinha.</i> Capítulo 2	<i>Da tinha.</i> Capítulo 3
<i>Capitolo 5. / Da caspa da caveca ou do corpo</i> Capítulo 7	<i>Da fufuração, ou caspa da cabeça.</i> Capítulo 8
<i>capitol[o] / Da dor dos dentes.</i> Capítulo 37	<i>Do estupor dos dentes.</i> Capítulo 38
Capítulo 38	<i>Dos dentes negros.</i> Capítulo 39
Capítulo 38	<i>Da exulceração das gengivas.</i> Capítulo 40
<i>capitolo / Da esquinencia, ou garrotilho.</i> Capítulo 45 Capítulo 42	<i>Da esquinencia, ou garrotilho.</i> Capítulo 46
<i>capitolo / Do fastio.</i> Capítulo 66	<i>Do fastio.</i> Capítulo 65

<i>cap. / Do[s] solucos.</i> Capítulo 71	<i>Do soluço.</i> Capítulo 70
<i>capitolo / Da dor de colica.</i> Capítulo 64	<i>Da dor de colica.</i> Capítulo 74
<i>Capitolo / Das cameras de sangue.</i> Capítulo 71	<i>Da dysenteria, ou cameras de sangue.</i> Capítulo 81
<i>Capitolo / Das Lombrigas.</i> Capítulo 76	<i>Das lombrigas.</i> Capítulo 86
Capítulo 77	<i>Das lombrigas que se geraó nas costas, e em outras partes exteriores.</i> Capítulo 87
<i>capitolo / Da inchacam do ventre, e hidropesia</i> Capítulo 97	<i>Da hidropesia ascites.</i> Capítulo 96

Embora alguns destes erros possam constituir meros casos de gralha ou distração, eles também apontam para o facto de o «Tratado de Medicina» ser uma cópia com poucos cuidados de revisão e retificação por parte do copista. Esta sua espontaneidade e despreocupação revelam-se, aliás, linguisticamente valiosas, uma vez que contribuem para tornar mais válidas as inferências concebidas sobre a produção oral do autor a partir do seu registo escrito.

No que respeita ao conteúdo do «Tratado de Medicina», é importante referir que, apesar de o autor do manuscrito se ter baseado na obra de Mirandela, o primeiro não se limitou a copiar ou reproduzir *ipsis verbis* os capítulos da obra do segundo. De facto, o Reitor António Dias preferiu alguns temas em detrimento de outros – dos 198 capítulos que compõem a *Medicina Lusitana*, o eclesiástico serviu-se ‘apenas’ de sessenta e três⁽¹⁵⁾ –, aproveitou somente os aspetos que mais lhe interessavam em cada um deles, e procurou aparentemente seleccionar as receitas e mezinhas mais eficazes ou que continham ingredientes mais comuns e acessíveis. Deste modo, mesmo não sendo um original do autor, nem apresentando o imenso leque de doenças e respetivos tratamentos propostos na *Medicina Lusitana*, o tratado em análise prima pela síntese bem organizada que dela faz, uma vez que, em relativamente poucos fólios, é possível ter acesso aos principais problemas e soluções, evitando a leitura da extensa obra do famoso médico da corte joanina.

⁽¹⁵⁾ Apesar de constarem somente 35 títulos no «Tratado de Medicina», o copista concentra, por vezes, num só capítulo do manuscrito informações que estão presentes em diversos capítulos na obra de Mirandela.

Podemos, ainda, observar que este tratado não se apresenta como uma simples cópia ou meros apontamentos de um leigo, mas da compilação de alguém que provavelmente conhecia e aplicava os remédios, pelo que, por vezes, preferia registar no seu texto propostas alternativas e sugestões algo divergentes ou mais precisas do que as encontradas no texto da fonte consultada⁽¹⁶⁾. Assim, é possível observar, por exemplo, diferentes indicações na quantidade atribuída a determinado ingrediente (*meia onça de pós de erva piolheira* é substituído, no manuscrito, por *uma onça*); modificações, acrescentos ou eliminação de certas características de um elemento apontado numa receita (em vez de *semente de funcho*, o autor do manuscrito preferiu registar *folhas de funcho*, assim como *manteiga de vaca crua*, no lugar de *manteiga de vaca sem sal*, *leite morno* em vez de apenas *leite*, e *clara de um ovo* em detrimento de *gema e clara de um ovo*); ou o registo de somente uma das duas opções presentes na *Medicina Lusitana* sobre quantidades e doses dos ingredientes ou duração e frequência dos tratamentos (o copista decidiu seleccionar apenas *três pingas de óleo e duas horas* em vez de manter as opções originais de *três ou quatro pingas e uma ou duas horas*, respetivamente). Em alguns casos, a divergência é de tal ordem que parece indicar, de facto, uma opinião médica diferente e consciente por parte do autor do manuscrito, como quando se recomenda, na obra impressa de Mirandela, a troca do emplastro ao fim de *vinte dias* e no manuscrito se regista, em vez desse hiato temporal, simplesmente *24 horas*, ou como nos casos em que o copista substitui um alimento ou ingrediente por outro (*canela* em vez de *açafrão*; *almécega* no lugar de *almíscar*), ou, ainda, quando altera alguma outra informação sobre os procedimentos terapêuticos (sangrar no braço *duas ou três vezes* em vez de *uma ou duas* como aconselha Mirandela, ou aplicar determinado unguento *duas horas* antes da sezão em vez de *uma hora* antes). Há, igualmente, casos em que o autor escolhe registar um utensílio diferente do sugerido na *Medicina Lusitana*: por exemplo, em detrimento de *uma esponja pequena* para retirar um bichinho do ouvido, seria melhor (ou mais acessível) para o Reitor usar *um paninho*.

Além disto, é também curioso verificar que, mesmo tendo sido consultada uma obra com uma escrita mais cuidada e padronizada do português, com pouca variação gráfica e fonética, o manuscrito apresenta uma significativa variação desses aspetos, demonstrando, sobretudo, fortes marcas dialetais. Assim, o «Tratado de Medicina» do

⁽¹⁶⁾ Os casos que se exploram a seguir também se encontrarão assinalados em nota de rodapé na edição do «Tratado de Medicina».

Reitor António Dias, embora possa não apresentar tanto interesse ao nível do conteúdo como o texto original, revela-se um ótimo exemplar de um texto derivado de outro mas que foi intencionalmente reescrito de modo distinto, por um autor de outra região do país – o que proporciona uma ampla e interessante variação linguística, conforme iremos investigar mais detalhadamente na secção III.

2.3 *Do estilo do texto*

Antes de passarmos à apresentação da edição integral do «Tratado de Medicina», entendemos ser conveniente revelar, de antemão, as principais características do seu estilo.

Assim, ao longo da leitura do texto manuscrito, apercebemo-nos de que este exhibe um discurso oralizante, informal, prático e sintético, pelo que, frequentemente, se torna também elíptico; deste modo, encontramos uma maior imprecisão e desorganização das referências e dos mecanismos de correferência, já que muitos referentes não se repetem ou podem ir mudando sem aviso ao longo da frase ou parágrafo. Observem-se as seguintes passagens:

- **Perg 1:** q' cousa he virtigem. **R** he hua falsa imaginacam de q' tudo anda arroda e a mesma caveca, q' poriso cahem por terra sem lesam do intendim.¹⁰. [fl. 161]
- **Perg.** de q' deve comer o q' asim estiver doente. comeram caldos de galinha, ou de frango com miolo de pam tam disfeito, q' se pase sem mastigar, fugir de salgado, de carne de porco, nem de leite, mel, assucar, ou de qualquer doce, nem beber binho, so pasados alguns dias se podera veber temperado aos comeres. [fl. 167v.]
- E os adultos se curaram tomando vomitorios de agua benedita de Rulando, he bom o beber agua ardente, vntar o ventre com oleo de ruda, ou marcela, comera galinha, ou carneiro, bebera agoa cozida com canela, e se aos comeres beber binho palhete lhe lancara huns grans de erba doce 2 horas antes de o beber. e librese de alimentos crasos. [fl. 193v.]

Na primeira passagem destacada, fica bem visível como duas orações interligadas podem apresentar dois referentes totalmente distintos (o que acaba até por tornar a frase confusa): enquanto na primeira oração da resposta a forma verbal “*he*” coincide com o referente apresentado na pergunta – a “*virtigem*” –, na segunda o copista introduz uma forma verbal de 3ª pessoa do plural que obriga o leitor a fazer uma concordância mental com o possível lexema ou sintagma que poderá ocupar o espaço do sujeito que o copista

não preencheu – ou seja, “os doentes”, “os que sofrem de vertigens”. No exemplo seguinte, a pergunta introduz como referente um sujeito singular – “o doente” (*o q’ asim estiver doente*); no entanto, na resposta encontramos formas verbais em que se subentende um sujeito plural ([os doentes] *comeram*) ou que sugerem impessoalidade (*fugir de; se podera veber*). Do mesmo modo, o terceiro excerto, que inicia com um sujeito plural (*os adultos se curaram*), é primeiro intercalado por uma expressão impessoal (*he bom...*) e depois continuado com um referente que se subentende singular (‘o adulto’), espelhado em formas verbais de futuro do indicativo (*comera; bebera; lancara*), futuro do conjuntivo (*se [o doente] beber*) e imperativo (*librese*).

Por vezes, encontram-se casos de concordância semântica, não estruturalmente justificada, por exemplo, com a ideia ou parte de um sintagma, eventualmente o elemento mais próximo, com uma espécie de *isto* que se subentende, ou até mesmo com um vocábulo distinto (mas sinónimo) daquele que se encontra no enunciado (como ‘crianças’ e ‘pessoas’ nos exemplos dos fólhos 124 e 188, respetivamente):

- **Perg. 2** como se curaram **os meninos**. **R** q’ o melhor he deixalas a natureza p.^a se purgar os homores roins [fl. 124]
- **Perg. 2.** Porq’ causas **cahem** o cabelo. [fl. 126v.]
- **Perg.** quantas **castes** ha **de piolhos**. **R** | **duas, huns** estaveis, **outros** vagos [fls. 127v.-128]
- Porem se os meninos padecerem este mal, se purgaram com este remedio: **meia onca de agarico, lancado com meio cartilho de agoa**, pondo a hua noute em boralho quente [fl. 129]
- P.^a librar de inflamacoins dos olhos he bom lavar todos os dias com agoa fria, em q’ fose cozida murta: ou com agoa cozida com **folhas de marmeleiros colhidas** na primavera sem **ter estado** ao po, nem estarem comrumpidas [fl. 167v.]
- E o doente na dieta se librara de comer peixe e ortalice, e podera comer **asado toda a casta** de aves, ou caca, exceto lebre [fl. 170]
- E se **feito os remedios** nam secar a pontada lancarseha huma ventosa sobre ella [fl. 184]
- **Perg 2.** como se curam os vomitos, e nausias. **R** q’ es aos meninos **se faram** beber agoa masturada com mel [fl. 186v.]
- esta [colica] se da em **gente** nova, **adustas, malencolicas** [fl. 188]
- **Perg 1:** quantas ~~sor~~ castes ha de lombrigas. **R** q’ tres; huas longas, e redondas, estas sam as mais ordinarias q’ jerandose no[s] intestinos tenues, **huas** decem ao intestino craso, e **sai** pela [via] excrementicia (...); **outra caste de lombrigas sam piquenas, e miudas** como arestas geradas no intestino recto; outras sam largas, e compridas. [fl. 192]
- **Sam bons** aos q’ nam podem hir as caldas, **tomar vanhos** de agoa cozida [fl. 194]

Nesta escrita fluente e algo apressada, é também perceptível uma maior flexibilidade na estrutura frásica, sendo comum a colocação dos termos e sintagmas de uma frase em posições inusitadas, ou mesmo a inserção de um sintagma no meio de outro cujos constituintes não devem, canonicamente, ser afastados, podendo assim causar dificuldades ou até equívocos na interpretação:

- darselhea vomitorio de agua benedita de Rulamdo, ou ~~de pos de quintilio fe~~ a infusam dos pos de Quintilio feita em vinho branco, dandolhe disto repetidas vezes **colheres** [fl. 129v.]
- **Perg. 1** como se curaram os meninos q' mamam **deste mal**. [fl. 169]
- **Perg. 2** como se curaram os meninos, q' mamam **delas**. [fl. 190]
- porq' p.^a huns sam bons huns remedios, p.^a outro outros conforme os humores, ou pisar voldroegas e polas por emprasto no sesego, **algum**. [fl. 191v.]
- E os adultos tomaram 2. **na somana** vomitorios de antimonio preparado em binho branco [fl. 194]
- Tambem he bom por nos pulsos, artelhos e pelos lombos das costas des a nuca athe o asiento o imprasto **no pri[n]cipio dos frios** de farinha de centeio, entrecasco de sabogueiro e vinagre [fl. 203].

Por fim, o registo coloquial do «Tratado de Medicina», para uso pessoal, permite-nos, ainda, entender a abundância de pleonasmos encontrados ao longo do mesmo, e que ficam evidentes nos seguintes exemplos⁽¹⁷⁾:

- huas folhas de salba, de mangarona, de engos, depois de pisadas, e esprimidas, o cumo se **metera dentro** de hua panela vidrada [fl. 164v.]
- E se nam quizer sahir se **matara dentro** o cumo de ortelam [fl. 173]
- se tomaram de leite de cabras com **obo com clara, e gema** batido [fl. 175] (*vd.* também nos fólhos 190 e 198)
- nos pleuris o escarrar bem he bom, p.^a se **expulsar fora** os humores [fl. 183]
- **Perg. 3** como se conhecera q' a espinhela esta, vulgo, cahida. **R** se depois do comer ouver peso no estomago, se estando deitado de costas **levantando** as maos **p.^a cima** sentir maior dor, ou se **sobindo p.^a cima** cansam m.^{to}. [fl. 185]
- se coara agua juntando a cinsa com a farinha, e se acharam nela huns vichinhos a maneira de cavelos, e os q' nam **sahirem p.^a fora** lancam fora da pel as cabicinhas, e poriso logo se raspara o couro com huma faca p.^a lhas cortar [fl. 193]

⁽¹⁷⁾ Contudo, também se verifica a ocorrência de vários pleonasmos na obra impressa de Mirandela, apontando para um estilo de época.

- se lhe ali[m]param com hua mecha seca, e depois se lancara dentro do ouvido agoa mesturada com mel tepida, e pasado hum coarto de hora se lhe pora o ouvido p.^a vaixo, p.^a **sahir p.^a fora** [fl. 198]
- Estas febres huas sam esporadicas q' se geram no mesmo doente, e outras sam contagiozas, q' se apegam de fora, e poriso ao pe de semelhantes doentes se deve **cospir** a saliva **p.^a fora**, e nam a **ingolir p.^a dentro**. [fl. 203v.].

II. EDIÇÃO DO «TRATADO DE MEDICINA»

1. Critérios de edição

Sendo esta uma edição de natureza conservadora, semidiplomática, procurámos ao máximo respeitar o texto do manuscrito, não deixando de aplicar, no entanto, alguns critérios, que aqui apresentaremos.

Assim sendo, manteve-se a grafia presente no original e, inclusivamente, todas as rasuras e sublinhados do autor. Respeitou-se igualmente a distribuição de maiúsculas e minúsculas, mesmo quando estas últimas iniciavam frases.

No que toca à pontuação, foram conservados todos os pontos existentes nos títulos ou a seguir a números (como em “Perg. 2.” ou “3. oncas”), não se tendo interferido quando ausentes nestes casos. Ao longo do texto, acrescentaram-se perto de quarenta vírgulas, sempre que estavam em falta em situações de enumeração de elementos, ou para delimitação de sintagmas e orações, facilitando a leitura e compreensão da frase, e cerca de quarenta pontos finais, antecedendo uma letra maiúscula, no final de alguns parágrafos, ou ainda, raramente, numa frase interior seguida de outra cujo início é claro. Em aproximadamente vinte casos, substituiu-se uma vírgula ou um ponto e vírgula por um ponto final, quando se lhes seguia uma letra maiúscula ou em fim de parágrafo; por outro lado, em quatro casos, substituiu-se um ponto por uma vírgula. Vejam-se os seguintes exemplos:

- se comera galinha frangos, capoins carneiro, e nam se bebera vinho → se comera galinha, frangos, capoins, carneiro, e nam se bebera vinho [fl. 180v.]
- o pam sera bem cuzido agua q' beber sera cozida com folhas novas de carvalho → o pam sera bem cuzido, agua q' beber sera cozida com folhas novas de carvalho [fl. 191]
- tudo cozido em hua canada de agoa athe se gastar hum cartilho coese, e deste cozim.^{to} se bam lancando ajudas → tudo cozido em hua canada de agoa athe se gastar hum cartilho, coese, e deste cozim.^{to} se bam lancando ajudas [fl. 201v.]
- e lancarlheam ajudas irritantes E se proceder de fome, darselheha pam de lo → e lancarlheam ajudas irritantes. E se proceder de fome, darselheha pam de lo [fl. 162]
- he bom o esterco de burro seco ao lume, e frito em azeite posto por emprasto | os doentes comeram galinha, ou carneiro → he bom o esterco de burro seco ao lume, e frito em azeite posto por emprasto. | os doentes comeram galinha, ou carneiro [fls. 189-189v.]

- meia onca de vinagre rozado, com hua clara de ovo, Mas antam nam se pora nada nas fontes → meia onca de vinagre rozado, com hua clara de ovo. Mas antam nam se pora nada nas fontes [fl. 167]
- e o ouvido sempre se alimpara com mel, e coarta parte de agoa tepida; E o doente na dieta se librra de comer peixe e ortalice → e o ouvido sempre se alimpara com mel, e coarta parte de agoa tepida. E o doente na dieta se librra de comer peixe e ortalice [fl. 170]
- E se a gota for causada de se coalhar o leite no estomago. se lhe dara a beber hum pouco de mel com sal → E se a gota for causada de se coalhar o leite no estomago, se lhe dara a beber hum pouco de mel com sal [fl. 129v.]

Foram, ainda, eliminadas seis vírgulas e um ponto e vírgula, em casos em que a sua presença, sendo desnecessária, poderia conduzir a uma leitura incorreta do texto:

- Tambem p.^a librar da gota coral he bom, trazer consigo a vnha do pe direito de burro em hua manilha → Tambem p.^a librar da gota coral he bom trazer consigo a vnha do pe direito de burro em hua manilha [fl. 160v.]
- logo se lancara em ~~agoa~~ leite de mulher, p.^a lancar fora o veneno, senam estalara, a parte q' foi mordida → logo se lancara em ~~agoa~~ leite de mulher, p.^a lancar fora o veneno, senam estalara a parte q' foi mordida [fl. 179v.]

Destacaram-se a negrito os títulos dos capítulos e os pares pergunta-resposta, de modo a facilitar a sua identificação ao longo do texto; assinalaram-se a itálico as formas em latim, sem qualquer distinção gráfica no manuscrito: *ita*, *a*, *ad*, *supra*, *vg.* (*verbi gratia*), *ultimo* (adv., ‘por fim, em último lugar’), etc.

Todas as abreviaturas usadas pelo copista, cuja lista expomos de seguida por ordem alfabética, foram mantidas sem desenvolvimento:

agudam.^{te} (agudamente), alim.^{tos} (alimentos), amodoram.^{te} ou modoradam.^{te} (amodoradamente, modoradamente), aum.^{to} (aumento), brebem.^{te} (brebemente), capacid.^e (capacidade), concavid.^e (concauidade), cosim.^{to} ou cozim.^{to} (cosimento, cozimento), dificult.^e (dificuldade), divilid.^e (divilidade), divirsid.^e (divirsidade), emq.^{to} (emquanto), enduricim.^{to} (enduricimento), espirguicam.^{tos} (espirguicamentos), exquecim.^{to} (exquecimento), facelm.^{te} (facelmente), form.^{to} (formento), fortem.^{te} (fortemente), gravem.^{te} (gravemente), humid.^e (humidade), id.^e (idade), inchem.^{to} (inchemento), intendim.^{to} (intendimento), levem.^{te} (levemente), m.^{to(s)/m.^{ta(s)} (munto(s)/munta(s)), mantim.^{to} (mantimento), medicam.^{to(s)} (medicamento(s)), mivdam.^{te} ou miudam.^{te} (mivdamente, miudamente), movim.^{to} (movimento), NPer. (*Nova Pergunta*), ordinariam.^{te} (ordinariamente), p.^a (para), p.^{te(s)} (parte(s)), Perg. (*Pergunta*), porq' (porque), pr.^a (primeira), pr.^am.^{te} e pr.^amente (primeiramente), pr.^{o(s)} (primeiro(s)), principalm.^{te} (principalmente), q.^m (quem), q.^{to} (quanto), q' (que), qd.^o (quando), qualid.^e (qualidade), quantid.^e (quantidade), R. ou}

Resp. (*Resposta*), rarid.^e (raridade), regim.^{ta} (regimenta), resp.^{to} (respeito), rigularm.^{te} (rigularmente), sentim.^{to} (sentimento), sorosid.^s (sorosidades), suabem.^{te} ou suavem.^{te} (suabemente, suavemente), subitam.^{te} (subitamente), tempram.^{to} ou temperam.^{to} (tempramento, temperamento), ultimam.^{te} (ultimamente), vulgarm.^{te} (vulgarmente).

Substituiu-se *i* por *l* quando representava este número; por exemplo:

Capitolo *i* → Capitolo l

a n. ii ad n. i7. → *a n. 11 ad n. 17.*

Juntaram-se sílabas de palavras cuja separação não evidencia qualquer motivação linguística e que noutras ocorrências se encontram nitidamente juntas. Uma vez que a caligrafia do autor é bastante espaçada, os casos de junção são assim considerados por ser visível um espaço de separação maior do que o normal e/ou pela sua comparação com o espaçamento das restantes palavras da frase. Vejam-se alguns dos inúmeros exemplos:

a acompanhado → *acompanhado* (fl. 124)

ru da → *ruda* (fl. 128v.)

vin agre → *vinagre* (fl. 128v.)

a berta → *aberta* (fl. 160v.)

ros maninho → *rosmaninho* (fl. 171v.)

a lementos → *alimentos* (fl. 185v.)

Lom brigas → *Lombrigas* (fl. 192)

em prasto → *emprasto* (fl. 203)

Por outro lado, separaram-se as palavras unidas para maior facilidade de leitura, já que são também abundantes e variadas no original. Seguem-se alguns exemplos ilustrativos:

osangue → *o sangue* (fl. 124v.)

Evsar → *E vsar* (fl. 125)

ede → *e de* (fl. 125v.)

ese → *e se* (fl. 126v.)

asua → *a sua* (fl. 160v.)

dosol → *do sol* (fl. 162)

ocorpo → *o corpo* (fl. 185)

dofogo → *do fogo* (fl. 199)

Mantiveram-se, contudo, como no original, ora separadas ora juntas, as palavras atualmente ligadas por hífen, como, por exemplo, *conservandoas, telos, meterselhea, darselheha, limpase ha, deixarse ham*. Não se interferiu também em determinadas formas juntas que hoje se registam separadas, ou vice-versa, já que para algumas delas existia ainda o entendimento ou a visão dos seus componentes ora como unidades aglutinadas ora como independentes. É o caso de *se nam/senam, mam cheia/mancheia, aroda* (ou *arroda*), *poriso* e *sobre meza*:

- nam tem sosego, **senam** emq.^{to} os esfragam [fl. 193] // e **se nam** puderem hir as caldas tomaram banhos de erbas capitais [fl. 164v.]
- se lancara 3 **mancheias** de vagas machucadas [fl. 194v.] // hua **mam cheia** de folhas de salva [fl. 172]
- ponselhe **aroda** fogo forte [fl. 175]; tudo anda **arroda** [fl. 161] (nunca separado)
- e se ficar branda e vermelha tem cura; e **poriso** se deve logo curar [fl. 125v.] (nunca separado)
- cozelas em outra agoa levem.^{te} com açúcar, e se gardaram p.^a **sobre meza** [fl. 201] (única ocorrência)

Em algumas palavras, de modo a facilitar a leitura, acrescentaram-se, em itálico e entre parênteses retos, grafemas em falta por gralha evidente do autor. É, sobretudo, comum a falta de uma consoante indicativa de nasalidade (no total, em 42 palavras), podendo isso representar desnasalação da vogal ou, simplesmente, uma falha do copista; também as seis formas verbais do texto a que se acrescentaram os grafemas [*em*] podem revelar informação fonética e/ou morfológica. Observem-se os seguintes exemplos:

s[u]ores (fl. 123)

hum[s] voraquinhos (fl. 125v.)

fi[m] (fl. 126)

almi[s]car (fl. 160)

cru[e]zas (fl. 161v.)

se as virtigens **proceder[em]** (fl. 162v.)

segu[i]ntes (fls. 171v. e 172)

sem **olha[r]** p.^a o sangue (fl. 174v.)

qualque[r] (fl. 186)

be[be]ndo cousa fria (fl. 188)

gra[n]de (fl. 189)

os meninos tomaram o q' **puder[em]** (fl. 194)

forme[n]to (fl. 198v.)

pri[n]cipio (fls. 200v., 202 e 203)
no dia **da[s]** sesoins (fl. 201v.)
papoulas **vermelha[s]** (fl. 204v.)

Foi ainda proposto o acrescento de um vocábulo, igualmente em itálico e entre parênteses retos, em algumas frases do texto, entre as quais as seguintes:

- E as solas dos pes se esfragaram bem [**com**] sal e vinagre [fl. 128v.]
- **R** q' he o sangue ou por [**ser**] m.^{to}, ou por ser olioso sulphureo, e colerico [fl. 165v.]
- **R** se proceder de calor de fogo, ou do sol he porse e[m] lugar modoradam.^{te} fresco; e [**se**] procede do grande exercicio, ~~se~~ se tomara cumo de limam azedo [fl. 198v.]

As anotações e acrescentos (de letras, palavras, sintagmas ou frases) registados pela mão do autor colocaram-se entre colchetes (< >) no lugar a que diziam respeito, sempre que tal era fisicamente possível, juntamente com a seta representativa da localização dos mesmos – à direita, esquerda, acima ou abaixo (→ ← ↑↓), como se pode verificar nos exemplos que se seguem:

- **R** q' se se nam acodir a curalos, causan dores de caveca, febres, <vomitos, e fastio←> e dandose ao doente remedios evacuantes causam grande prigo por se divilitar as forcas [fl. 123v.]
- lancando em leite 2 g<r↑>aos de laudano opiado [fl. 185v.]

Apesar de a sinalética ser já elucidativa, todos os casos foram devidamente aclarados em nota de rodapé na própria edição.

Esporadicamente, suprimiram-se alguns grafemas excedentários e palavras ou sintagmas repetidos; também se alteraram ou permutaram certos grafemas, mas apenas quando, aparentemente, não revelavam qualquer motivação linguística. Todas estas emendas se encontram assinaladas em nota de rodapé na edição. Referimos, no entanto, alguns exemplos:

pasado **huam** coarto de hora → hum coarto (fl. 169v.)
q' ao 4 **dias** depois de dar a febre, e aumento athe o setimo dia → ao 4 dia (fl. 196v.)
huns pos de **de** resina → huns pos de resina (fl. 126)
e depois, **e depois** comam → e depois comam (fl. 181v.)
e na boca se tom[e] **na boca** bochechas de agoa cozida → e na boca se tom[e] bochechas de agoa cozida (fl. 175)
se **abrinam** nas pernas → se abriram (fl. 160)

particolas acres, e **mordazer** → e mordazes (fl. 166)

E **ligo q' es-olhe** as vixigas forem sahindo → E logo (fl. 197v.)

tintura de **folr** de papoulas → de flor (fl. 181)

Em alguns casos – de modo a facilitar a compreensão dos vocábulos, mas sem interferir demasiado no original – foi colocada uma plica no local de separação de formas que surgem aglutinadas, indicando a elisão de uma vogal final ou de uma sílaba inicial de certa palavra, ou, ainda, a crase de duas vogais; por exemplo:

lancarlhe repetidas ventosas **desdos** pes athe **aspadoas** → lancarlhe repetidas ventosas **desd'os** pes athe **as 'padoas** (fl.170)

hua outava de **gomaravia** → hua outava de **gom' aravia** (fl.182)

Importa referir que tanto estes como os restantes casos foram devidamente assinalados em nota de rodapé na edição.

Por fim, não se indicaram os casos de translineação, exceto os que divergem da translineação atual (por exemplo, *que/nte*, *ten/ha*, *ol/hos*), que surgem em nota na edição.

Para sinalizar o local exato da mudança de fólho, em interior de texto, utilizou-se uma barra vertical (|).

2. Edição semidiplomática

Antes de passarmos à apresentação da edição do «Tratado de Medicina», consideramos relevante expor, na lista seguinte, os títulos dos capítulos que o constituem, pela ordem em que surgem no texto manuscrito e na edição, seguidos da indicação do fólio em que se iniciam. Procuramos, assim, facultar uma visão geral do conjunto de enfermidades incluídas no tratado, bem como facilitar a consulta dos diversos capítulos.

[1]	<i>Capitolo i / Do mal do olhado, ou cobrante</i>	[123]
[2]	<i>Capitolo 2. / Das pustulas, que vulgo se chama fogo.</i>	[124]
[3]	<i>Capitolo 3 / Da Tinha.</i>	[125]
[4]	<i>capitolo 4. / Do cabelo.</i>	[126v.]
[5]	<i>Capitolo 5. / Da caspa da caveca ou do corpo</i>	[127]
[6]	<i>Capitolo 6. / Dos piolhos.</i>	[127v.]
[7]	<i>Capitolo 7. da Gota coral</i>	[128]
[8]	<i>Capitolo das Virtigens.</i>	[161]
[9]	<i>capitolo / Das convulsoins, ou pasmo.</i>	[163]
[10]	<i>capitolo / Dos Estupores.</i>	[163v.]
[11]	<i>Capitolo / Da inflamacam dos olhos</i>	[165v.]
[12]	<i>Capitolo das neboas dos olhos.</i>	[167v.]
[13]	<i>Capitolo / Das dores nos ouvidos.</i>	[169]
[14]	<i>Capitolo / Da surdes dos ouvidos.</i>	[170v.]
[15]	<i>Capitolo / Do estalecidio do naris</i>	[173v.]
[16]	<i>capitol[o] / Da dor dos dentes.</i>	[174v.]
[17]	<i>capitolo / Da esquinencia, ou garrotilho.</i>	[176v.]
[18]	<i>capitolo / Dos q' tomam veneno pela boca.</i>	[178v.]
[19]	<i>Capitolo / Do estalicidio.</i>	[179v.]
[20]	<i>Capitolo / Da tosse.</i>	[181v.]
[21]	<i>Cap. / Do pleuris.</i>	[182v.]
[22]	<i>capitolo / Do fastio.</i>	[184v.]
[23]	<i>capitolo / Da espinhela.</i>	[185]
[24]	<i>cap. / Do[s] soluços.</i>	[185v.]
[25]	<i>capit / Dos vomitos, e nausea.</i>	[186]
[26]	<i>capitolo / Da dor de colica.</i>	[188]

[27]	<i>Capitolo / Das cameras de sangue.</i>	[190]
[28]	<i>Capitolo / das dores de almorreima.</i>	[191]
[29]	<i>Capitolo / Das Lombrigas.</i>	[192]
[30]	<i>Das dores do estomago.</i>	[193]
[31]	<i>capitolo / Da inchacam do ventre, e hidropesia</i>	[193v.]
[32]	<i>Capitolo das cobraduras.</i>	[196]
[33]	<i>Capitolo / Das bexigas, e sarampelo.</i>	[196v.]
[34]	<i>Capitolo ultimo das febres.</i>	[198v.]
[35]	<i>Capitolo ultimo / Das febres malignas.</i>	[203v.]

Paradoxi
do Domas do Ithado, ou do brante

Paradoxi
do Domas do Ithado, ou do brante

1 Perg. 1. q. soua he dthado. R. q. huaqua-
lib. venenosa ^{de in veja} de in veja ou da ira, comunicada
regular mte pelos otros da pessoa q. ada, a pessoa agnd
ada. Assim como a lara comunica certa qualid de
slo fato dos laing seguir as suas pegadas. Esta qua-
lid. ou he natural q. he qd. hua criatura nos
principios da sua gerçiam adquerio hua qualid.
maligna de as quas qualid. e lementares, ou e lentes,
q. comunicada a outra criatura he corrompe os hu-
mores do brantando, ou alterando morbosamte
se he accidental, q. he qd. hua criatura adquiri nos
humores huma tal corrupçam de qua resulta huma
qualid. de dar o thado. ita. Thuro de Cunha, Miranda.
lib. 2, cap. 2. an. 1. adn. 1.

2 Perg. 2. quais tam os thais por donde se
conhece o thado. R. que nos meminos tam quando de repen-
te mudarem de cor, e a legria vomitando leite do thado ou
azedo tendo os pullos frios, e a cordo reglo de l'humdo nam
podendo ter dreita a lareca, nem a brol q. o thos.
Enaj pessoas de id. tam qd. de repen-
te se agoniam com mte as l'icins no l'uracam, dores nas toç
o Corpõ, fastio, lores, frios, ou tra ves quenturas, mudando

podendo ter dreita a lareca, nem a brol q. o thos.
Enaj pessoas de id. tam qd. de repen-
te se agoniam com mte as l'icins no l'uracam, dores nas toç
o Corpõ, fastio, lores, frios, ou tra ves quenturas, mudando

Capitolo 1

Do mal do olhado, ou cobrante

1 ¹ **Perg. 1**, q' cousa he olhado. **R** q' hua qualid.^e venenossa ~~causada~~ <incitada[↑]>² de inveja, ou da ira, comonicada rigularm.^{te} pelos olhos da pessoa, q' a da, a pessoa a q.^m a da. Assim como a caza³ comunica certa qualid.^e pelo olofato dos cains seguir as suas pegadas. Esta qualid.^e ou he natural, q' he qd.^o hua criatura nos principios da sua gereçam adquerio hua qualid.^e maligna de algumas qualid.^s elementares, ou celestes, q' comonicada a outra criatura lhe corrompe os humores cobrantandoos, ou alterandoos morbosam.^{te}. Ou he accidental, q' he qd.^o hua criatura adquiri nos humores huma tal corrucam, de que resulta huma qualid.^e de dar olhado: *ita* Nuno da Cunha Mirandela lib. 2., cap. 2. *a n. 1 ad n. 7.*

2 **Perg. 2**. quais sam os sinais por honde se conhece o olhado. **R**. que nos meninos sam, quando de repente mudarem de cor, e alegria vomitando leite coalhado, ou azedo, tendo os pulsos froxos, a cor do rosto de chumbo, nam podendo ter dreita a caveca, nem abrir os olhos.

E nas pessoas de id.^e sam qd.^o de repente se agonia com m.^{tas} afficoins no curacam, dores por todo o corpo, fastio, s[u]ores, frios, outra ves quenturas, mudando
[fl. 123v.] | varias vezes a cor do rosto, tendo a cor dos olhos diferentes das dos mais, e estando estendido se tiver a mao esquerda, e o pe escredo mais incolhido, q' o direito.

4 **Perg. 3** q' pronosticam os olhados. **R** q' se se nam acodir a curalos, causan dores de caveca, febres, <vomitos, e fastio←>⁴ e dandose ao doente remedios evacuanes causam grande prigo por se divilitar as forcas: *ita* Mirandela *supra* a n. 7. *ad n. 11.*

5 **Perg. 4** como se curam os olhados. **R** q' he com fumacas de herba hipericam, vulgarm.^{te} chamada erva de S. Ioam, com salba, alecrim, mangarona, raizes de junca, canela, incenso, e a fumar tambem a roupa da cama em q' se ha de deitar, e deixando na casa hua cacola com lume, e com as ditas erbas, tomar ajudas de caldo de galinha com venedita laxativa, e acucar: ou de agoa de farelos com formento, sal, e asucar, e nam pasando tomara hum vomitorio, 3 honcas de agua benedicta de Rulando

¹ No início de alguns parágrafos, o autor coloca a numeração dos mesmos.

² Palavra acrescentada por cima do vocábulo rasurado.

³ Deve ler-se “caça”. Nas restantes atestações da palavra no manuscrito, sempre “caca”. Na obra impressa de Mirandela, “fêras”.

⁴ Trecho acrescentado na margem esquerda. Segue-se à palavra “febres”, uma vez que o autor indicou com um sinal a localização devida do acrescento.

vigorada, ou turva⁵, ou 2 honcas de vinho emetico, ou de 6 graos de tartaro emetico, ou 15 graos de pos de quentilio, ou hum escropolo de pos emetico, e ha m.^{tos} mais remedios q' traz Mirandela ~~a n~~ *supra a n. 11 ad n. 17*.

Perg. 5. q' he o q' persevera⁶ de nam ter olhado. **R** q' o trazer consigo azeviche, ou trazer ao pescoco escripto os nomes dos 3. reis Magos, e outros mais q' tras Mirandela *supra a n. 17 ad n. 18*.

[fl. 124]

Capitolo 2.

Das pustulas, que vulgo se chama fogo.

1 **Perg.** q' cousa he pustula, ou fog[o]. **R** q' he hum tumor ulceroso, acompanhado com grandulas do pescosso, lancando de si purulenta materia, q' como fogo lavra ahonde nace: *ita* Mirandela lib 2. cap. 2. n. 1.

2 **Perg. 2** como se curaram os meninos. **R** q' o melhor he deixalas a natureza p.^a se purgar os homores roins, e se depois de 20 dias nam sararem, tomem as mais leite de bura, ou de cabra, e se depois de m.^{to} tempo nam sararem ~~p~~ vntarse ha com o engoento de fezes de ouro, q' tambem he remedio eficaz p.^a escaldaduras, ajuntandose a cada onca hum escropolo de asucar de saturno: *ita* Mirandela *supra a n. 2 ad n. 9*.

3 **Perg. 3** como se ~~purg~~ se curaram os meninos <q' ja nam mamam.[↑]>⁷, e as pessoas adultas. **R** lancarlhe sanguexugas⁸ nas veias hemorrhoidas⁹, darlhe sangrias necessarias nos pes; e depois se tomara hum vomitorio desta sorte, 3 oncas de agoa benedita, bem revolta, 6 gramos de tartaro emetico, 15 graos de *crocus matelorum*¹⁰; ou a infusam de vinte graos delle em 2 oncas de vinho branco, 2. oncas de vinho emetico e hum escropolo dos pos de Mirandela; e se nam quizerse vsar de vomitorio, vsarse ha de purga, hua outava de pos de cornachino em caldo de galinha, ou em agoa; ou tomar m.^{tas} vezes, de cada ves 10 granos de mercurio branco precipitado, com 5. de diagridio sulphurado.

⁵ O autor corrigiu “turba” para “turva”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

⁶ Na obra impressa de Mirandela, “preserva”. O copista volta a registar “persevera” e “persebaram” nos fls. 175v. e 191v., respetivamente; no fl. 129, regista “preseverar”; no fl. 178v. surge, ainda, a forma “persevarativos”.

⁷ Trecho acrescentado no espaço livre entre a margem esquerda e o início do parágrafo, ou seja, antes de “Perg. 3”. Segue-se à palavra “meninos”, uma vez que o autor indicou com um sinal a localização devida do acrescento.

⁸ No original, “sanguexugus”, com ‘u’ bem evidente, por provável automatismo de escrita e influência da vogal anterior, sendo que tal não volta a ocorrer ao longo do texto.

⁹ Ao longo do manuscrito, o copista escreve sempre “hemorr(h)oidas” (vd. também fls. 166v. e 191), nunca registando a forma adjetival “hemorr(h)oidais”, presente na obra de Mirandela.

¹⁰ Na obra impressa de Mirandela, “crocus metalorum”.

[fl. 124v.] 4 Depois de se purgar se temprara o sangue tomando pela manham em jejum¹¹ meia canada, ou hum cartilho de leite de burra, ou de cabra, ou ao menos de baca 4. horas antes de comer, nem beber, nem dormir, no caso q' nam haja faltas de sono, porq' se ouver, he comviniente dormir; estes leites sam bons p.^a os q' padecem gotta, ersipelas repetidas, prurigens, e ~~e~~ os q' padecem intemperanca quente das entranhas; os banhos do rio corrente de agoa doce sam de grande virtude p.^a estes males, melhores, q' os de agoa tepida.

5 E por fim se abriram fontes nas pernas, e vanhos das caldas sulphurias, e depois se as postulas nam forem por si desecando se lavaram com agua cozida de malvas, rais de malvaisco, linhaca galega, flores de macela, estando quente, e depois de q' as postulas¹² estiverem descobertas tomesse, vntese com o emgoento feito de 2. outabas de espodio, 2 de fezes de ouro notridas com oleo rosado, 3 outavas de tutia preparada, 1 outava de pos de cascas de avelans, e de mortinhos, manteiga antiga lavada com agoa rosada, quanta vaste, mesturado tudo no almofariz athe q' tenha a forma de emgoento: ou tome hua onca de manteiga salgada de vaca, outra de manteiga de porco, meia onca de enxofre, cada cousa deretida em sua tigela de barro, e depois se ajuntaram no almofariz lancandolhe hua outava de azougue extinto com a saliva, e hum escropolo de caparozza crua, mexendo athe q' fique frio. Estes emgoentos serbem p.^a quaisquer chagas, impigens, e sarna.

[fl. 125] 6 **Perg. ultimo**, de q' comeram na dieta. **R** de tudo, so [nam] de carne de porco, peixe do mar, e de especias, e de cousas quentes, e salgadas, poriso podem comer frango, galinha, capam, cabirto, peixes do rio, veldroegas, pexogos, e morangos, ovos quentes, vitela, carneiro, no caldo de frango, ou de galinha se lancaram caracois, ou farinha de cevada amasada com leite; e beber agoa cozida com a rais de almeiram, ou com hua mancheia de pinpinela. E vsar de ajudas feitas de cosim.¹⁰ de frango, cevada, malvas, violeta, e ameixas, asucar branco, e oleo violado. *ita* Mirandela *supra* a n. 9 *ad* n. 24.

¹¹ O copista corrigiu “jegum” para “jejum”, formando a letra ‘j’ a partir do ‘g’.

¹² No manuscrito, “portulas”. O copista voltou a registar esta forma no fólio 126v.; no entanto, nas múltiplas atestações da palavra, surge a forma regular, com ‘s’ – “pustula(s)”, “pustola(s)”, “postula(s)”, ou “postola(s)”.

Capitolo 3

Da Tinha.

- 1 **Perg. 1.** q' cousa he tinha. **R** q' he hua sarna na caveca com chagas escamosas, quase secas das quais sam¹³ pouca humid.^e fetida, q' corrompe a pel da caveca, asim como a traca os vestidos: *ita* Mirandela lib. 2. cap. 2, n. 1.
- 2 **Perg. 2** donde procede a tinha. **R** de 3 causas; 1 de humores salsuginosos, adustos, e corrosivos; 2 de contagio, pondo na caveca chapeo do tinhoso, ou vivendo com ele sem cautela; 3 de cahir na caveca alguma cousa salgada: *ita* Mirandela *supra* n.2.
- 3 Por honde se conhece a tinha. **R** por aparecer na caveca huma grande mordicacam, as chagas | sam crustosas, e com pouca humid.^e fetida, e tirandose a caspa aparece na carne hum[s] voraquinhos; os cabelos cha[e]m, e os q' se arancam tem a rais grosa¹⁴ cheia de humor lento, e craso. *Ita* Mirandela *supra* n. 3.
- 4 **Perg. 4.** se a tinha he curavel. **R** q' se esfragara a caveca com hum pano, se a pele estiver dura, e se nam fizer vermelha, ja nam tem cura, e se ficar branda e vermelha tem cura; e poriso se deve logo curar: *ita* Mirandela *supra* n. 4.
- 5 **Perg. 5.** como se curaram os meninos. **R** com hum ~~oleo~~ for ingoento feito asim – juntando a cada honca de sebo de cabirto bem lavado com agoa rosada meia outava de manteiga de saturno, em hum almofariz de chumbo, agitado athe q' fique ingoento; ou com os remedios, q' ja acima disemos das pustolas. as amas comeram elementos¹⁵ frios, e ~~sees~~ humodos como acima disemos, librandose de vinho, agoa ardente, carne de porco, e de salgado[s]. *ita* Mirandela *supra* n. 5.
- 6 **Perg. 6.** como se curaram os adultos. **R** q' sendo de pouco tempo, poinse na caveca hum emprasto de pez, rezinas, e goma, o coal depois de estar pegado arincado com violencia arranca os cabelos e a materia das chagas, porem sendo antiga, se sangrara o doente, e se purgara, se lavara a caveca com agoa cozida de rais de malvaisco, de lirio, de lavaca, e de malvas com as raizes, e com cinsa de figueira, e algum vinagre, e com este cozim.¹⁰ quente se lavara a caveca outo dias, tendo o cabelo

¹³ Sic, "sam", embora se esperasse algo como "sai", mais lógico e mais próximo do que se lê na obra impressa de Mirandela: "das quais emana pouca humidade".

¹⁴ O copista começou por registar "grogas", por possível influência da oclusiva da primeira sílaba, mas de seguida emendou para "grosa", transformando o 'g' em 's' e riscando a haste da primeira letra.

¹⁵ Ao longo do manuscrito, o autor regista, repetidamente, a forma "elemento(s)" (vd. também fls. 127, 184v., 190, 192, 198v.), em alternância com "alimentos" (ou "alementos"). Na obra de Mirandela, apenas se atesta a regular "alimento".

[fl. 126] bem cortado, | emxugandoa¹⁶ com panos quentes molhados em agua ardente, ou vinho branco, e depois cobrir a caveca com folhas de couve quentes, e vntadas com manteiga crua de vaca, ou vnto de porco sem sal. e se depois de 8. dias nam ficar a caveca bem limpa se fara hum medicamento leniatiuo de 2. outabas de enxofre, meia de mostarda, hua outava de erva piolheira, outra de rais de norca, hua honca de vinagre forte, e meia de tormentina, manteiga de vrso, ou de porco qua[n]to vaste.

E depois de bem limpa a caveca se vntara a caveca com mel, lancando por cima huns pos de¹⁷ resina, cobrindo tudo com masa de trigo, e no fi[m] de 8. dias se arinquara o pano com violencia p.^a arancar a[s] raizes dos cabelos. e esta cura da tinha se fara no mingoante da lua. E depois se esfragara a caveca com pano aspero molhado em oleo de raboam, ou de erva piolheira, ou cumo de cevola.

E Ioam Curvo dis q' curava a tinha lancandolhe sobre a caveca 20 dias cinsa de vides, vntandoa pr.^o com oleo rosado morno. Antonio Fr^a tras este modo de a curar – hum coartilho de azeite sem sal, hum punhado de vaga de loureiro, e outro de gomos tenros de trovisco, hua caveca de alhos, frito tudo m.^{to} bem, e coandose mestrese 10 reis de verdete, hua onca de alvaade, hum gram de solimam, hua coarta de sebo de carneiro, tudo ferva athe que se misture; com este vngoento vntaram a caveca cobrindoa com folhas | de covvas e no dia seguinte lavar a caveca com¹⁸ ourina de ~~moeo~~ menino quente, fresca, e emxuta a tornaram [a] vntar com o ingoento, arinca[n]do o cabelo todo com hua tenaz; e depois se vsara de remedios p.^a tornar o cabelo como se dira adiente. *ita Mirandela supra a n. 6. ad n. 12.* A dieta sera da mesma sorte de q' fica dito das postulas¹⁹.

[fl. 126v.]

¹⁶ O autor começou a escrever a palavra ainda no final do fôlio 125v., completando-a no seguinte: “*emxu | gandoa com panos*”.

¹⁷ No manuscrito, “*de de*”.

¹⁸ No original, “*lavar a caveca co / com ourina*”. O autor começou a escrever, no final da linha, a palavra “*com*”, reescrevendo-a integralmente na linha seguinte.

¹⁹ No manuscrito, “*portulas*”. *Vd.* nota 12.

capitolo 4.

Do cabelo.

1 **Perg.** q' cousa he cabelo; q' he hua parte do corpo nutrida de sangue oleaginoso, e sulphureo por canudos, criada pela Divina omnipotencia conforme a necessid.^e do corpo. *Ita* Mirandela lib. 2. cap. 4 a n. 1 *ad* n. 9.

2 **Perg. 2.** porq' causas cahem o cabelo. **R** ou por currucam, e ma natureza de alimentos, como nos galicados, e nas febres malignas, ou q' tomam veneno, ou a raridade da pel, como sucede as mulheres no estio, *ita* Mirandela *supra* n. 9. Donde se a pessoa a q.^m cahir o cabelo for descorada, he sinal q' cahio omor morboso, e se tiver tido alguma febre maligna he sinal q' dela precedeo o cahir o cabelo, e se ouver grande calor na caveca, he sinal, q' a causa de cahir he a rarid.^e da pel. *ita* Mirandela *supra* n.10.

[fl. 127]

3 **Perg.** q' se fara p.^a tornar o cabelo. **R** q' antes de se curar se esfragara bem a caveca, e se se fizer vermelha ha espranca de tornar o cabelo, e se curara, e se nam se fizer vermelho, escusado esperar, q' torne; asim se cahir por causa de ~~maos~~ <a penuria de ↓>²⁰ elementos²¹, comanse bons, q' elle tornara; e se ~~for~~ cahir por causa de maos humores, sangrasea, e purgasea, e o mais q' esta dito na cura das postolas.

4 Se o cahir o cabelo for por causa da rarid.^e da pele, vsarse ha de remedios adstringentes, *vg.* oleo de lentisco, oleo rosado, de murta, de marmelos, tambem se pode vsar de hum cozim.¹⁰ da pia dos ferreiros com huas cavacinas²² de lentiscos, rosas, alecrim, cascas de romam brava, folhas de sumagre, macains de cipreste, pontas de silva, folhas de oliveira, lavando a caveca com este cozim.¹⁰ quente: ou tomar hua pouca de baca magra sem cousa alguma²³ de gordura, cozela em agoa, e tirarlhe a espuma, a coal se goarda p.^a por ahonde faltar o cabelo, fragandoa pr.^o bem com hum pano molhado em [a]goa ardente, ou em agoa de rainha de Hungria, m.^{tas} vezes no dia, e por m.^{to} tempo; e outros m.^{tos} remedios se pode ver em Mirandela *supra* a n. 12 *ad* n. 17.

<Medecin[a]↑>²⁴

²⁰ Trecho acrescentado por baixo das palavras rasuradas.

²¹ *Vd.* nota 15.

²² Na obra impressa de Mirandela, “*cavaquinhas*”, ou seja, o fruto do lentisco, em forma de bolsinha ou cavaquinha. Também noutros passos do manuscrito o copista despreza o ‘h’ no dígrafo ‘nh’, como, por exemplo, nas palavras “*bichinho*” (fl. 173) ou “*ninho*” (fl. 178).

²³ No manuscrito, “*alguma*”. Uma vez que, ao longo do texto, o autor alterna entre as formas “*algua*” e “*alguma*”, neste passo terá escrito inadvertidamente um híbrido de ambas as possibilidades.

²⁴ Indicação do tema do presente tratado, anotada, pela primeira vez, no cabeçalho do fólho 127. Não voltaremos a registar no texto este tipo de indicações que o autor repete, aleatoriamente, nos fólhos 165, 173, 181, 189 e 197.

Capitolo 5.

Da caspa da caveca ou do corpo

- [fl. 127v.] 1 **Perg.** como se curaram os meninos de leite. | **R** q' as mais se samgraram, e purgaram alguas vezes, e beber m.^{tos} mezes leite de cabra.
- 2 **Perg.** como se curaram os adultos. **R** q' se samgraram e purgaram, tomaram vanhos de ourina, e abriram fontes nos pes. e sendo na caveca raspara o cavelo, lavando ao depois a caveca com agoa tepida do cozimento de Marcela, e alfovras, em q' se lance hum pouco de salitre: ou com o cozimento feito de hua mao cheia de malvaisco, outra de folhas de acelgas, meia honca de polpa de colocintidas, duas outabas de salitre, e cozidas em agoa bastante se juntara hum cartilho de vinho branco. e lavando a cabeça, depois de limpa se vntara com o ingoento feito a fogo lento de outava e meia de calcantho, outro tanto de fel de tauro, 2 outavas de salitre, 2. de inxofre, 2 oncas de oleo rosado, e con cera se fara vngoento branco²⁵. outros dizem q' se lave com ~~rais~~ o cozim.^{to} de rais de malvas, outros dizem q' se pise alecrim, e se lhe tire o cumo em agoa, ou vinho, e q' com ele se lave a caveca; e outros m.^{tos} remedios, *ita* Mirandela libro 2. cap. 7. a n. 1 *ad* n. 9.
- 3 **NPer.** e na dieta de q' poderam comer. **R** q' de tudo, excepto carne de porco, peixe do mar, e caca do monte. *ita* Mirandela *supra* n. 9.

Capitolo 6.

Dos piolhos.

- [fl. 128] 1 **Perg.** quantas castes ha de piolhos. **R** | duas²⁶, huns estaveis, outros vagos; os estaveis chamanse lendias, os vagos ou nacam das lendias, ou dos humores, e outros chamanse ladros, porq' sempre estam pegados no couro, *Ita* Mirandela lib. 2 cap. 9 n.1.
- 2 **Perg. 2** como se cura os piolhos. **R** q' os meninos he lavalos hua ves cada dia com hum cozim.^{to} quente de folhas de pexigueiro mal pisadas, e da erva piolheira; ou vntalos com manteiga crua bem masturada com sumo de losna.
- 3 E os adultos, se samgraram, e purgaram, e vntarse com cozim.^{to} de erba piolheira, as celgas, as folhas de pexigueiro, a ruda, artemige, as folhas de pinheiro, de cipreste, os marcuriais, os tremocos, semente de ortigas, enxofre, e sabam. ou tome hua

²⁵ Na obra impressa de Mirandela, “*brando*”.

²⁶ O autor corrigiu “*tres*” para “*duas*”, aproveitando as letras da primeira palavra para formar a segunda.

onca²⁷ de pos de erba piolheira, 2 outavas de salitre, 1 ~~h~~ onca de fel de touro, meia onca de pos de losna, e coanto vaste de manteiga de porco, e de oleo de louro, e facase vnguento branco²⁸; ou lavarse com soro de cabras mesturado com vinagre. *ita Mirandela supra a n. 11 ad n. 15.*

Capitolo 7. da²⁹ Gota coral

[fl. 128v.] 1 **Perg. 1** ~~eome~~ q' cousa he gota coral. **R** q' he huma convulsam interpolada de todas as partes do corpo com lesam do intendmento; e [a] este mal sam sogeitos os q' nacen na lua nova; as suas causas sam m.^{tas}, e se pode apegar vevendo pelo mesmo copo de q.^m o padece: ~~h~~ | vejase Mirandela lib. 2 cap. 15 a n. 1 ad n. 15.

2 **Perg. 2.** como se conhece a gota coral. **R** qd.^o o doente cahi de repente no cham sem sentidos, com varios movimentos do corpo, rangendo com os dentes, largando a ourina, e os excrementos, expumando pela voca no fim do acidente. Onde o q' lhe tiver dado se acautelara, qd.^o tiver grande dor de caveca, falta de sono, ou grande sono, sonhos torbulentos, exquecim.¹⁰ de algumas cousas, medo, tristeza, tremores em algumas p.^{tes}, tinido nos ouvidos, perturbacoins na vista, algum imvaraco na fala.

[fl. 129] 3 **Perg. 3** como se cura a gota coral nos acidentes. **R** se ponha o doente em casa clara, e se for de noute porseha algumas luzes perto dos olhos, com a caveca lebantada, e meterselhea na boca hua colher de pao entre os dentes, p.^a q' nam cortem a lingoa, e meterselhea na boca sal, q' fas pasar mais depressa o acidente; e se cusmar³⁰ inclinareseha a boca p.^a o cham p.^a q' possa sahir. As partes q' se emcolherem estenderseham vntandoas com oleo de minhocas, ou de ruda, ou de marcela, deixando bracejar com os bracos, ou outras partes do corpo. E no alto da cabeca vntesse com oleo de ruda, chegandolho ao naris, ou ruda verde fervida com vinagre forte chegandoa quente ao naris, e dandolhe a cheirar pos de betonica p.^a espirrar, e nam tavaco. E as solas dos pes se esfragaram bem [*com*] sal | e vinagre, e sobre o curacam se pora hua volsa com pos de semente de rais de peonia, e ruda, e se o acidente durar m.¹⁰ tempo se lhe daram humas colheres de agoa de cereijas negras com hum escropolo de pos de gutteta de Riverio, ou 3 pingas de ~~agoa de betonica~~ oleo de alambre, ou de buxo, ou huas colheres de agoa de betonica, ou de peonia.

²⁷ Na obra impressa de Mirandela, "meia onça".

²⁸ Na obra impressa de Mirandela, "brando".

²⁹ No manuscrito, "das".

³⁰ Na obra impressa de Mirandela, "escumar".

4 **Perg. 4** como se curara a gota fora dos accidentes. **R** q' para preseverar³¹ q' nam deia este mal he bom, q' tanto q' hum menino nace, se lhe deia no leite da may des gramos de coral vermelho feitos em po; ou hum escropolo de gutteta de Riveiro; ou por 30, athe 40. dias cada dia hua ves, duas colheres do xarope feito desta sorte: duzia e meia de cereixas negras, 2 outavas de rais de peonia, hua duzia de folhas de salbaa, hua mancheia de betonica, e iva artetica, cozido tudo em 3. cartilhos de agoa, em q' se lance 3. oncas de mel, e cozersea tanto, q' so fique hum cartilho, e depois de coado se lance 4 oncas de fumo³² de rosas, e 2 de mel cillitico nas ultimas ebullicoins, e 2. outavas de triaga de esmeraldas.

5 Porem se os meninos padecerem este mal, se purgaram com este remedio: meia onca de agarico, lancado com meio cartilho de agoa, pondo a hua noute em boralho quente, e pela manham tirando o agarico lancese na agua humas passas, athe q' inchem, e depois cozanse athe ficar como mel; e deste mel se lhe daram huas colheres repetidas vezes, q' purgam com suavidade.

[fl. 129v.]

6 E se a gota coral dos meninos proceder de cruexas de estamago darselhea vomitorio de agua benedita de Rulamdo, ou de ~~pos de quintilio~~ fe a infusam dos pos de Quintilio feita em vinho branco, dandolhe disto repetidas vezes colheres; e depois de purgados darselhea de menha e tarde huas colheres de agua de cereijas negras, ou de peonia, por 23 dias, e tambem as mais.

7 E se a gota for causada de se coalhar o leite³³ no estomago, se lhe dara a beber hum pouco de mel com sal desfeito com agoa cozida com cerefolio, ou com hissopo, e sobre o estomago se lhe pora o emprasto de folhas de chopo cozidas em ourina de menino pisadas com manteiga crua; ou o emprasto feito desta sorte: hua mancheia de folhas de choupo, outra de malvas, outra de losna, cozido tudo em ourina de menino, juntandolhe 2. oncas de manteiga de baca, hum piqueno de formento, e oleo de ortelam.

8 E os adultos, se curaram de gota coral³⁴ assim: purgaseham m.^{tas} vezes com 3 oncas de agoa benedita de Rulando vigorada, ou com hua outava de sal de vitriolo; ou se nam quizerem estes vomitorios, tomem hua outava de pos de Cornachino

³¹ *Vd.* nota 6.

³² O copista terá confundido “*sumo*” com “*fumo*” devido à semelhança de formato das letras ‘s’ e ‘f’ na obra impressa de Mirandela.

³³ No manuscrito, “*leito*”, com ‘o’ bem evidente, por provável automatismo de escrita e influência da vogal final da palavra seguinte, sendo que tal não volta a ocorrer ao longo do texto.

³⁴ No original, “*corar*”, por possível automatismo de cópia e influência da vibrante anterior, ou podendo, ainda, revelar rotacismo da consoante final. Tal não se repete ao longo do manuscrito.

[fl. 160]

tomado³⁵ em caldo, ou em agoa. conforme julgarem os medicos pela grandeza do mal, e pela capacid.^e do infermo; e depois se sangrara o doente 6 outo~~o~~ outo sangrias, e se lhe daram ajudas de cozimento de salva, botonica, flores de marcela com acucar mascavado, e meia ~~hæ~~ onca de geripiga. | E depois em 30 manhans darse ha em caldo de galinha, <hum escropolo de→>³⁶ meia onca de semente de peonia, dictamo branco, viscoquercino, 2 outabas de semente de armoles, 3 oncas de craneo humano, coral vermelho preparado, outava e meia, e outra outava e meia de jacintos preparados, meia onca da vnha de grambesta, hum escropolo de almi[s]car, hua outava de folhas de ouro, tudo mesturado, e feito em po; e cheiraram m.^{tas} vezes aruda, e pela manham se mastigara a casca da rais de funcho, q' fas lancar m.^{ta} humidade pela boca; he m.^{to} conuiniente as fontes nos bracos, e nuca; e se proceder este achaque do vic[i]o do estomaco, se abriram³⁷ nas pernas.

E na cura se trara na caveca hum barrete bermelho estofado por dentro de algodam, tendo pos de salva, mangarona, betonica, flor de alecrim, de rosmaninho, de rosa, de alambre, de viscoquercino, de semente de peonia³⁸, e erva doce, de todas estas cousas, ou algua dellas, ajuntandolhe pos de incenso, almecega, e bejoim.

[fl. 160v.]

E se a gota³⁹ for por causa de estar parada a circulacam do sangue, se tomara meio escropolo de coalho de cabrito, e se a gota der de huma parte certa, se esfragara m.^{to} com panos de agoa ardente quentes, lancandotelhe ventosas na mesma parte; e sentindose algum formigueiro ponhamlhe hua ligadura forte, q' com ella se impede m.^{tas} vezes os accidentes; e p.^a q' nam torne a repetir se sargiara na mesma p.^{te} hua ventosa lavandoa ao depois com agoa ardente em q' se desfara | huma pouca de triarga.

E se a gota porceder de lombrigas cuidarseha em as matar com os remedios comtra elas q' ja ficam ditos. he remedio excelente este contra a gota⁴⁰, he tomar a parte mais branda da vnha dos cavalos, ou de egoas, q' nam handam lacivas, q' os ferradores cortam secandoa e fazendoa em po, do coal se tomara athe hua outava. ~~ou os pos das andorinhas, e pegas toradas no forno.~~ ou meia outava de sabam branco

³⁵ O autor registou com 'o' bem evidente a vogal da segunda sílaba de "tomado", sendo que tal não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

³⁶ Trecho acrescentado na margem direita. Antecede a palavra "meia", uma vez que o autor indicou com um sinal a localização devida do acrescento.

³⁷ No manuscrito, "abrinam", por possível automatismo de cópia e influência das nasais alveodentais das palavras que o copista iria escrever de seguida ("abrinam nas pernas").

³⁸ No original, "poenia".

³⁹ No manuscrito, "goto", com 'o' bem evidente, por provável automatismo de escrita e influência da vogal da primeira sílaba. A mesma forma surge novamente no parágrafo seguinte (fl. 160v.).

⁴⁰ No original, "goto". *Vd.* nota anterior.

de Castela cozido em pouco leite de vaca, tomese pelas manhans 3 oncas delle coado por m.^{tos} dias.

Tambem p.^a librar da gota coral he bom trazer comsigo a vnha do pe direito de burro em hua manilha; ou por no alto da caveca hua andorinha aberta; ou trazer ao pescoco a pedra nephritica, ou trazer hum cinto de pel de lobo do espinhaco com a parte de dentro p.^a o couro da pesoa q' o trouxer emrodilhado pelos lombos e barriga.

[fl. 161] Remedios particulares deste Autor contra a gota coral, depois do q' a padecer for bem samgrado, e purgado q.^{to} lhe permitir a sua natureza, tomara por 40 dias em jejum em duas ~~h~~ oncas de agua cozida com rais de peonia negra ~~hua onca~~ dois escropolos de pos feitos desta sorte = de rais, e semente de peonia macho arincada no coarto mingoante da lua de cada cousa duas outavas, de viscoquercino, de carneo humano, q' nam fose enterrado, de pavam macho | p.^a os homens, e de femia p.^a as mulheres, de cada cousa duas outavas, e meia, de sangue de ~~an~~ doninhas preparado meia onca, de pos de coral vermelho, e de aliofar preparado, de cada cousa 2. outavas = preparandose cada cousa a parte, e depois mesturando todas, dase aos meninos hum escropolo, e aos grandes dois⁴¹; e nam comeram athe nam pasar duas horas; e nestes dias ciaram cedo, e 4. horas depois de cear tomaram meia outava das pirolas feitas assim = hum escropolo dos pos acima ditos, des gramos de alambre preparado, dois gramos, de bom laudano opiado, de oleo alcanfor quanto vaste, feito em pirolas, e dourense. E depois dos 40 dias tomese os pos e pirolas por hum mes, tres dias alternados em cada coarto da lua. *Ita Mirandela supra a n. 22 ad n. 80.*

Perg como se havera na dieta o infermo. **R** q' pode comer de quaisquer aves, exceto a perdis, e cadornis, nam comam peixe, nem figados de cabra, de bode, e de cabirto, nem a erba aypo, e bebam agoa cozida com pao de saxifras, ou pao santo, ou com rais, ou semente de peonia negra. *ita Mirandela supra n. 82.*

⁴¹ Na obra impressa de Mirandela, "meia oitava até dois escropolos".

Capitolo das Vertigens.

[fl. 161v.] 1 **Perg 1:** q' cousa he vertigem. **R** he hua falsa imaginacam de q' tudo anda arroda e a mesma caveca, q' poriso cahem por terra sem lesam do intendum.⁴² ~~Nas vertiges~~ As vertigens huas sam simples sem lesam, nem ofensa da vista, e outras tenebrosas⁴² | com lesam, e portubacam ~~da~~ na vista: *ita* Mirandela lib. 2 cap. 16 n. 1.

2 **Perg. 2.** por honde se conhece as virtigens. **R** q' qd.^o gravem.^{te} se ofender a vista chamasse tenebricosa; dixee gravem.^{te} porq' em todas as virtigens escurece a vista; e se se tem a virtigem por ter tido algua pancada na caveca, ou por padecer dores na caveca, tonidos nos ouvidos, fraqueza na memoria, diminuicam no sentido de cheirar, e gostar, chamase idiopatica. E se as virtigens forem causadas do estomaco, havendo vomitos, nausea, fastio, dores, arrotos, ou do vtro, ou baco, chamase sympathica.

3 **Perg. 3.** ~~de q~~ como se conhecera de q' humores procede[m] estas virtigens. **R** q' procedem de cru[e]zas, ~~se~~ e humores crasos se ouuer somnolencias, e cuspir m.^{to}, ter fastio sem sede, e as ourinas brancas. E procederam de humores quentes, se o doente dormir pouco, [tiver] amargores de boca com sede, os pulsos ligeiros, a ourina flava, e delgada. E procederam de⁴³ humores atribiliarios habendo arotos azedos, tristeza, e maior falta de somno⁴⁴.

[fl. 162] 4 E procederam de redundancia de sangue se as veias estiverem cheias, e tumurosas, o rosto quente⁴⁵, e vermelho, as fontes pulsando, os sonhos de cousas vermelhas, e teram espirguicam.^{tos}. E se nam | ouuer nenhum destes sinais, entam procedem de acidos, e se estes estiverem no estomaco haverá nelle dores, mordicacoins, ou picadas, e darã as vertigens mais vezes estando en jegum: *ita* Mirandela *supra* a n. 17 ad n. 20.

Tambem as vertigens sam causadas de causas externas, como mudanca de ares, ventos austrinos, grande calor do sol, ou dos banhos, o ar ambiente frio, o m.^{to} vso do vinho, e de venus, o exercicio immodorado, o fedor de algua cousa, o comer m.^{to}, ver correr as agoas, andar aroda⁴⁶, olhar de lugares altos p.^a vaixo, andar embarcado, ou em carruagens, tomar grande paixam com ira, e estar m.^{to} tempo em jegum: *ita* Mirandela *supra* n. 16.

⁴² Na obra impressa de Mirandela, “*tenebricosas*”.

⁴³ No manuscrito, “*de de*”.

⁴⁴ O autor corrigiu “*sono*” para “*somno*”, aproveitando as letras ‘n’ e ‘o’ para formar o ‘m’ e acrescentando, de seguida, a sílaba final ‘no’.

⁴⁵ O autor fez a translineação da palavra separando ‘que-’, numa linha, e ‘nte’, na linha seguinte.

⁴⁶ No original, “*arodo*”, com ‘o’ bem evidente, por provável automatismo de escrita e influência da primeira vogal da palavra seguinte, sendo que tal não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

[fl. 162v.]

Perg. como se curaram as vertigens nos accidentes. **R** q' nam pasando logo se pora em lugar escuro, e fragaselham as pernas, e a[s] solas dos pes com sal e vinagre, e na boca se lhe metera hum pouco de ~~vinagre~~ sal, e as fontes, e pulsos se vntara com oleo de buxo, e as solas dos pes, ou com manteiga de corco. E [se] porceder de cousa fria darselhe a cheirar vinagre em q' se tenha disfeito algum ambar, ou almiscar; e se for de cousa quente darselhe ha a cheirar vinagre destemprado com agoa rozada, e lancarlheam ajudas irritantes. E se proceder de fome, darselheha pam de lo molhado em vinho, ou caldo de galinha, ou marmelada de cumos. E se nem com estes remedios pasar se pode ~~dar~~ samgrar no pe se a vertige⁴⁷ symphatica, e no braco | se for idiopathica. E se proceder de inchem.¹⁰ ou cruezas de estamago se pode dar hum vomitorio de 3 oncas de agoa benedicta, q' he bom. *ita* Mirandela *supra* n. 21.

Perg. 5. como se curaram as vertigens fora dos accidentes. **R** purgariam com estas pirolas tomadas m.^{tas} vezes feitas desta sorte = 2 escropolos de aloes rosada, 10 granos de rezina de jalape, 8 graos de escamoneia sulphurada, mesturado tudo com xarope persico, e facamse pirolas, e dourense; ou vomitorios de agoa benedita de Rulando, ou de vinho emetico, ou com pos de quintilio, ou se purge com os pos de jalapea⁴⁸, e de [di]agridio⁴⁹ de Paracelso, ou com xarope aureo. E cada dia se lhe daram ajudas purgativas, e vntando o ventre com pasas laxantes. E depois de bem purgado tome em jegum chocolate com coatro pingas de espirito de erva doce, e sobre os comeres bebam hua chicara de cha, ou da sua tintura, e nos caldos de galinha lance hua, ou duas colheres de agoa de canela, ou da agoa da Rainha de Hungria, esta agoa tomada na agoa de galinha 15 manhans em jejum he excelente remedio; e o doente q' padece divilidades de estam[a]go pode beber bom binho.

[fl. 163]

E se as vertigens proceder[em] do tempram.¹⁰ sanguineo, sangraseda nos pes se a vertige⁵⁰ symphatica, e se for idiopathica, nos bracos, pr.^o na veia mediana, ou de todo corpo, depois na veia cephalica, e | ultimam.¹⁰ na veia apopletica; e abrir fontes nos mesmos lugares. He bom lavar a cabeça bem rapada com o cozim.¹⁰ de rosas, e marcela, e vntala, e o pescoco com oleo de ruda, de louro, e de castoreo.

⁴⁷ O copista não incluiu uma forma verbal entre o substantivo “*vertige*” e o adjetivo “*sympathica*”, o que também se pode observar no final do fólio 162v. Caso o autor pretendesse usar a 3ª pessoa do singular do verbo *ser* no Presente do Indicativo (“se a vertige he sympathica”), é possível que essa forma se ache fundida com o substantivo.

⁴⁸ Uma vez que, ao longo do texto, o copista alterna entre as formas “*jalapa*” e “*jalape*”, neste passo terá escrito inadvertidamente um híbrido de ambas as possibilidades.

⁴⁹ Aparentemente por haplologia, o autor ignora, em vários passos, a primeira sílaba de “*diagridio*” (vd. também fls. 164v., 166v., 171v., 181, 192v.); o substantivo é registado de modo completo apenas nos fólios 124, 170 e 194.

⁵⁰ Vd. nota 47.

He bom remedio trazer ao pescoco o cristal, os corais, e o alambre; ou trazer atada na cabeça bem rapada a verga de raposo; ou hua capela de folhas de olmo posta na caveca. E sobre todos os remedios o mais singular he o q' fica dito acima no fim do capitolo da gota coral, remedio espicial deste autor, e a dieta he a mesma da gota coral. *ita Mirandela supra a n. 23 ad n. 37.*

capitolo

Das convulsoins, ou pasmo.

[fl. 163v.] 1 **Perg. 1** como se curaram os meninos. **R** q' se lhe vntem as partes pasmadas com vnto de cobra, de pato, e de raposa, e nam melhorando levense a caldas sulphurias; ou se facam huas caldas artificiais feitas desta sorte = tomem duas maos cheias de mangarona, segurelha, salva, poejos, engos, caveca de rosmaninho, neveda, iva artetica, botonica, e 3 maos de baga de zimbro, e de baga de loureiro 2 punhados, de emxofre 3 arateis, de salitre hum aratel cozido tudo em 4 almudes de agoa, 4 maos de baca, e alguas tripas, hua rapoza, 2 ca[*in*]zinhos⁵¹ novos feito tudo | em pedacos, e com este cozim.^{lo} quente se tomaram os vanhos 20 dias. e ao sahir do vanho emxugense com panos perfumados com alfazema, e vntar as partes com oleo de raposa, de minhocas e de louro, e isto tambem he p.^a os adultos depois de purgados. Tambem he bom meter as partes pasmadas en esterco quente de cavalo 20 dias, ou nos dogoladouros dos bois estando quentes. E quando ouver dores se lancara espiritos de trome[*n*]tina em vinho, e depois de bem quente se aplique a queixa, e porq' nace de varios humores, poriso tem varios remedios. vejamse em Mirandela *supra a n. 20 ad n. 41.*

⁵¹ Além da consoante indicativa de nasalidade, acrescentou-se também a letra 'i', uma vez que o autor costuma usá-la na representação do ditongo nasal [ãj], como se atesta na forma "cains", da qual "cazinhos" é diminutivo.

capitolo
Dos Estupores.

1 **Perg. 1** q' cousa he estupor. **R** q' he hua privacam do sentim.¹⁰, e movim.¹⁰ de algua p.^{te} do corpo, ou de todo elle por falta dos espiritos animais. *ita* Mirandela libro 2. cap. 18 n. 1.

[fl. 164] 2 **Perg. 2** qual he a causa dos 'tupores⁵², q' impedem a comunicacam dos espiritus animais do cerebro p.^a as partes paraliticas.⁵³ **R** q' he hua materia q' ob[s]troi, comprime, ou rifrigeria os nervos, ou ductos, pellos quais habiam de passar os espiritos vitais: hesta causa ou sam humores fleumaticos, e frios, como ordinariam.^{te} succede, ou sejam humores serosos, tenues, quentes, ou flatos, e vapores | donde se se empedir toda a comonicacam dos espiritos vitais, chamasse parlesia, e se deixar comonicar alguns, chamasse estupor. Donde a causa comua ñ dos estupores sam os humores lymphaticos, e frios; ou de humores quentes sulphureos⁵⁴, e malencolicos; tambem o sangue extrabasandose pelos poros do cerebro, ou nos principios dos nerbos; tambem o grande frio do ar, ou da agoa pode ser causa congelamdo os espiritos animais; *ita* Mirandela *supra*.

Tambem causa estupores trazer azougue nas maos; o vinho por alevantar ao cerebro humores, q' causam este achaque; tambem pode ser causa de estupores algua frida, curtadura, ou deslocacam de nerbo, ou tomar duro, q' empede a comunicacam dos espiritos animais; tambem pode ser causa de estupor, ou parlesia hua grande paixam distrahindo, e confundindo os espiritos vitais: *ita* Mirandela *supra* a n. 2. ad n.9.

Perg. por honde se conhece este achaque, e de q' humores procede. **R** q' se conhece pella falta e diminuicam do sentimento, ou movim.^{te55} nas partes ofindidas. donde se o estupor for em algua parte⁵⁶ do corpo, o estupor esta nela, e se for na caveca,

⁵² No original, "dostupores", possivelmente espelhando uma realização fonética com elisão da sílaba átona inicial de "estupores".

⁵³ No manuscrito, "Perg. 2 qual he a causa dos 'tupores, q' R impedem a comunicacam dos espiritus animais do cerebro p.^a as partes paraliticas". O copista começou por colocar a letra maiúscula 'R', indicativa de resposta, por baixo da frase "Perg. 2 qual he a causa dos 'tupores"; no entanto, decidiu continuá-la, acrescentando, ainda na mesma linha desta, a seguir a "'tupores", a abreviatura "q'" e, na linha seguinte, abaixo do 'R', que não rasurou, a restante frase da pergunta.

⁵⁴ O autor corrigiu "sulfureos" para "sulphureos", escrevendo as letras 'ph' em cima do 'f' original.

⁵⁵ É muito claro o 'e' final na abreviatura "movim.¹⁰", espelhando, eventualmente, uma realização fonética 'apagada' da vogal. Tal não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

⁵⁶ No original, "parto", com 'o' bem evidente, por provável automatismo de escrita e influência da vogal final da palavra seguinte, sendo que tal não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

esta no cerebro, ou na espinal⁵⁷ medula; e qd.º o estupor for nos pes, ou esta a causa do estupor no fim da espinal medula, e qd.º hum lado todo estiver esteporado, esta a causa na espinal medola do mesmo lado.

[fl. 164v.] | Donde o estupor he legitimo, ~~qd.º~~ causado de h humores frios, qd.º o doente he branco, tardio nas operacoins, e glutam, porq' de comer m.¹⁰ resulta cruexas | ou qd.º der de repente sem secura, e com agrabacam na cabeça. E pelo contrario sera parlezia, ou estepor puro, qd.º o doente he de temperam.¹⁰ quente, colerico, ou malencolico, adusto, vermelho do rosto, tendo vsado de alimentos quentes, ou feito exercicios dimesiados, ou se antes sentisse pelo corpo algum formigueiro; e se proceder do sangue, se conhecera pelo⁵⁸ enchimento delle; e se proceder por causa externa se conhecera pella relacam do doente. *Ita Mirandela supra a n. 10 ad n. 16.*

Perg. 3 como se curam as parlazias, ou estupores legitimos, q' tem mais ma cura. **R** q' he purgar logo, logo com 2. outavas de jalape, e 10 graos de [di]agridio de paracelso, e se repetira ao menos no seisto dia depois de ter dado o estupor; e rarisimas vezes se debem samgrar, e depois hir as caldas sulphurias; e se nam puderem hir as caldas tomaram banhos de erbas capitais com enxofre como acima dixemos, ou ~~meterse em bagacos, ou tomar vanhos de vinho mosto, porem~~ pondo hum sesto sobre a bacia, e cobrindose bem tomara aqueles bafos; emq.¹⁰ tiver qualor a agua, e depois limpase ha com panos quentes, e se deitara em cama quente meia hora.

[fl. 165] | E nas partes paraliticas se untaram com hum engoento feito desta sorte = huas folhas de salba, de mangarona, de engos, depois de pisadas, e esprimidas, o cumo se metera dentro de hua panela vidrada com massa pam tudo bem mexido, tapada⁵⁹ | bem a panela se cozera no forno, depois de exprimidos juntandolhe outro tanto de tutanos de baca se fara o emgoento: he bom remedio cozer hua rapoza athe se desfazer, e tirar a gordura, q' estiver sobre a agoa, tambem o vnto de viveras, de cobras, ou de gato, ou os oleos de hipericam, de marcela, de sabugo, de asucena, de louro, de ruda, de rapoza, de castoreo, de eusorbio, de cantharidas⁶⁰ com algumas pingas de espirito de vinho, ou de agoa ardente. Tambem se molharam panos quentes em agoa ardente e pondoos nas partes esteporadas.

⁵⁷ O autor começou a registar “*espinha*”, mas emendou para “*espinal*”, colocando a letra ‘a’ em cima do ‘h’ e escrevendo o ‘l’ logo de seguida.

⁵⁸ No original, “*pela*”, com ‘a’ bem evidente, o que não se repete ao longo do manuscrito.

⁵⁹ No códice, o copista repetiu a última palavra do fólho 164v. no início do fólho 165.: “*tapada | tapada bem a panela*”.

⁶⁰ O autor fez a translineação da palavra separando ‘cant-’, numa linha, e ‘haridas’, na seguinte.

Remedio otimo he este = hum punhado⁶¹ de erba de salva, mangarona, ortelam, erva paralitica, e duas outavas e meia, de spiga de nardo, acafram, carpo balsamo, samgue de drago, incenso, mumia, opproponas, bdellio, bejoim; desfeito tudo em po e mesturado com 5. oncas de tromentina, e depois de estilado no lambique sahira pr.^o hua agoa, depois hum oleo, e no fim ficara hua materia crasa, q' he o balsamo, com q' se untara. Tambem sera bom castigar as partes esteporadas com ortigas verdes athe q' tome cor rubra. E tomando m.^{tas} manhans 3 ou 4. pingas o sal volatil de ponta de viado, o espirito de alambre, ou sal de forrugem, ou o spirito de sal armoni[a]co, em chocolate, ou tintura de cha; e o melhor he vsar todos os dias tomar em chicolate quantid.^e ~~de ambar~~ de 3 ou 4. gramos de ambar⁶².

[fl. 165v.] **Perg.** de q' pode⁶³ comer o doente. **R** de galinha, capam, carneiro, de caca do monte, q' nam seja lebre, vsando de mostarda, pouca carne de porco, | q' nam seja fresca, podem comer pasas, nozes, e tambem doces, so nam podem comer peixe, arroz, ortalica, letocinios⁶⁴, e de beber vinho, o pam q' comer seja amasado com erva doce, ou semente de funcho, veva erba cozida com canela, ou erba doce, a noute comer pouco, e de dia fazer exercicio *ita* Mirandela *supra* a n. 22 *ad* n. 41.

Perg. como se curaram os ~~humor~~ estopores puros⁶⁵, por procederem de calor, e secura. **R** se samgrara, o q' for necessario, e vsandose de ajudas de leite de baca; e depois 3. ou 4 meses vevera leite de burra hum, ou dois cartilhos, nam comendo, nem bibendo⁶⁶ ao depois 4. horas e no leite se lancara hums pos de acucar; ou soros de cabras, ou ~~xaropes~~ xaropes de frangos recheados com raizes de borragem com pos de acucar, usarse⁶⁷ ha de banhos de agoa tepida, e he bom hir as caldas, e nam se purgara, e tera a mesma dieta, q' na convulsam de causa quente⁶⁸ *ita* Mirandela *supra* a n. 42 *ad* n. 46.

⁶¹ O autor fez a translineação da palavra separando 'pun-', numa linha, e 'hado', na seguinte.

⁶² No original, "*tomar em chicolate quantid.^e de ambar de 3 ou 4. gramos de ambar em chicolate*".

⁶³ No manuscrito, "*podem*".

⁶⁴ Nunca se regista, no manuscrito, a forma *laticínios*, mas apenas, no fólho 169v., outra variante, "*latocínios*".

⁶⁵ Na obra impressa de Mirandela, "*espurios*".

⁶⁶ O autor corrigiu "*vivendo*" para "*bibendo*", formando cada letra 'b' a partir dos 'v' iniciais.

⁶⁷ No original, "*ursarse*", por possível automatismo de cópia e influência da vibrante da sílaba seguinte.

⁶⁸ O autor fez a translineação da palavra separando 'que-', numa linha, e 'nte', na seguinte.

Capitolo Da inflamacam dos olhos

[fl. 166] **Perg.** q' cousa he inflamacam dos olhos. **R** q' he hua inflamaçam da tunica adunata, com dor, com rubor, e com ardor dos olhos=. **Perg.** qual he a causa dela. **R** q' he o sangue ou por [ser] m.^{to}, ou por ser olioso sulphureo, e colerico, ou por aver nelle acidos pungentes; porq' qd.^o o sangue he m.^{to} enche as veias da tunica adnata | e poriso nam so [estaram]⁶⁹ os olhos, mas tambem toda a cara vermelha, e a dor nam sera grande, e quando for a [in]flamacam por causa de aver no sangue particolas acres, e mordazes⁷⁰ ofende as tunicas dos olhos, e poriso nam estando os olhos m.^{to} vermelhos, seram as dores m.^{to} grandes, com picadas nelles, o sangue q' emflama os olhos ou corre por veias⁷¹ exteriores, qd.^o a dor, tumor, e pulsacam na testa, e fontes, ou por veias interiores, qd.^o ha proido no ceo da boca, e nariz, e expirrar⁷² m.^{tas} vezes. Tambem o[s] ares⁷³, os ventos, o fumo, o po, ou outras contagiosas, sam causa da inflamacam dos olhos. Este mal deve se logo curar, p.^a q' nam cause dano irreperavel a vista, nos meninos pela m.^{ta} humid.^e, e nos velhos pellos m.^{tos} excrementos he mais mao de se curar: *ita* Mirandela lib. 2. cap. 19 a n. 1 ad n. 19.

Perg 2. como se curaram a inflamacam dos olhos nos meninos. **R** ~~lavandolhe a m~~ lancandolhe a may nelles o leite dos peitos m.^{tas} vezes, lavandoos com agoa borna⁷⁴ cozida de murta, ou de funcho, ou de flor de sabogueiro; e se nam pasar lancarlheam sanguexugas detras das orelhas; e abrirlhe fontes nos bracos do lado imflamado, q' sam m.^{to} boas aos meninos, e as mais nam beberam vinho, e comeram galinha, carneiro, ou vitela: *ita* Mirandela *supra* a n. 20 ad n. 24.

Perg. como se curaram os adultos das inflamacoins dos olhos. **R** q' pr.^am.^{te} o doente estara no lugar escuro, com os olhos fechados, e logo se samgrara no

⁶⁹ Na obra impressa de Mirandela, “naõ sómente *estaraõ* os olhos vermelhos (...), mas tambem toda a cara”.

⁷⁰ No manuscrito, “mordazer”, por possível automatismo de escrita e influência da vibrante da primeira sílaba.

⁷¹ Talvez devido à semelhança entre os vocábulos, e por escrever frequentemente a palavra “veia(s)” ao longo do manuscrito, o copista registou essa forma em vez de “vias”, presente em Mirandela. O mesmo volta a suceder na linha seguinte, em “veias interiores”, e no fôlio 179.

⁷² O autor corrigiu “expirar” para “expirrar”, escrevendo as letras ‘r’ e ‘a’ em cima do ‘a’ e ‘r’ originais e acrescentando, de seguida, o último ‘r’.

⁷³ O copista começou por escrever “o ar”, acrescentando posteriormente o morfema ‘-es’ à segunda palavra; no entanto, não acrescentou o ‘s’ de plural no artigo definido.

⁷⁴ Ao longo do manuscrito, o autor regista repetidamente as formas dissimiladas “borna” ou “borno” (vd. também fls. 180, 188v., 189v., 193, 197), em alternância com “morna” ou “morno”. Na obra de Mirandela, apenas se atesta a última possibilidade.

[fl. 166v.] braco da p.^{te} | inflamada na veia de todo o corpo, e havendo supresam de mestros⁷⁵, ou almorreimas seram as samgrias nos pes, ou lancarlhe sanguexugas nas veias hemorrhoidas⁷⁶, e o melhor he logo sangrar nos pes, do mesmo lado asim a mulheres como a homens, e depois se purgara com este purgativo = 30 treze granos de resina de jalapa, meio escropolo de [di]agridio sulphurado, desfeito em 4. oncas de amendoada de pavidas de melam, e malancia = e se nam parar abriseham fontes hua no braco da parte da inflamacam, e outra no pe da outra p.^{te}.

E quando as dores nam forem m.^{to} grandes nos 3. pr.^{os} dias, e depois podese por nos olhos, lavandoos com agoa quente, leite de peito mungido nos olhos, e sendo de vaca sera morno, e estara pouco tempo nos olhos: p.^a temperar a dor dos olhos he bom leite fervido com dormideira, flores de sabugeiro, e linhaca galega, ou vater a clara do ovo cru athe ficar em agoa convertida, e applicala asim aos olhos: ou bater bem huma clara de ovo com hum bocado de pedra hume em hum prato de estanho, athe q' fique como ingoento, o coal se estendera sobre hum pano, e se applicara quente nos olhos, e tirarse ha pasado duas horas, e tomarse ha por varias vezes.

[fl. 167] E se a inflamacam vier de acidos q' piquem os olhos, se vsara deste remedio = 6 oncas de agoa de tanchagem, ou de rozas, hua outava⁷⁷ de pos de aliofar e masturandosse, e pasando 4. horas coese a agua por hum pano de linho, e goardesse, e com esta agua se lavaram os olhos | lancando neles algumas pinguinhas com hua pena. E nas fontes, ~~porse ha~~ e testa do doente se pora o cumo de ortigas mesturado com farinha de trigo, e vinagre forte [por]⁷⁸ emprasto, e renovandoo antes q' seque: ou o cumo de tanchagem com clara de ovo; ou se faca hum emprasto desta forma.

Huma outava de balsamo armenio, de sangue de drago, incenso, almacega, meia onca de vinagre rozado, com hua clara de ovo. Mas antam nam se pora nada nas fontes, nem na testa do doente. E pasados os pr.^{os} dias da inflamacam se prepararam os collirios com agoa de Eufragia, de funcho, de cilidonia, e com mucilagens de semente⁷⁹, linhaca, e alforvas, p.^a se nam formar nevoas nos olhos: ou o cosim.^{to} das alforvas feito em agua de tanchagem.

⁷⁵ Na obra impressa de Mirandela, "*menstruo*", sem a redução de *ns > s* e a crase das vogais finais, presentes no manuscrito. Vd. também fólio 183v.

⁷⁶ Vd. nota 9.

⁷⁷ O autor emendou "*outaba*" para "*outava*", escrevendo a letra 'v' em cima do 'b'.

⁷⁸ Ao longo do texto, é comum a expressão "por por emprasto".

⁷⁹ O autor fez a translineação da palavra separando 'seme-', numa linha, e 'nte', na seguinte.

E hindose a inflamacam diclinando he otimo este remedio = huama onca e meia de tutia bem preparada, huma outava de alcanfor, tudo mesturado e feito em po tam sutil, q' fique inpalpavel; o melhor = 12 gramos de verdete, e feitos em po, e tomem hua onca de manteiga crua de baca, meia onca de agoa rosada, e ponhase ao lume brando, e depois de huma lebe frebura⁸⁰ tiremse do lume, lancese por partes na manteiga, e pos de tutia, e alcanfor, e depois pos de verdete por partes mexendose em vaso de bidro, e pasase por pano de seda, e vntarse ha as capelas dos olhos pela p.^{te} de fora, pondo hum bocadinho nos cantos dos olhos junto ao naris, ao deitar na cama muntas noutes.

[fl. 167v.]

Hum obo cozido athe estar duro | e partido em duas ametades, aplicando⁸¹ quente aos olhos m.^{tas} vezes tira o rubor delles; ou agua de funcho tem grande virtude p.^a resolver o humor dos olhos.

P.^a librar de inflamacoins dos olhos⁸² he bom lavar todos os dias com agoa fria, em q' fose cozida murta: ou com agoa cozida com folhas de marmeleiros colhidas na primavera sem ter estado ao po, nem estarem comrumpidas.

Perg. de q' deve comer o q' asim estiver doente. comeram caldos de galinha, ou de frango com miolo de pam tam disfeito, q' se pase sem mastigar, fugir de salgado[s], de carne de porco, nem⁸³ de leite, mel, assucar⁸⁴, ou de qualquer doce, nem beber binho, so pasados alguns dias se podera veber temperado aos comeres. esta dieta he por hum mes. *ita* Mirandela *supra* a n. 20 *ad* n. 52.

Capitolo das nevoas dos olhos.

1 **Perg. 1:** q' cousa he nevoa dos olhos. **R** q' he hum crasimento da treceira tunica Cornia⁸⁵ causado de humores, tenues, ou crasos, com q' se impede o transito das especies visiveis as partes, em q' se forma a vista. As nevoas nos mininos sam faceis de se curar, nos velhos sam incuraveis, e nos adultos sam dificeis de se curar: *ita* Mirandela lib^r 2. cap. 21, a n. 1, *ad* n. 5.

⁸⁰ O autor corrigiu “frevura” para “frebura”, formando a letra ‘b’ a partir do ‘v’ inicial.

⁸¹ Na obra impressa de Mirandela, “aplicado”. É possível que, no manuscrito, “aplicando” evidencie crase desta forma verbal com o pronome pessoal átono “o” (“aplicando-o”).

⁸² O copista fez a translineação da palavra separando ‘ol-’, numa linha, e ‘hos’, na seguinte.

⁸³ A forma “nem”, intrusa na estrutura do texto manuscrito, faz sentido se atentarmos na construção usada na obra de Mirandela: “naõ uzaráõ de mostarda (...); **nem** de leite, mel, assucar”.

⁸⁴ No original, “a / assucar”. O autor começou a escrever, no final da linha, a palavra “assucar”, reescrevendo-a integralmente na linha seguinte.

⁸⁵ No manuscrito, “hum crasimento **da tunica** da treceira tunica Cornia”.

[fl. 168] 2 **Perg^{<erg>}⁸⁶ 2.** como se curara as nevoas nos olhos aos meninos. **R** q' primeiramente se lhe | abriram detras das orelhas huns causticos, e depois de abertos ao coa^{<r>}⁸⁷ dia por diente de duas em duas horas se lancara no olho da nevoa huas pinguinhas de cumo de celidonia em q' se tenham mesturado huns pos sutilisimos de assucar cande tam muidos, ~~q'~~ q' se nam sintam entre os dedos. e se continuara este remedio athe se resolver a nevoa: ou este remedio q' he bom = 3. oncas de agoa de funcho, outras 3. de agoa rosada, e hum a outava de pos subtilisimos de aliofar tudo bem mesturado = ou lancar m.^{tas} vezes nas nevoas dos meninos huas pingas de agoa, e mel bem mesturado: *ita Mirandela supra a n. 5 ad n.8.*

3 **Perg 3.** como se curaram as nevoas dos olhos nos adultos. **R** q' se for pessoa q' ja tivesse excrementado dantes padecer nos olhos inflamacoins, entam antes q' se lhe aplique remedios p.^a desfazer as nevoas se curara como acima dixemos, e depois, e nas pessoas q' nam tivessem nunca padecido queixa nos olhos se lhe aplicaram estes remedios = cozanse raizes de malvaisco, e malvas com rais, folhas de loureiro, de eufragia, funcho, celidonia, flores de marcela, croa de Rei, semente de alforvas, linhaca galega, de todas estas cousas a quantid.^e que quizer, estando bem cozidas, tirada a panela do lume, cobrindose com hu[m] funil com o bico p.^a cima se pora ao pe dele o olho aberto p.^a receber o vapor⁸⁸ q' sahir da panela, o tempo q' se puder sofrer, depois se emxugara com hum pano quente e logo se lancara na nevoa os pos extergentes de Mirandela lancados em cumo de celedonia q' tudo bem mexido se lancara cada ves 3, ou 4. pingas no olho aberto; a receita do dito oleo he a seguinte.

[fl. 168v.] Duas outabas de assucar cande, e tutia preparada, outaba, e meia de osso de ciba, de escremento de menino preparado 2 escropolos, meia outava de sal armoniaco, e preparada cada cousa a parte, depois se juntaram todas; ou se vsara deste remedio seguinte lancando cada ves duas pingas, repetindoas duas outras vezes no dia, a coal receita he esta = 3 oncas de ouro adulterino cortado miudam.^{te}, lancado em hua libra de binho branco em vaso de vidro⁸⁹ tapado com lodo, ponhase de dia ao sol, e de noute em borrarho, athe q' tome a cor de esmeralde = e depois do dito oleo, se lavara o olho com leite, ou agoa morna.

⁸⁶ Letras acrescentadas por cima da linha, devido a uma mancha de tinta que impossibilitava a leitura nítida das mesmas no local original.

⁸⁷ O autor começou por registar a palavra “*coatro*”. De modo a emendar para “*coarto*”, acrescentou a letra ‘r’, por cima da linha, entre as letras ‘a’ e ‘t’, e desenhou um ‘o’ sobre as duas últimas letras da palavra inicial.

⁸⁸ O autor corrigiu “*bapor*” para “*vapor*”, escrevendo a letra ‘v’ em cima da sílaba ‘ba’ e continuando, de seguida, a registar o resto da palavra.

⁸⁹ O autor emendou “*bidro*” para “*vidro*”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

<p.^a chagas.<->⁹⁰

E quando as neboas nam sam antigas basta m.^{tas} vezes, hum menino, ou menina, ou qualquer pessoa estando em jegum mastigando funcho, ou ruda, ou folhas de loureiro bafigar no olho, e depois tocalo com a lingoa. ou asucar branco lancado em agoa cozida com funcho labando o olho. ou lancar flores de alecrim lancandoas em hua garrafa de bidro cheia de agoa e tapandoa bem, e pendurala ao sol em hua parede, athe⁹¹ q' se veja dentro hum liquor, q' he o oleo q' de si lanca. Tambem he excelente remedio o excremento humano de menino sam e robusto lancado em agoa cozida com funcho, ou no cumo delas.

E os doentes poderam comer ~~de tudo se~~ <e tudo↑>⁹², so se libraram de comer peixe, ortelici, principalm.^{te} alfaces⁹³, e librase de especias, so pode vsar de canela⁹⁴, isto se entende emq.^{to} se nam tirar a neboa. *ita* Mirandela *supra* a n 9. *ad* n.24.

[fl. 169]

Capitolo

Das dores nos ouvidos.

Perg. 1 como se curaram os meninos q' mamam deste mal. **R** q' logo lhe lancaram no ouvido doloroso a mai, ou ama q' os cria leite de peito deitando com esse ouvido p.^a cima, e pasando meia hora, se pora o ouvido p.^a vaixo p.^a lancar fora algum leite q' tiver, e asim se hira fazendo athe ver se abranda; e qd.^o nam se lhe lancara no ouvido m.^{tas} vezes o cumo de tanchagem tepido. ou cumo de cebola morno com leite de peito da may, e nam pasando lhe lancaram 2, ou 3 sanguexugas detras das orelhas, ou nas arterias temporais; *ita* Mirandela lib. 2. cap. 25. a n. 1 *ad* n. 11.

Perg. 2 como se curaram os adultos. **R** q' he logo logo samgrase no braco da parte da dor na veia commua, e se for mulher q' nam tenha a evacuacam mensal, se samgrara no mesmo tempo no pe, fazendo pausas a sangria; e no ouvido se lancara leite de peito de mulher sam, mungido no mesmo ouvido. E se a dor nam acabar, tomese este emprasto aplicado com calor moderado ao ouvido, q' se fas desta sorte, = asesse hua cebola bem asada, 2. oncas de manteiga crua de vaca⁹⁵, huma onca de oleo rozado,

⁹⁰ Anotação acrescentada na margem esquerda, junto às linhas em que é descrita a segunda receita presente no primeiro parágrafo do fólho 168v., ou seja, aquela que se inicia em “3 oncas de ouro adulterino (...)”.

⁹¹ No manuscrito, devido à translineação, “athe / athe”.

⁹² Letra e palavra acrescentadas por cima da linha, reescrevendo o texto original que ficara manchado com tinta.

⁹³ Reproduzem-se de forma integral as palavras “*principalm.^{te}*” e “*alfaces*”, apesar de uma mancha de tinta ter ocultado parcialmente algumas das suas letras.

⁹⁴ Na obra impressa de Mirandela, “*açafraõ*”.

⁹⁵ O autor corrigiu “*baca*” para “*vaca*”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

outra de oleo de marcela, hum escorpulo de acafram, tudo bem pisado, e masturado bem, se faca o emprasto = ou cumo de aruda mesturado com samgue de emguia; tambem he bom remedio.

[fl. 169v.] E na cura se lancaram ajudas de gerepiga, benedita laxativa em caldo de frango cozido, com malvas, e cevada, tempera[n]do cada ajuda com acuquar | mascabado, e se nam pasar a dor se lancaram ventosas desd'os⁹⁶ pes athe os hombros, e porseham 7, ou 8 sanguexugas detras da orelha delerosa; e se nam pasar a dor se dara hum vomitorio.

E se a dor dos ouvidos nacer de flatos, q' he qd.^o nos ouvidos ha tonido, e nam sam continuas, se lancara no ouvido huas pingas de oleo de marcela, ou de ruda, ou de salva destilada, ou de alecrim com agoa ardente. Pode o doente comer toda a caca de monte excepto lebre, mas se debe libra[r] de peixe, e hortelice, e beber agoa com pao de aroeira, ou pao santo. *ita Mirandela supra a n. 7. ad n. 22.*

Perg. 3 como se curara o difluxo de materia nos ouvidos dos meninos. **R** q' se lhe ali[m]param com hua mecha seca, e depois se lancara dentro do ouvido agoa mesturada com mel tepida, e pasado hum⁹⁷ coarto de hora se lhe pora o ouvido p.^a vaixo, p.^a sahir p.^a fora, e a noute se lhe metera hum mecha molhada na dita agoa, e tirarlha pella manham, e se suspender o tal difluxo se lhe metera no ouvido huas gotinhas de oleo destilado de Marcela, p.^a q' continue; e a may se librara de ortelice, peixe e latocinios⁹⁸. *ita Mirandela lib. 2. cap. 24, n 5. et 6.*

[fl. 170] **Perg. 4.** como se curara o difluxo de materia nos ouvidos dos adultos. **R** q' se proceder de sangue como he se ouver dores nelles, e pruido se samgrara no braco na veia de todo o corpo, so as mulheres q' tiverem supersam de meses, q' entam se samgrara no pe. E se o difluxo for causado de linphaticos frios, como he qd.^u as dores | nam forem grandes, se sangrara, e depois se purgara com 13 gramos de rezina de jalape, e 12 de diag[r]idio de parcelso, e 3 oncas de emulsam de sementes frias, e depois tomar banhos de caldas sulfurias, ou tomar suores, de pao santo, salsa parrilha, raizes da china, e nam secando se abriram fontes nos bracos. E ~~a~~

E a mesma cura se fara qd.^u for causa do defluxo a humid.^e da cabeca⁹⁹, ~~he~~ q' he qd.^o as dores nam sam grandes, sera a mesma cura, trazendo na caveca hum barrete bermelho, e por dentro pos de salba, mangarona, alecrim, rozas vermelhas,

⁹⁶ No original, “*desdos*”, podendo evidenciar uma realização fonética com elisão da vogal final da preposição “*desde*”. Vd. também fôlio 170.

⁹⁷ No manuscrito, “*huam*”.

⁹⁸ Nunca se regista, no manuscrito, a forma *laticínios*, mas apenas, no fôlio 165v., outra variante, “*letocinios*”.

⁹⁹ No original, “*qd.^u for causa do defluxo for a humid.^e da cabeca*”.

canela, erba doce; e se tomara vanhos de agoa tepida; e o ouvido sempre se alimpara com mel, e coarta parte de agoa tepida. E o doente na dieta se librara de comer peixe e ortalice, e podera comer asado toda a casta de aves, ou caca, exceto lebre, e bebera agoa cozida com pao santo, e se ~~proceder~~ o defluxo for quente vevera agua cozida com raiz de almeiram, ou com folhas de fragaria. *ita* Mirandela *supra* a n. 7. *ad* n. 15.

Perg. 5. como se curara a inflamacam dos ouvidos, q' he qd.^o o ouvido esta quente, e vermelho, e a face, e fonte do mesmo lado. **R** que os meninos se samgraram no braco da mesma p.^{te}, ou lancar samguexugas detras da orelha, e no ouvido doloroso lancarlhe cumo de tanchage, e lancarlhe repetidas ventosas desd'os¹⁰⁰ pes athe as 'padoas¹⁰¹.

[fl. 170v.] E os adultos se curaram, logo logo samgrando no braco da mesma p.^{te} na veia comua tres vezes cada dia o q' for necesario fazendo pausas na sangria, porq' este | m.^{tas} vezes mata ao septimo dia, e nam secando se lancaram sanguexugas nas arterias temporais; e no ouvido se lancara huas pinguinhas do cozim.^{to} feito asim = hua mam cheia de folhas de golfoins, de violas, de salgueiro, e 3 punhados de flores de sabugueiro, de marcela, de croa de Rei, tudo bem cozido em agoa athe se desfazer, depois bem expremido, e estando¹⁰² brando espresesse, e do licor q' dele sahir, se lanca no ouvido as pinguinhas.

E se a inflamacam for supporando, q' se conhece qd.^o for a dor maior¹⁰³, maior febre, e maior pulpusam¹⁰⁴ no ouvido, farse ha hum emprasto desta forma = meolo de pam branco cozido em leite de cabras athe se desfazer, lancaselhe 2. gemas de ~~obos~~ ovos, hum escorpolo de acafram, huma onca de oleo rozado; e quente o emprasto se pora no ouvido; ou cozerse figos secos com leite, e pisolos com manteiga, e por o emprasto no ouvido. E principiando a deitar o ouvido se pora na cama p.^a vaixo, e p.^a o alimpar se lhe lancara humas pingas de mel rosado mesturado com agoa cozida com cevada.

Pode o doente comer no principio frango cozido, alface, ou abobera, e depois de alguas samgrias comera galinha, franga, cabirto, ou vitela, e beber agoa com cevada, e nam comer peixe. *ita* Mirandela lib. 2. cap. 26., e a resp.^{to} das chagas dos ouvidos vejase o capitulo 27.

¹⁰⁰ No manuscrito, "desdos". Vd. nota 96.

¹⁰¹ No original, "aspadoas", possivelmente espelhando uma realizaco fonética com elisão da sílaba átona inicial de "espadoas".

¹⁰² No manuscrito, "enstado".

¹⁰³ No original, "qd.^o a for a dor maior".

¹⁰⁴ Na obra impressa de Mirandela, "pulsaco".

Capitolo Da surdes dos ouvidos.

[fl. 171] ~~eome~~ **Perg 1.** como se curara a surdes nos letantes. **R** q' se purgaram com 8 granos de rezina de jalape¹⁰⁵, na quantid.^e q' convem, e logo abri lhe fonte no braco esquerdo, e dandolhe nos ouvidos o vapor do cozim.¹⁰ de mangerona, folhas de loureiro, marcela, tudo cozido a lume¹⁰⁶ brando sem q' levante ferbura, e haverá cuidado em alinpar os ouvidos, e neles se lancara oleo de ortelam tepido, ou de marcela, ou de ruda¹⁰⁷ temperado como avai xo diremos: *ita* Mirandela lib. 2. cap. 28 a n. i2 ad n. i5.

Perg. 2. como se curaram os adultos. causada de humores lymphaticos, q' se conhecera, qd.^o ouver peso na caveca, e ~~o sujeito~~ o doente sujeito a fluxoins pituitosas. **R** q' pr.^amente se purgara com 3. oncas de agoa benedicta, de Rulando, ou 2. oncas de vinho emetico, ou 15 granos de pos de quintilio. E se o doente estiver m.¹⁰ cheio de sangue se samgrara no braco na veia commua, ou nos pes, naquelas mulheres q' nam tiverem ebacuacam de sangue mensal. Depois tomara por cada ves 4 oncas, e meia, e hua onca de xarope Regio, Persio¹⁰⁸, ou aureo em dias alternatibos¹⁰⁹ f cuja receita he esta.

Meia onca de rais de enula campana, de junca, de angelica, ou zedoria¹¹⁰, hua mao cheia de erba cidreira, mangarona, poejos, e betonica, hua outava de folhas de funcho¹¹¹, erva doce, alcasus raspado, e pasas sem gravlo de cada cousa hua onca, 2 oncas de folhas de sene limpa borrifada com agoa ardente, 2 oncas¹¹² de semente de carthamo¹¹³, e hua onca de polipo¹¹⁴ fresco de carvalho, 3 outabas de agarico

[fl. 171v.] trosciscado, hermodatiles, | hua outava de gengibre, e cravo da India, hum punhado de

¹⁰⁵ O autor emendou “galape” para “jalape”, formando a letra ‘j’ a partir do ‘g’.

¹⁰⁶ No manuscrito, “lumo”, com ‘o’ bem evidente, o que não volta a ocorrer ao longo do texto.

¹⁰⁷ No original, “rudo”, com ‘o’ bem claro, sendo que tal não se repete ao longo do manuscrito.

¹⁰⁸ Na obra impressa de Mirandela e nas restantes atestações da palavra no manuscrito, “persico”.

¹⁰⁹ Na obra impressa de Mirandela, “repitaõ-se metendo algus dias de descanso”, ou seja, *dias alternados* e não *alternativos*. O copista volta a escrever esta forma noutro passo (vd. fl. 194) em que Mirandela registou explicitamente “alternados”.

¹¹⁰ Na 3ª edição da obra impressa de Mirandela, também “zedoria”; no entanto, nas 1ª e 2ª edições, surge a forma regular “zedoaria”.

¹¹¹ Na obra impressa de Mirandela, “semente de funcho”.

¹¹² Na obra impressa de Mirandela, “huma onça”. O autor do manuscrito poderá ter confundido esta informação com aquela que foi atribuída ao ingrediente anterior, o que terá sido facilitado pelo facto de o texto do médico exhibir uma diferente estrutura de enunciação dos elementos da receita e respetivas quantidades: “folhas de sene limpa, e borrifada com agoa ardente, duas onças, semente de carthamo, e polipodio fresco de carvalho, de cada cousa huma onça”.

¹¹³ O copista começou por escrever “cartamo”, mas corrigiu para “carthamo”, escrevendo a letra ‘h’ em cima do ‘a’ e acrescentando, de seguida, as restantes letras da palavra.

¹¹⁴ Na obra impressa de Mirandela, “polipodio”.

flor de rosmaninho, de alecrim, e de salba¹¹⁵; tudo cozido athe ficar em 18 oncas, e coandose se lancara 4 oncas de acucar branco, e pos¹¹⁶ de canela.

E depois se purgara com estas pirolas tomando cada ves escropolo, e meio, cuja receita he a seguinte = meia outava de oleo rosado, 8 gramos de resina de jalape, e outros 8. de gutagamba correcta, 6. grans de [di]agridio sulphurado, e feito em pirolas de escropolo e meio, e douraseham, e sam boas porq' purgam suabem.^{1e}.

<se[r]ve [p.]^a todos [os] achaques [d]a caveca, entranhas, e juntas, e do vtro.←>¹¹⁷

E depois se tomara o segu[i]nte purgativo, p.^a purgar pelos narizes¹¹⁸ a rreceita he esta = 3 outabas de tabaco de po, hua outaba de pos de folha de botonica, 2 escropolos de heleboro branco, 4 gramos de ambar branco¹¹⁹, feitos cada cousa em po, e no fim se me[s]ture tudo = tomados pela manha, e de tarde 5. horas depois de comer.

Tambem he bom este = mastigar meia¹²⁰ hora pela manha em jejum as cascas da rais de funcho, e¹²¹ he bom nos defluxos pasando tres dias. E p.^a os sujeitos a difluxos na gargante he bom este remedio, = 3 outabas de tabaco de po, huma outaba de pos de folhas de betonica, 2. escropolos de helleboro branco, 4 grans de ambar; cada cousa feita em po, e depois se mesture. E se abriram fontes nos bracos, e nam pasando a surdes, tomese banhos de caldas de sulfurias metendo a cabeça coberta com esponjas a maneira de coufa na agoa, ~~ed.º sai de~~ no mesmo cano por onde | sahi.

[fl. 172]

<na difluxo.←>¹²²

¹¹⁵ No original, “*hum punhado de flor de rosmaninho, de alecrim, e de salba de cada cousa hum punhado*”.

¹¹⁶ No manuscrito, “*bos*”. Embora o copista troque com frequência ‘m’ por ‘b’ na forma “*morno*”/“*borna*”, a troca de ‘p’ por ‘b’ não volta a ocorrer ao longo de todo o texto.

¹¹⁷ Anotação registada pelo autor na margem esquerda, junto às linhas em que é descrita a receita presente no primeiro parágrafo do fólio 171v., ou seja, aquela que inicia em “*meia outava de oleo rosado (...)*”. Acrescentámos alguns grafemas devido a uma mancha de água na margem do fólio que apagou partes da nota do autor, excetuando o primeiro grafema acrescentado, que se deve a gralha do copista. O autor fez a translineação da palavra “*juntas*” separando ‘ju-’, numa linha, e ‘ntas’, na seguinte.

¹¹⁸ No original, “*p.^a purgar pelos narizes f a rreceita he esta*”. Parece que o autor ia escrever algo habitual como “feito desta sorte [o purgativo]”, mas, acabando por abandonar o ‘f’ já registado, sem o rasurar, optou por escrever “*a rreceita he esta*”.

¹¹⁹ Na obra impressa de Mirandela, apenas “*ambar*”. Aparentemente, o copista terá repetido o adjetivo atribuído ao substantivo anterior (“*heleboro branco*”), por inadvertência ou automatismo de cópia.

¹²⁰ O autor fez a translineação da palavra separando ‘me-’, numa linha, e ‘ia’, na seguinte.

¹²¹ No manuscrito, “*he he bom*”. Visto que aparenta tratar-se de automatismo de cópia, antecipando a forma seguinte, e que surgem apenas dois casos de utilização de “*he*” por “*e*” em todo o texto (vd. também fl. 174), alterámos a forma original, de modo a facilitar a leitura.

¹²² Anotação acrescentada na margem esquerda, junto às linhas em que é descrito o remédio presente no primeiro período do terceiro parágrafo do fólio 171v., ou seja, aquele que se inicia em “*mastigar meia hora pela manha (...)*”.

E no fim p.^a corroborar a cabeça facase hua carapusa vermelha por dentro tambem estofada de algodam con os segu[i]ntes pos – hua mam cheia de folhas de salva, e de botonica outra, meia onca de rais de peonia, dois punhados de flores de rosmaninho, outro de alecrim¹²³, outro de salba, e outro de rosas vermelhas, hua outava de¹²⁴ incenso, outra de almacega, outra de nos nosgada, e meia outaba de bejoim, = feito tudo em po, e mesturado depois tudo.

Remedios topicos.

De aruda, salva, ortelam, ourego[in]s¹²⁵ de cada cousa hua mam cheia, hua onca da rais de malvaisco, de flores de marcela, de alecrim, de rosmaninho de cada cousa 2 punhados, meia onca de linhaca galega, 3 outabas de canela – lancado tudo em binho branco quanto baste, 24 horas em cinsa quente, mas q' nam levante ferbura, e depois se recebera o fumo nos ouvidos. e depois alimpando os ouvidos com panos quentes perfumados com salba, e alecrim se lancara 2, ou 3 pingas de olio destilado de aruda, ou de marcela, e se fara 2 vezes este remedio cada dia, os ouvidos andaram tapados com algodam com hum gram de almiscar.

Este remedio he bom = ratinhos a pouco nacidos ahinda sem pelo cortados bem mevdos, lancados em azeite, e fervendo bem, e depois se coara, espremera, e deste oleo se lancara varias vezes huas pingas nos ouvidos ou os obos das formigas pisados, e masturados com cumo de cebola, e deste se lancara huas pi[n]gas nos ouvidos, ou agoa destilada de cardo santo.

[fl. 172v.]

Ou rins de carneiro feitos em bocadinhos logo q' si tirarem, e ~~esperma~~ distilados lancam hua agoa, esta se mesturara com igoal quantit.^o de agoa ardente; ou vinagre forte cozido com esterco de pombos de coatro, em coatro dias, lancando 15 dias huas pingas nos ouvidos.

E sobre todos os remedios he este = de folhas de salba, ortelam, alecrim, mangarona de cada cousa hua mao cheia, meia onca de heleboro branco, de flores de alecrim, de rosmaninho, de salva, de marcela, de cada cousa 6 pugilos, de baga de loureiro, e de zimbro de cada cousa meia onca, de erba doce, e de cominhos 3 outabas, 10 ratinhos novos sem pelo cortados mivdam.^{te}, de fel de cabra, e de lebre, de cada cousa huma onca, infundese em baso vidrado, metido em esterco de cabalo, e depois

¹²³ No manuscrito, “outro de **ale** alecrim”. O autor começou a escrever as primeiras sílabas da palavra “alecrim”, mas deixou-a incompleta, reescrevendo-a integralmente logo a seguir.

¹²⁴ No original, “de de”.

¹²⁵ Este é o único caso, ao longo do texto, em que o autor regista “ouregos”, espelhando uma aparente realização fonética desnasalada, pois nas restantes três atestações a forma é sempre “ouregoins” (o substantivo nunca surge no singular).

destilase em banho de Maria = deste oleo se lancara pela manha, e a noute 3.¹²⁶ pingas nos ouvidos, trazendos tapados com 2 gramos de ~~almecg~~ almiscar, e argodam.

Perg. 3 como se curaram os adultos da surdes causada de sangue, q' he qd.º ha inchimento de sangue en todo corpo. **R** q' he da mesma sorte q' acima dixe.

Perg. 4 como se curara da surdes causada de humores quentes. **R** q' he qd.º ouver dor aguda¹²⁷ nos ouvidos e caveca, e febre. **R** sangra[n]dose como temos dito, e purgarse tomando cada ves hua outava de pos cornaquinos¹²⁸, e vever leite de cabras.

[fl. 173] **Perg. 5.** como se curara a sordes causada de flatos, q' he qd.º ha tinido nos ouvidos, ouvi[n]do alguas vezes melhor, q' outras. **R** q' se purgara | com algum dos vomitorios acima ditos, e depois pelas manhans tomara ~~huma chieala~~ chicolate bom, e sobre o gentar, e ceia tomara hua boa chicara de tintura de c[h]a, por m.¹⁰ tempo. E nos ouvidos se lancara huas pingas de azeite fervido com cha, ou outros q' acima ja dixemos.

Perg. 6 como se curara a surdes causada de frio, ou de queda. **R** q' he acodirlhe logo com agoa de Rainha de Hungria ou da ultima q' fica dita, fazendo vaporacoins de vinho bra[n]co quente com folhas de salba, e mangarona, ou oleo de Marcela, de ruda, e de hipericam, tapando os ouvidos com algodam, e 2 granos de almiscar.

O doente comera galinha, veva agua cozida com canela, ou pao santo, qd.º a causa for cousa fria, e qd.º for quente, sera agoa cozida com a rais da erba q' da moranhos¹²⁹. e o pam seja ~~branco~~ de trigo. *ita* Mirandela libro 2. cap. 28 a n. 1 ad n. 50.

Perg. 7 como se tirara dos ouvidos as cousas, q' neles se meterem. **R** q' sendo algum bichin[h]o se pora no ouvido hum pequeno de toucin[h]o¹³⁰, principalm.^{te} se o sol der no ouvido, ou hum pani[n]ho¹³¹ molhado em acucar, e leite, ou fico seco com o de dentro p.^a fora. E se nam quizer sahir se matara¹³² dentro o cumo de ortelam,

¹²⁶ O autor emendou “4” para “3”. Em Mirandela, “tres, ou quatro pingas”.

¹²⁷ No original, “agudo”.

¹²⁸ Na obra impressa de Mirandela e nas restantes atestações da palavra no manuscrito, “cornachino”.

¹²⁹ Na obra impressa de Mirandela e na anterior atestação da palavra no manuscrito, “morangos”.

¹³⁰ A escrita do autor revela alguma tendência para o esquecimento do ‘h’ nos dígrafos ‘nh’, ‘ch’ e ‘lh’. Embora no caso de “toucino” pudesse entender-se uma eventual realização fonética não palatalizada (como acontece em mirandês), o certo é que, por um lado, tal não é confirmado na segunda atestação da palavra no manuscrito (vd. fl. 189) e, por outro, a omissão do ‘h’ está presente também em formas como “ninho”.

¹³¹ Na obra impressa de Mirandela, “huma esponja pequena”.

¹³² O autor registou com ‘a’ bem evidente as vogais da primeira e segunda sílabas de “metera”, sendo que tal não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

[fl. 173v.] de mantrasto, ou cumo de cebola, ou ourina¹³³ de q.^m padecer a queixa, ou cumo de salva¹³⁴, ou fumo de emxofre tomado no ouvido. E sendo pulgas se tapara o ouvido com pelo de cam, ou lam, e depois tiralo a ver se nele sahi a pulga, e se nam sahir se enchera o ouvido de saliva propria, ou lancarlhe algum cumo dos acima ditos. *Ita* Mirandela | lib. 2, cap. 29.

Capitolo

Do estalecidio do naris

Perg. 1 q' se fara nelles. **R** q' aos meninos q' se lhe tapar a respiracam se aquentara bem hum tacho, e depois lancandose vinagre, se lhe fara receber o fumo pelos narizes, ou untarlhe os narizes por fora, e por dentro com oleo de amendoas doces com alguns granos de alcanfor. E nos adultos se fara o mesmo, q' temos dito da surdes dos ouvidos. *ita* Mirandela lib. 2. cap. 30. e no cap. 31, se pode ver a cura da chaga dos narizes.

Perg 2. como se curara os defluxos de sangue pelos narizes, q' se conhecera q' esta p.^a vir, qd.^o ouver dores na caveca, e peso nela, e sonhos medonhos. **R** q' aos meninos se lhe lavara a caveca toda com agua fria m.^{tas} vezes, e nela metendo as maos, e na testa de fonte a fonte se lhe pora ~~hum~~ emprasto de ortigas pisadas com clara de ovo, e humas pingas de vinagre forte, renovandos tanto q' secarem. E nos narizes meterselhe¹³⁵ ham mechas de cumo de ortigas, com vinagre, e nam secando se samgrara.

E nos adultos se deixara sahir hum pouco athe ver se por si deixa de sahir, e qd.^o pareca m.^{to} o melhor he logo sangrase, naquela parte donde sahi pr.^o na veia d'arca¹³⁶, depois na de todo corpo nos homes ~~no braço~~, e nas mulheres no pe, feita com pausas.

[fl. 174] Dos remedios topicos, depois de sahir m.^{to} sangue he bom lancar de repente agoa fria na cura do doente, sem q' elle o saiba, na testa, fontes, e pescoco se poram panos molhados em agoa fria, com pouco de vinagre, e antes de [a]quecer¹³⁷ se renovaram, e nam sesando o defluxo se lancara no nariz o espirito de vinho retificado.

¹³³ No original, “*ounina*”, por possível automatismo de escrita e influência da nasal alveodental da sílaba seguinte.

¹³⁴ Na obra impressa de Mirandela, não há qualquer referência à aplicação de *sumo de salva*.

¹³⁵ O autor fez a translineação da palavra separando ‘metersel-’, numa linha, e ‘he’, na seguinte.

¹³⁶ No original, “*veia darca*”, possivelmente espelhando uma realização fonética com elisão do artigo definido “a” (já contraído com a preposição “de”). Nas restantes ocorrências do manuscrito, “*veia da arca*” (vd. fls. 187v. e 202).

¹³⁷ Trata-se da única atestação de “*aquecer*” ao longo do texto. A omissão gráfica de ‘a’ poderá, eventualmente, corresponder a uma realização fonética com aférese da primeira sílaba (à semelhança do que ocorre na língua galega, por exemplo).

he grande remedio cumo de ortigas ~~pisadas~~ tomando 4 oncas por cada ves, e tomalo pelos narizes, e pisandoas com farinha pondo este emprasto na testa e fontes. Tambem meter ortelam nos narizes.

E sobre todos os remedios p.^a defluxo do sangue dos narizes e¹³⁸ boca he este, tomar duas outabas de manha, e duas de tarde aredado do comer 2. horas deste remedio q' a sua receita he = 2 outabas de pedra hume, meia ~~outava~~ de onca de pedra hematites, 3 outabas de aljofar, 2 outabas de sangue de drago, e duas, de bolo armenio, huma outaba de rais de cipo, e meia, cada cosa¹³⁹ preparada a parte, e depois se fara massa ajuntandolhe 2 outabas de laudano liquido, e qd.^o ~~se r~~ nan baste p.^a fazer massa ajuntarseha o q' for necessario de xarope de rosas, = e p.^a se tomar se desfara em 4 oncas de cumo de ortigas, ou de tanchagem; este remedio chamase troscisco de Mirandela.

[fl. 174v.] O doente deve comer galinha cozida com ortigas, ou leite cozido, e bebera agoa cozida com raiz de ortigas, e estando ja fria se ferrara com ferro. | estara o doente quieto, com a caveca descuberta ~~na~~ com os olhos fechados sem olha[r] p.^a o sangue, e fara por dormir, mas nam m.^{to} tempo. *Ita Mirandela supra cap. 32.*

capitol[o]

Da dor dos dentes.

Perg 1: como se cura a dor dos dentes. **R** q' estando o dente podre o melhor he tiralo, e p.^a ver se se pode evitar a dor sem ser por sangrias se pora hum pacho desde as orelhas athe as fontes da caveca em fita negra de massa feita desta sorte = partes iguais de Caragna, tacameca, e almecega, tudo mesturado, e se faram liquido ao fogo com quanto vasta de tromintina, e o dente q' doer se tocara com huma pena molhada na agoa Anodina, q' se fas desta sorte = 24 libras de boa agoa ardente metida em lambique de bidro, em q' se bota 6. pugilos de flor de alecrim, e de buxo secas a sombra, e colhidas antes de lhe dar o sol, meia onca de rais de pietro, 2 outabas de crabo da India, hua mam cheia de bagas de zimbro, 3 outabas de alcanfor, outava, e meia de opio pr.^o pisado e depois se pora 4 dias em esterco de cavallo, depois se distele em banho de Maria, tam tapado, q' o ar lhe nam chegue.

Ou vsara de pacho de pedra hume, e de bugalhos com pez, e tromentina, ou de pos de solda com clara de ovo, pondo no dente algum remedio q' diremos, e se

¹³⁸ No manuscrito, “*sangue dos narizes he boca*”. Vd. nota 121.

¹³⁹ Nas demais 74 atestações do substantivo regista-se sempre “*cousa*”; no entanto, surgem igualmente no código formas como “*froxos*” (fl. 123) e “*chopo*” (mas também “*choupo*”, ambas no fl. 129v.), com eventual monotongação. Achando-se o autor a norte do país, e sendo tão raros os casos de redução do ditongo, não é de desprezar a possibilidade de se tratar de simples falha gráfica.

[fl. 175] com remedios nam abrandar samgrasea os | homens¹⁴⁰ no braco na veia commua, e as mulheres nos pes, e os pes se meteram em agua quente, fazendo esfragacoins vaixas.

He bom por emprastos de ortigas pizadas com farinha de trigo, e vinagre forte, e na boca se tom[e] bochechas¹⁴¹ de agoa cozida com folhas de tanchagem, cascas de romans, macains de acipreste, flores de sabogueiro, e de alecrim, rozas vermelhas, cozendo tudo em binho q' bem cubra, e dando a ferbura se aredara, e se ba tomando, e se a dor nam parar, se tomaram de leite de cabras com obo com clara, e gema batido. ou pondo sobre o dente doloroso alcanfor, ou hum greiro de pimenta.

Tambem he bom trazer ao pescoco o queixo de hum ourico cacheiro, ou o dente de hum cam vibo¹⁴² furado, e trazelo ao pescoco. o remedio entre todos he oleo de buxo, o coal se fas desta sorte = tomesse huma panela vidrada metida toda na terra, e sobre ella se pora outra com voracos no fundo, e nesta se mete o pao de buxo verde cortado em bocadinhos, coberta bem, e barrada com ~~barro~~ massa, po[i]nsele aroda fogo forte, e o oleo q' cahir na panela inferior se garda em bidro bem tapado; deste oleo se lancara duas pingas no dente q' doer, ou se aplicara em algodam, ou outra cousa.

[fl. 175v.] Tambem he bom remedio tomar na boca o cosimento de folhas, rais, e semente de muymendro, semente de alfases, e de dormideira cozidas em leite. E se a dor dos dentes for causada de vicho q' nelle haja, q' he qd.^o a dor nam¹⁴³ | he contin[ua], mas de quando, ou qd.^o [h]e m.^o grande, se lancara no dente algumas pingas de agoa ardente com cumo de ortelam, folhas de pexigueiro, losna, e fel da terra. ou se lance em meia onca de agoa ardente hua outaba de¹⁴⁴ azevre, e 12 granos de alcanfor.

Perg. como se tiraram os dentes sem dor. **R** q' sam; 1 a rais de piretro posta 40 dias em vinagre, e posta no dente; ~~2^o~~ ou o leite, ou cumo da erba chamada mal[e]jitas lancandolhe¹⁴⁵ huns pos de encenso, e pouca goma de trigo, posta esta massa sobre o dente doente; ou A goma ammoniaco desfeita em cumo de muymendro. ou as folhas da erba aleboraster fragando com ella; ou a gordura das rans verdes, q' se criam, e vivem nas arbores; ou f~~e~~e[↑]rmento¹⁴⁶ cobrindo, e cercando o dente, meia hora, e tocando ao depois com sangue de largato; ou depois da meia hora ponhase no dente hum bichinho, q' se acha, nas couvas, q' chamam largat~~o~~s<a[↑]>¹⁴⁷ com esta

¹⁴⁰ O autor começou a escrever a palavra ainda no final do fólho 174v., completando-a no seguinte: “os ho | mens”.

¹⁴¹ No manuscrito, “e na boca se tom[e] **na boca bochechas**”.

¹⁴² O autor emendou “bibo” para “vibo”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

¹⁴³ No manuscrito, o copista repetiu a última palavra do fólho 175 no início do fólho 175v.: “nam | nam he contin[ua]”.

¹⁴⁴ No original, devido à translineação, “de / de”.

¹⁴⁵ O autor fez a translineação da palavra separando ‘lanca-’, numa linha, e ‘ndolhe’, na seguinte.

¹⁴⁶ Letra acrescentada por cima da letra rasurada.

¹⁴⁷ O autor acrescentou a letra ‘a’ por cima das letras rasuradas, com a intenção de corrigir a palavra “largatos” para “largata”.

advertencia, q' se[n]do do queixo de cima, se pora o q' estiver na parte superior da couva, e se for devaixo, se pora¹⁴⁸ o vichinho q' estiver na parte inferior da couva; ou o coral vermelho posto na concavid.^e do dente feito em po. Mas advertesse, que qd.^o alguns destes remedios se puserem no dente, q' se ha de tirar, os mais dentes se cobriram con cera, p.^a q' nam quebr<em↑>¹⁴⁹ nem chaiam. *Ita* Mirandela lib. 2 cap. 36.

[fl. 176] **Perg.** q' se deve fazer p.^a se perseverar¹⁵⁰ das dores de dentes. **R** q' sendo de ~~de~~ dente podre, he tiralo, e se ahinda nam estiver podre, he cautorizalo | ~~com oleo~~ e alimpalo com oleo de enxofre, ou de caparrosa, ou com agoa forte, ou com cauterio atual, ou abrir fontes, e nam dormir¹⁵¹ na sesta, nem logo depois de comer, comer pouco a noute, e lavar os dentes depois de gantar, e cear, com agua, ou vinho, e pela manham, qd.^o se lava o rosto, nam comer cousas ~~que~~ m.^{to} quentes, nem depois de cousas m.^{to} quentes comer, ou beber cousas m.^{to} frias, e alimpar os dentes com ouro, prata, ou visnaga: *ita* Mirandela *supra* cap. 37.

Perg q' se fara, qd.^o os dentes estiverem tam doridos q' nam podem mastigar nada. **R**¹⁵² q' he mastigar cevola, ou huma gema de ovo dura, e quente ou esfragar os dentes com pos de coral vermelho, de aljofar e de olhos de caranguejos: *ita* Mirandela *supra* cap. 37.

Perg. como se alimparam os dentes negros. **R** com pos da rais de malvas e de malvaisco, a[s] cinsas de alecrim e de salba, os pos de ponta de cabra, as cascas de obo sem ser queimadas, as borras de vinho, q' se chama tartaro; *ita* Mirandela *supra* cap. 38.

Perg. como se curara a exulceracam das gingivas. **R** q' se tome bochechas de leite com acucar, ou se lavaram com agua feita desta sorte = 2 oncas de caparrosa, hua de salitre, 6. outabas de bolo armerico¹⁵³, e 6. de alvaade, 6 de pedra hume, e 6. de sal armenico¹⁵⁴, e cada cousa feita em po, e depois juntas, e[m] pucro vidrado com vinagre forte, q' fique 2. dedos acima dos pos, e fervera athe q' todo se gaste, e estando

¹⁴⁸ No manuscrito, “porar”, por possível automatismo de escrita e influência da vibrante anterior.

¹⁴⁹ O autor decidiu reescrever, por cima da linha, as letras ‘em’ de “quebrem”, de modo a clarificá-las, pois haviam ficado pouco perceptíveis inicialmente.

¹⁵⁰ *Vd.* nota 6.

¹⁵¹ No manuscrito, “dormin”, por possível automatismo de escrita e influência da nasal alveodental da palavra seguinte.

¹⁵² No original, “RR”.

¹⁵³ Ao longo do manuscrito, o copista regista sempre a forma “armenio”, pelo que a forma “armerico”, com duas vibrantes e um ‘c’ entre as vogais finais, pode dever-se à influência da vibrante da primeira sílaba da palavra e à contaminação com o vocábulo “armoniacio”.

¹⁵⁴ Ao longo do manuscrito, o autor regista sempre a forma “armoniacio”, pelo que a forma “armenico” pode dever-se a contaminação com a palavra “armenio”.

[fl. 176v.] a ferver o vinagre se mexeram bem, e elle gastandose ficara hua pedra¹⁵⁵ | dura, e rebicunda, e desta se lancaram 2. outabas botadas em ~~agoa~~ meio cartilho de agoa de tantachagem, ou com agoa <cozida↑>¹⁵⁶ de folhas mais piquenas de carvalho. Esta agoa nam so serve p.^a as gengivas, e firmar os dentes q' volem, mas tambem p.^a qualquer chaga lavandoa duas, ou 3 vezes no dia, desfazendo hum bocado desta pedra em agua apropiada p.^a a queixa, q' deseca as chagas, tambem p.^a os olhos q' choram m.^{to} aplicada em vinho branco, ou em agoa de rosas, ou de funcho, e p.^a queimaduras desfazendo meia onca em meio cartilho de agoa & cozida com flor de sabugueiro. *ita* Mirandela *supra* cap. 38. da prijam da lingua vejase o cap.42.

Capitolo

Da esquinencia, ou garrotelho.

Perg 1: que cousa he esqueriencia, e como se divide. **Digo 1:** a esqueriencia he hum tumor da garga<n↑>ta¹⁵⁷, q' impede o ingolir, e dificulta a respiraçam, donde veio a chamarse¹⁵⁸ garrotelho, porq' com este mal se morre affogado. **Digo 2.** q' a esqueriencia se divide em legitima, e espuria; a legitima he qd.^o a postema¹⁵⁹ se fas com inflamacam, e febre, esta procede do sangue bilioso, sulphureo, nitroso, e callidosso; a espuria he qd.^o ha tumor sem inflamacam, procede de sangue fleumatico, ou malencolico craso.

A esqueriencia legitima he de cinco especies, hua he qd.^o a inflamacam esta nas partes interiores da gargante, q' se nam ve, outra he qd.^o esta nas partes |
[fl. 177] ~~exteriores~~ <superiores da garganta.↑>¹⁶⁰ q' se ve; outra he a q' esta nas partes interiores, e ~~exteriores~~ <superiores↑>¹⁶¹ da garganta; a coa[r]ta he qd.^o a inflamacam so esta nas partes exteriores, q' dificulta a respiraçam, e impede o ingolir. a quinta he qd.^o sem temor¹⁶² nem inflamacam das vertebbras do pescoco oprime a garganta dificultando a respiraçam, e impedindo o ingolir: *ita* Mirandela lib. 2. cap. 45. a n. 1 a[d] n. 5.

¹⁵⁵ No manuscrito, o copista repetiu a última palavra do fólho 176 no início do fólho 176v.: “pedra | pedra dura”.

¹⁵⁶ Palavra acrescentada por cima da linha. Segue-se à palavra “agoa”, uma vez que o autor indicou com um sinal a localização devida do acrescento.

¹⁵⁷ A letra ‘n’ foi acrescentada por cima da linha, entre as letras ‘a’ e ‘t’.

¹⁵⁸ O autor fez a translineação da palavra separando ‘cham-’, numa linha, e ‘arse’, na seguinte.

¹⁵⁹ Em Mirandela, regista-se “o apostema”; contudo, a forma terminada em -a, do gr. *apóstema*, pelo lat. *apostema*, sendo neutra, era frequentemente tratada, por analogia, como feminina (“a postema”, “as postemas”), pelo que o autor poderá tê-lo igualmente feito. Não existe qualquer outra atestação deste substantivo ao longo do manuscrito.

¹⁶⁰ Palavras acrescentadas por cima do vocábulo rasurado.

¹⁶¹ Palavra acrescentada por cima do vocábulo rasurado.

¹⁶² Ao longo do manuscrito, o copista alterna entre a forma “temor” (vd. também fls. 178 e 203v.) e a forma regular “tumor” (ou “tomor”). Na obra de Mirandela, apenas se atesta “tumor”.

Perg 2. como se curaram os lactantes. **R** q' estando vermelhos do rosto, e bem criados se sangraram 3. vezes no braco na veia commua, e nam melhorando se lhe lancaram samguexugas nas espadoas, na nuca, e devaixo da barba; e a garganta se untara com oleo de andorinhas, ou de asucena, ou de amendoas doces; e no pescoco teram dependurados hums dentes de alho sem casca emfiados em huma linha, ou humas rodas de sabogueiro postos ao redor do pescoco, ou huma caveca de vibora, e as mais nam bebam vinho, e comam galinha, cavirto ou vitela, ovos. *ita* Mirandela *supra* n. 11, e 12.

Perg. 3: como se curaram os adultos. **R** q' o melhor he acodir logo logo a samgrar 3 vezes no dia no braco na veia commua dandoas com reporcusoins, e se for mulher, q' tenha causa p.^a se nam samgrar no braco darse ha alguas nos pes, e se a queixa nam melhorar darsea humas ventosas nam so nas espadoas mas tambem na nuca, e nam ovedecendo se lancaram sanguexugas devaixo da barba, e o ultimo he samgrar a lingua na[s] veia[s] ranulares, ou leonicas.

[fl. 177v.]

E tambem logo q' der a esquieriencia q' meteram os pes em agua quente tanto q' se possa sofrer, e darseham fragacoins nas pernas, e ajudas com agoa de farelos, com formento, sal, e acucar mascavado, isto das fragacoins sera m.^{tas} vezes.

E se a esquieriencia for causada pela colera, ou outro humor, o melhor he logo no principio purgar, e principalm.^{te} tendo vomitos, amargores de boca, arotos.

E logo na boca se vsara tomando estando de costas com a caveca p.^a cima bocados de leite ferrado com ferro, ou seixos do rio adocado com calda de acucar rosado. ou com agoa cozida de tanchagem, e com hum pouco de vinagre; e qd.^o se tomar estes gorgorejos se vsara tomando huas colheres de lambedor de avenca, ou de calda de acucar rosado, ou romoam doce com acucar; e os gorgorejos se tomaram mornos.

E se o infermo tiver febre tomara o doente repitidas vezes, 4. horas aredado do comer, e beber 4 oncas cada ves deste remedio = 2 quartilhos de agua de almeiram, outros de baldroegas, e de olhos de caranguejos, de aljofar, de cristal, tudo bem preparado de cada cousa hua outaba, e mesturese; ou tomese agoa de escremento de boi distilada no mes de Maio.

E logo des o principio se poram quentes estes devaixo do queixo estes emprastos = oleo de andorinhas, & ou de linhaca, ou de marcela, ou de acucena, mas se poram quentes¹⁶³.

¹⁶³ No original, "oleo de andorinhas, & ou de linhaca, ou de marcela, ou de acucena, **ou de linhaca**, mas se poram quentes".

[fl. 178] Depois de passado o principio da | inflamacam¹⁶⁵ vsarse ha destes gorgorejos – cozer erbas de ta<n↑>chagem¹⁶⁶, flores de marcela, e depois de bem fervidas coase agua, e nela lancar huas pingas [*de*] oleo, ou spirito de esterco de cavallo; ou leite fervido [*com*] cha, e com huas folhas de tanchagem; e por fora de algum destes emprastos na garganta = hum nin[*h*]o de andorinhas com hum maõ chea de excremento ~~de cam branco~~ branco de cam, aplicado quente: ou hum nin[*h*]o de andorinhas¹⁶⁷, hum maõchea de malvas, outra de folhas de violas, meia onca de rais de lirio, outra meia da rais de malvaisco, meia duzia de figos secos, hum punhado de flor de marcela, outra¹⁶⁸ de croa de rais de Rey, tudo cozido e pissado posto por imprasto.

Se o temor¹⁶⁹ se nam resolver athe o 4. ou 5. dia, amaduraseha a inflamacam, se tomaram gorgorejos de cozim.¹⁰ de pasas, figos, e flores de marcela, e nele se lancara hum maõchea de canafistola fresca, e o melhor he = agarico feito em talhadas em cosimento de figos, rais de malvaisco com pouco gengibre, e coarta p.^{te} de vinho branco, ajuntando ao cozim.¹⁰ xarope de malvaisco.

E depois de estar maduro se por si se nam romper comera o doente cousa aspra, e nam se rompendo, se abriha com hum lanceta, e enclinara a¹⁷⁰ boca p.^a vaixo p.^a q' saia a materia, e depois tomara gorgorejos de gemas de ovos cruas batidas sos, ou com leite e acucar. E depois se fecar algua chaga na garganta se curara com' as¹⁷¹ chagas das g[*I*]andolas da boca.

[fl. 178v.] Tambem¹⁷² he excelente remedio tomar na voca e gorgorijar com ~~exere~~ agoa cozida com | excremento¹⁷³ de cam, e galinhas botandolhe mel; a pel de cobra cozida com oleo de amendoas ~~deix~~ doces, e com este oleo cingir o pescoco, e por fim abrir a garganta; he bom remedio cozer huas rans, e pola[s] por emprasto na garganta.

¹⁶⁴ No manuscrito, “§2.”.

¹⁶⁵ O autor começou a escrever a palavra ainda no final do fólio 177v., completando-a no seguinte: “*inflama | cam*”.

¹⁶⁶ A letra ‘n’ foi acrescentada por cima da linha, entre as letras ‘a’ e ‘c’.

¹⁶⁷ O autor fez a translineação da palavra separando ‘andorin-’, numa linha, e ‘has’, na seguinte.

¹⁶⁸ Palavra registada com ‘a’ bem explícito. Mentalmente, o autor terá feito a concordância com algo como “mão cheia”, em vez do antecedente explícito masculino “punhado”.

¹⁶⁹ *Vd.* nota 162.

¹⁷⁰ No manuscrito, devido à translineação, “*a / a*”.

¹⁷¹ No original, “*comas*”, espelhando uma aparente realização fonética com elisão da vogal final de “*como*”.

¹⁷² No manuscrito, “*Tembem*”, com ‘e’ bem claro, por provável automatismo de cópia e influência da vogal da sílaba seguinte, sendo que tal não volta a ocorrer ao longo do texto.

¹⁷³ O autor começou a escrever a palavra ainda no final do fólio 178., completando-a no seguinte: “*com excra | mento de cam*”.

§ 2.

Remedios persevarativos¹⁷⁴, e tambem curativos

He trazer ao pescoco humas rodas de pao de sabugueiro emfiadas; ou
vever por copo feito de pa[o] de era; ou trazer ao pescoco huns dentes de alhos infiados
em huma linha. E sobre todos he o abrir fontes nos bracos. E o doente comera caldo de
galinha, e bebera agoa cozida, lancando em cada canada 2. outavas de prunelle. *ita*
Mirandela lib 2. cap. 42 e dormir pouco, q' o m.^{to} dormir¹⁷⁵ nas inflamacoins he mao.

capitolo

Dos q' tomam veneno pela boca.

Perg. 1 como se fara, qd.^o se toma veneno pella voca, q' o sinal he, qd.^o
logo depois de comer o¹⁷⁶ veber ha grande aflicam, dores, apertos na garganta, tosse,
vomitos, cursos, crueis dores de estamago, a cor do rosto palida, nausea, e engulhos na
voca. **R** q' se acudira logo com huma tigela cheia de azeite, e bebera, q.^{to} puder p.^a
bomitar o veneno, e isto m.^{tas} vezes; e nam se aliviando o doente pelo veneno ter decido
aos intestinos, se tomaram ajudas de hum cartilho de azeite, e se ajuda nam obrar bem
se vsara de mecha de geropiga. E se ahinda o doente se nam aliviar por estar o veneno
[fl. 179] | nos intestinos altos e porisso nen se tira com os vomitorios, nem com as ajudas, se
purgara com cozim.^{to} de agoa de escorcioneira, em q' se lancara canafistola,
tamarinhos¹⁷⁷, xarope de Rey, sene, flores, cordeais, semente de cidra. E se o veneno
se emcaminhar p.^a as veias¹⁷⁸ da ourina, ajudarseha o seu movim.^{to} com amendoadas
de pividas de melam, e malencia, ou semente de cidras adocadas com xarope de
malvaisco, e p.^a ficarem douradas se lhe lancara humas pingas de espirito de sal.

E depois dos vomitorios tomara leite qualquer, q' seja, q' he bom contra
qualquer veneno, e no mesmo tempo se poram causticos nas pernas, ventosas pello
corpo, p.^a fazer evacuar o veneno p.^a as partes distantes.

E o doente nam deve dormir, emq.^{to} nam lancar de todo fora o veneno, p.^a
se nam comonicar o veneno as partes principais do corpo, e o q' comer sera caldo com

¹⁷⁴ *Vd.* nota 6.

¹⁷⁵ No manuscrito, “*dormin*”, por possível automatismo de escrita e influência da nasal alveodental da palavra seguinte.

¹⁷⁶ Por três vezes ao longo do texto (*vd.* também fls. 189 e 196), a conjunção “*ou*” surge sem a letra ‘u’, podendo evidenciar uma realização fonética monotongada. No entanto, achando-se o autor a norte do país, e sendo escassos os casos de redução do ditongo, não é de desprezar a possibilidade de se tratar de simples falha gráfica.

¹⁷⁷ Ao longo do manuscrito, o copista utiliza sempre a forma “*tamarinhos*” (*vd.* também fls. 199, 199v. e 204v.), em vez de “*tamarindos*”, a única que surge na obra de Mirandela.

¹⁷⁸ *Vd.* nota 71.

m.^{ta} gordura de vnto de porco, e manteiga de baca: *ita* Mirandela lib. 2 cap. 52. a n. 1 ad n. 24.

Perg 2. q' se fara, qd.^o se comonica o veneno por rezam da mordedura da vibra, ou de outro qualquer animal venenoso **R** q' logo se atara munto apertada aquela parte, p.^a q' o veneno se nam comunique as outras partes, e acodir logo a sargala, e por cima ~~lan~~ da sargiadura lancarlhe hua bentosa labandoa com vinho em q' se tiver disfeito a triaga. he bom remedio matar o animal, q' mordeo, e polo cortado, e pisado sobre a mordedura.

[fl. 179v.] He bom remedio a pedra da cobra, q' bem da India pondo sobre a mordedura se tiver sangue, e¹⁷⁹ | se o nam tiver farseha com alfanete, ou sargadura, e a pedra estara pegada, athe q' por si cahia, e logo se lancara em ~~agoa~~ leite de mulher, p.^a lancar fora o veneno, senam estalara a parte q' foi mordida; lavara a parte ferida com ourina propia, q' he bom remedio contra qualquer mordedura, ou ferida venenosa: *ita* Mirandela *supra* a n. 24. ad n. 29.

Perg. q' he bom p.^a se librar de beneno. **R** q' he nam comer, nen beber tudo q' estiver na tigela, comer en jejum huma pouca de ruda, no principio da messa comer leite; *ita* Mirandela *supra* cap. 53.

Perg. q' sinais avera p.^a se conhecer q' hum doente tomou veneno. **R** q' he dificuldade no ingolir, nausea na boca, aperto, ~~ou~~ <e↑>¹⁸⁰ dores na garganta, tose, vomitos, arotos fetidos, grandes dores de estamago, ancias no coracam, suores frios, pulsos deveis sem igualdade, frieldade nas partes externas, sede e fodor na boca, os beicos negros, as vnhas roxas, os olhos emcubados etc. *ita* Mirandela *supra* cap. 54.

Capitolo

Do estalicio.

[fl. 180] **Perg. 1.** q' cousa he estalicio. **R** he hum defluxo dos humores da cabeca p.^a as partes inferiores; o estalicio he causa de muntos males, porq' correndo p.^a os olhos causa ~~d d~~ inflamacoins, e fluxos de lagrimas, nos ouvidos sordez, nos queixos, e dentes dores cruelissimas, nos | principios dos nerbos estupores, e parlezias, no bofe asma, tose, e tistica, no estomogo corrucam do seu formento com nauseias, vomitos, e fastio, nos intestinos disinterias, na[s] juntas¹⁸¹ gota artetica, nas veias febres catarrais. *Ita* Mirandela lib 2. cap. 58. n. 1.

¹⁷⁹ No manuscrito, o copista repetiu a última palavra do fólho 179 no início do fólho 179v.: “e | e se o nam tiver”.

¹⁸⁰ Palavra acrescentada por cima do vocábulo rasurado.

¹⁸¹ O autor corrigiu “guntas” para “juntas”, formando a letra ‘j’ a partir do ‘g’.

Perg. 2. de q' causas procede o difluxo. **R** q' de duas, ou de humor frio, ou de humor quente. De humor frio he qd.^o o sabor da boca he doce, a cor do rosto pallida, ou desmaiada, o temperamento do sujeito fl[e]umatico¹⁸². Se proceder de humores quentes, sera a cor do rosto vermelha, haverá febre, sede, sabor salgado, grande calor na boca, m.^{tos} espirros, dores nas partes em q' parar.

Perg. 3 como sera a cura nos meninos q' mamam, qd.^o o estalecido for de cousa fria. **R** q' as mais darlheam poucas vezes de mamar no dia, e as mais tomaram em jejum, e a noute 4 horas aredado do comer seis oncas de agoa quente cozida com figos secos, e alcacus sem casca, e aos meninos darselheam m.^{tas} vezes humas colheres de leite misturado com cumo quente de funcho, ou lambedor de papoulas vermelhas. e darselhea huas ajudas se nam andarem lubricos, ou darlhe por vezes humas colheres de mel masturado com mana; e no naris se lhe chegara tavaco de po, e se metera no naris manteiga crua, e as pernas athe o joelho as meteram em cozimento borno¹⁸³ de alecrim, e rosmanninho.

Perg. 3.¹⁸⁴ como se curara nos adultos o estalecido causado por causa fria **R** q' se faram evacuacoins metendo os pes em agua tepida cozida com alecrim e rosmannim, vevendo meio cartilho de tintura da flor de papoulas vermelhas, com 5 pingas de oleo de alambre | e se cubrira bem p.^a suar; e tomara pela boca ao recolher na cama em bebida ordinaria, agoa fervida com tanto mel, q' fique doce, e p.^a advirtir¹⁸⁵ o defluxo do peito, ou garganta se tomeram¹⁸⁶ ventosas athe as espadoas, e em sua falta de ortigas postas pelas partes donde se aviam de dar as ventosas pondo pelo fio do lombo hum pano, p.^a q' nam cheguem a elle, e se nam resolverse o defluxo se samgrara nos bracos na veia comua, e se tomara por 12 ou mais [dias]¹⁸⁷ as seguintes pirolas feitas desta sorte = 8 oncas de antihetico de Poterio, e outras tantas de acucar de saturno, 6 g[r]aos de coral vermelho preparado, 2 g[r]aos de laudemio¹⁸⁸ opiado, feito em pirolas ~~de sa~~ com o q' baste de xarope de papoulas brancas, e dourense, = isto he p.^a hua ves, e assim se fara a quantidade da masa q' he necessaria p.^a as mais vezes, = este

[fl. 180v.]

¹⁸² Duas das quatro ocorrências do adjetivo “*fleumatico*” no manuscrito surgem sem a vogal ‘e’ (vd. também fl. 182v.).

¹⁸³ Vd. nota 74.

¹⁸⁴ Por possível distração, o autor registou a quarta pergunta como “*Perg. 3.*”, o que provocou a numeração também errada das perguntas seguintes.

¹⁸⁵ Na obra impressa de Mirandela, “*divertir*”.

¹⁸⁶ Aparentemente, o autor terá começado por escrever “*se tome*”, tendo depois optado por registar “*se tomaram*”, acrescentando a sílaba ‘-ram’ mas sem emendar o ‘e’ para ‘a’.

¹⁸⁷ Informação acrescentada com base na obra impressa de Mirandela.

¹⁸⁸ No impresso de Mirandela e nas restantes atestações da palavra no manuscrito, “*laudano*”.

he bom p.^a as toses, e gota artetica¹⁸⁹, chamase pirolas de Mirandela p.^a os difluxos. E pela manham em jegum se mastigara casca de rais de funcho, q' fas sahir m.^{ta} saliva.

Nestes defluxos se comera galinha, frangos, capoins, carneiro, e nam se bebera vinho, e sera agoa cozida com alcacus, ou pao santo, nam dormir na sesta, e a noute athe nam pasar 2. horas. *Ita Mirandela supra a n. 12 ad n. 46.*

[fl. 181] **Perg. 4** como se curaram os meninos de difluxos de ~~c~~ausas quentes, q' se conhecem, qd.^o tem febre, e espirram munto, sem lancarem pelos narizes mocosidades grosas. **R** q' comeram caldos de farinha, q' avaixo diremos, se lhe daram ajudas de leite de vaca | com acucar¹⁹⁰, e nam lhe passando, e tendo ja tose, o bom remedio he abrilhe fonte no braco. *Ita Mirandela lib 2. cap. 59. a n. 5. ad n. 10.*

Perg. 5. como se curaram os defluxos quentes nos adultos, q' os sinais sam, causar dor, e ardor na parte ahonde cahi, cahindo no peito he tose seca, ou com escarros tenues, correndo p.^a os olhos, elles se inflamam, e se p.^a a boca, ou naris, elles se exulceram. **R** q' he sangrar na veia comua do braco ou pe o q' for necesario; depois se purgara com este medicam^{to} = 12 granos de mercurio doce, ou branco precipitado, 6 de [*di*]agridio de Paracelso = q' purga suavem.^{te}. E se for cahindo no peito se abram fontes nos bracos.

[fl. 181v.] E pela manham nos pr.^{os} dias tomara meio cartilho de leite de baca¹⁹¹ em jejum ou hum cartilho, conforme a capacid.^e de q.^m o toma asim quente como sahi da baca, q' he bom remedio; a noute ao deitar na cama se comera caldo de leite de cabras com farinhas de trigo, e gemas de ovos; e p.^a os q' lancam sangue pella boca, e se bam fazendo tiscos comeram caldos de farinha de cebada, e de aroz, e goma de trigo feitos em tintura de flor¹⁹² de papoulas vermelhas: ou lancase em agoa meolho de qualquer pam, e deixalo estar athe se fazer bem bra[*n*]do, e depois coasse agua, expermendo nella fortem.^{te} o pam, e o pam lancasse fora, e depois agua poinse ao lume a ferber com 2, ou 3 gemas de ovos athe emgrossar, e se se | lancar¹⁹³ a cozer rais de China, melhor he, as cousas azedas sam m.^{to} porveitozas como sam limoins, ou laranjas¹⁹⁴ azedas: e ultimam.^{te} o melhor remedio sam as pirolas acima ditas. Os doentes emq.^{to} se samgrar,

¹⁸⁹ No original, “arterica”, por possível influência da vibrante da primeira sílaba e/ou contaminação com a palavra “arteria”.

¹⁹⁰ O autor escreveu, ainda no final do fólho 180v., a palavra “co” e a primeira sílaba da palavra “acucar”, repetindo no fólho seguinte o primeiro vocábulo (com acrescento do ‘m’ final) e escrevendo integralmente o segundo: “leite de vaca co a | com acucar”.

¹⁹¹ No original, “leite de baca ca em jejum”.

¹⁹² No manuscrito, “folr”.

¹⁹³ O copista começou a escrever, ainda no final do fólho 181, a primeira sílaba de “lancar”, reescrevendo a palavra integralmente no fólho seguinte: “lam | lancar a cozer”.

¹⁹⁴ O autor emendou “larangas” para “laranjas”, formando a letra ‘j’ a partir do ‘g’.

e purgar comam galinha, e depois¹⁹⁵ comam vitela, vaca, ou caviro, e fugam de doce, e açúcar; agua q' beb[e]rem sera cozida com pao santo votando 2. oncas em cinco canadas de agoa q' fervera athe ficar em 3. canadas¹⁹⁶; # e fuigam de cheiros de cal: *ita* Mirandela *supra* cap. 60. 59. a n. 1., ad n. 39.

Capitolo

Da tosse.

Perg 1: que cousa he tosse. **R** q' he hum movim.¹⁹⁷, com q' o peito intenta expulsar dos organs da respiracam¹⁹⁷ aquilo q' lhe causa alguma molestia. A tosse he de duas sortes, huma thoracica, q' tem a sua causa no peito, esta he humida, qd.º se escara humidades pella boca, ou seca, q' he qd.º se nam¹⁹⁸ lanca humidade alguma: outra he a tosse estomatica, q' procede do estomaco.

Perg 2. como se curam as tosses humidas, q' he qd.º os 'carros¹⁹⁹ sam grosos, e sem aver sede. **R** q' se curam como dissemos dos estalecidos ~~quentes~~, ou catarros de causa fria; e quando a tosse proceder de humores quentes, q' he qd.º os 'carros²⁰⁰ sam dalgados, e os mais sinais de estalicidio quente, se curaram como os estalecidos quentes. so agora se tratara como se curara a tosse estomatica, q' he qd.º he profunda, e mais se exarcebara depois de comer.

[fl. 182]

Resp. 1: q' aos meninos se lhe daram humas colheres de agoa benedita de Rulando, p.^a vomitar, q' he bom, isto repetidas vezes, e todos os dias lhe daram humas colheres de amendoada de pividias de molam, e malancia feitas em agoa de cereijas²⁰¹ negras, ~~e nam sesando~~ e pela manham em jejum tomaram hum cartilho de leite de cabra com meia outaba de pos de coral vermelho preparado, ou de cristal: e nam sesando se samgraram alguas vezes nos bracos, ou lancarlhe sanguexugas.

Resp. 2. q' os adultos se sangraram, os homens no braco, as mulheres no pe, e depois se purgara com agoa benedicta de Rulando, bem turba, 3. oncas cada ves, e de manham bebera em jejum leite de baca, ou cabra com hum escropolo de pos de coral vermelho, ou de aljofar, e a noute tomaram huma amendoada de pividias de

¹⁹⁵ No manuscrito, "e depois, e depois".

¹⁹⁶ Na obra impressa de Mirandela, "A quantidade, que se coze com pão santo, he cinco canadas com meia onça, até gastar dois quartilhos".

¹⁹⁷ O autor fez a translineação da palavra separando 'respirac-', numa linha, e 'am', na seguinte.

¹⁹⁸ O autor fez a translineação da palavra separando 'n-', numa linha, e 'am', na seguinte.

¹⁹⁹ No original, "oscarros", possivelmente espelhando uma realização fonética com elisão da sílaba átona inicial de "escarros". Mais à frente, ainda no mesmo parágrafo, surge uma segunda ocorrência desta forma.

²⁰⁰ No manuscrito, "oscarros". *Vd.* nota anterior.

²⁰¹ O autor corrigiu "cereigas" para "cereijas", formando a letra 'j' a partir do 'g'.

melam, e malencia; e de ninhua sorte comam doce, e bebam agoa cozida com cereixas negras secas: *ita* Mirandela lib. 2. cap. 61, e da asma trata no cap. 62.

Perg 3 como se cura a tísica, q' he o mesmo, q' emaciecã, magreza, ou extenuacã. **R** tomaram por bebida mais de dois meses agua adocada com mel, e tomaram cada dia duas pingas da ~~agua~~^{<↑>}²⁰² oleo de vitriolo em agoa de tanchagem, e se untara o peito com este vnguento = hua outava de gom' aravia²⁰³, e de alquitira, lancado 24 horas em agoa rosada, depois juntelhe onca e meia de oleo de violas, de manteiga crua meia onca, 2 oncas²⁰⁴ de sal prunele, hum escropolo de alcanfor, e leite de peito de mulher q.^{to} vaste, e se fara de tudo hum emgoento em almofaris de pedra; e logo²⁰⁵ se abrirã fontes, e causticos, e darselhe ha medicamentos opiados tomando | m.^{tas} noutes dois graos de laudano opiado feito em huma pirola, ou em amendoada de sementes frias maiores adocada com lambedor de papoulas brancas. E se ouver febre nam he bom samgrar, mas si tomara a tintura de quina~~o~~quina; ‡ e he grande dano ‡ entrar em casas ca[i]hadas de novo, *ita* Mirandela lib. 2 cap. 63.

[fl. 182v.]

Cap.

Do Pleuris.

Perg 1. q' cousa he pluriz²⁰⁶. **R** q' huma inflamacam da plura, q' esta pela banda de demtro das costelas, servindo de defensa ao bofe. **Perg. 2:** qual he a causa do pleuriz. **R** q' he o sangue detido ~~de~~ na plura, e coalhado por algum ~~aeide~~ coagulante, q' lh'empede²⁰⁷ a circulacam. O Pleuris ou he legitimo, ou notho: o legitimo he o q' procede do sangue colerico, neste os sinais sam mais manifestos no principio; o notho he o q' procede de sangue fl[e]umatico²⁰⁸, e malincolico, neste os sinais do principio sam mais remisos: *ita* Mirandela lib. 2. cap. 64 a n. 1, ad n. 4.

²⁰² A letra 'o' foi acrescentada por cima da linha, à frente da letra 'd', depois de o autor ter rasurado a letra 'a' de "da" e a palavra "agua".

²⁰³ No original, "gomaravia", possivelmente espelhando uma realização fonética com crase da última vogal do substantivo "goma" com a primeira vogal do adjetivo "aravia" (vd. também fls. 192 e 200v.). Ao longo do texto, surge apenas uma vez "gomma de aravia" (vd. fl. 190v.).

²⁰⁴ Na obra impressa de Mirandela, "oitavas".

²⁰⁵ No manuscrito, "ello logo". O autor terá começado por escrever a palavra "logo" junto da conjunção "e", mas, tendo optado por voltar a registá-la separadamente de seguida, não anulou a sílaba que já havia escrito.

²⁰⁶ A par da forma regular "pleuriz" (ou "pleuris"), o copista regista, por duas vezes, a forma "pluriz" (ou "pluris") (vd. também no parágrafo seguinte). Ainda assim, a primeira é aquela que ocorre com mais frequência ao longo do texto. O mesmo pode ser referido para as formas "pleura" e "plura". Na obra de Mirandela, apenas se atestam "pleuriz" e "pleura".

²⁰⁷ No original, "lhempede", evidenciando uma aparente realização fonética com elisão da vogal final do clítico "lhe".

²⁰⁸ Vd. nota 182.

[fl. 183]

Perg. 3 quantos sam os sinais do pluris²⁰⁹. **R** q' cinco inseparaveis, 4. preceiteveis, e hum imaginavel. a saber, dor pungente, febre aguda, tosse, respiracam deficultosa, pulso duro, e serrino, voloz, e frequente. **Perg.** como se conhece o pleuris interno, e externo. **R** q' o interno he qd.º o doente nam pode estar sobre o lado contrario, porq' como estando²¹⁰ inflamado a parte interior da pleura fas pezo p.^a a parte contraria; e o externo he qd.º o doente nam pode estar | sobre o lado da dor, porq' como estando inflamada a p.^{te} exterior da pleura, mais se comprime estando sobre ella; e se a dor cesar de repente he mais prigozo, porq' he sinal de se mortificar a pleura com a multidam de humores, e poriso se nam sente, e nos pleuris o escarrar bem he bom, p.^a se expulsar²¹¹ fora os humores: *ita Mirandela supra a n. 6 ad n. 12.*

Perg. 4 como se curaram os meninos dos pleurizes, q' como nam dizem o q' lhe doi, se conhece, vendo q' tem m.^{to} febre, choram m.^{to}, nam dormem, tem as faces m.^{to} vermelhas. **R** q' logo se samgrara no braco da mesma parte, q' se lhe conhecer a dor, e nas pernas, e bracos pela p.^{te} de dentro huns causticos, nas pernas acima do joelho, e nos bracos abaixo dos o'bro; e tendo vomitos se lhe dara humas colheres de agoa benedita de Rulando. a parte da dor se untara com manteiga crua, e nos primeiros dias se lhe dara a beber agoa de pepoulas lancando em cada cartilho meia outava de sal prunelle, e passados 2. dias darselhe ha a tintura de papoulas vermelhas, lancando e[m] meio²¹² cartilho 2 escropolos do antimonio diaphoretico, dandolha as colheres bem mexida. e a agua q' beberem sera cozida com a casca da rais de bardana, ou bebam a tintura da flor de buxo: *ita Mirandela supra a n. 12 ad. 15.*

[fl. 183v.]

Perg. 5. como se curaram os adultos. **R** se o doente tiver logo no principio vomitos, ou inclinacam a elles, e amargores de boca, acudir logo com vomitorios, darlhe no pr.º dia hum coartilho do cordial solutivo de Curbo, meio de manham, e meio de tarde, isto dois dias, e depois se samgrara, como nos mais pleurizes. Porem se o pleuris for ~~eausado~~ tido sem vomitos, nem inclinacam p.^a elles samgraseha logo no braco do lado da dor e se depois de ser sangrado m.^{tas} vezes nam semtir melhoras | samgraseha²¹³ no braco da outra parte, duas vezes, e nam sentindo melhora, se samgre no pe da parte da dor duas vezes.

²⁰⁹ *Vd.* nota 206.

²¹⁰ O autor fez a translineação da palavra separando 'esta-', numa linha, e 'ndo', na seguinte.

²¹¹ No manuscrito, "explusar".

²¹² No original, "emeio".

²¹³ O copista começou a escrever, ainda no final do fólio 183, a primeira sílaba de "samgraseha", reescrevendo a palavra integralmente no fólio seguinte: "sam | samgraseha no braco".

E se for mulher, q' seja mal menstruada ou estando p.^a lhe vaixar o mestro²¹⁴ samgraseha no pe da parte da dor, e nam se achando melhor se samgrara no braco, no mesmo tempo com a do pe, o mesmo he se a ~~sangr~~ mulher doente de pleuris estiver de parto, ~~ou~~ e durar a purgacam delle. E se a mulher andar prenhe se samgrara pr.^o no braco da p.^{te} da dor, e depois no pe.

E logo no principio do pleuris se poram causticos nos pes acima dos joelhos. E logo do principio se dara ao doente o laudano opiado, e tomarse ha cada dia = 2 granos em huma emendoadada de pividias de melam, e malancia, adoccada com huma honca de lambedor de pap[o]ulas brancas, e nam comvem outros lambedores, porq' o acucar he m.^{to} nocivo nos pleurizes.

E pasados tres dias se tomara ~~m~~ de manham, ou de tarde 4. horas aredado do comer dois dias meia outava das pirolas antipleureticas, cuja receita he esta = 12 gramos de coral vermelho, e outros de dente de porco montes tudo bem preparado, 10 de pos de verga de cavalo marinho, 2 graos de laudano opiado, feito em pirola de oleo de alcanfor p.^a cada ves, e douraseha.

[fl. 184] E pasado o principio do pleuris p.^a a sua diclinacam, p.^a escarrar bem, tomara a tintura de papoulas vermelhas q' se fara desta sorte = em tres | canadas de agoa meia onca das cascas da rais de bardana, e tendo tanto fervido, q' se gaste ~~meio~~ <hum↓>²¹⁵ cartilho, nesta agoa e estando a ferber se lancara a quantid.^e q' bem baste das flores de papoulas p.^a q' fique a agoa bem vermelha; e logo q' se lhe lancar as flores se tirara agoa do lume, e se cobrira m.^{to} bem, e estando ~~vermelha~~ quasi fria coase, e se goarda p.^a hir tomando lancando cada ves 8. pingas de espirito de ferrugem, e se a febre ahinda for grande se lancara tambem as flores de violas ao cozimento.

E se feito os remedios nam secar a pontada lancarseha huma ventosa sobre ella, e depois se sargara, e depois huma seca sobre a sargadura, e outra da outra p.^{te}. E p.^a em todo o tempo se vntar a pontada sera com oleo de casca de abobera branca, q' se fas desta sorte, raspaseha hu' abobera²¹⁶ branca colhida no mes de agosto lancando 2. arrateis dela em 2. cartilhos de azeite velho, e fervera ~~athe~~ em tigela de barro vidrada athe q' fiquem fiabreis, e depois tiremse com hum[a] colher, e no azeite se apagara 3 vezes ferro novo feito em brasa, cobrindo bem a tigela em cada extensam²¹⁷; e pasado o principio se untara com o emgoento pleuritico, ou oleo de marcela, ou de acusena.

²¹⁴ Na obra impressa de Mirandela, "menstruo". Vd. também fl. 166v.

²¹⁵ Palavra acrescentada por baixo do vocábulo rasurado.

²¹⁶ No original, "huabobera", possivelmente espelhando uma realização fonética com crase da última vogal do artigo indefinido "hua" com a primeira vogal do substantivo "abobera".

²¹⁷ Na obra impressa de Mirandela, "extincção".

E os doentes no principio comam pouco so caldos de aveia sem açúcar. e depois de samgrados comeram caldos de galinha, e beberam agoa cozida co[m] rais de verdana, ou com alcacus limpo da casca, e se poder durma bem. *ita* Mirandela lib. 2. cap. 64.

[fl. 184v.]

capitolo de fasti

Do fastio.

Perg. q' cousa he fastio. **R** he huma aversam ao elemento²¹⁸, com q' os homens ahinda q' queiram nam podem. **Perg. 2** q' se fara p.^a o fastio. **R** he bom por sobre o estomago hum imprasto de ortelam pissada com formento azedo, e vinagre; lancar no caldo vinagre forte, ou cumo de limam azedo, ou de laranja azeda; porq' o fastio he causado por falta de humor acido no estomago.

No tempo do fastio, e p.^a os q' padecem vomitos, indigestacoins²¹⁹, ou fraqueza de estamago podem pelo tempo de 2. meses trazer este remedio = 4 oncas de oleo de copaiva, e 3 oncas de oleo de ortelam, outras 3 de²²⁰ losna, outras 3. de almecega, e outras 3. de espica, e meia onca de oleo rosado, e meia de marmelos, huma onca de pos de aromatico rosado, e 2 outavas de Diarrhodam Abbade, e de pos de coral vermelho, e de losna, e de almecega, de espica, de cada cousa 2. ~~oneas~~ outavas, 5. oncas de balsamo de poru, e cera q.^{to} vaste p.^a fazer ~~o empraste~~ o ingoento, no coal deretido se meta hum pano de linho novo cinco, ou seis vezes, e se pora no estomago com huma fita pendorada do pescoco, e apertandoo com huma fita, este emprasto nam se pega ee no estomago como outros, e poriso he melhor porq' nam cau[sa]²²¹ comichoins, nem quenturas no estomago. *ita* Mirandela | libro 2. cap. 66.

[fl. 185]

²¹⁸ *Vd.* nota 15.

²¹⁹ Na obra impressa de Mirandela, "*indigestoens*". *Vd.* também fl. 189.

²²⁰ No manuscrito, devido à translineação, "*de de*".

²²¹ Ao fazer a translineação, o autor não escreveu, na linha seguinte, a sílaba final da palavra "*causa*".

Capitolo Da espinhela.

Perg 1: q' cousa he espinhela cahida, como vulgarm.^{te} se dis. **R**²²² q' he hua relaxacam, extensam, e torcimento da cartilhagem aguda²²³ como espada situada no fim do peito²²⁴ p.^a defesa da parte superior da voca do estomago.

Perg 2. ¶ por q' causa sucede esta desordem na espinhela. **R** q' por quedas, pancadas, toses violentas, por tomar grandes pesos, torcer o corpo, ou de mober m.^{to} corpo em dançar, correr, saltar, andar, ou trabal[h]ar m.^{to}, ou fazer excessos no vso de Venos, ou por aver jumto desta cartilagem grande copia de humores.

Perg. 3 como se conhecera q' a espinhela esta, vulgo, cahida. **R** se depois do comer ouver peso no estomago, se estando deitado de costas levantando as maos p.^a cima sentir maior dor, ou se sobindo p.^a cima cansam m.^{to}.

[fl. 185v.] **Perg. 4** como se leva[n]tara a espinhela, como vulgo, se dis. **R** q' se lancara huma vontosa furada sobre o lugar da espinhela, tendo o buraco tapado p.^a q' qd.^o se quizer tirar se destape p.^a q' cahia a ventosa sem violencia; e depois se lancara hum empra[s]to, q' se trara 10 ou 12 dias sem fazer neles m.^{to} exercicio, principalm.^{te} nos primeiros dias; o emprasto he a sua receita desta sorte = de almecega, | estomaticam²²⁵ meia onca de cada hum, dos pos de Diarrhodam Abb.^e, aromatico rozado, de cada cousa meia ~~onea~~ outava, pos de losna, de espica, de pao de aquila²²⁶ de cada cousa 2 outavas, ambar, almecega²²⁷ de cada cousa 4 graos, de oleo de losna q.^{to} vaste, este emprasto se poim em pano vermelho: ou o emprasto mais vulgar he o emprasto da espinhela, q' nas voticas esta preparado, q' se chama de aquilam²²⁸ menor; e o q' se levantar a espinhela nam deve comer carne de porco, de peixe, ortelice nem alementos frios, nem vaca, mas sim galinha, carneiro, e qualquer pasaro, pode beber vinho, ou agua cozida com pao santo. *ita* Mirandela lib. 2. cap. 69.

²²² No original, “R R”.

²²³ No original, “agulda”.

²²⁴ No manuscrito, “peeito”.

²²⁵ O copista começou a escrever, ainda no final do fôlio 185, uma parte da palavra “estomaticam”, reescrevendo-a integralmente no fôlio seguinte: “estoma | estomaticam”.

²²⁶ Na obra impressa de Mirandela, “aguila”.

²²⁷ Na obra impressa de Mirandela, “almiscar”.

²²⁸ Embora se trate do substantivo *diaquilão*, o autor do manuscrito registou-o tal como surge na 3ª edição da obra impressa de Mirandela, “de aquilaõ” (na 2ª edição da mesma, “diaquilaõ”).

cap.
Do[s] solucos.

Perg. i: q' cousa he solucos. **R** q' he hum movim.¹⁰ convulsivo do estomago com q' ententa expulsar de si a materia irritante afixa nas porosidades das suas tunicas, e nam na sua concavid.^e

Perg. como se curaram os solucos causados de umor quente. **R** q' he tomar²²⁹ este remedio, cuja receita he esta = lancando em leite 2 g<r↑>aos²³⁰ de laudano opiado, e no segundo dia o mesmo. **Perg. 3** como se curara o soluco causado de acidos acres. **R** com agua de Inguelaterra do D. Fernam Mendes da Costa, e sobre o peito se poram panos molhados em leite fervido com ortelam seca.

[fl. 186]

Perg. 4 como se curara o soluco | procedido de cousa fria. **R** q' sobre o estomago se pora o emprasto de balsamo, ou da masa do emprasto estoma[ti]cam, ou panos molhados em vinagre quente cozido com cominhos. e darse lhe am ajudas de²³¹ cozimento de malvas, mercuriais, macella, ouregoins, e ruda, tempera[n]do cada ajuda com 6 outavas de pirega²³², meia coarta de acucar mascavado. e se dara vomitorios cada ves huma outava de vitriolo.

Perg. ultimo q' remedio se deve vsar em qualque[r] vomitorio. **R** q' nam sendo por causa de inflamacam he tomar huas pirolas feitas desta sorte = meio escropolo do coral vermelho preparado, outro de semente de endros, 2 granos de laudano opiado, e com balsamo negro fasse massa de q' se forma as pirolas, e se douram, e p.^a cada huma e toda esta quantid.^e, e sendo por causa de inflamacam, o remedio he samgrar no braco direito, e tomar cordiais refregerantes de agoa de almeiram, e de azedas. *ita* Mirandela lib. 2. cap. 71.

²²⁹ O autor registou com 'o' bem evidente a vogal da segunda sílaba de "tomar", o que não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

²³⁰ A letra 'r' foi acrescentada por cima da linha, entre as letras 'g' e 'a'.

²³¹ No manuscrito, "de de".

²³² Na obra impressa de Mirandela, "gerepiga".

capit

Dos vomitos, e nausea.

Perg. 1 q' cousa he vomito. **R** he hum deprevado movim.¹⁰ do estomago, com q' expulsa de si com violencia a causa, q' o molesta. e nausea he hum frustado dezejo de vomitar com ancias, e evacuacam de alguma materia salivosa.

[fl. 186v.]

Perg 2. como se curam os vomitos, e nauseas. **R** q' õs aos meninos se faram beber agoa masturada com mel, e no estamago se lhe pora hum imprasto feito desta sorte = hum piqueno de formento, e duas gemas de ovos, e tudo bem batido, e depois aporvilhandose com pos de cravo da india, e aplique-se quente ao estomago, e se beberem sera agoa ferrada com ferro, q' tenha²³³ ido m.^{tas} vezes ao fogo.

E os adultos se curaram assim, pr.^o he tomar hum vomitorio daqueles q' se dixे q' servem p.^a os soluços, e se nam poderem tomar vomitorios tome pirolas, q' a receita he = huma outava de aloes rosada, hum escropolo dos pos de roybarbo, 2 granos de laudano opiado, formase pirolas p.^a huma so ves, e dourense; e vsarse ha de ajudas, sendo os vomitos antigos, seram de caldo de galinha com diaprunis, geripiga, ou benedita laxativa; e se os vomitos²³⁴ forem tidos de pouco tempo se lhe lancara na agua da galinha seis oncas de agua benedita de Rulando; e se o doente lancar fora o mantim.¹⁰ se daram as horas q' costumava comer ajudas nutritivas de caldo de galinha, com gemas de ovos, e humas colheres de vinho; tambem he bom samgrar.

He bom p.^a os vomitos tomar duas colheres do cumo de limam azedo, ou de vinagre bem forte, ou este remedio = hum escropolo de sal de losna, huma colher de cumo de limam azedo, hum gram de laudano opiado, tudo bem masturado, se tomara de manham, e outro tanto de tarde, e se continuara tres dias.

[fl. 187]

E se os vomitos proceder[em] de humores quentes, q' he qd.^o ouver sede, ancias, no estamago, amargor de boca, arotos nidrosos, e o sujeito sera de temperam.¹⁰ quente, sam bons os banhos de rio corrente, e leite de cabra tomado com meia outava de pos de coral vermelho preparado, pode comer galinha, frangos, vitela, e peixe do rio, e depois de comer bebam agoa fria, q' reprime os vomitos.

E se os vomitos procederem de humores frios ~~sam bons os vanhos de ea,~~ q' he qd.^o ouver arotos azedos, haverá sede, mas a boca estara humida, com m.^{ta} saliva ahinda estando em jejum²³⁵, e comendo, ou bebendo²³⁶ param os vomitos, sam bons os

²³³ O autor fez a translineação da palavra separando 'ten-', numa linha, e 'ha', na seguinte.

²³⁴ O autor emendou "bomitos" para "vomitos", escrevendo a letra 'v' em cima do 'b'.

²³⁵ O autor corrigiu "jegum" para "jejum", formando a letra 'j' a partir do 'g'.

²³⁶ O autor emendou "vebendo" para "bebendo", formando a letra 'b' a partir do 'v'.

vanhos das caldas sulfurias, e beber agua delas por bibida ordinaria, lancar no caldo da galinha seis pingas do espirito de erva doce, ou de canela; e este remedio = 2 oncas de agua de ortelam, huma onca do cumo de marmelo, 6 outabas de agua de canela, 3 pingas de oleo de canela, e 5. pingas de²³⁷ espirito de vitriolo = tudo junto, tomasse as colheres ajuntandolhe algumas vezes hum grao de laudano opiado.

E se os vomitos forem causados de algum veneno, q' he qd.º ha picadas no estamago, azia, e zedumes, principalm.^{te} em jejum, depois de tomar vomitorio, tomara em leite de cabra pedra cordial, ou besoartico de Curbo.

[fl. 187v.] E se os vomitos forem causados de lumbrigas avera os sinais dellas, se vsara dos remedios contra ellas. he bom nos vomitos por sobre o curacam²³⁸ o emprasto de formento bem azedo, huma pouca de ortelam, e vinagre bem forte, pisado tudo, e se renovara 2. vezes no dia; he bom comer | caldos de farinha de trigo com agua rosada, e gemas de ovos <e beber agua ferrada com ferro.<—>²³⁹ qd.º forem de humores quentes, e sendo frios aos comeres podem beber vinho em q' estejam olhos de ortolam, e fora do comer vebera agua cozida com canela. *ita* Mirandela lib. 2. cap. 71.

Perg. como se curaram os vomitos de sangue. **R** samgrando nos pes o q' for necessario, se lancaram ventosas nas pernas, e lombo; as sangrias se daram na veia da arca as pausas; he bom nos vomitos²⁴⁰ meter as maos em agua bem fria, e ~~se~~ ao depois darse ha este remedio = 10 oncas de agua, ou cozim.^{to} de tanchagem, 4 oncas de inxarope²⁴¹ de mortinhos, ou de rosas secas, 4 outavas dos trociculos²⁴², e tudo bem mesturado, se tomara varias vezes: ou este = 4. oncas de cumo de ortelam, ou de tanchagem com 2. granos de laudano opiado; e depois de pararem os vomitos se tomara de manha, e tarde, 2 oncas de agoa rosada, ou de tanchagem, huma clara de ovo²⁴³, e duas colheres de vinagre.

Hum remedio bom p.^a quaisquer vomitos he este = huma onca de conserva de rosas, outra de rais de solda, huma outava de pos de volo armenio, 2 outavas de pos subtilissimos de pedra hematittes, meia outava de goma de trigo, outra meia de alquitira com xarope de mortinhos ~~de~~ se faca opiata, do²⁴⁴ coal tomara o doente tamanho como

²³⁷ No manuscrito, “de de”.

²³⁸ Na obra impressa de Mirandela, “estomago”.

²³⁹ Trecho acrescentado na margem esquerda. Segue-se à palavra “ovos”, uma vez que o autor indicou com um sinal a localização devida do acrescento.

²⁴⁰ O autor corrigiu “bomitos” para “vomitos”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

²⁴¹ Na obra impressa de Mirandela, e nas restantes atestações da palavra no manuscrito, “xarope”.

²⁴² No livro de Mirandela, “trociscos”.

²⁴³ No impresso de Mirandela, “ou de tanchagem, com huma clara de ovo”.

²⁴⁴ Na obra impressa de Mirandela, “da”.

humana grande avelam pelas manhans em jejum, estando se[m] comer duas horas, e bebera sobre ella humana chiquera de agoa ferrada, e o doente comera ovos duros com vinagre, e no caldo vote folhas de tanchagem: *ita* Mirandela *supra* cap. 72.

[fl. 188]

capitolo

Da dor de colica.

Perg. 1: quantas quastes ha de colica. **R q' 4:** colica estercoraria, colica humoral, colica convulsiva, e colica flatulenta. A colica estercoraria he humana coagullaçam, e enduricim.^{to} dos excrementos no intestino Colon, q' pela sua dureza, ou acido agudam.^{te} fere os intestinos. esta de ordinario se da nos meninos. A colica humoral he a q' procede dos humores, estes ou sam frios, q' se da nos q' tem o temperam.^{to} frio, ou be[be]ndo cousa fria estando o corpo suado, e estas m.^{tas} vezes matam subitam.^{te}; ou procede de humores quentes, esta se da em gente nova, adustas, malencolicas, e he do mais ordinario no estio, e poriso nestas se acha febres.

A colica convulsiva he aquela em q' os intestinos se contrahem, ou se convellam procedendo de materia espasmodica, ou de acidos acres, q' velicando os intestinos os fazem emcrespar, e encolher. A colica flatulenta he a q' procede dos flatos causados das materias crasas, e viscosas do estamago. Alem destas a outras colicas causadas pelas lombrigas, e outras causadas de pedras geradas nos intestinos.

[fl. 188v.]

Perg 2. como se cura a colica estercorica²⁴⁵, q' he qd.^o a dor he avaiço do invigo fazendo a maior molestia em algum dos lados acima das verilhas, haverá falta de |evacuacam²⁴⁶. **R q' he** tomar ajudas de leite de baca lancando em cada ajuda humana, ou duas outavas de salgema, e humana outava de espermacita²⁴⁷; ou ajudas de hum cartilho de azeite sem mais nada, estas ajudas se daram m.^{tas} vezes no dia. e se com estas ajudas nam abrandar se daram outras de leite fervido com meimendro, disfazendo em cada ajuda duas gemas de ovos; e depois se lhe daram ajudas de leite borno²⁴⁸ ~~la~~, ou de caldo de galinha lancandolhe 4 oncas de agoa benedita de Rulando, ou 2 oncas de xarope persico solutivo; e se com as ajudas nam abrandar a queixa se dara = 3 oncas de mana desfeito em 4 oncas de oleo de amendoas doces, ou de linhaca, e 2. granos de laudano opiado.

²⁴⁵ Na obra de Mirandela, e nas restantes atestações da palavra no manuscrito, “*estercoraria*”.

²⁴⁶ O copista começou a escrever, ainda no final do fólho 188, uma parte da palavra “*evacuacam*”, reescrevendo-a integralmente no fólho seguinte: “*evacu | evacuacam*”.

²⁴⁷ Na obra impressa de Mirandela, “*esperma-ceti*”.

²⁴⁸ *Vd.* nota 74.

He bom os banhos de agua tepida cozida com a rais de malvaisco, de malvas, linhaca galega, flores de marcela, semente de alforvas, estar nelle 3 coartos de huma hora, e ao sahir do banho untar o ventre com o ingoento de dialtea, e agripa com huas pingas de agua ardente. ou este emgoento, q' serve tambem p.^a os q' cursam com dificuldade = huma onca do ungoento de dialteia, e outra de artanita, e meia onca de enxundia de pato e outra de manteiga de baca crua²⁴⁹, e meia onca²⁵⁰ de oleo de amendoas doces.

[fl. 189] Sam bons os remedios seguintes p.^a as colicas. beber em vinho o excremento de lebre, o esterco de galinha feito em po, ~~tomando a quantid.^e de huma outava~~, sendo branco e os pos de minhocas achadas na terra. os pos da ponta de viado tomando quantid.^e de huma outava, ou pos do curacam de cabra. | tambem he bom remedio o cumo do excremento de pombos tirado em leite, ou agua em q' se haja cozido em quantid.^e de 2 oncas.

~~Perg. 3. com se cura a colica~~

os doentes comeram caldos de galinha bem gordo[s] lancandolhe unto de porco, ou manteiga de baca, de coubas mal cozidas, ou frango cozido con toucinho, e beberam agua cozida com pasas, o²⁵¹ ameixas de boa polpa.

Perg. 3 como se curaram as colicas de humores frios, q' se da qd.^o o doente tiver comido alementos ~~frios~~ atos p.^a cruezas, e ~~de~~ indegestacoins²⁵², ou da bebendo agua fria estando suado, ou tendo feito algum servico violento. **R** q' se tomaram ajudas de rais de malvaisco, de açucena, e de malvas, flores de marcela, linhaca galega, erba doce, em cada ajuda se lancara 2 oncas de oleo de ruda, acucar mascavado, outava, e meia de salgema ~~em s~~ sem sal nem azeite; e se nam abrandar se dara huma ajuda de ourina de minino com 2. oncas de fel de vaca; mas antes destas ajudas se faram alguas da[s] primeiras q' acima dixemos, e nam sesando as dores se purge com 3 oncas de mana, e huma outava de cremores de tartaro.

E estando a dor gra[n]de tomara cada dia 2 graos de laudano opiado em meia ~~h~~ onca de lambedor de dormideiras brancas, p.^a as abrandar, e tomara banhos de agoa tepida como acima dixee ajuntandolhe neveda, magarona, poejos, ouregoins, e depois untando o ventre como acima dixee.

²⁴⁹ Na obra impressa de Mirandela, "*manteiga de vacca, sem sal*".

²⁵⁰ Na obra impressa de Mirandela, "*onça, e meia*". A informação registada no manuscrito poderá dever-se a um lapso de leitura do copista, causado pelo facto de, em Mirandela, o sintagma "*onça, e meia*" surgir, na linha de baixo, no mesmo eixo vertical de "*meia onça*".

²⁵¹ *Vd.* nota 176.

²⁵² Na obra impressa de Mirandela, "*indigestoens*". *Vd.* também fólio 184v.

[fl. 189v.]

He bom remedio o esterco de baca posto sobre a dor; hum alho asado posto sobre o embigo, he bom o esterco de burro seco ao lume, e frito em azeite posto por emprasto. | os doentes comeram galinha, ou carneiro cozido com grans de vico, ortelam, e humas cabecas de alho, e beberam agoa cozida com pao santo.

Perg 4 como se curaram as colicas causadas de humores quentes, q' he qd.º ha grande calor no ventre²⁵³, e grande sede, e as urinas amareladas. **R** q' se lancaram repetidas vezes ajudas de leite de vaca tepido com huma gema de ovo, e açucar, e nam avendo leite sera agoa cozida com frango, ou franga e depois tornada a cozer com malvas, violas, cevada, e ameixas temperada com a gema de hum ovo, e açucar branco, e bebera leite²⁵⁴ de cabras e se tomara banhos de agoa tepida com igoal quantid.º e nam de leite, e nam habendo leyte sera agua cozida com malvas, violas, meimendro, e flores de sabogueiro, e de marcela, e sobre a dor se poram panos de linho molhados em leite quente. E as vezes nestas colicas vasta beber huma boa tigela de leite frio, ou agoa fria. ~~E o do~~ e vsarseha dos mais remedios acima; e o doente comera galinha, e depois da dor comera vitela, cabirto, caldos de farinha de cevada.

[fl. 190]

Perg. 5. como se curara a colica convulsiva q' he qd.º os doentes tem desmaios, vomitos, pulsos piquenos, soores frios, dificuldade²⁵⁵ no respirar, e no ventre sente[m] repetidas picadas. **R** q' se curara com repetidas ajudas de leite vorno²⁵⁶ com a clara de hum ovo²⁵⁷, e açucar branco, e depois tomara este medicam.¹⁰ = huma outava de coral vermelho, e outra de olhos de caranguejos tudo bem preparado, dois escropolos de carneo humano, outro de grambesta, e outro de semente de peonia, e hum escropolo de castoreo, masturado tudo = e se tomara meia outava em leite de manham, e outro | tanto em huma colher de agoa de tarde, e a noute se tomara em caldo, e os mais remedios acima ditos; o doente coma como dixemos nas colicas de humores quentes, e beba agoa cozida com cereijas negras secas, ou flores de marcela.

Perg. ultimo, como se curam as colicas flatulentas q' he qd.º o bentre esta m.¹⁰ inchado avendo nele rugido lancando algum vento pela boca, ou via excrementicia, tendo comido frutas, nabos, castanhas, e outros semelhantes elementos²⁵⁸. **R** q' se pora sobre a dor huma volsa de pano de linho bem quente de milho mivdo, farelos de trigo,

²⁵³ O autor corrigiu “*bentre*” para “*ventre*”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

²⁵⁴ No manuscrito, “*leita*”, com ‘a’ bem evidente, por provável automatismo de cópia e influência da última vogal da palavra anterior, o que não volta a ocorrer ao longo do texto.

²⁵⁵ No original, “*dificuldado*”, com ‘o’ bem claro, por provável automatismo de cópia e influência da vogal da palavra seguinte, o que não volta a repetir-se ao longo do manuscrito.

²⁵⁶ *Vd.* nota 74. Na obra impressa de Mirandela, apenas “*leite*”.

²⁵⁷ Na obra de Mirandela, “*a gema, e clara de hum ovo*”.

²⁵⁸ *Vd.* nota 15.

e sal; ou se vse de oleo de louro, de ruda, e marcela, pu[lvi]risando²⁵⁹ a untura com huns pos de cuminhos. e beber duas colheres de agua ardente, de rosa solis, e da agua da Rainha de Hungria; e nam secando a dor se purgara com os remedios da colica de humor frio, e a dieta he a mesma da do humor frio: *ita* Mirandela lib. 2. cap. 64. Dos cursos lientericos, e celiacos, vejase o capitolo 69.

Capitolo

Das cameras de sangue.

Perg 1: q' cousa he cameras de sangue. **R** q' he huma defluxo de materia excrementicia com sangue com dores no ventre. **Perg. 2** como se curaram os meninos, q' mamam delas. **R** q' se lhe lamcaram e[m] pouca quantid.^o ajudas de leite de baca com ~~gem~~ gema de ovo, e acucar branco, depois destas se lancem de ~~caldo de frango cozido~~ cozido de cumo de tanchagem com gema, e clara de ovo, e acucar; e depois outras de leite cozido com rozas vermelhas, folhas de tanchagem, flores de romans selvestre[s], cevada torrada, com hua clara, e gema de ovo, huma outava de | alquitira²⁶⁰, ~~huma~~ <2↑>²⁶¹ outavas de sebo de cabirto, humas colheres de calda de açucar rosado. E se as os cursos forem m.^{to} continoos se purgaram com pos de cipo 2 ou 3 meses, cada dia em vinho, ou caldo de galinha cada dia seis granos. E se comer se lhe dara caldo feito de leite cozido com arroz, com gemas de ovos. E no ventre se poram panos molhados em leite quente.

[fl. 190v.]

Perg. 3 como se curaram os adultos. **R** q' pr.^amente he tomar vomitorios, ou purgas, e qd.^o o remedio purgativo entra a obrar se tomara huma ajuda de cera branca purissima, e depois de o remedio obrar huma ajuda de leite com gema de ovo, e açucar. e destas se vsara logo des o principio da queixa, e pasados alguns dias se tomaram ajudas adstri[n]gentes de meio cartilho de cozim.^{to} de cevada, e aros, duas claras de ovo bem batidas, 3 outavas de gomma de aravia, meia onca de cebo de vode, 2 outavas de pos sutilissimos de pedra hematites²⁶², hua outava de pos de bolo armenio, e duas claras de ovo bem batidas, tudo bem misturado: ou da agua²⁶³ da pia de ferreiro, ou ferrada

²⁵⁹ Na obra impressa de Mirandela, “*pulverisado*”; no entanto, o autor do manuscrito registou com ‘i’ outra forma do mesmo verbo (“*pulvirisado*”, em dois passos do fl. 196).

²⁶⁰ O copista começou a escrever, ainda no final do fôlio 190, a primeira sílaba de “*alquitira*”, reescrevendo a palavra integralmente no fôlio seguinte: “*huma outava de al | alquitira*”.

²⁶¹ Numeral acrescentado por cima da palavra rasurada.

²⁶² No manuscrito, “*pedra he / hematites*”. O autor começou a escrever, no final da linha, a primeira sílaba de “*hematites*”, reescrevendo a palavra integralmente na linha seguinte.

²⁶³ No original, “*de agoa da agua*”.

com ferro velho cozida com raiz de solda, rosas secas, cevada torrada, 2. oncas de ~~eumo de tanchagem, e duas~~ sebo de vode²⁶⁴, 3 outavas de alquitira, 2 claras de ovo bem batidas, tudo misturado.

Donde depois de purgar, e sangrar he bom ~~vsar~~ beber pelas manhans hum cartilho de leite de baca ferrado com hum[s] seixos do rio, e nam comer athe nam pasar 4 oras; he bom vsar de banhos de agua tepida, e pela parte de fora se poram panos molhados en leite quente cozido com erba de tavaco, ou folhas de muymendro.

[fl. 191]

A galinha q' comer sera cozida em agoa, e vinagre com huas vagas de murta, e depois asada. os caldos seram de leite cozido com aroz, e gemas de ovos; o pam sera bem cuzido, agua q' beber²⁶⁵ sera cozida com folhas novas de carvalho, ou rais de tormentilla, mas pouca. O mesmo he nos puxos. *ita* Mirandela lib. 2. cap. 71.

Capitolo das dores de almorreima.

Perg 1: q' cousa seja almorreima. **R** q' he huma inflamacam das veias hemorroidas²⁶⁶ terminadas nos intestinos, causada de andar a cavalo em vesta muar, ou saltar, ou asentarse em lugar quente, causando grandes dores nas cadeiras, e ventre, dificuldade em cursar, e ourinar.

Perg. 2 como se curaram as almorreimas. **R** q' sendo grandes as dores se sa[n]grara nos bracos o q' for necessario, e depois se lancaram sanguixugas nas veias hemorroidas²⁶⁷. he bom lancar ventosas de cima athe a cinta, ou ao menos esfragacoins nas mesmas p.^{tes}, o mesmo na dor de pedra; a noute tres horas depois de comer huma amendoada de pividas de molam, e malancia com huma onca de lambedor de dormideiras brancas, e dois gramos de laudano opiado, e de manham ~~en jejum~~ em caldo, ou em huma colher de calda meia outava ~~de coral vermelho, aljofar, cristal~~ de pos alcalicos, compostos de partes igoais de coral vermelho, aljofar, cristal, e olhos | de caranguejos²⁶⁸, tudo bem preparado; e tambem se tomara 4 horas depois de jenctar. Nam convem tomar purgativos so sim a noute se comera no caldo borragens cozidas com azeite.

[fl. 191v.]

²⁶⁴ No original, "2. oncas de ~~eumo de tanchagem, e duas~~ de sebo de vode".

²⁶⁵ O autor emendou "veber" para "beber", formando a letra 'b' a partir do 'v'.

²⁶⁶ Vd. nota 9.

²⁶⁷ Vd. nota 9.

²⁶⁸ O autor escreveu, ainda no final do fólho 191, a palavra "de" e uma parte da palavra "caranguejos", repetindo, no fólho seguinte, o primeiro vocábulo e escrevendo integralmente o segundo: "olhos de caran | de caranguejos".

He bom lavar o sesego com leite frio, e tomar vanhos de agoa cozida com folhas de sabogeirol, e varvasco; tambem he bom pisar as folhas de sabogeirol, e polas frias no sesego, e se com ellas na. cesar a dor se cozera leite com erva de tabaco, meymendro, e verbasco, porq' p.^a huns sam bons huns remedios, p.^a outro outros conforme os humores, ou pisar voldroegas e polas por emprasto no sesego, algum. sam bons os vanhos de agoa fria.

E sendo grande[s] as dores, e avendo m.^{to} calor ~~he be~~ nas almorreimas se pora hum emprasto de miolo de pam aboborado com leite, ou cozer azeite com entrecasco de sabogeirol, e se vntaram as almorreimas, ou asar huma cevola branca, e pisada e masturarlhe manteiga crua he bom remedio p.^a abrandar as dores, ou cozer malvas, e nesta agoa lavar manteiga he bom remedio.

E se as almorreimas estive[re]m enchadas se esfragaram²⁶⁹ bem con folhas de figueira, ou com pano de linho aspro molhado em cumo de cebola. o varbasco²⁷⁰ seco no forno e bem moido tomado em leite, deseca as almorreimas; as fontes nas pernas persebaram²⁷¹ das dores de almorreima. E nestas dores nam he bom comer carne de porco posta ao fumo, nem aduvos, nem pimenta, e bebera agoa cozida com millefolio.

[fl. 192]

E se as almorreimas se sangrarem | deixarseham sangrar, e correndo m.^{to}²⁷² depois de alguns dias se samgrara no[s] bracos, e depois tomara vomitorios de antimonio; e depois na[m] secando hum escropolo de pos de coral vermelho, preparado, meia outava de gom' aravia²⁷³ tudo mesturado se com huma clara de ovo, e se bebe. he bom asentarse em agoa fria, e de ninhua sorte quente, *ita* Mirandela libro 2 cap. 84, e 85. Para aplacar as dores, inflamacam, e quentura demasiada, se pora sobre a parte hum emprasto do pam amasado com agoa rosada, gema de ovo, e oleo rosado; ou lavar com o cozimento de malvas, violas, barbasco, ou por as mesmas erbas machucadas com azeite comum. *sic* Lux da medicina fol. 299.²⁷⁴

²⁶⁹ No manuscrito, “*se esfragaram se esfragaram*”.

²⁷⁰ O autor corrigiu “*barbasco*” para “*varbasco*”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

²⁷¹ *Vd.* nota 6.

²⁷² No original, “*m.^{tos}*”.

²⁷³ *Vd.* nota 203.

²⁷⁴ O autor escreveu grande parte do último período (a partir de “*amasado...*”) no espaço disponível à direita do título do capítulo seguinte.

Capitolo Das Lombrigas.

Perg 1: quantas ~~sẽt~~ castes ha de lombrigas. **R** q' tres; huas longas, e redondas, estas sam as mais ordinarias q' jerandose no[s] intestinos tenues, huas decem ao intestino craso, e sai pela [via] excrementicia, outras sobem ao estomago, e m.^{tas} vezes sahem, pela voca, e naris, e outras vezes introduzindose pelos dutos dos elementos²⁷⁵ metense nas veias do corpo; outra caste de lombrigas sam piquenas, e miudas como arestas geradas no intestino recto; outras sam largas, e compridas.

[fl. 192v.] **Perg 2.** q' sinais ham de aver p.^a se conhecerem as lombrigas. **R** q' sendo das redondas e longa[s] sam; o bafo azedo, dores e picadas no ventre, principalm.^{te} em jejum, o excremento semelhante ao de vaca, comicham nos narizes, ~~e nã~~ ou no intestino recto, tose seca, m.^{ta} saliva em jejum, medo estando dormindo, e vasta algum destes sinais, e as piquenas, e miudas so causam comicham no intestino recto. | As lombrigas largas causam m.^{ta} fome.

Perg 3. como se curam os meninos. **R** q' se lhe dara a verer m.^{tas} vezes huas colherin[h]as de agoa cozida com ortelam verde. o[s] pos de vnha de vaca torrada bem mo[i]dos lancados em agua, darlhe as colherinhas, e se as lombrigas os afogarem se lhe dara o cumo de losna com acafram, e nam outra cousa, e se lhe lamcaram ajudas de leite com bem açucar; e se lhe pora no ventre emprasto de ortemige²⁷⁶, ortelam, folhas de pexigueiro pisado tudo lancandolhe vinagre bem forte: ou 4 graos de marcurio doce, ou branco bem precipitado, e dulcificado.

Perg. 4. como se curaram os adultos. **R** q' he purgarse com pos de Quintilio. ou com Marcurio doce, 10 g[r]aos e cinco de [di]agridio de Paracelso, as pessoas de 10 annos p.^a cima, e p.^a vaixo seram 6 graos de marcurio doce, e 4. de [di]agridio, e avendo febre depois de purgar se sangrara dando ao mesmo tempo cordiais observantes²⁷⁷ com remedio contra as lombrigas.

He bom tomar meia outava de ponta de viado, bem preparada, ou raspaduras delle, ou da semente da erba lombrigueira; o beber²⁷⁸ agua cozida com ortelam, poejos, folhas de pessegueiro²⁷⁹, ortemige, grama, semente de couva; o beber

²⁷⁵ Vd. nota 15.

²⁷⁶ O copista corrigiu “*ortemiga*” para “*ortemige*”, escrevendo a letra ‘e’ em cima do ‘a’.

²⁷⁷ Na obra impressa de Mirandela, “*absorventes*”.

²⁷⁸ O autor emendou “*veber*” para “*beber*”, formando a letra ‘b’ a partir do ‘v’.

²⁷⁹ Percebe-se que o autor começara a escrever a letra ‘x’ a seguir à primeira sílaba de “*pessegueiro*”, mas não a terminando, formou a partir dela um ‘s’.

cumo de limam, e de cebola, lancandolhe acucar, ou mel, p.^a as lombrigas buscar[em] o doce. Tambem he bom beber azeite.

[fl. 193] E se tomaram ajudas de leite com m.^{to} açucar, he bom vntar o bentre com fel de vaca,²⁸⁰ | ou com azeite fervido com oleo de losna; e nas colicas q' as lombrigas causarem se pora este emprasto borno²⁸¹ de 6. em 6 horas. feito desta sorte = 3 oncas de cumo de engos, outras 3 de cumo²⁸² de cebola albarram, e outras de cumo de luparos, e 2 de fel de boi, e meia outava de pos de azebre, 2 oncas de oleo de amendoas doces, e outras de violas, e de cera q.^{to} vasta; e fase o ingoento, he excelente remedio.

E os q' se quizerem librar de lonbrigas no presigo q' comerem lancenlhe cumo de limam, e na panela do caldo metamlhe ortelam, *ita* Mirandela lib. 2. cap. 76.

Perg. ultimo, como se curaram as lombrigas ou vichinhos, q' nacen nos meninos pelas costas entre a carne e a pele, q' os fazem hir secando, e nam tem sosego, senam emq.^{to} os esfragam. **R** q' se labaram em agoa quente esfragandoos com masa feita de mel, e farinha, e na agoa se lancara cinsa, e miolo de pam, e ao depois de lavados se coara agua juntando a cinsa com a farinha, e se acharam nela huns vichinhos a maneira de cavelos, e os q' nam sahirem p.^a fora lancam fora da pel as cabicinhas, e poriso logo se raspara o couro com huma faca p.^a lhas cortar, mas he bom lancar na agua do banho leite, e isto m.^{tas} vezes. *ita* Mirandela lib. 2. cap. 77.

Das dores do estomago.

[fl. 193v.] **Perg.** como se curara as dores do estamago q' se chamam ictericas, q' sam qd.^o a dores nelle com vomitos, nausias, fastios, febre, sede, desmaios, suores frios, e dificult.^e na respiraçam. **R** q' se samgrara o doente, bebera leite de cabra, comera galinha, he bom estando o tempo quente, e sereno meterse na agua de rio de minha, e tarde huma ora, as samgrias seram nos pes, ou se lhe lancaram samguexugas, tomara m.^{tas} ajudas de leite de baca lancandolhe gema de ovo, e açucar branco. o leite q' beber²⁸³ a de ser cada ves hum cartilho; e tomar purgas he duvidoso, porq' as vezes fazem m.^{to} mal. *ita* Mirandela lib. 2. cap. § 91.

²⁸⁰ O autor colocou a vírgula no início do fôlio 193: “de vaca | , ou com azeite”.

²⁸¹ *Vd.* nota 74.

²⁸² No original, “cimo”, com ‘i’ bem evidente, o que não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

²⁸³ O autor corrigiu “veber” para “beber”, formando a letra ‘b’ a partir do ‘v’.

capitolo

Da inchacam do ventre, e hidropesia

Perg 1: como se curara a inchacam do ventre. **R** q' aos meninos se lhe daram ajudas de caldo de galinha cozido com marcela, cominhos, e ruda, e em cada ajuda se lancara [*huma onca*]²⁸⁴ de oleo de Marcela, e meia de açucar mascavado, e o ventre se untara com oleo de Angelica, e de marcela. E os adultos se curaram tomando vomitorios de agua benedita de Rulando, he bom o beber agua ardente, vntar o ventre com oleo de ruda, ou marcela, comera galinha, ou carneiro, bebera agoa cozida com canela, e se aos comeres beber²⁸⁵ binho palhete lhe lancara huns grans de erba doce 2 horas antes de o beber. e librese de alimentos crasos. *Ita Mirandela supra* cap. 94.

[fl. 194]

Perg 2. como se curara a hidropesia | anasarca, q' he qd.^u esta inchado todo o corpo. **R** q' he bom suar, e p.^a ipso se lhe [*dara*] o xarope de S. Ambrosio, q' se fas desta sorte, 2. oncas de milho miudo se[m] casca, meio cartilho de agua da fonte, e se fervera athe se gastar quase a metade, e depois coase, e masturase outro tanto de vinho branco, as pessoas grandes tomam tudo de huma ves, quente, e os meninos tomaram o q' puder[em], e se cubriram bem p.^a suar, e aos meninos cada dia se lhe esfragara o corpo todo com panos quentes molhados em agoa ardente, vntandoos depois com oleo de marcela, e beberam de menham, e tarde agua cozida com rais de rilhaboy meio cartilho lancandolhe 8. pingas de espirito de sal, p.^a ourinar bem, q' he bom.

E os adultos tomaram 2. na somana vomitorios de antimonio preparado em binho branco, ou se purge com este remedio = de rais de jalape, folha de sene, cristal de tartaro de cada cousa meia outava²⁸⁶, e de diagridio sulphurado hum escropolo, tudo mesturado feito em po, do coal em dias alternativos²⁸⁷ se tomara 2. outavas no²⁸⁸ caldo, e no dia q' se nam purgar tomara ajudas de cozim.^{to} de marcela, mercuriais, couvas, cominhos, erva doce, e em cada ajuda disfazendo huma onca de gerezepiga²⁸⁹, e duas de mel; ou ajudas de ourina de menino de nove, ou des annos. dandolhe huma ferbura com hua outava de polpa de colocuintida.

²⁸⁴ Informação acrescentada com base na obra impressa de Mirandela.

²⁸⁵ O autor poderá ter optado pela forma “veber” e não “beber”, já que os grafemas ‘b’ e ‘v’ surgem sobrepostos, sendo difícil discernir qual deles veio emendar o outro.

²⁸⁶ Aparentemente, terá ocorrido, neste passo, um ‘salto’ na cópia dos ingredientes (e respetivas quantidades) do remédio, já que na obra de Mirandela se lê “Tomem de raiz de jalapa, folha de sene, cristal de tartaro, de cada cousa destas **huma onça; de erva doce meia outava; de diagridio sulphurado hum escropolo**”.

²⁸⁷ Na obra impressa de Mirandela, “alternados”. Vd. também fl. 171.

²⁸⁸ No original, “em no”. Na obra impressa de Mirandela, “em caldo”.

²⁸⁹ No manuscrito, “perezepiga”.

[fl. 194v.]

Sam bons aos q' nam podem hir as caldas, tomar vanhos de agoa cozida com salva, alicrim, neveda, poejos, ouregoins, rosmaninho, com enxofre, caparozza, e o melhor he cozer engos, salva, mangarona, poejos, marcela, e por por cima do pucaro rolhado hum cesto, e depois descobri-lo, e asentarse | o doente, e bem cuberto, e pasada meia hora deitarse em huma cama quente, e coberto bem p.^a suar, q' he bom; e p.^a ourinar bem, q' he bom remedio p.^a este achaque o cozim.¹⁰ de bagas de zimbro feito em vinho branco, desta sorte em 3 cartilhos de binho se lancara 3 mancheias de vagas machucadas, e se cozera athe se gastar a metade, e dele se tomara 6. oncas pela manham em jejum cobrindose ao depois, q' fas tambem suar.

Tambem he bom 2. meses veber pela manham meio cartilho de ourina fresca de menino de des annos; e o corpo se esfragara com panos quentes molhados em agua ardente, e depois untar o corpo com azeite cozido com rans vivas em panela nova, e he bom abrir logo fontes. O doente comera galinha, carneiro, e na panela lancaram ortelam, nos nosgada, huns granos de erva doce, vebera²⁹⁰ binho branco, ou agua cozida com pao santo. *ita* Mirandela lib. 2 cap. 95.

Perg. como se curara a hidropesia acites, q' he qd.^o so incham as pernas, e ventre, e inc[h]ando estas partes a[s] demais secam, e movendose o ventre sentese nele hum movim.¹⁰ como de agua. **R** q' se purgara o doente com este remedio = 3 oncas de cumo de lirio, 2 escropolos de jalape, e hua onca de mel, tudo masturado; ou 3 graos de electorio²⁹¹, hum escropolo de jalapa, hua onca de xarope de violas, e masturese tudo, porem as purgas ham de ser poucas, e raras entre hua, e outra.

[fl. 195]

A[s] ajudas seram ~~de vinho branco~~ de meio cartilho de ourina de moco de 9, ou 10, annos | fervida pr.^o com form.¹⁰, erva doce, flores de marcela, disfazendo em cada ajuda hua onca de benedita laxativa. em segundo lugar p.^a ourinar bem se tomara de menha, e de tarde 4 oncas deste remedio = de rais seca de engos, giesta, e de lirio, e de aipo de cada hua onca, de entrecasco de sabogeiro seis ~~oncas~~ outavas, de losna seca, centauria menor seca de cada hua huma mao cheia, de semente de giesta, de salsa das ortas, de cada cousa 3 outavas, de canela 2 outavas, de erva doce hua outava, todas estas cousas machucadas, e lancadas em hua canada de vinho branco, em q' estaram in fundicam²⁹² 3 dias em cinzas quentes, depois coesse o vinho, e gardase em vidro bem tapado, p.^a hir tomando 4 oncas de manha, e de tarde.

²⁹⁰ O autor poderá ter optado pela forma “*bebera*” e não “*vebera*”, já que os grafemas ‘b’ e ‘v’ surgem sobrepostos, sendo difícil discernir qual deles veio emendar o outro.

²⁹¹ Na obra impressa de Mirandela, “*elaterio*”.

²⁹² No livro de Mirandela, “*estejaõ de infusaõ*”.

Ou se faça medicam.¹⁰ de minhocas cozidas em agoa com rais de espargo, de funcho, ou salsa das ortas. No ventre se pora emprasto de esterco de pombas, de galinha, de baca, de cabras, e de esterco humano com folhas de engos, de sabogueiro, e de loureiro, cuja receita he = seis oncas de esterco humano ~~fei~~ seco feito em po, e outro tanto de esterco de pombo, 2 outavas de enxofre, e 2. de flor de marcela, e ourina de moco q.¹⁰ vaste, fase emprasto, poinse quente, renovase qd.^o secar.

[fl. 195v.] He bom remedio este = em doze canadas de agoa da fonte lancase hua pedra de cal q' pesse 2. arateis pouco mais, ou menos, e pelo espacio de hum coarto de ora se mexera bem, e pasado 10 dias coandose agua sem bulir na cal, q' esta no fundo da vasilha, e com agua se lava o ventre. | hum sapo silvestre aberto pelo ventre, posto sobre os rins, expurga²⁹³ pela ourina agua dos hidropicos.

Nas pernas se poram causticos p.^a purgar as sorosid.^s do corpo mas a de ser logo no principio. Tambem sera bom meter a ourina do idropico dentro da vixiga de porco, e pola ao forno, porq' asim como for desecando a ourina, desinchara o doente; e o doente se abstenha totalmente de agoa. *Ita* Mirandela 2 lib 2. cap. 97.

Perg. ultimo, como se curara a hydropesia Timponetes²⁹⁴, q' he qd.^o o ventre esta intenso²⁹⁵, e vatendolhe com os dedos soa como tambor.

Perg. como se curara. **R** q' os meninos de mama se lhe mungera 2. vezes no dia leite nas costas, ou se lh' esfragaram²⁹⁶ com valdroegas pissadas, ou com alfaces e lanceselhe ajudas de leite de cabras ou de caldo de frango cozido com pena, tirandolhe as tripas.

[fl. 196] E os adultos se curaram, no principio se purgara com este remedio brando = 3 oncas e meia de agua de almeiram, outava, e meia de folhas de sene, 6. graos de erba doce, e se ferba tudo levem.^{1c} athe ter a tintura de sene, e depois coase, e se ajunte outava, e meia de sal prumene²⁹⁷, e 2. oncas de xarope aureo; he bom beber soro de cabra, ou leite de burra p.^a temperar o calor. E se lancaram ajudas de caldo de galinha, cozido com flores de marcela, e erva doce, temperadas com açucar, canafistola, ou catalicam. | Tambem he bom remedio beber²⁹⁸ todos os dias de tanchagem. E nesta caste de hidropesia se pode veber agua; *ita* Mirandela lib. 2 cap. 97.

²⁹³ No manuscrito, “*expulga*”, por possível contaminação da palavra “*expulsa*”.

²⁹⁴ Na obra impressa de Mirandela, “*Tympanites*”.

²⁹⁵ Na obra de Mirandela, “*tenso*”.

²⁹⁶ No original, “*lhesfragaram*”, causando uma leitura ambígua, pois seria também possível algo como “*lhes fragaram*”, já que o autor alterna, ao longo do manuscrito, entre os verbos *esfragar* e *fragar*; no entanto, em todo o texto não se encontra nenhuma (outra) atestação do clítico “*lhes*”, pois, mesmo quando o referente é plural, o pronome utilizado é “*lhe*”. Em Mirandela, também “*se lhe esfregarãõ*”.

²⁹⁷ Na obra impressa de Mirandela e nas restantes atestações da palavra no manuscrito, “*prunelle*”.

²⁹⁸ O autor corrigiu “*veber*” para “*beber*”, formando a letra ‘b’ a partir do ‘v’.

Capitolo das cobraduras.

Perg 1: como se curaram os meninos. **R** recolhendo ~~a tripa~~ os intestinos com as maos, tendo os pes mais altos, q' a cabeça, e depois se pora o emprasto de esterco de baca pulverisado com pos de cominhos, renovando m.^{tas} vezes no dia, ou o empra[s]to de azevre²⁹⁹ soc[o]trino misturado com votume de ~~olives~~ orives de prata, renovandolho de 24 horas³⁰⁰, e pela boca lhe daram os pos da erva³⁰¹ Herniaria en colher de leite; tambem dizem q' he bom pasalos por cima de metal deretido, qd.º esta p.º se fundir algum sino, o³⁰² pelo meio de hum ~~pae~~ de holmo novo rechado.

Perg. como se curam os adultos. **R** q' depois de se recolher com as maos, e nam se podendo recolher se pora na quebradura hum cam, e se nem assim se recolher, se for por rezam de flato, q' he qd.º ha rogado nos intestinos, darseha hua colher de agoa ardente, ~~tomada em checolate ou tintura de cha~~, e sobre abertura se pora milho moido, sal, farelos, tudo bem quente, em hua volsa de linho, ou se vnte com ~~pæs~~ <oleo↑>³⁰³ de Marcela pulverizado com cominhos.

[fl. 196v.]

E se a cobradura se na[m] recolher por aver nos intestinos excrementos abrandarse ham com cozim.^{to} de rais de [a]susena, de malvas, e malvaisco, couvas, linhaca galega, asentandose nesta agua quente, q' cubra | cobradura, e qd.º nem assim se recolherem, se enchera hum odre de bento, e por hua caninha se lhe dara como hua ajuda com m.^{to} impeto p.^a fazer volver os intestinos. e depois de recolhidos se pora o emprasto acima dito³⁰⁴ na cura dos meninos, e tragam sempre funda; e librese o doente de comer peixe: *ita* Mirandela lib. 2. cap. 98. Da dor de pedra vejase no mesm[o] Mirandela ca[p] 99.

Capitolo

Das bexigas, e sarampelo.

Perg 1; a q' tempo de ordinario principiam a sahir as vexigas. **R** q' ao 4 dia³⁰⁵ depois de dar a febre, e aumento athe o setimo dia, estado athe os 11 dias, e diclinacam athe os 14.

²⁹⁹ O autor emendou “azebre” para “azevre”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

³⁰⁰ Na obra impressa de Mirandela, “vinte dias”.

³⁰¹ O autor corrigiu “erba” para “erva”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

³⁰² Vd. nota 176.

³⁰³ Palavra acrescentada por cima do vocábulo rasurado.

³⁰⁴ No manuscrito, “dito dito”.

³⁰⁵ No original, “dias”.

Perg 2. como se curaram os meninos. **R** q' athe os 4 dias se pode sangrar amodoradam.^{te}, ou lancar ventosas pelas costas, e curba da perna sargandoas levem.^{te}, e tambem neses dias he bom darlhe ajudas de agoa com acucar. e p.^a facilitar sahirem as vexigas he bom exfragalos m.^{tas} vezes com panos quentes perfomados em bejoim, e telos bem coverts, e se ellas forem sahindo bem, com diminoicam do febre deixarse ham a natureza; e se nam se lhe faram remedios.

[fl. 197] Este he seguro. em hum cartilho de agua cozida com rais de [es]corcioneira, se pora a ferber em pucoro novo, e | no meio da ferbura se lhe lance hum punhado de flores de papoulas vermelhas, e logo se tirara do lume, e se cobrira bem, e acabando de ferber se coara, e se lancara hum escropolo de antimonio diaphoretico, e 2. granos de castoreo, e darsea repetidas vezes as colheres ao menino. E se as vexigas trouxe[re]m pintas, ou lingoa negra se lhe lancaram huas ventosas, em cada perna, e nas espadoas. E logo des o principio se lavaram os olhos com agua cozida com tanchagem lancando nela tanto acafram, q' fique amarela, e se os olhos se fecharem porseha neles panos molhados em agoa tepida cozida com ~~tachange~~ malvas, e flores de marcela, e nam com leite, e logo no pescoco se pora hum fio de dentes de alho sem casca; e se lhe dara a cheirar vinagre. E se nam poder emgolir se lhe sopraram na gargante com hua pena os pos de alva de cam tres vezes no dia. E depois de estarem mu[r]chas se labaram com agua borna³⁰⁶ cozida com flores de sabugueiro. E p.^a terem boas bexigas, ou escaparem dellas tanto q' nacerem lhe daram hum bocado de mana tamanho como hua fava desfeito em leite. ‡

Perg. 2. como se curaram os adultos. **R** q' nos pr.^{os} dias antes de sahirem as vexigas he bom sangrar o q' for necessario, ahindas q' as vixigas bam sahindo sendo grande o febre, porq' sendo piqueno entam nam se samgrara, as samgrias se faram nos pes, e nam nos bracos. he bom as bentosas sargadas nas pernas, e nas costas nas bixigas.

[fl. 197v.] Tambem nos pr.^{os} dias se ouver m.^{tos} vomitos, nausias, e fastio se purgara³⁰⁷, e na[m] se vsara de ajudas. Depois disto ao 4. dia se lhe dara remedios p.^a ajudar a sahirem as vexigas, q' sam; a tintura de papoulas, tomando cada ves, seis oncas com des granos de antimonio diaphor[et]ico com 8 pingas de licor de ponta de viado succinado, tomado 3 vezes no dia, mas este remedio nam se dara, qd.^o as vexigas forem sahindo bem. he bom esfragar o corpo com pano vermelho ~~que~~ molhado em agua ardente quente, e principiando as vexigas a se esbarrufar he bom vestir camisa quente, q' outra pessoa trouxesse hum dia.

³⁰⁶ Vd. nota 74.

³⁰⁷ No manuscrito, "se purgara se purgara".

E depois de saidas as vexigas sendo malignas se tomara este remedio = de aljofar³⁰⁸ preparado, coral vermelho preparado, pedra bazar, rasuras de marfim de cada cousa hua outaba, de pos de viado sem fogo, besoartico mineral, de cada cousa outava e meia, de alcanfor huma outava, tudo bem mesturado, tomando cada ves hum escropolo. E no mesmo tempo se pora na[s] solas dos pes imprasto de Rabam, e ruda pisados em com sal, e vinagre, e sabam, e esterco de pombo: ou hum pombo e[m] cada sola dos pes, aplic[a]ndos vibos com o peito p.^a o pe, nam apertando m.^{to} p.^a q' nam morra logo.

[fl. 198] E logo³⁰⁹ q' ~~os olhe~~ as vixigas forem sahindo se lavaram os olhos com agua cozida com ta<n↑>chagen³¹⁰, ou de murta, lancando nela acafram tanto vaste p.^a lhe dar a cor, e se nelles ouver alguma[s] pustolas lancarselhea huas pingas de sangue de pombo; ou³¹¹ deste remedio = 2 oncas de agua de tanchagem, ou de rosas, meia | onca de agoa de eufragia, hua outaba de trociscos brancos, de Rhasis, hum escropolo de tutia preparada, cinco graos de alcanfor, e dois graos de acafram, e fase collirio; e nos narizes se cheirara vinagre, e se dentro do naris nacerem vexigas vntarseam com oleo de amendoas doces, e ~~avend~~ ficando chagas se curaram com oleo de amendoas doces, gemas de ovos, e cumo de tanchagem, tudo bem batido em a[l]mofaris de c[h]umbo; e se os olhos estiverem fechados se labaram com ~~eumo morno~~ o cozimento morno de malvas, flores de macella, e linhaca galega.

E [n]a garganta se vsara de gorgorejos do cozim.^{to} de cevada, tanchagem, rosas secas, lancandolhe huas colheres de calda de açucar rosado, e se na garganta nacer[em] vixigas se lancaram com hua pena alva de cam. E se ao peito correr grande defluxo vsarsea de lambedor de violas; e se ourinar sangue por estarem os rins ofendidos tomara ao deitar na cama a noute, amendoada feita de sementes frias maiores, com cozim.^{to} de cevada, malvas, e fructos de alquequenges com hum escropolo de sal prunelle em cada hua delas.

[fl. 198v.] E se ouver disinteria, se vsara de ajudas de leite ferrado, em q' se disfaca hum ovo³¹² com clara, e jema, e hum pouco de açucar, e se assim nam cesarem se sangrara. E se nas palmas das maos, e solas dos pes tiver dores as metera em agoa morna cozida com malvas, malvaisco, e linhaca galega; e nam combem arrancalas, nem fura[r] as vexigas, p.^a nam ficar[em] sinais grandes dellas, so qd.^o se forem fazendo brancas se vntaram com hua pena com | oleo de amendoas doces.

³⁰⁸ O autor emendou “algofar” para “aljofar”, formando a letra ‘j’ a partir do ‘g’.

³⁰⁹ No original, “ligo”, com ‘i’ bem evidente, o que não volta a ocorrer ao longo do texto.

³¹⁰ A letra ‘n’ foi acrescentada por cima da linha, entre as letras ‘a’ e ‘c’.

³¹¹ No manuscrito, “uu”.

³¹² O autor emendou “obo” para “ovo”, escrevendo a letra ‘v’ em cima do ‘b’.

As nodoas das vixigas se tiram, lanvandoas com aros cozido com leite de cabra; e os sinais das vexigas se tiram com oleo de ovos, e sevo de carneiro deretido e posto com hua pena; *ita* Mirandela lib. 2. cap. 110.

Capitolo ultimo das febres.

Perg. 1, q' cousa he febre. **R** q' he hum forvor do samgue em q' todo corpo se abraza. **Perg 2**: qual he a causa das febres. **R** q' a ~~reme~~ proxima he o formento fervil, q' vicia o forme[n]to natural do sangue, a causa do forme[n]to fervil sam os fructos do estio, o vinho mosto sem estar cozido, o comer m.¹⁰ e vsar de varios elementos³¹³, grande paixam de animo, o calor do sol, do fogo, do vinho, o exercicio imodorado.

§ 1 da febre diaria.

Perg. 1 q' cousa he febre diaria. **R** q' he aquela, q' em 24 horas se termina, q' he qd.^o o calor he suave, e a urina³¹⁴ como dos sanos. **Perg 2**. como se cura esta febre. **R** se proceder de calor de fogo, ou do sol he porse e[m] lugar modoradam.^{1e} fresco; e [se] procede do grande exercicio, se se tomara cumo de limam azedo; se proceder de cruexas de estamago se tomara vomitorios leves, como he agua morna com igual quantid.^o de azeite; a q' procede de paixam de animo he ter o animo libre, e quieto sem causa q' o posa perturbar, e he bom procurar logo suar bem.

[fl. 199]

Porem pasando 24 horas se nam abrandar | se samgrara nos pes o q' for necesario, e tomara com as sangrias este remedio = 2 outavas de rais de almeiram, e 2 de rais de fragaria, hua mao cheia de folhas de chicoria, hum pugilo de cevada³¹⁵, meia honca de tamarinhos³¹⁶, 3 outavas de sal pilicresto, hum escorpolo de sal de tartaro, 4 outavas de folhas de sene, 10 granos de erva doce, tudo fervido em 2. cartilhos de agua; depois de coada se tomara cada ves 6. oncas. e tomara ajudas de caldo de frango cozido com malvas, violas, cevada, temperando cada ajuda³¹⁷ com duas claras de ovos, e açucar branco. E o doente ao gantar³¹⁸ comera frango, e a noute borrages cozidas, ou caldo de farinha de cevada, e bebera agoa cozida con cevada: *ita* Mirandela lib. vnico a cap. 1, *ad* cap. 5.

³¹³ Vd. nota 15.

³¹⁴ No original, “*aurina*”, que, de certo modo, se aproxima da única forma atestada no manuscrito, “*ourina*”.

³¹⁵ O autor acrescentou a letra ‘a’ por cima da linha, entre as letras ‘v’ e ‘d’, uma vez que o ‘a’ original ficara pouco perceptível devido a excesso de tinta.

³¹⁶ Vd. nota 177.

³¹⁷ No original, “*ajudo*”, com ‘o’ bem evidente, o que não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

³¹⁸ O autor corrigiu “*jantar*” para “*gantar*”, escrevendo a letra ‘g’ em cima do ‘j’.

[fl. 199v.]

Perg. como se cura a febre continua. **R** q' he sangrar logo nos pes conforme a tolerancia do doente, e logo tomara este remedio = 2 cartilho[s] de agoa de almeiram, e 2 de azedas, 2 outavas de sal prunel, outava, e meia de olhos de caranguejos preparados, 2 outavas de cristel³¹⁹ preparado, 2 escropolos de aljofar preparado, ~~8 granos~~ e 8. granos de laudano opiado.³²⁰ = as ajudas seram como acima se dixee; e avindo nausias, vomitos, e amargores de boca logo se tomara hum vomitorio de agoa benedita de Rulan[d]o vigorada, ou turba, em quantid.^e de 3 oncas, e se com iste³²¹ nam abra[n]dar as nausias na voca tomara o vomitorio acima dito. e p.^a suar q' he bom, se tomara agua de papoulas, ou de cardo santo ~~em~~ <ou↓>³²² des graos de | antimonio³²³ diaphoretico; e pasando o setimo dia se purgara com 5. oncas de xarope aureo, he bom meter as maos e pes em agoa tepida cozida com malvas, violas, alface, beldroegas, folhas de salgueiro. No[s] primeiros dias comera framgo, depois galinha, e bebera agua cozida com rais de almeiram, ou com tamarinhos³²⁴; *ita* Mirandela *supra* cap. 5.

Perg. como se cura a febre ardente, q' he qd.^o a febre he continua, e viamente com calor, e sede incomperavel; a detriminacam dellas he aos 14 dias. **R** q' o melhor he purgar logo mostrando o doente inchemento na pr.^a religiam³²⁵, q' he tendo vomitos, e nausias na boca, e depois se entrara a sangrar nos bracos, mas o melhor he no pe, e nos dias q' se sangrar tomara cumo de limam, ou este remedio = hum cartilho de agua de lingoa de vaca, outro de chicoria, e 2 outavas de sal prunele, meia outava de coral vermelho³²⁶ perparado, outra de olhos de caranguejos, outra de cristal, e outra de aljofar, tudo bem preparado, hum escropolo de sal de losna, 6 granos de laudano opiado, tudo bem mesturado de cada ves se tomara meio cartilho bem rebolto.

E se no principio se nam purgou, diclinandose a febre se purgara com esta purga = outava, e meia de folha de sene, 6 graos de erva doce, meia outava de cremores de tartaro ferbam em 3 oncas, e meia de agua de chicoria athe se tirar a tintura da sene, e depois se juntara outava, e meia de sal prunele, e onca, e meia de xarope aureo. E se

³¹⁹ O copista registou com 'e' bem explicito a vogal da última sílaba da palavra "cristal", o que não se repete ao longo do manuscrito.

³²⁰ No original, "2 outavas de cristel preparado, 2 escropolos de aljofar preparado, ~~8 granos de aljofar preparado~~ 2 escropolos, e 8. granos de laudano opiado".

³²¹ É muito claro o 'e' final da palavra "isto", espelhando, eventualmente, uma realização fonética 'apagada' da vogal. Tal não volta a ocorrer ao longo do manuscrito.

³²² Palavra acrescentada por baixo do vocábulo rasurado.

³²³ O copista começou a escrever, ainda no final do fôlio 199, a primeira sílaba de "antimonio", reescrevendo a palavra integralmente no fôlio seguinte: "des graos de an | antimonio diaphoretico".

³²⁴ *Vd.* nota 177.

³²⁵ Na obra impressa de Mirandela, "região".

³²⁶ O autor fez a translineação da palavra separando 'vermel-', numa linha, e 'ho', na seguinte.

[fl. 200] depois | da declinacam, e dos remedios acima ahinda ouver calor, tomara vanhos de agoa tepida. As agudas seram de caldo de frango cozido com malvas, violas, alfaces, cevada, Chicoria, tanchagem, temprando cada ajuda com 2 claras de ovo, e açucar branco, conservandoas o tempo q' puder. E os lombos, cadeiras, e hipicondrios se esfragaram com limam galego, ou se untaram com o ingoento³²⁷ rosado.

Nas febres p.^a temperar a sede he bom lavar a boca com agoa morna com sal prunelle. p.^a as dores dos lombos he bom ajudas de caldo de frango cozido com cevada, malvas, violas, alfaces, temperando cada ajuda com duas claras de ovos, e açucar branco. ¶ E se o doente soar m.^{to} terseha com pouca roupa. *Ita Mirandela supra* cap. 6., et. 7.

§

Da febre hetica.

Perg. q' cousa seja febre hetica. **R** q' hua febre lenta, continua, com q' o corpo chega a huma extremosa secura, e extenuacam; q' se da qd.^o tendo o doente o pulso ligeiro, piqueno, ferquente, devil, com algua dureza, nam estranha o doente o calor da febre, por ser lento, e tepido, e o doente anda m.^{to} devagar e a ourina sendo no principio como a³²⁸ dos sanos, depois entra a ser tinta, e coberta com hua pel semelhante a theia da aranha; esta febre no principio curase facelm.^{te} e chegando ao 3 grao, nam tem remedio.

[fl. 200v.] **Perg 2.** como se curara a febre hetica. **R** q' sendo reduplicada com outra febre, he purgarse com quinaquina. Porem se a febre hetica for simplex o remedio | he cada manham em jejum tomar leite de cabra, ou de baca, porq' o de burra tem seus incomodos, no pr.^o dia meio cartilho, e conservandose no estomago tomaram ao depois hum cartilho, e vsara de banhos de agoa e leite tepidos, e depois dos vanhos se vntara o corpo todo com este emgoento = hua outava de alquitira, outra de gom' aravia³²⁹ lancese em agoa rosada 24 horas, juntelhe onca, e meia de oleo de violas, meia onca de manteiga crua, 2 outavas de sal prunelle, hum escropolo de alcanfor, e masturado tudo, se lance leite de mulher q.^{to} vaste, e facase vngoento brando. He bom estar o doente hua ora de manha, e outra de tarde deitado sobre dois odres meados de agoa fria, q' tempera a febre etica.

³²⁷ No original, "com o ingoento com o imgoento".

³²⁸ No manuscrito, "as", provavelmente pensando-se no substantivo plural "ourinas", como se regista noutros passos do texto.

³²⁹ *Vd.* nota 203.

De noute, e de madrogada tomara hua emulsam de pividias de malancia, abobera, e melam feita em agoa de malvas, com meia outava de sal prunele, e hum escropolo de olhos de caranguejos, as agudas seram de leite de baca com 2. claras de ovos, onca e meia de oleo de violas, e acucar branco, e se ouver vicio no estomago logo no pri[n]cipio se dara algum vomitorio brando.

A melhor cura dos heticos consiste na dieta, comeram caldo de frango, galinha, cabirto, vitela, ovos frescos, quentes, leitoin, carneiro no principio, e a carne q' comer he melhor q' seja asada, podem comer peixes do rio, podem comer camoezas, vbas pasado 3 dias depois de colhidas com pam, seram bem maduras, e de terra quente, mas nam lhe comeram a casca.

[fl. 201]

P.^a depois de mesa, tomaram hum aratel de pasas limpas dos gravlos, pollas em agoa de chicoria, de lingoa de vaca, e de rosas, e passadas algumas horas lavense bem, nas ditas agoas, e depois cozelas em outra agoa levem.^{te} com açucar, e se gardaram p.^a sobre meza³³⁰, e se apetercer alguma cousa se lhe dara. beberam vinho agoado.

Entre os ~~medi~~ alim.^{tos} o melhor he este = lancaram meolo de pam em leite athe esta[r] bem brando, e depois expermesea ~~o leit no~~ o pam no leite, e se coara o leite, e depois fervera o leite com duas gemas de ovos, e algum açucar athe q' fique o leite como caldo de farinha, e deste caldo vsaram a noute, e pela manham, fugam de calores, antes de comer facam algum exercicio, e se nam poderem se lhe faram algumas esfragacoins leves principiando na parte inferior do corpo athe q' fique o coiro vermelho, a cama boa, facam por dormir a seu tempo, e nam podendo, tomar amendoada de semente de papoulas brancas, lancando nelas hua onca de lambedor de papoulas.

§ Das maleitas

Perg 1: quantas sortes ha de maleitas. **R** q' 4. ~~quarti~~ quotidianas, q' dam todos os dias, outras tercans q' dam de 3, em 3 dias; outras coartans q' dam de 4, em 4 dias; e outras repetem ao 5, 6, 7, 8, e nono dia, q' se chamam quintanas, sextanas, septanas³³¹, octanas, nonanas, outras ha q' repetem cada mes, ou de anno em anno.

³³⁰ A atual forma *sobremesa* seria ainda entendida como um sintagma, “*sobre meza*”, tal como reforça a utilização, no início do mesmo parágrafo, do sintagma equivalente “*P.^a depois de mesa*”. Também na obra de Mirandela se regista “*sobre meza*”.

³³¹ Na obra impressa de Mirandela, “*septimanas*”.

[fl. 201v.]

Perg 2 como se curaram os meninos. **R** q' se lhe dara 2, ou 3 colheres de agoa benedita de Rulando e se nam pasarem se sangraram 2, ou 3 vezes³³² no braco, e depois se dara m.^{tas} vezes as colherezinhas a tintura de quinaquina m.^{tas} vezes no dia, e as ajudas se prepararam desta sorte = meia onca de quina feita em vocadinhos, mevdos, hua mao chea de losna; e de centauria menor, tudo cozido em hua canada de agoa athe se gastar hum cartilho, coese, e deste cozim.^{to} se bam lancando ajudas tepidas pelas manhans, cinco, ou seis dias, e as amas tenham a mesma regim.^{ta} q' adiente se dis.

Perg 3 como se curaram os adultos. **R** logo no principio, no dia em q' costumarem a dar duas horas antes de dar se tomara hum vomitorio³³³, cuja receita he = 3 oncas de agua benedita de Rulando vigorada; ou a infusam [*de*] 24 granos de pos de quentilho³³⁴ feita em 2 oncas de vinho branco; ou 2. oncas de vinho emetico = e a segunda ves q' se tomar se bam embora; E se o ~~sa~~ doente for sanguineo, ou tiver as agoas acesas se podera sangrar no dia do alivio; e se com isto nam abrandarem tomara a agoa de Hi[n]guelaterra de Fernam Mendes das Magestades Britanicas. he ja espreme[n]tado ser bom remedio no dia da sesam 2.³³⁵ antes de dar, tomar 2 oncas de vinho emetico, e 3 oncas de tintura de sene, porq' fas purgar mais pelas p.^{tes} inferiores, e o melhor he tomar os ditos vomitorios em vinho.

[fl. 202]

E se depois de tomar os vomitorios 2, ou tres vezes no dia da[s] sesoins, e se sangrar o q' for necessario, ~~to~~ nam sesando as secoins, se tomara, como ja se dixee agua de Inglaterra, e na falta desta, se prepara este remedio = 2 canadas | de binho branco bom, enfundase nele 2 oncas e meia de boa quina feita em po, 2 outavas de cardamomo, e ponhase 24 horas em cinsas quentes, e depois coese por hum pano raro, e goardese em bidro bem tapado. Desta agua se tomara 6. oncas na entrada do frio, outras 6. no aumento da febre, e na declinacam outras tantas, e nos dias do alivio tomense 6. oncas de manham em jejum, e outras 6. de tarde, e assim hira continuando athe tomar as 2. canadas ahindas q' secem as sesoins, ou se tome no pri[n]cipio dos frios 2. outabas dos pos de quinaquina, 2., ou tres vezes no principio das secoins, e nam comera o doente 30 dias, ou 40 nen doces, nem azedo, e goardara o regime[n]to q' avaixo diremos. Advertese q' as sangrias se faram no dia do alivio, nas molheres, e achacados de almorreimas sera nos pes, e nos pais se pode fazer no braco na veia da arca.

³³² No livro de Mirandela, "*huma, ou duas vezes*".

³³³ O autor corrigiu "*bomitorio*" para "*vomitorio*", escrevendo a letra 'v' em cima do 'b'.

³³⁴ O autor terá começado por escrever "*quentilho*" (forma encontrada também no fl. 204). Aparentemente, de modo a emendar para "*quentilio*", colocou um 'i' sobre o 'o' original, que escreveu novamente a seguir ao 'i'; no entanto, não rasurou o 'h' anterior, levando ao registo da forma híbrida "*quentilhio*".

³³⁵ O copista terá começado a antecipar o sintagma "*2 oncas*", não rasurando posteriormente o numeral excedentário.

E se por rezam da divirsid.^e dos humores, nam sesarem as secoins, se tomara este remedio hua hora antes da secam = 15 granos de sal amoniaco, meio escropolo de pos de olhos de caranguejos preparados, hum gram de laudano opiado, tudo masturado, e feitos em pirolas, ou desfeitos em agua, e continuesse mais dias.

[fl. 202v.] **Perg.** como ha de ser a diente³³⁶. **R** q' he diversa, por serem diversas as causas das secoins. ~~Di R-q' como~~ Poriso vindo de humores biliosos, q' he qd.^o dam todos os dias, e os bomitos brancos, e aquosos, e insipidos, comera o doente nos pr.^{os} dias frango ao gentar com abobera, ou chicoria, ou alface; e a noute alface, beldroegas, borragens, q' entre as ortelices he as melhores p.^a laxar o ventre. E pasados os pr.^{os} dias comera galinha | lancando na agoa cumo de limam azedo, a agua q' veberem sera cozida con cevada; e na comvalecencia comera cabirto, vitela, truitas do rio, ameixas, pipinos, pessegos, meloins, mas nam malencias, nem comera doce nenhum; e no dia das secoins comera 6 horas antes de dar, e pouco, e no fim dellas he q' comera melhor. E na[s] sesoins se bebera hum pucaro de agoa fria no fim do estado.

E nas sesoins quartans, comeram os doentes logo no principio galinha, e bebam agoa cozida com grama; na comvalecencia podem comer carneiro, carne de porco fresca³³⁷, ovos brandos, qualquer ave, e beber binho branco aos comeres, pouco, e podem comer peixe do rio; e nam comam baca, lebre, cabirto, peixe do mar, nem ortelice, excepto as borragens, e se apetecer com grande dezejo algum eleme[n]to, coma; e os q' se curaram com quina, en trinta dias nam comera[m] nem doce, nem azedo. *Ita Mirandela supra cap. 10.*

Perg. como se curam as secoins q' duram m.^{to} tempo, e nam ovedeceram aos remedios acima declarados. **R** q' no dia das secoins tomara os vomitorios acima ditos, e se nam secarem tomara quinaquina como acima esta dito.

[fl. 203] Remedios vulgares p.^a as maleitas: cinco, ou seis granos de pimenta, he bom tomalos enteiros em vinho no principio da<o↑>s³³⁸ ~~secoins~~ frios das secoins; ou 12 granos de acafram tomados em vinho branco antes da sesam; | ou antes da sesam tomar o cumo de ta[n]chagem en quantid.^e de duas oncas duas horas em agua, e mel; ou hua onca de cumo da rais de sabogueiro tomando pouco antes da sesam, em 3 dias; ou tomar 4 oncas da agua distilada de nozes verdes se tomara no pri[n]cipio dos frios;

³³⁶ Talvez por confusão com a forma “*adiente*”, o copista registou a palavra “*dieta*” com a consoante nasal ‘n’, que depois rasurou, mas mantendo o grafema final ‘e’.

³³⁷ O autor emendou “*fresqua*” para “*fresca*”, rasurando a letra ‘q’, escrevendo a letra ‘c’ em cima do ‘u’ e colocando, de seguida, o ‘a’ final.

³³⁸ De forma a corrigir “*das*” para “*dos*”, o copista acrescentou a letra ‘o’ por cima da letra ‘a’ rasurada.

ou vinho branco posto de noute a senerar³³⁹ com³⁴⁰ folhas de salva, ou duas oncas de agua ardente.

Tambem ha remedios extrinsicos p.^a as maleitas; por no dedo anelar³⁴¹ <que he o q' esta ao pe do mendinho.↑>³⁴² da mao esquerda hum emprasto de sal, alhos, e acafram duas horas³⁴³ antes da sesam antandos no dito dedo; [h]e bom por nos pulsos emprasto de salva, ruda, e bolsa de pastor, ou o emprasto de teas de aranha, e o engoento popoliam posto nos pulsos 2. horas³⁴⁴ antes da ~~lesa~~ sesam. Tambem he bom nos ~~bracos e nas coxas~~ pulsos duas horas antes da sesam por o emprasto de raizes³⁴⁵ de ortigas pisadas com vinagre, e tambem nos artelhos dos pes, ou o emprasto de hua mao cheia de ortigas piquenas, meia onca de teas de aranha, hua colher de sal tudo bem pisado, e boteselhe hua colher de vinagre.

He bom vntar os pulsos, as fontes, e o espinhaco antes da sesam com este remeidio feito desta sorte = emcher hua panela de flor de pexegueiro, e pola devaixo da terra, ou en esterco de cavalo, athe q' a flor apodreca, e depois espremela, e com oleo q' lancar se vntara. Tambem he bom por nos pulsos, artelhos e pelos lombos das costas des a nuca athe o asiento o imprasto no pri[n]cipio dos frios de farinha de centeio, entrecasco de sabogueiro e vinagre, e se debe por estando frio.

[fl. 203v.]

Tambem a remedios externos para curar as maleitas, como sam, as sardinhas salgadas postas cruas, e escaladas nas solas dos pes, curam brebem.^{te} ou fazer de repente hu[m] medo³⁴⁶ ao doente no principio da[s] sesoins lancandolhe agoa e sem o doente saver, na cara. Tambem he bom fazer algum ex[er]cicio ahinda q' seja devagar, e ocuparse com alguma cousa, ahindas q' nam esteja bem curado, ou mudar de terra. Dizem q' he bom com farinha, e ourina do doente fazer hua masa, e pola ahonde as aves a comam, ou algum cam, q' se muda a doenca p.^a ellas; *ita* Mirandela *supra* n. 11.

³³⁹ Por provável automatismo de escrita, o autor trocou as letras 'n' e 'r' da palavra "serenar", o que não se repete ao longo do manuscrito.

³⁴⁰ No original, "com com".

³⁴¹ O autor corrigiu "anular" para "anelar", formando a letra 'e' a partir do 'u' inicial.

³⁴² Trecho acrescentado na entrelinha superior. Segue-se à palavra "anelar", uma vez que o autor indicou com um sinal a localização devida do acrescento.

³⁴³ Na obra impressa de Mirandela, "huma, ou duas horas".

³⁴⁴ No livro de Mirandela, "huma hora".

³⁴⁵ O copista terá começado por registar a palavra no singular, escrevendo a consoante final com a letra 's' ("rais"); devido à alteração para o plural, além de acrescentar a desinência 'es', o autor colocou a letra 'z' em cima do grafema original ("raizes").

³⁴⁶ No manuscrito, "humedo".

Capitolo da ultimo
Das febres malignas.

Estas febres huas sam esporadicas q' se geram no mesmo doente, e outras sam contagiozas, q' se apegam de fora, e poriso ao pe de semelhantes doentes se deve cospir a saliva p.^a fora, e nam a ingolir p.^a dentro.

Perg. 1 quais sam os sinais das febres malignas. **R** q' sam estes. logo nos pr.^{os} dias se acha o infermo com grande divilid.^e, e postracam de forcas, fastio excesivo, com nausea, vomitos, e soluocos, com frios, e horripelacoins, dores por todo o corpo, como nos reumatismos, pouco calor, grande sede, a lingua aspera, e os doentes nam sentem a sede, e sendo grandes as dores, nam save o doente dizer q' lhe doi. algumas vezes a pintas negras, ou vermelhas, ou roxas, m.^{tos} delirios na caveca; os pulsos no[s] pr.^{os} dias estam como naturais, e depois se fazem ferquentes, piquenos, e fracos, a ourina nos pr.^{os} dias he como a dos sanos, e temores³⁴⁷ nas brillhas.

[fl. 204]

Perg como se fara a cura nos adultos. **R** q' logo no princip[i]o tomara vomitorio desta sorte en vinho, ou em outro liquor = 2 oncas de vinho emetico; ou 3 oncas de agoa benedita de Rulando, bem turba; ou 6. granos de tartaro emetico; ou 15 granos de pos de quentilho. E os q' nan tomarem vomitorio purguese com hua outava de pos de cornachino, ou com cinco oncas de xarope aureo; e se repitiram pela doenca adiente cordiais solotivos; e depois de purgados, se samgraram nos pes, e algumas nos bracos, principalm.^{te} se logo no principio se vir pintas. Porem se as pintas vierem depois das sangrias, ou em dia critico, se parara com as samgrias.

E logo des o principio se poram causticos nos pes³⁴⁸ acima do joelho pela parte de dentro, e nos bracos abaixo dos hombros, tambem pela parte de dentro, e nos pes se poram nas solas pombos bivos, ou emprasto de sabam mole, ruda, rais de norca, esterco de pombo, ortigas, sal, e vinagre; e antes de se porem se lavaram com agoa morna.

E todos os dias se lancaram ajudas feitas de agoa com açucar mascavado, meia onca de canafistola, no caso q' sejam necessarias. E se ouver cursos se lancaram ajudas de caldo de galinha cozida com cevada, e rosas secas, en cada ajuda se lancara a calda de açucar rozado, e duas outavas de coral vermelho, e pela febrí adiente se

³⁴⁷ Vd. nota 162.

³⁴⁸ Aparente lapso do copista. Na obra impressa de Mirandela, "*nas pernas*".

[fl. 204v.] | daram estes cordiais temperativos desta forma = | Meia onca de rais de almeiram, e meia de azedas, hua ma.' de folhas de chicoria, e outra de fragaria, 6 outavas de tamarinho³⁴⁹, e meia outava de sementes maiores, de cebada, e flores de cordiais, de cada cousa hum punhado, e tudo se cozera em 5. cartilhos de agua athe fi[c]arem 4. e coado = e de cada ves se tomara meio cartilho lancandolhe de espirito de vitriolo, ou de enxofre tanto, quanto vaste p.^a ficar azedo, ou outros basuarticos q' tras Mirandela.

E tendo pasado a febre do seu aum.^{to} tomara este remedio, = hum cartilho de flores de papoulas vermelha[s], e outro de cardo santo, hua outava de besoartico mineral, e meia outava do licor de ponta de viado succinado, 4 granos de alcanfor, 3. granos de laudano opiado, = tudo bem mesturado, tomado meio cartilho de cada ves.

E na diclinacam se tomara medicam.^{tos} purgantes; as paroticas se curaram como dis Mirandela a n.87. agua q' beber³⁵⁰ sera cozida com escorcioneira. A dieta sera de galinha, bebendo a dita agua, e aos comeres podera beber vinho, so [nam] se ouver dor de cabeça, delirios. *Ita Mirandela supra* cap. 13.

Finis Laus Deo. V.que M.

o Reytor Antonio Dias

³⁴⁹ *Vd. nota 177.*

³⁵⁰ O autor corrigiu “*veber*” para “*beber*”, formando a letra ‘b’ a partir do ‘v’.

Mia onca de raij de admirvan, e mia de azedas huana.
de fo. huj de Chicoria, e outra de fragaria, 6 outava de
Lamarinho

Mia onca de raij de admirvan, e mia de azedas huana.
de fo. huj de Chicoria, e outra de fragaria, 6 outava de
Lamarinho e mia outava de sementes maiores de ceba-
da, e flores de cordiaij, de cada cosa hum punhado, etudo
se cozera em s. cartilho de agua at he fiam 4. e cadao=
ede cadao se tomara meio cartilho Lancando se de cyni-
rito de vitriolo, e de corcofo tanto quanto voste p. fi-
lar azedo, ou outros basuaticos q' Eray Miranda da.

Etendo passado a febre do seu aumto
tomara este remedio = hum cartilho de flores de papoucaij ver-
melha, e outro de lardo santo, hu outava de besuatico mineral, e
mia outava de licor de punta de viado succinado, 4 granos
de azeite de 3. granos de laudano opiado, e tudo sem mesu-
rado, tomado meio cartilho de cadao.

Ena dilinacão se tomara me-
dicamto purgante, e parasitico se curarem como diz
Miranda da a n. 87. agua q' beber sera cozida com
escorcioneira. Adicta sera de gatinha, bebendo adita
agua e aos comeres podera beber vinho, se se ouuer dor
de labeca delirio. No Miranda da supra cap. 13.

Jiniz Lays Deo. P. que M.
Rexcor Antonia Dias

Jiniz Lays Deo. P. que M.
Rexcor Antonia Dias

III. ESTUDO DA VARIAÇÃO NA LÍNGUA DO «TRATADO DE MEDICINA»

1. Da variação e mudança nas línguas

Concebendo a língua como a “utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade”, logo compreendemos que a mesma não pode ser imutável, que “tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou” (Cunha e Cintra, 1994: 1). A língua é, portanto “uma instituição cujas modificações se ligam indissolavelmente à história da coletividade que a emprega” (Neto, 1992: 54). Já Fernão de Oliveira assinalara, na sua *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, que “não é a língua que faz os homens, mas são os homens que fazem a língua.” (Oliveira, 1536, *apud* Mateus e Cardeira, 2007: 23).

A *variação* é, por isso, uma propriedade inerente à essência de qualquer língua, que pode (ou não) proporcionar e resultar em *mudança*, o fenómeno fundamental da linguagem⁽¹⁸⁾. A causa da variação e das modificações lentas, involuntárias e inconscientes a que o uso da língua está constantemente sujeito não é nada mais do que a atividade habitual da fala entre os indivíduos de uma comunidade linguística. Consequentemente, a língua nunca é “a mesma”, no sentido de absolutamente idêntica, para todos os que a usam. Nas palavras de Hermann (1983: 41),

... o indivíduo isolado pode ter, para com o material linguístico da sua comunidade, uma relação em parte ativa, em parte apenas passiva, isto é, não emprega ele próprio tudo o que ouve e compreende. A isto vem juntar-se que do material linguístico que muitos indivíduos empregam de comum acordo, uns preferem uma coisa e outros outra. É sobretudo nisto que se baseiam as divergências mesmo entre as linguagens individuais mais semelhantes, e a possibilidade duma modificação gradual do uso.

A língua precisa, então, de adaptar-se constantemente às necessidades comunicativas dos falantes, estando a sua mudança dependente “da sucessão e da combinação da iniciativa individual com a aceitação coletiva” (Neto, 1992: 15).

Assim, compreendemos que uma língua evolui porque funciona, e funciona porque evolui, ou seja, o funcionamento de uma língua “não é conflitual com a mudança, antes pelo contrário, implica-a” (Marçalo, 1994: 90) – uma língua viva não é estática nem homogênea, transforma-se sem cessar, mas “não deixando jamais de

⁽¹⁸⁾ Como elucida Tarallo (2005: 63), “nem tudo o que varia sofre mudança; toda a mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança”.

desempenhar a sua função principal, a de ser um instrumento de comunicação” (*id.*: *ibid.*).

No caso da língua portuguesa, e como destaca Nunes (1960: 3), é hoje “ponto definitivamente assente e incontroverso” que a mesma se formou a partir da “transformação, lenta e sucessiva, realizada através dos séculos” da língua latina – ou, mais rigorosamente, do Latim vulgar falado pelos soldados romanos que colonizaram a Península Ibérica, tendo esta variedade sido modulada no Norte e no Noroeste da Península (Mateus e Cardeira, 2007: 46). Ao longo dos tempos, também o português tem atravessado diversas fases de transformação e mutação linguística, embora só os momentos de ‘repouso’ sejam facilmente perceptíveis aos falantes (Neto, 1992: 15). Diacronicamente, podemos identificar, então, quatro períodos essenciais na história do português (Mateus, 2005; Mateus e Cardeira, 2007; Castro, 2013): o Português Antigo (sécs. XII-XIV), o Português Médio (séc. XV), o Português Clássico (sécs. XVI-XVIII) e o Português Moderno (a partir de finais do séc. XVIII). Como já mencionámos, o nosso estudo incidirá na caracterização do português setecentista, em virtude de a fonte manuscrita analisada pertencer a essa época.

1.1 Tipos de variação

Além da mudança temporal, decorrente da evolução histórica, é também possível encontrar variação num determinado período linguístico, manifestada, sobretudo, como diversidade dialetal ou sociolinguística. Deste modo, qualquer língua natural “varia de região para região onde é utilizada, varia em função do contacto com outras línguas, varia em função das pertenças sociais e culturais dos seus falantes, varia em função das próprias situações em que é utilizada” (Mateus *et al.*, 2003: 33).

Assim, como apontam Cunha e Cintra (1994: 3), “uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas”: as diferenças no espaço geográfico, ou **variação diatópica** (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais); as diferenças entre as camadas socioculturais, ou **variação diastrática** (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.); e, por fim, as diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou **variação diafásica** (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.). Tal

pressupõe, então, que, “dentro de um mesmo sistema linguístico, coocorrem e concorrem gramáticas diferenciadas que importa reconhecer” (Mateus *et al.*, 2003: 34).

1.1.1 Variação diatópica

Na perspectiva de Hermann (1983: 48), falar da cisão de uma língua outrora numa em diferentes dialetos exprime “muito mal a verdadeira natureza do processo”, uma vez que, na realidade,

... falam-se, a cada momento, dentro duma comunidade, tantos dialetos quantos os indivíduos falantes, e dialetos dos quais cada um tem uma evolução histórica própria e se encontra em constante modificação. A cisão dialetal não é mais do que o crescimento das diferenças individuais para além duma certa medida (*id.*: *ibid.*).

Neste sentido, e como se descreve na mais recente gramática do português, os *dialetos* constituem “variedades de uso simultâneo dentro da mesma língua, com as suas regularidades e os seus sistemas particulares” (Marquilhas, 2013: 85).

No entanto, não é possível delinear uma divisão dialetal perfeita num dado território linguístico, já que não há uma única zona dialetal com características apenas dela. Assim sendo, “a fronteira até onde se estende uma [particularidade dialetal] não nos dá a medida da fronteira das outras” (Hermann, 1983: 51), e é por isso que, “se traçarmos, num território linguístico homogêneo, a fronteira de todas as particularidades dialetais existentes, obteremos um sistema complicadíssimo de línguas que se cruzam diversamente” (*id.*: 52).

Embora a diferenciação dialetal exista a vários níveis, é sobretudo ao nível da fonética que ela é mais imediatamente sentida pelos falantes, o que contribui para que os aspetos fonéticos continuem a ser os que mais influenciam a divisão e classificação dos dialetos (Segura e Saramago, 2001: 221).

No que concerne ao território linguístico português continental, e apesar de os dialetos não serem muito distintos entre si, é-nos possível identificar, de modo geral, uma oposição norte/sul, ou, segundo a terminologia de Cintra (1971), entre *dialetos setentrionais* e *dialetos centro-meridionais*. De facto, este contraste entre “um norte conservador e um centro-sul onde a maioria das inovações linguísticas surge, e de onde avança em direção ao norte”, já podia ser observado “no século XVI” (Castro, 1991: 39).

Assim sendo, e conforme já havíamos adiantado na introdução desta dissertação, enquadraremos o «Tratado de Medicina» no grupo dos dialetos setentrionais e, mais especificamente, no dialeto minhoto, tendo em conta a naturalidade do autor e algumas das características linguísticas que iremos expor no ponto 3 desta terceira secção. Por sua vez, a obra em que o tratado se baseia, a *Medicina Lusitana*, não exhibe tais marcas evidentes do dialeto setentrional, mesmo sendo o seu autor de origem transmontana; para isso terá contribuído o facto de Fonseca Henriques ter cursado na cidade de Coimbra e, posteriormente, se ter deslocado para a capital do país, onde se fixou permanentemente.

1.1.2 Variação diastrática e diafásica

Além da variação dialetal, as línguas apresentam também variantes sociais (os socioletos) e situacionais (os registos).

Neste sentido, os diferentes ambientes socioculturais, ligados às diversas práticas profissionais, à posição social, ao grau de escolaridade, à idade, etc., condicionam diferentes formas de expressão do pensamento, dando origem a diferentes estilos e escolhas linguísticas.

Também o contexto de uma determinada situação discursiva, incluindo o objetivo de cada falante na comunicação, a relação existente entre locutor e alocutário(s), ou a circunstância em que se produz a comunicação, determinam o registo linguístico a ser utilizado e, conseqüentemente, as escolhas dos falantes no âmbito da pronúncia, do léxico ou da construção frásica. Assim, comportamo-nos e falamos de modo diferente se estamos num ambiente formal ou informal, e usamos registos diversos quando falamos ou escrevemos. Deste modo, se escrevemos, por exemplo, “um texto literário, um ensaio científico ou uma carta, tomamos como referência um modelo culto, uma norma, e quanto mais formal for o documento que produzimos menos nos afastamos desse modelo” (Mateus e Cardeira, 2007: 22).

Também no texto manuscrito em estudo e na obra impressa original se pode reconhecer a influência das variantes diastráticas e, sobretudo, diafásicas. Sendo o autor do «Tratado de Medicina» um homem relativamente instruído – com um evidente hábito e interesse em conhecer, ler e transcrever documentos manuscritos e impressos das mais diversas temáticas –, seria de esperar o uso de um nível de língua mais culto e

coincidente com a norma-padrão, tal como se verifica na *Medicina Lusitana* do ilustre médico da corte joanina, apesar de os ambientes socioculturais em que ambos os autores se movimentavam serem nitidamente distintos. No entanto, como se mostrará seguidamente, são abundantes os casos de variação gráfica e linguística no tratado do Reitor António Dias que não vão ao encontro da norma, sendo também comum a opção por vocabulário mais simples e popular, estruturas fráscas mais flexíveis e um estilo de texto mais ‘apressado’. Consideramos, então, que estas características do manuscrito, tão distintas da obra que lhe serviu de fonte, estarão principalmente relacionadas com o facto de o mesmo ser parte integrante de um caderno pessoal, escrito e usado pelo próprio autor, espelhando, por isso, um registo de língua relativamente mais informal e menos preocupado com as exigências de normatização e padronização da linguagem que se preveem numa obra como a *Medicina Lusitana*, cujo objetivo era a publicação.

1.2 Níveis de variação

Além dos fatores geográficos, sociais e situacionais, a variação de uma língua pode, ainda, distinguir-se de acordo com o elemento em que se regista determinado fenómeno, ou seja, tendo em conta os diversos níveis linguísticos: fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical (Cunha e Cintra, 1994: 3; Marquilhas, 2013: 87).

Dentre todos, o nível fonético-fonológico de uma língua é aquele em que é expectável uma maior abundância de variantes – o que se verificará também no texto do «Tratado de Medicina» –, uma vez que “o som nunca é reproduzido exatamente na forma em que é recebido” (Hermann, 1983: 55) e que, ao falar, “frequentemente se modifica a ordem das palavras, sílabas ou sons isolados” (*id.*: 73), contribuindo para uma gradual modificação do uso, “sem que aqueles em quem se realiza esta modificação façam dela a mínima ideia” (*id.*: 64). Consequentemente, desenvolvem-se diferenças muito maiores a este nível do que no âmbito do vocabulário, da morfologia ou da sintaxe.

Contudo, quando se trata de estudar a língua de séculos passados, torna-se obviamente impossível observar diretamente os falantes e aceder às suas produções orais, pelo que os textos escritos “constituem o único registo que ficou dos usos antigos da língua” (Marquilhas, 2013: 22). Ora, utilizar somente fontes escritas é uma

metodologia com alguns inconvenientes, pois, “quando escrevem, os falantes de uma língua são tendencialmente mais conservadores do que quando falam, pelo que não é costume registarem, no tempo em que vivem, as inovações linguísticas que se estejam a desencadear na sua época e que ainda não estejam estabilizadas” (*id.: ibid.*). O nível fonético é precisamente aquele em que se torna mais complicado retirar ilações a partir de fontes escritas, pela dificuldade em perceber se a grafia espelha de facto a realização fonética do indivíduo ou se corresponde apenas a convenções da norma, já que, regra geral, “a pronúncia modificada pode coexistir ainda muito tempo com uma ortografia inalterada” (Hermann, 1983: 399). É, por isso, compreensível que, habitualmente, só consigamos deduzir da escrita as divergências fonéticas dialetais mais manifestas.

No caso do manuscrito em estudo, a variação é, no entanto, mais visível do que seria de esperar. Já que o seu autor não é um homem iletrado, a maior espontaneidade e despreocupação do mesmo com as convenções ortográficas terão sido, como referimos anteriormente, essenciais para que certas peculiaridades do seu idioleto e dialeto se pudessem revelar (embora muitas outras tenham, certamente, permanecido ocultas).

Assim sendo, no ponto 3 da presente secção, iremos precisamente percorrer os aspetos que mais se destacam ao longo do «Tratado de Medicina» em cada nível linguístico mencionado, mas não sem antes analisarmos, no ponto 2, as características e variantes gráficas mais significativas.

2. Da variação gráfica

É comum a ideia de que a ortografia da língua portuguesa foi um caos⁽¹⁹⁾ até que, em virtude das reformas ocorridas no século XX, se estabelecessem definitivamente as normas gráficas. Deste modo, em Portugal, e até 1911, “nunca se pôde falar de uma única e coerciva ortografia nacional, pelo que a subversão individual de quaisquer regras adquiridas não significava mais que uma mera opção gráfica pessoal” (Marquilhas, 1987: 103).

Neste sentido, e no que respeita ao século XVIII, Marquilhas (1991: 8) considera que, apesar de “se terem criado em Portugal excepcionais condições culturais para a convecção de uma única ortografia, essa convenção nunca chegou a ser celebrada, nem sequer tacitamente”, pelo que se pode falar apenas de “várias ortotipografias, umas vezes paralelas, outras divergentes”.

De facto, ao longo dos séculos, as opiniões dos gramáticos e ortógrafos portugueses dividiram-se, *grosso modo*, em dois paradigmas alternativos: “um extremamente histórico, outro exhaustivamente fonético” (Marquilhas, 1987: 104). Tendo sido um período de “amargas polémicas ortográficas”, o século XVIII terminou com o “predomínio arrasador da ortografia etimológica”⁽²⁰⁾ (Williams, 1961: 41), revigorando a aproximação da língua portuguesa ao ideal de perfeição e pureza – a língua latina –, o que conduziu não só à introdução de inúmeros latinismos mas também de helenismos gráficos (Gonçalves, 1992: 42).

Este modelo, preferentemente etimológico, é aquele que Fonseca Henriques escolheu seguir nas suas obras, incluindo a que serviu de fonte ao autor do texto manuscrito. No entanto, ao longo do seu «Tratado de Medicina», o Reitor António Dias optou por adotar uma grafia predominantemente fonética, sem os adornos etimológicos e latinizantes típicos do século em que se insere (apesar de, como qualquer eclesiástico, conhecer e contactar frequentemente com a língua latina), contrastando, deste modo, com a grafia vigente na *Medicina Lusitana* de Mirandela.

É, por isso, possível encontrar no manuscrito palavras como “*otimo*”, “*retificado*”, “*precetiveis*”, “*setimo*” ou “*exceto*”, que demonstram a aproximação da

⁽¹⁹⁾ A noção de “caos” deveria, no entanto, ser substituída pela ideia mais apropriada de “falta de norma considerada padrão para todos”, tal como defende Toledo Neto (1998: s.p.).

⁽²⁰⁾ O auge da tendência para a preponderância da grafia etimológica é comumente associado à publicação da *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua Portugueza* (1734), de João Madureira Feijó.

grafia à oralidade. Do mesmo modo, deparamo-nos, ainda, com alguns nomes e formas do verbo *haver* com desprezo do ‘h’ inicial, dado que este não se realiza foneticamente:

- **Perg.** como se curaram os soluços causados de **umor** quente. [fl. 128v.]
- Ou se faça medicam.^{to} de minhocas cozidas em agoa com rais de espargo, de funcho, ou salsa das **ortas**. [fl. 195] (nunca “horta”)
- He bom estar o doente hua **ora** de manha, e outra de tarde deitado sobre dois odres meados de agoa fria [fl. 200v.]
- e nam comam baca, lebre, cabirto, peixe do mar, nem **ortelice** [fl. 202v.] (só uma vez “hortelice”)
- se for de noute porseha algumas luzes perto dos olhos, com a caveca lebandada, e meterselhea na boca hua colher de pao entre os dentes [fl. 128v.]
- o sangue q’ emflama os olhos ou corre por veias exteriores, qd.º **a** dor, tumor, e pulsacam na testa, e fontes, ou por veias interiores, qd.º **ha** proido no ceo da boca, e nariz [fl. 166]
- E se **ouver** febre nam he bom samgrar [fl. 182v.] (nunca “houver”)
- E se os vomitos forem causados de lumbrigas **avera** os sinais dellas [fl. 187]

Também as rasuras efetuadas no texto pelo autor permitem perceber que este, mesmo quando começa a escrever uma palavra com grafia (pseudo)etimológica, opta de seguida por emendá-la para uma grafia mais próxima do registo oral:

1 **ho onca** de fel de touro [fl. 128]
meia **ho onca** de geripiga [fl. 129v.]
erbas capitais com **enxophre** [fl. 164v.]
huama onca e meia de tutia [fl. 167]

O copista serve-se, igualmente, de uma grafia mais fonética no que respeita aos ditongos nasais [ãj] e [õj]⁽²¹⁾, com o grafema <I> a representar a semivogal, em vez do histórico <E> que surge na obra de Mirandela:

- Assim como a caza comunica certa qualid.º pelo olofato dos **cains** [fl. 123]
- cascas de romam brava, folhas de sumagre, **macains** de cipreste [fl. 127]
- **Perg.** como se curaram os adultos das **inflamacoins** dos olhos. [fl. 166]
- fase emprasto, **poinse** quente, renovase qd.º secar. [fl. 195]

⁽²¹⁾ Segundo Marquilha (1991: 84), a discussão teórica sobre a grafia destes ditongos é antiga, e “no século XVIII a questão continua ainda a ser debatida entre os gramáticos”.

No entanto, apesar de a tendência ser, como se viu, essencialmente fonética, é também possível reconhecer no manuscrito, além de algum léxico comum, vários termos da medicina, da química e da botânica⁽²²⁾ que revelam uma grafia de cariz etimológico:

- **Perg. 4** como se curam os olhados. **R** q' he com fumacas de **herba** hipericam, vulgarm.^{te} chamada erva de S. Ioam [fl.123v.] (única ocorrência)
- **Perg. 5.** q' he o q' persevera de nam ter olhado. **R** q' o trazer consigo azeviche, ou trazer ao pescoco **escripto** os nomes dos 3. reis Magos [fl. 123v.] (única ocorrência)
- estes leites sam bons p.^a os q' padecem **gotta**, ersipelas repetidas, prurigenas [fl. 124v.] (única ocorrência)
- se vntara com o ingoento feito a fogo lento de outava e meia de **calcantho**, outro tanto de fel de **tauro** [fl. 127v.] (únicas ocorrências)
- se lhe daram humas colheres de agoa de cereijas negras com hum escropolo de pos de **gutteta** de Riverio [fl. 129]
- depois de coado se lance 4 oncas de fumo de rosas, e 2 de mel **cillitico** nas ultimas **ebullicoins** [fl. 129] (únicas ocorrências)
- Tambem p.^a librar da gota coral he bom (...) trazer ao pescoco a pedra **nephritica** [fl. 160v.] (única ocorrência)
- **Perg. 3.** de q como se conhecera de q' humores procede estas virtigens. **R** q' procedem de cru[e]zas, se e humores crasos se ouver **somnolencias**, e cuspir m.^{to}, ter fastio sem sede, e as ourinas brancas. (...) E procederam de humores atribiliarios habendo arotos azedos, tristeza, e maior falta de **somno**⁽²³⁾ [fl. 161v.] (únicas ocorrências)
- Tambem as vertigens sam causadas de causas externas, como mudanca de ares, (...) o exercicio **immodorado**, o fedor de algua cousa [fl. 162] (única ocorrência)
- E se nem com estes remedios pasar se pode ~~dar~~ samgrar no pe se a vertige **symphatica**, e no braco | se for **idiopathica**. [fls. 162-162v.]
- se pode dar hum vomitorio de 3. oncas de agoa **benedicta**, q' he bom. [fl. 162v.]
- sangrsea (...) pr.^o na veia mediana, ou de todo corpo, depois na veia **cephalica**, e | ultimam.^{te} na veia apopletica [fls. 162v.-163]
- Donde a causa comua **h** dos estupores sam os humores **lymphaticos**, e frios; ou de humores quentes **sulphureos**⁽²⁴⁾ [fl. 164]

⁽²²⁾ Supondo que uma parte da terminologia destas áreas não seria dominada pelo Reitor António Dias, entendemos que, nestes casos, a influência da grafia da fonte impressa sobre a manuscrita poderá ter sido mais forte.

⁽²³⁾ A forma “*somno*” resulta de emenda feita pelo autor, já que este começara por registar “*sono*”.

⁽²⁴⁾ A forma “*sulphureos*” resulta de correção feita pelo autor, já que este começara por escrever “*sulfureos*”.

- he bom remedio (...) os oleos (...) de **cantharidas** com alguas pingas de espirito de vinho, ou de agoa ardente. [fl. 165] (única ocorrência)
- Remedio otimo he este = (...) duas outavas e meia, de **spiga** de nardo, acafram, carpo balsamo, samgue de drago, incenso, mumia, **opproponas**, **bdellio**, bejoim [fl. 165] (únicas ocorrências)
- lancarlhe sanguexugas nas veias **hemorrhoidas**, e o melhor he logo sangrar nos pes [fl. 166v.]
- E pasados os pr.^{os} dias da inflamacam se prepararam os **collirios** com agoa de Eufragia [fl. 167] (única ocorrência)
- Pode o doente comer toda a caca de monte **excepto** lebre [fl. 169v.]
- E os adultos se curaram, logo logo samgrando no braco da mesma p.^{te} (...) fazendo pausas na sangria, porq' este | m.^{tas} vezes mata ao **septimo** dia [fls. 170-170v.] (única ocorrência)
- E se a inflamacam for **supporando**, q' se conhece qd.^o for a dor maior, maior febre, e maior pulpusam no ouvido, farse ha hum emprasto desta forma [fl. 170v.] (única ocorrência)
- 2 oncas de semente de **carthamo**⁽²⁵⁾, e hua onca de polipo fresco de carvalho [fl. 171] (única ocorrência)
- E p.^a os **subjeitos** a difluxos na gargante he bom este remedio, = 3 outabas de tabaco de po, huma outaba de pos de folhas de betonica, 2. escropolos de **helleboro** branco [fl. 171v.] (“*helleboro*” – única ocorrência)
- he bom lancar de repente agoa fria na cura do doente, sem q' **elle** o saiba [fl. 174]
- A goma **ammoniac**o desfeita em cumo de muymendro. [fl. 175v.] (única ocorrência)
- veio a chamarse garrotinho, porq' com este mal se morre **affogado**. [fl. 176v.] (única ocorrência)
- **Perg. 3:** como se curaram os adultos. **R** q' o melhor he acodir logo logo a samgrar 3 vezes no dia no braco na veia **commua** dandoas com reporcusoins [fl. 177]
- e depois de bem fervidas coase agua, e nela lancar huas pingas [*de*] oleo, ou **spirito** de esterco de cavalo [fl. 178]
- hum nin[*h*]o de andorinhas, huma **manchea** de malvas, outra de folhas de violas [fl. 178]
- no mesmo tempo se poram causticos nas pernas, ventosas **pello** corpo, p.^a fazer evacuar o veneno p.^a as partes distantes. [fl. 179]
- De humor frio he qd.^o o sabor da boca he doce, a cor do rosto **pallida**, ou desmaiada [fl.180] (única ocorrência)
- A tosse he de duas sortes, huma **thoracica**, q' tem a sua causa no peito [fl. 181v.] (única ocorrência)
- O Pleuris ou he legitimo, ou **notho** [fl. 182v.]
- huma onca de pos de aromatico rosado, e 2 outavas de **Diarrhodam Abbade** [fl. 184v.]
- ao sahir do banho untar o ventre com o ingoento de **dialtea**, e agripa [fl. 188v.] (única ocorrência)

⁽²⁵⁾ A forma “*carthamo*” resulta de emenda feita pelo autor, já que este começara por escrever “*cartamo*”.

- se tomaram ajudas adstri[n]gentes de meio cartilho de cozim.¹⁰ de cevada, e aros, duas claras de ovo bem batidas, 3 outavas de **gomma** de aravia [fl. 190v.] (única ocorrência)
- E nestas dores nam he bom comer carne de porco posta ao fumo, nem aduvos, nem pimenta, e bebera agoa cozida com **millefolio**. [fl. 191v.] (única ocorrência)
- outra caste de lombrigas sam piquenas, e miudas como arestas geradas no intestino **recto** [fl. 192]
- he bom suar, e p.^a **ipso** se lhe [*dara*] o xarope de S. Ambrosio [fl. 194] (única ocorrência)
- se purge com este remedio = de rais de jalape, folha de sene, cristal de tartaro de cada cousa meia outava, e de diagridio **sulphurado** hum escropolo [fl. 194]
- Tambem he bom 2. meses veber pela manham meio cartilho de ourina fresca de menino de des **annos** [fl. 194v.]
- se lancara hum escropolo de antimonio **diaphoretico**, e 2. granos de castoreo [fl. 197]
- E p.^a terem boas bexigas, ou escaparem **dellas** tanto q' nacerem lhe daram hum bocado de mana tamanho como hua fava desfeito em leite [fl. 197]
- cozim.¹⁰ de cevada, malvas, e **fructos** de alquequenges [fl. 198]
- Nas febres p.^a temperar a sede he bom lavar a boca com agoa morna com sal **prunelle**. [fl. 200]
- [*h*]e bom por nos pulsos (...) o emprasto de **teas** de aranha [fl. 203]

Nos exemplos anteriores, podemos identificar, sobretudo, formas com consoantes duplas (<LL>, <MM>, <NN>, <FF>, <TT>, <BB>, <PP>) e grupos consonânticos latinos (<CT>, <MN>, <PT>) – que representam um “emblema da latinidade, fator de nobilitação da língua portuguesa” (Gonçalves, 1992: 86) – e, ainda, grupos consonânticos gregos (<TH>, <PH>, <RH>) – que, inseridos no contexto cultural do século XVIII, testemunham a valorização da erudição greco-latina e o anseio de luxo e extravagância ortográfica (*id.*: 87). No entanto, é importante realçar que o «Tratado de Medicina» não ostenta o imenso e variado leque de latinismos e helenismos que povoam as páginas da *Medicina Lusitana* – sendo este, aliás, um dos aspetos gráficos que mais visivelmente distinguem os dois textos.⁽²⁶⁾

Ainda em virtude da (hiper)valorização do critério etimológico na ortografia, não é raro encontrar-se, em várias obras setecentistas, alguns vocábulos que espelham uma grafia de aparência latina ou grega mas que, na verdade, têm outra origem ou simplesmente não eram assim grafadas nas referidas línguas. É o que acontece, por

⁽²⁶⁾ Para conhecer uma análise sobre o uso de latinismos e helenismos gráficos na obra de Francisco da Fonseca Henriques, *vd.* Toledo Neto (1998).

vezes, na obra de Fonseca Henriques, e até mesmo no texto manuscrito do Reitor António Dias, como podem comprovar as seguintes formas pseudoetimológicas⁽²⁷⁾:

2 honas de vinho [fl. 123v.]	(Do lat. <i>uncia-</i>) ⁽²⁸⁾
q' cousa he tinha. ⁽²⁹⁾ [fl. 125]	(Do lat. <i>est</i>)
por honde se conhece as virtigens [fl. 161v.]	(Do lat. <i>unde</i>)
hir as caldas sulphurias [fl. 164v.]	(Do lat. <i>ire</i>)
huma outava [fl. 168]	(Do lat. <i>una-</i>)
desde as orelhas athe as fontes [fl. 174v.]	(Do ár. <i>hatta</i> ou do lat. <i>*ad tenus</i> ³⁰)
agua adocçada com mel [fl. 182]	(Do lat. <i>dulce-</i>)
egoas, q' nam handam lacivas [fl. 160v.]	(Do lat. <i>*ambulare</i> ou <i>ambitare</i> ³¹)
hesta causa [fl. 163v.]	(Do lat. <i>ista-</i>)
pedra hematittes [fl. 187v.]	(Do lat. <i>haematite-</i>)
huma coagullaçam [fl. 188]	(Do lat. <i>coagulare</i>)
4 horas depois de jenctar [fl. 191v.]	(Do lat. <i>jentare</i>)
semelhante a theia da aranha [fl. 200]	(Do lat. <i>tela-</i>)
agoa de Hi[n]guelaterra [fl. 201v.]	(Do ant. fr. <i>Engleter(r)e</i>)

Também o emprego do grafema <Y>, na qualidade da semivogal [j], não se relaciona com a etimologia dos vocábulos em que surge, tratando-se apenas de uma convenção de alguns autores da época. A sua utilização pode, por isso, alternar com a utilização do grafema <I>⁽³²⁾ – o que se verifica tanto no texto impresso de Mirandela como no texto manuscrito, embora, neste último, os casos com <Y> sejam escassos:

- nam comam peixe (...) nem a erba **aypo** [fl.161] (única ocorrência) // de lirio, e de **aipo** de cada hua onca [fl.195] (única ocorrência)

⁽²⁷⁾ Dentre as formas apresentadas, as sete primeiras são utilizadas mais frequentemente ao longo do manuscrito, surgindo as restantes apenas uma vez.

⁽²⁸⁾ Os étimos correspondentes a cada vocábulo foram retirados de Machado (1977) e Machado (1984).

⁽²⁹⁾ O autor do manuscrito usa sempre “*he*” para distinguir a forma verbal da conjunção “*e*”. No entanto, nunca regista com ‘h’ as formas do verbo *ser* no Pretérito Imperfeito, como se verifica na obra impressa de Mirandela (p.ex., “*hera*”).

⁽³⁰⁾ Origem controversa. Teyssier (1994: 19) defende que a preposição *até* provém do árabe *hatta*, ao contrário de Machado (1977), que considera inaceitável a hipótese arábica, propondo como étimo **ad tenus*. De qualquer modo, em nenhum dos casos a letra ‘t’ é seguida de ‘h’.

⁽³¹⁾ Origem controversa. Machado (1977) considera que, para o caso do português, a segunda hipótese parece mais satisfatória. Ainda assim, nenhum dos possíveis étimos se inicia com a letra ‘h’.

⁽³²⁾ Na obra de Fonseca Henriques, pode alternar ainda com <E> nos vocábulos cujo étimo apresenta este grafema; no texto manuscrito, nos ditongos [aj], [oj] e [ɔj] com ‘e’ etimológico, a semivogal é sempre representada com o grafema <I>, corroborando a tendência fonética da grafia do autor (veja-se o último exemplo).

- se lancara canafistola, tamarinhos, xarope de **Rey** [fl.179] // 3 punhados de flores de sabugueiro, de marcela, de croa de **Rei** [fl.170v.]
- nam habendo **leyte** sera agua cozida com malvas [fl.189v.] (única ocorrência) // hum cartilho de **leite** de burra, ou de cabra [fl.124v.]
- hum escropolo dos pos de **roybarbo** [fl.186v.] (única ocorrência)
- **R q'** he hua materia q' **ob[s]troi**, comprime, ou rfrigera os nervos, ou ductos, pellos **quais** habiam de passar os espiritos **vitais** [fl.163v.] (nunca com 'y')

Da mesma forma se generalizou a prática de utilizar a letra 'h' para assinalar o hiato entre duas vogais, mesmo não existindo fundamento etimológico para o seu uso em alguns vocábulos⁽³³⁾. Assim sendo, tanto encontramos, no manuscrito, as formas verbais “*contrahe*” e “*distrahe*” que apresentam no seu étimo um 'h' (do lat. *contrahere* e *distrahere*, respetivamente), como as formas verbais “*cahir*” ou “*cahem*” (do lat. *cadere*), “*sahir*” ou “*sahindo*” (do lat. *salire*) – e outras palavras, como “*ahonde*” e “*ahinda*” –, em que o 'h' funciona como um mero diacrítico, embora de forma alfabética⁽³⁴⁾. No entanto, também é possível observar, se bem que raramente, casos em que o autor do «Tratado de Medicina» dispensou o 'h' entre as vogais em hiato:

- trazer este remedio = 4 oncas de oleo de **copaiva**, e 3 oncas de oleo de ortelam [fl. 184v.]
- E depois de **saidas** as vexigas sendo malignas se tomara este remedio [fl. 197v.]

Ou casos em que, por outro lado, inseriu essa letra entre a vogal e a semivogal de um ditongo:

- **Perg. 2.** como se conhece a gota coral. **R** qd.º o doente **cahi** de repente no cham sem sentidos [fl. 128v.]
- tomara meio cartilho de leite de baca (...) conforme a capacid.º de q.ºm o toma asim quente como **sahi** da baca [fl. 181]

Também no que diz respeito à representação gráfica dos ditongos [aw], [iw], [ew] e [ew], em final de palavra, o autor do manuscrito vai ao encontro da tendência da época e da obra de Fonseca Henriques, preferindo registar a semivogal com o grafema <O> (excetuando a palavra *seu*, que surge sempre com 'u'):

⁽³³⁾ No entanto, é de salientar que este é um hábito de influência latina, já que, nesta língua, palavras como *nihil* ou *mihi* também apresentavam 'h' puramente gráfico, memória de uma aspiração arcaica (Marquilhas, 1991: 81).

⁽³⁴⁾ Veja-se Marquilhas (1991: 81).

- meterselhea na boca hua colher de **pao** entre os dentes [fl. 128v.]
- esta febre no principio curase facelm.^{te} e chegando ao **3 grao**, nam tem remedio. [fl. 200]
- hua criatura nos principios da sua gereçam **adquerio** hua qualid.^e maligna [fl. 123]
- se a pessoa a q.^m cahir o cabelo for descorada, he sinal q' **cahio** omor morboso [fl. 126v.]
- **Perg. 2** donde procede a tinha. **R** de **3** causas; (...) de contagio, pondo na caveca **chapeo** do tinhoso [fl. 125]
- o sangue (...) [corre] por veias interiores, qd.^o ha proido no **ceo** da boca, e nariz [fl. 166]
- e se tiver tido algua febre maligna he sinal q' dela **precedeo** o cahir o cabelo [fl. 126v.]
- E tendo pasado a febre do **seu** aum.^{to} tomara este remedio [fl. 204v.]

O mesmo grafema <O> é ainda utilizado na representação da semivogal nos ditongos crescentes [wa]/[wɐ]/[wã], [wi] e [wẽ], observando-se, todavia, alternância com o grafema <U>, fonética e etimologicamente mais apropriado (também na *Medicina Lusitana* se pode detetar esta oscilação):

- semente de peonia macho arincada no **coarto mingoante** da lua [fl. 160v.] (nunca com 'u')
- E o doente comera caldo de galinha, e bebera **agoa** cozida [fl. 178v.] // aos meninos se lhe lavara a caveca toda com **agua** fria m.^{tas} vezes [fl. 178v.]
- E se o doente **soar** m.^{to} terseha com pouca roupa. [fl. 200] (única ocorrência) // e p.^a **suar** q' he bom, se tomara agua de papoulas [fl. 199]
- se ellas forem sahindo bem, com **diminoicam** do febre deixarse ham a natureza [fl.196v.] (única ocorrência) // **Perg.** por honde se conhece este achaque (...) **R** q' se conhece pella falta e **diminuicam** do sentimento, ou movim.^{te} nas partes ofindidas. [fl. 164]
- ou este **emgoento**, q' serve tambem p.^a os q' cursam com dificuldade = huma onca do **ungoento** de dialteia, e outra de artanita [fl. 188v.] (nunca com 'u')

Um outro aspeto em que o texto do Reitor António Dias não evidencia adequação etimológica nem fonética relaciona-se com a representação gráfica do ditongo nasal [ãw̃]⁽³⁵⁾. Indiferentemente do étimo e da pronúncia dos vocábulos, este ditongo surge, quase sempre, grafado com <AM> (ou <AN>) – excetuando algumas ocorrências dos nomes *grão* e *mão* que são etimologicamente grafadas com <AO> ⁽³⁶⁾:

⁽³⁵⁾ Tendo em conta a localização geográfica do autor, é provável que este ditongo fosse realizado foneticamente como [õw̃].

⁽³⁶⁾ A forma *grão*, no plural, surge ainda grafada como “*granos*” ou “*gramos*”. Aproveitamos, ainda, para referir que, na obra de Fonseca Henriques, o ditongo nasal surge, normalmente, representado pelos grafemas <AO>, com um til acrescentado por cima do segundo grafema.

- **Perg. 3** q' **pronosticam** os olhados. **R** q' se se nam acodir a curalos, **causan** dores de caveca [fl.123v.]
- o **pam** q' comer seja amasado com erva doce [fl.165v.]
- qd.º as dores **nam sam** grandes, sera a mesma cura [fl.170]
- hua **mam** cheia de bagas de zimbro [fl.174v.] // hua **mao** cheia de folhas de chicoria [fl.199]
- hum **gram** de laudano opiado [fl.186v.] // dois **graos** de laudano opiado [fl.182v.]

No que respeita ao registo da nasalidade em geral – vogais nasais e outros ditongos nasais –, o autor do manuscrito serve-se quase sempre de elementos alfabéticos, nomeadamente os grafemas <M> ou <N> ⁽³⁷⁾:

- Depois de se purgar se **temprara** o **sangue tomando** pela **manham em jejum** meia canada, ou **hum** cartilho de leite de burra [fl. 124v.]
- no pescoco teram **dependurados hums dentes** de alho **sem** casca **emfiados em** huma linha [fl. 177]
- he **bom** abrir logo **fomtes**. [fl. 194v.]
- se as **pintas vierem** depois das **sangrias**, (...) se parara **com** as **samgrias**. [fl. 204]

Relativamente aos grafemas consonânticos – em representação de fonemas consonânticos (b-f), mas também de fonemas (semi)vocálicos (a) –, destacaremos apenas os casos que revelam alternância e/ou confusão de grafia, no texto manuscrito ⁽³⁸⁾ – todos eles, curiosamente, coincidentes com os destacados por Williams (1961: 33-39) na sua caracterização do “período fonético” da ortografia portuguesa, isto é, o período do português arcaico:

- a) A frequente utilização do grafema <V> para representar a vogal posterior /u/ (ou a semivogal /w/), em início e, por vezes, interior de palavra:
- com este **vngoento vntaram** a caveca cobrindoa com folhas | de **covvas** [fls. 126-126v.]
 - se pora sobre a dor huma volsa (...) de milho **mivdo**, farelos de trigo, e sal; ou se **vse** de oleo de louro [fl. 190]

⁽³⁷⁾ Somente em três casos é usada uma plica (') – *o'bro*s (fl. 183), *na'* (fl. 191v.), *ma'* (fl. 204v.) – e, noutro caso, um til (~) – *graõ* (fl. 124). Na *Medicina Lusitana*, a nasalidade tanto é representada alfabeticamente ('m'/ 'n'), como através de til, podendo haver variação num mesmo lexema ao longo do texto.

⁽³⁸⁾ Na obra impressa de Mirandela raramente se encontra alguma das alternâncias/confusões gráficas aqui relatadas.

- b) O emprego, embora raro, de <I> por <J> (mas nunca o contrário):
- fumacas de herba hipericam, vulgarm.^{te} chamada erva de S. **Ioam** [fl. 123v.]
 - huma outava de pos subtilissimos de **aliofar** [fl. 168]
- c) A confusão entre os grafemas <G> e <J>, quando se pretende representar a chiante sonora /ʒ/ ⁽³⁹⁾:
- e [a] este mal sam **sogeitos** os q' nacen na lua nova [fl. 128] (única ocorrência)
 - E pela manham em **jegum** se mastigara casca de rais de funcho [fl. 180v.]
 - comam vitela, vaca, ou cavirto, e **fugam** de doce, e açúcar [fl. 181v.] (nunca com 'j')
 - E se feito os remedios nam secar a pontada lancarseha huma ventosa sobre ella, e depois se **sargara**, e depois huma seca sobre a **sargadura**, e outra da outra p.^{te}. [fl. 184] (nunca com 'j')
 - q' se disfaca hum ovo com clara, e **jema**, e hum pouco de açúcar [fl. 198] (única ocorrência)
 - As **agudas** seram de caldo de frango cozido [fl. 200]
 - comera o doente nos pr.^{os} dias frango ao **gentar** [fl. 202]
- d) O registo, embora raro, de <G> em vez de <GU>, quando seguido do grafema <E>, em representação do fonema dorsovelar sonoro /g/:
- nam sesando as dores se **purge** com 3 oncas de mana [fl. 189]
- e) O emprego, embora pouco frequente, de <QU> por <C> para representar o fonema dorsovelar surdo /k/:
- lavar a caveca com ourina de ~~mæe~~ menino quente, **fresqua**, e emxuta [fl. 126v.]
 - e cobrindose bem tomara aqueles bafos; emq.^{to} tiver **qualor** a agua [fl. 164v.] (única ocorrência)
 - **Perg. 1:** quantas **quastes** ha de colica. [fl. 188] (única ocorrência)
- f) A alternância entre os grafemas <R> e <RR>, em contexto intervocálico, representado a vibrante múltipla /r/, bem como entre <S> e <SS>, igualmente entre vogais, em representação da sibilante surda /s/:
- tomem as mais leite de **bura**, ou de cabra [fl. 124] (única ocorrência) // vevera leite de **burra** hum, ou dois cartilhos [fl. 165v.]

⁽³⁹⁾ Algumas correções de grafia feitas pelo próprio autor ajudam a comprovar a sua incerteza perante a forma 'correta' de grafar a chiante sonora em alguns vocábulos. Assim, *jegum* foi emendado para *jejum* (fls. 124v. e 187); *galape* para *jalape* (fl. 171); *guntas* para *juntas* (fl. 180); *larangas* para *laranjas* (fl. 181v.); *cereigas* para *cereijas* (fl. 182); *algofar* para *aljofar* (fl. 197v.); e *jantar* para *gantar* (fl. 199).

- poinse na caveca hum emprasto de pez, rezinas, e goma, o coal depois de estar pegado **arincado** com violencia **arranca** os cabelos e a materia das chagas [fl. 125v.]
- sevo de carneiro **deretido** e posto com hua pena [fl. 198v.] (nunca com ‘rr’)
- tomaram meia outava das pirolas feitas **asim** [fl. 161] // E os adultos, se curaram de gota coral **assim** [fl. 129v.]
- as **pesoas** grandes tomam tudo de huma ves [fl. 194] // basta m.^{tas} vezes, hum menino, ou menina, ou qualquer **pessoa** (...) bafigar no olho [fl. 168v.]
- E **pasados** os pr.^{os} dias comera galinha [fl. 202] // e **passados** 2. dias darselhe ha a tintura de papoulas vermelhas [fl. 183]

No que concerne ao uso de sinais diacríticos, o texto manuscrito é muito pobre, visto que o Reitor António Dias dispensa qualquer acento gráfico a acompanhar os grafemas vocálicos. Além disso, o autor nunca utiliza o hífen, raramente usado até ao século XVII, e, como já foi referido anteriormente (*vd.* nota 37), somente uma vez regista um til, e apenas por três vezes se serve de uma plica para indicar nasalidade. Também a utilização de cedilha é pouco comum, observando-se apenas vinte e sete vezes ao longo de todo o texto – englobando a forma *açucar* vinte e uma das ocorrências. Por seu turno, na *Medicina Lusitana* de Fonseca Henriques, todos os acentos e outros sinais diacríticos mencionados estão presentes e são frequentemente utilizados.

Finalmente, no que diz respeito à pontuação, podemos verificar que, ao longo do texto manuscrito, são utilizados quatro sinais: vírgula (,), ponto e vírgula (;), dois pontos (:), e ponto final (.).

A vírgula é, sobretudo, utilizada para assinalar uma pausa breve, devendo ser colocada, no entender do ortografista João Madureira Feijó, “*depois dos verbos e seos casos: ou para melhor dizer, no fim de cada oração, em que se faz sentido imperfeito no que dizemos; mas não se pára, e o que se diz, depende do que vay adiante, athe fazer sentido perfeito*”, assim como “*antes dos relativos, e antes das conjunçoens*” e “*entre adjetivos (...) ou substantivos juntos com conjunção*” (Feijó, 1734: 125). É também nestas situações que, de forma geral, o autor do «Tratado de Medicina» utiliza o referido sinal de pontuação, como exemplificam os seguintes excertos:

- he bom remedio cozer hua rapoza athe se desfazer, e tirar a gordura, **q’** estiver sobre a agoa, **tambem** o vnto de viveras, de cobras, **ou** de gato [fl. 165]

- **Perg. 4** como se curaram os meninos de difluxos de cœausas quentes, **q'** se conhecem, **qd.**º tem febre, e espirram munto [fl. 180v.].

Quanto ao ponto e vírgula e aos dois pontos, ambos se relacionam, geralmente, com a separação de sintagmas e orações ou com o anunciar de uma enumeração:

- também se pode vsar de hum cozim.¹⁰ da pia dos ferreiros (...) lavando a caveca com este cozim.¹⁰ quente; ou tomar hua pouca de baca magra sem cousa alguma de gordura [fl. 127]
- se lhe pora o emprasto de folhas de chopo cozidas em ourina de menino pisadas com manteiga crua; ou o emprasto feito desta sorte: hua mancheia de folhas de choupo, outra de malvas [fl. 129v.]
- **Perg 2.** q' sinais ham de aver p.^a se conhecerem as lombrigas. **R** q' sendo das redondas e longa[s] sam; o bafo azedo, dores e picadas no ventre, principalm.^{1c} em jejum [fl. 192].

O ponto final, além de ser usado no encerramento de frases e parágrafos, funciona também como ponto de interrogação no registo das sucessivas perguntas que surgem ao longo do texto:

Perg 1; a q' tempo de ordinario principiam a sahir as vexigas. **R** q' ao 4 dia depois de dar a febre, e aumento athe o setimo dia, estado athe os 11 dias, e diclinacam athe os 14. [fl. 196v.].

Em conclusão, podemos perceber que, de forma idêntica à tendência da época – que procurava sempre acomodar-se às regras latinas –, a pontuação do «Tratado de Medicina» é, também, sobretudo determinada pela classe das palavras gramaticais, sendo, por isso, “menos rítmica e entonacional do que *gramatical*” (Marquilhas, 1991: 91).

3. Da variação linguística

3.1 *Aspetos fonéticos e fonológicos*

Ao longo do «Tratado de Medicina» deparámo-nos com uma imensa diversidade de aspetos fonéticos e fonológicos em variação, pelo que somente seleccionámos aqueles que mais se destacaram e, sobretudo, os que puderam ser identificados como característicos dos dialetos setentrionais ou, mais especificamente, do dialeto minhoto. Assim sendo, optámos por dividir este conjunto de fenómenos em dois – os gerais (3.1.1) e os dialetais (3.1.2). Salientamos ainda que, em alguns dos vocábulos examinados, se atesta apenas a forma com alteração (ou seja, não consagrada pela norma); noutros, há coocorrência de ambas as variantes.

3.1.1 *Fenómenos gerais*

Neste âmbito, estão incluídos fenómenos que, de forma geral, foram (e são) comuns e frequentes no português (popular), podendo ser observados ao longo das diferentes fases da língua e um pouco por todo o país⁽⁴⁰⁾.

Um desses fenómenos é a **labialização** – tanto progressiva como regressiva –, provocada pela presença de um ou mais sons bilabiais ou labiodentais contíguos à vogal em que se deteta a alteração. Em anexo (tabela 1), poderá observar-se melhor todas as formas afetadas e respetivo número de ocorrências. No entanto, expomos aqui os seguintes exemplos:

- tomar ajudas de caldo de galinha com venedita laxativa, e acucar: ou de agoa de farelos com **formento**, sal, e asucar [fl. 123v.]
- todos os dias lhe daram humas colheres de amendoada de pivas de **molam**, e malancia [fl. 182]
- E os adultos tomaram 2. na **somana** vomitorios de antimonio preparado em binho branco [fl. 194]

⁽⁴⁰⁾ Muitos destes fenómenos são, frequentemente, apontados nos compêndios de “erros do vulgo” e respetivas “emendas” de diversas gramáticas e ortografias portuguesas desde o século XVI. *Vd.*, por exemplo, Leão (1576), Barreto (1671), Feijó (1734) e Carmelo (1767).

Um outro fenómeno fonético muito recorrente é a **metátese**, que pode incluir a deslocação de um som para outra sílaba da palavra, a troca entre vogais de sílabas diferentes ou a troca entre uma vogal e uma consoante da mesma sílaba (*vd.* tabela 2, em anexo). Observem-se, por exemplo, os seguintes casos de metátese:

- o doente he de temperam.^{to} quente, colerico, ou **malencolico**, adusto [fl. 164v.]
- Pode o doente comer no principio frango cozido, alface, ou abobera, e depois de alguas samgrias comera galinha, franga, **cabirto**, ou vitela [fl. 170v.]
- ou fe<e↑>imento cobrindo, e cercando o dente, meia hora, e tocando ao depois com sangue de **largato** [fl. 175v.]

As **síncopes** de *a*, *e*, *i* e *o*, em sílaba pretónica ou postónica, são também muito observadas, principalmente quando as referidas vogais se acham antes ou depois de vibrante (Williams, 1961: 66, 69-70). Vejam-se, além dos seguintes exemplos, todas as ocorrências do fenómeno na tabela 3, em anexo.

- tendo os pulsos froxos, a cor do rosto de chumbo, nam podendo ter **dreita** a caveca, nem abrir os olhos [fl. 123]
- cozanse raizes de malvaisco, e malvas com rais, folhas de loureiro, de eufragia, funcho, celidonia, flores de marcela, **croa** de Rei, semente de alforvas, linhaca galega [fl. 168]
- cada cousa feita em po, e depois juntas, e[m] **pucro** vidrado com vinagre forte [fl. 176]
- A esqueriencia legitima he de cinco especies, hua he qd.^o a inflamacam esta nas partes interiores da gargante, q' se nam ve, outra he qd.^o esta nas partes | **exteriores** <**supriores** da garganta.↑> q' se ve; outra he a q' esta nas partes interiores, e **exteriores** <**supriores**↑> da garganta [fl. 176v.-177]

A **prótese** de *a* é igualmente frequente no manuscrito (*vd.* tabela 4, em anexo), sobretudo em formas verbais, mas também em substantivos:

- vntarse ha com o engoento de fezes de ouro, q' tambem he remedio eficaz p.^a escaldaduras, **ajuntandose** a cada onca hum escropolo de asucar de saturno [fl. 124]
- o ouvido sempre se **alimpara** com mel, e coarta parte de agoa tepida. [fl. 170]
- De **aruda**, salva, ortelam, ourego[in]s de cada cousa hua mam cheia [fl. 172]

É ainda possível encontrar várias formas com **semivocalização**, que a grafia deixa transparecer através da substituição do *e* etimológico por um *i*, como se demonstra nas seguintes passagens do texto (*vd.* também a tabela 5, em anexo):

- se lancara 2, ou 3 pingas de **olio** destilado de aruda, ou de marcela, e se fara 2 vezes este remedio cada dia [fl. 172]
- Tambem nos pr.^{os} dias se ouver m.^{tos} vomitos, **nausias**, e fastio se purgara, e na[m] se vsara de ajudas. [fl. 197v.]

Registam-se também alguns casos de **crase** entre fonemas de unidades lexicais distintas: *água* por *a água*; *abertura* por *a abertura*; *todo* por *todo o*, etc. (vd. tabela 6, em anexo):

ou lancase em agoa meolho de qualquer pam, e deixalo estar athe se fazer bem bra[n]do, e depois coasse **agua**, expermendo nella fortem.^{te} o pam, e o pam lancasse fora, e depois **agua** poinse ao lume a ferber [fl.181]

Um outro aspeto fonético a assinalar diz respeito à **assimilação consonântica**. Curiosamente, nas palavras em que surge a assimilação, raramente se observa a variante regular equivalente (vd. tabela 7, em anexo); por isso, nos casos em que se atesta a forma regular (como em *subtilissimos*), esta pode ser somente uma grafia mais próxima do étimo ou, então, um sinal efetivo de ‘relatinização’ da palavra (como já teria ocorrido, por exemplo, nos vocábulo *maligna* ou *omnipotência*, sempre sem assimilação no manuscrito). Observem-se os seguintes exemplos:

- se lancara no olho da neboa huas pinguinhas de cumo de celidonia em q’ se tenham mesturado huns pos **sutilissimos** de assucar cande [fl. 168]
- no bofe asma, tose, e tistica, no estomogo **corrucam** do seu formento com nausias, vomitos, e fastio [fl. 180]
- se dentro do naris **nacerem** vexigas vntarseam com oleo de amendoas doces [fl. 198]

Embora raramente, é ainda possível descobrir lexemas com assimilação consonântica na *Medicina Lusitana* de Fonseca Henriques.

Por outro lado, há também registo de várias palavras com **dissimilação consonântica**, sendo estas, de forma geral, mais comuns do que as equivalentes sem evidência do fenómeno (vd. tabela 8, em anexo). A dissimilação ocorre, normalmente, em consoantes líquidas e, em determinados casos, pode mesmo causar a supressão de um dos fonemas (como em *propia*, *emprasto*, *postracam*, *frustado*, etc.):

- hum escropolo dos pos acima ditos, des gramos de alambre preparado, dois gramos, de bom laudano opiado, de oleo alcanfor quanto vaste, feito em **pirolas**, e dourense. [fl. 161]
- lavara a parte ferida com ourina **propia**, q' he bom remedio contra qualquer mordedura, ou ferida venenosa [fl. 179v.]
- [h]e bom por nos pulsos **emprasto** de salva, ruda, e bolsa de pastor, ou o **emprasto** de teas de aranha [fl. 203]

Algumas dissimilações (como *pirola* ou *emprasto*) são também recorrentes na obra impressa consultada pelo autor do manuscrito, e estão incluídas nos dicionários da época, sendo, portanto, formas comumente adotadas.

No que toca às vogais, tanto é possível encontrar casos de assimilação como de dissimilação. Entre as formas com **assimilação vocálica** (vd. tabela 9, em anexo) encontram-se, então, *estamago*, *imodorado*, *geripiga*, *lanvando*, etc.; com **dissimilação vocálica** (vd. tabela 10, em anexo) registam-se, por exemplo, *chocolate*, *abobera*, *estepor*, *verilhas* e *mendinho*.

No que concerne ao vocalismo átono, é interessante verificar algumas alterações gráficas de <o> para <u> que revelam **elevação de /o/ átono**, em posição interior ou em final de palavra (vd. tabela 11, em anexo); há, também, o caso oposto, em que, por hipercorreção, várias palavras em que seria, de acordo com a sua origem, mais natural manter o <u> são grafadas com <o>, evidenciando, assim, a dúvida na escolha do grafema que poderá representar o som [u]. Vejam-se as seguintes passagens do manuscrito:

- sobre o **curacam** se pora hua volsa com pos de semente de rais de peonia, e ruda, e se o acidente durar m.^{to} tempo se lhe daram humas **culheres** de agoa de cereijas negras com hum **escropolo** de pos de gutteta de Riverio [fl. 129]
- se se empedir toda a **comonicacam** dos espiritos vitais, chamasse parlesia, e se deixar **comonicar** alguns, chamasse estupor. [fl. 164]
- estara o doente quieto, com a caveca **discuberta** ~~na~~ com os olhos fechados sem olha[r] p.^a o sangue [fl. 174v.]
- o pam sera bem **cuzido**, agua q' beber sera cozida com folhas novas de carvalho [fl. 191]

Convém, no entanto, esclarecer que muitos dos casos de elevação de /o/ em posição interior de palavra detetados no texto se podem dever a fenómenos, já antigos, de dissimilação ou assimilação, como quando a vogal pretónica se torna mais alta por

influência da consoante seguinte, também ela alta (p.ex., *culher*) (Marquilhas, 1991: 96, 97); para tal alteração de timbre da vogal, podem contribuir também outros contextos que favorecem o fechamento de [o], como “a contiguidade de um fonema velar (/k/ e /g/) ou labial (/m/, /f/, /p/, /b/)”, por propiciar “o recuo na articulação, o arredondamento e a labialização da vogal” (Carvalho, 2015: 185).

Do mesmo modo, também é bastante comum encontrar alternâncias gráficas entre <e> e <i> que espelham **elevação de /e/ átono** pretónico ou postónico para [i] (vd. tabela 12, em anexo), como ilustram as seguintes passagens do manuscrito:

- Ou he accidental, q’ he qd.º hua criatura **adquiri** nos humores huma tal corrucam, de que resulta huma qualid.º de dar olhado [fl. 123]
- na convalecencia comera cabirto, vitela, truitas do rio, ameixas, **pipinos**, pessegos, meloins, mas nam malencias, nem comera doce **ninhum**; e no dia das secoins comera 6 horas antes de dar, e pouco, e no fim dellas he q’ comera **milhor**. [fl. 202v.]
- **Perg. 5.** como se curara a colica convulsiva q’ he qd.º os doentes tem desmaios, vomitos, pulsos **piquenos**, soores frios, dificuldade no respirar [fl. 189v.]

Identicamente ao que já foi referido para as ocorrências de elevação de /o/ átono, muitos dos casos de elevação de /e/ átono presentes no texto manuscrito (e nos exemplos anteriores) devem-se a processos de harmonização vocálica (assimilação do timbre da vogal seguinte), à influência da consoante seguinte ou a fenómenos de dissimilação. São, sobretudo, estes que podem também ser encontrados ao longo da obra do famoso médico da corte joanina.

No que concerne à elevação para a vogal [i], típica do português europeu contemporâneo, Teyssier (1994: 60, 62) aponta como data do seu surgimento a segunda metade do século XVIII. No entanto, já no século XVII se podia verificar a inserção da vogal parasitária *e*, por hipercorreção, em textos de indivíduos analfabetos (Marquilhas, 2003: 13), de modo semelhante a algumas formas registadas com anaptixe no «Tratado de Medicina» – *abestenha*, *adestringentes* e *Inguelaterra/ Hinguelaterra* –, em que “há uma sobreutilização da letra <e>, provando que o “e mudo” existia indubitavelmente no inventário dos sons ouvidos” por quem os transcreveu (*id.:* *ibid.*).

Um outro aspeto de variação que se destaca diz respeito às **sibilantes**. Além dos inúmeros casos de variação nas sibilantes [s] e [z] em início de sílaba (*vd.* tabela 13, em anexo), que também são comuns na *Medicina Lusitana*, surgem ainda múltiplas alternâncias entre <s> e <z> e, ainda, <s> e <x> em posição final de sílaba ou de palavra (*vd.* tabela 14, em anexo). Observem-se os seguintes exemplos:

- se tomaram ajudas adstri[n]gentes de meio cartilho de cozim.¹⁰ de cevada, e **aros** [fl. 190v.]
- e se dentro do **naris** nacerem vexigas vntarseam com oleo de amendoas doces [fl. 198]
- ajudas de ourina de menino de nove, ou **des** annos. [fl. 194]
- ou corre por veias exteriores, qd.º a dor, tumor, e pulsacam na testa, e fontes, ou por veias interiores, qd.º ha proido no ceo da boca, e nariz, e **expirrar** m.^{tas} vezes. [fl. 166]
- Duas outabas de assucar cande, e tutia preparada, outaba, e meia de osso de ciba, de **escremento** de menino preparado 2 escropolos [fl. 168v.]
- tudo bem cozido em agoa athe se desfazer, depois bem **expremido**, e estando brando **espremesse** [fl. 170v.]
- he ja **espreme[n]tado** ser bom remedio no dia da sesam 2. antes de dar, tomar _ 2 oncas de vinho emetico, e 3 oncas de tintura de sene [fl. 201v.]

Tendo em conta que, entre o século XVI e o XVIII⁽⁴¹⁾, se terão começado a realizar os fonemas /s/ e /z/ em posição implosiva com pronúncia palatalizada (Teyssier, 1994: 55), é possível que as confusões gráficas evidentes nos exemplos anteriores resultassem da aplicação dessa realização fonética inovadora, o que levaria à variação entre *rais/raiz*, *tras/traz*, etc. (mas sempre *raizes*, *trazer*, etc.). Também a utilização do grafema <x> em verbos ou nomes como *expremer*, *expirrar*, *exfragar* ou *exquecimento* podem apontar para uma pronúncia palatalizada (o processo inverso seria por ultracorreção – *esprementar*, *escremento*); no entanto, estes casos podem revelar apenas uma alternância específica entre *es-* ([iʃ, iʃ]) e *ex-* ([ɛjʃ]) em início de palavra, e que ainda hoje se pode observar na língua; seria, portanto, mais seguro afirmar a presença da chiante se se verificasse o mesmo com outras vogais em início ou interior de palavra, o que não acontece. Por fim, surge uma ocorrência da utilização de <x> em final de

⁽⁴¹⁾ É no século XVIII que se encontra o primeiro testemunho desta pronúncia, explicitado no *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luís António Verney:

O que eu sei é, que a pronuncia Portugueza acaba em x, todas as palavras que acabam em s: quero dizer, que todo o s final pronunciam como x. de que nam quero outra prova mais, que cada um observe, como pronuncia o s final; e que diferença tem do-s, que pronunciam no meio das-disoens. (...) Mas deixemos o s, na sua pose: observo, que nam só o s final se pronuncia como x, mas tambem o z final: o que V. P. pode ver em, *Diz, Luiz, Fiz* etc. (Verney, 1746: 29).

palavra – “se a febre hetica for **simplex**” [fl. 200] –, mas, além de ser a única, pode simplesmente relacionar-se com uma grafia de influência latina e não com a pronúncia.

3.1.2 Fenómenos dialetais

Neste âmbito, estão incluídos os aspetos fonéticos e fonológicos frequentemente reconhecidos como próprios dos dialetos setentrionais e, em alguns casos, da região minhota.

Assim, no que toca aos fenómenos típicos do Norte em geral, aquele que revela maior expressividade ao longo do manuscrito é a **neutralização da oposição fonológica b/v**, espelhada na constante e diversa variação entre os grafemas e <v> (vd. tabela 15, em anexo), como revelam as passagens seguintes:

- **Perg.** q' se fara p.^a tornar o **cavelo**. **R** q' antes de se curar se esfragara bem a **caveca**, e se se fizer vermelha ha espanca de tornar o **cavelo**, e se curara [fl. 127]
- **Perg.** como se curaram os ~~humor~~ estopores puros, por procederem de calor, e secura. **R** se samgrara, o q' for necesario, e vsandose de ajudas de leite de **baca**; e depois 3. ou 4 meses **vevera** leite de burra hum, ou dois cartilhos [fl. 165v.]
- E os doentes poderam comer ~~de tudo se~~ <e tudo↑>, so se **libraram** de comer peixe, ortelici, principalm.^{te} alfaces, e **librase** de especias, so pode vsar de canela, isto se entende emq.^{to} se nam tirar a **neboa**. [fl. 168v.]
- cozendo tudo em **binho** q' bem cubra, e dando a **ferbura** se aredara, e se **ba** tomando, e se a dor nam parar, se tomaram de leite de cabras com **obo** com clara, e gema batido. [fl. 175]

Esta é, de facto, uma das caraterísticas que, desde o século XVI, os vários gramáticos e ortógrafos portugueses têm associado aos falares do Minho, Douro e Trás-os-Montes (Pinto, 1980). No entanto, a maioria fala sempre de uma permuta entre *b* e *v* e não da neutralização da oposição – veja-se o testemunho de Madureira Feijó (1734: 41-42): “quanto ao uso desta letra [*b*] no principio, ou no meyo das palavras, naõ teria duvida alguma, se o vicio patrio de algumas provincias naõ trocára o *B*, por *V* consoante, e o *V*, por *B*”. Assim sendo, tratar-se-ia, realmente, de uma permuta entre *b* e *v*, ou só *b* por *v* estava generalizado, sendo o inverso devido apenas a ultracorreção? Aparentemente, será esta última opção a mais credível, pois, como refere Leite de Vasconcellos (1928: 136), “muitas vezes o povo, julgando exprimir-se com maior polidez, diz inversamente *votas* (= botas), *vóum* (= bom)”; tal é corroborado por Celeste

Rodrigues (2003: 39), quando afirma que os falantes menos escolarizados tentam adotar as variantes da variedade padrão, o que origina e justifica os casos de hipercorreção.

No caso do manuscrito, apesar de parecer haver também uma permuta – devido aos inúmeros casos de troca gráfica entre *b/v* e não a sua generalização em –, acreditamos que tal se verifique apenas no registo escrito, mostrando a dificuldade do Reitor em discernir um som do outro e assim aplicar o grafema correto em cada palavra.⁽⁴²⁾

Uma outra questão fonética a assinalar tem a ver com a **alternância entre os ditongos *ou* e *oi***. Segundo o que indica Lindley Cintra, no texto “Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico” (Cintra, 1995: 35-54), é na área portuguesa setentrional (Minho, Trás-os-Montes, Douro Litoral e parte da Beira Alta e Interior) que se assiste à conservação do ditongo [ow], monotongando-se o ditongo em [o] abaixo da linha do Douro – uma inovação que terá começado a manifestar-se no século XVII (Teyssier, 1994: 52); por sua vez, o ditongo [oj] – resultado de um esforço de conservação do ditongo *ou* nas áreas ameaçadas pela monotongação – pode, atualmente, ocorrer um pouco por todo o país, formando-se pequenas “ilhas” nas zonas de maior incidência do seu uso (Dias, 2014: 60).

É, portanto, natural que, ao longo do «Tratado de Medicina», se observe maioritariamente o ditongo *ou*, independentemente do étimo da palavra e mesmo nos vocábulos em que a norma só admite a variante com *oi* (vd. tabela 16, em anexo). Assim, a par de palavras hoje exclusivamente com *ou*, como *roupa*, *ouvido*, *pouco*, e de outras mais comuns ou menos marcadas na sua variante com *ou*, como *outro*, *dourar*, *ouro*, *touro*, *couve*, encontramos as formas *cousa*, *outava*, *outo*, *noute*, *coufa* e *papoula*. Por outro lado, e curiosamente, o autor do manuscrito nunca utiliza a forma *dous*, mas sempre *dois*. O ditongo *oi* é também utilizado na palavra *coiro* (que alterna com *couro*), aproximando-se da sua etimologia (lat. *corium*). É ainda possível identificar quatro

⁽⁴²⁾ É possível surpreender determinadas ocasiões em que o autor do manuscrito revelou a sua incerteza na discriminação dos sons [b] e [v]: algumas vezes, rasurou a palavra inicial e reescreveu-a com outra variante logo de seguida (“2. gemas de ~~obos~~ ovos”, fl. 170v.); noutras, emendou apenas a letra *b*, colocando em cima desta um *v*, ou vice-versa, conforme assinalámos em várias notas de rodapé na edição do «Tratado de Medicina».

atestações de monotongação⁽⁴³⁾ – *chopo, froxos, cacola, orives* –, mas que, no cômputo geral, têm muito pouca representatividade.

Um outro aspeto típico dos dialetos setentrionais diz respeito à **manutenção da oposição fonológica entre /tʃ/ e /ʃ/**, ao contrário do que se observa nos dialetos centro-meridionais. Segundo Teysier (1994: 53), a consoante africada, representada na escrita por <ch>, começou a perder o seu elemento inicial a partir do século XVII⁽⁴⁴⁾, confundindo-se, deste modo, com a chiante surda, representada por <x> na grafia.

No entanto, tendo em conta o testemunho do «Tratado de Medicina», parece que, no século XVIII, esta inovação do Sul – ou da zona de Lisboa, como aponta Feijó (1734) – ainda não teria começado a propagar-se à região Norte, que, como se sabe, é sempre mais conservadora. Deste modo, é, com certeza, significativo o facto de não se registarem confusões gráficas entre *ch* e *x* num manuscrito que apresenta tantos casos de variação gráfica e linguística. Portanto, ao longo do texto, encontramos *xarope, froxo, deixar, laxativa, enxofre, peixe, ameixa, buxo, queixo, baixo, seixo, mexido, puxo, ou chumbo, chapeo, chamar, chaga, cheia, chegar, chopo, cheirar, cha, chocolate, achaque, macho, machucar, tanchagem, fechado, mecha, bichinho, bochechas*, etc. Há, contudo, uma única unidade lexical em que o copista utiliza sempre <ch> em vez do esperado <x> – *chicara* (2 atestações) ou *chiquera* (1 atestação). Neste caso, é possível que o emprego de *ch* resultasse de uma analogia com a palavra sinónima *chávena*; ou talvez *xícara* (empréstimo do castelhano) tenha sido adaptada e integrada no léxico português do Norte com a africada [tʃ], ou, por outro lado, tenha sido uma das primeiras palavras a sofrer variação⁽⁴⁵⁾, pois, como constata Prista (1994), a primeira tranche de léxico em que a confusão entre *ch/x* se insinuou foi a dos estrangeirismos; ou, ainda, que o seu registo no manuscrito se deva a influência da obra consultada, uma vez que nesta também se observa sempre *chicara* (seria possível que, pela sua (con)vivência na capital do país, o transmontano Francisco da Fonseca Henriques começasse a revelar

⁽⁴³⁾ Ignoramos aqui as três atestações de *o* ('ou') e a atestação de *cosa* ('cousa'), pois, tendo em conta a sua raridade em comparação com a quantidade de ocorrências das formas com ditongo, poderão resultar de simples falha gráfica do copista.

⁽⁴⁴⁾ O primeiro gramático a mencionar a confusão que começava a existir entre a pronúncia e a grafia de *ch* e *x* foi João Franco Barreto, na sua *Ortografia da Língua Portuguesa* (1671); depois de Barreto, vários outros autores se reportaram ao fenómeno, como Madureira Feijó (1739) e Luis António Verney (1746). Para conhecer uma análise diacrónica mais aprofundada acerca da mudança operada na africada [tʃ], *vd.* Pinto (1981) e Prista (1994).

⁽⁴⁵⁾ Celestino Azevedo (1929: 100, *apud* Prista, 1994: 221), encontrou em Ervedosa do Douro, localidade onde ainda se faz distinção entre *ch/x*, variação de pronúncia em [tʃ]icra – [ʃ]icra, explicando a utilização da africada por influência de Chica (< Francisca).

algumas hesitações relativamente à grafia destes fonemas, pelo menos em empréstimos (tendo em conta o que referimos acima), já que também não se verificam mais trocas de *ch/x* na *Medicina Lusitana*).

Um outro fenómeno característico dos dialetos setentrionais tem a ver com a **palatalização de [s] e [z], em início de sílaba**, para [ʃ] e [ʒ], respetivamente, quando as ditas consoantes se encontram entre um *i* e outra vogal (Leite de Vasconcellos, 1970: 98). Deste modo, podemos observar com alguma frequência, no manuscrito, as formas *sanguexuga/sanguixuga* (nunca *sanguessuga*; na obra de Mirandela também é comum *sanguexuga*), *dixe/dixemos* ou *pexigueiro/pexegueiro* (e, ainda, *pexogos*, por analogia com as anteriores), bem como a forma *prijam* (‘prisão’)⁽⁴⁶⁾.

No Norte (e Centro) do país, é também frequente a elevação de [ẽ], em posição inicial de palavra, para [ĩ] (*id.*: 86), como em *imprasto*, *imvaraco*, *inchimento*, *incolhido*, *infermo*, *ingolir*, *intendimento* ou *inxofre* (*vd.* tabela 12, em anexo). Esporadicamente, a vogal nasal [ũ] em início de palavras (semi)eruditas – como *umbigo* e *unguento* – transforma-se, na língua popular, em [ẽ] ou [ĩ] – *embigo/imvigo* e *engoento/ingoento*. Há ainda, nos dialetos setentrionais, um fenómeno que consiste na elevação da vogal nasal [õ] para [ũ] (*id.*: 88), como se pode perceber nas palavras *comrumpidas* e *lumbrigas*, registadas no manuscrito (*vd.* tabela 11, em anexo). É também comum no Norte (*id.*: 95) a presença de dissimilação na palavra *borno* (‘morno’), várias vezes registada no texto do Reitor António Dias. Nesta zona, preserva-se, ainda, o ditongo *ui* (hoje apenas *u*), em palavras como aquela que se encontra no manuscrito – *truita* (do lat. *tructa*); por outro lado, em *muito* verifica-se a sua monotongação – *munto*.

No que toca às características fonéticas do **falar minhoto**, podemos elencar, por exemplo, alguns casos de **monotongação** em ditongos crescentes (*vd.* tabela 17, em anexo), através da síncope da semivogal, sobretudo nos grupos *qua* [kwɐ] e *gua* [gwa]/[gwɐ] que se reduzem a [kɐ] ou [ga]/[gɐ], respetivamente (Silva, 1962: 316). Observem-se os seguintes passos do manuscrito:

- o oleo q' cahir na panela inferior se **garda** em bidro bem tapado [fl. 175]
- E pela manham nos pr.^{os} dias tomara meio **cartilho** de leite de baca em jejum [fl. 181]

⁽⁴⁶⁾ Convém salvaguardar que os vocábulos *dixe* e *prijom* eram comuns no português antigo (Williams, 1961).

São também comumente associadas ao Minho as **desnasalações** (acompanhadas de monotongação) de [ẽj] em final de palavra (*id.*: 315; Leite de Vasconcellos, 1970: 87). Vejam-se os exemplos que se seguem, bem como todas as ocorrências explicitadas na tabela 18, em anexo:

- E os adultos, se samgraram, e purgaram, e vntarse com cozim.¹⁰ de erba piolheira, as celgas, as folhas de pexigueiro, a ruda, **artemige**, as folhas de pinheiro [fl. 128]
- E o doente ao gantar comera frango, e a noute **borrages** cozidas [fl. 199]

Na região minhota, é ainda muito frequente encontrar vocábulos com **rotacismo**, em que [t] em final de sílaba se modifica para [r] (Silva, 1962: 318); no entanto, no texto manuscrito apenas foi possível identificar dois casos – *aporvilhando* e *argodam* (*vd.* tabela 8, em anexo).

Um outro aspeto próprio do falar minhoto, destacado por Boléo e Silva (1962: 96), relaciona-se com a **passagem de a a e**, tanto em sílaba átona como tónica. De facto, são muitos os exemplos do «Tratado de Medicina» em que isso se verifica (*vd.* tabela 19, em anexo) – *caste*, *ortalice*, *adiente*, *pepoulas*, etc. No entanto, é preciso assinalar que, em alguns dos casos, se pode simplesmente tratar de uma dissimilação (*rechado*, *rezam*) ou ficar a dever-se à influência da consoante alta que antecede ou sucede a vogal (como em *menha/minha*, ou *jentar*).

Também é indicado como frequente no Minho o fenómeno oposto ao anterior: a **substituição de e por a** (Silva, 1962: 315). No manuscrito, encontram-se vários exemplos dessa alteração (bem como de *i* para *a*) – *couvas*, *pividas*, *antam*, *masturar*, etc. (*vd.* tabela 20, em anexo). Em alguns casos, é necessário realçar que a mudança de *e* para *a* pode relacionar-se com fenómenos de assimilação e dissimilação, ou com a influência de um *l* ou *r* contíguo à vogal (*baldroegas*, *marcuriais*, etc.; *vd.* Leite de Vasconcellos, 1970: 103).

É, ainda, comum, no Minho, a inserção da semivogal [j] entre um *e* e uma consoante palatal, sobretudo [ʎ] (Boléo e Silva, 1962: 96). No entanto, tal nunca é observado no manuscrito, excetuando nas formas *cereija/cereixa* (nunca *cereja*), *fuigam* (mas duas vezes *fugam*) e *seisto* (única ocorrência). Contudo, não parece ser seguro associar estas três unidades lexicais ao fenómeno referido, já que têm uma motivação específica: na primeira e na segunda, trata-se da influência do *i* presente no étimo (do

lat. *ceresiam* e *fugiant*, respetivamente), que influenciou ao mesmo tempo tanto a consoante quanto a vogal da sílaba anterior (Williams, 1961: 44, 92); relativamente à última forma, Williams (*id.*: 143) explica que *sexto* (do lat. *sextum*) se transformou já no português arcaico em *seisto*, através da influência de *seis*.

Finalmente, destacamos alguns casos presentes no manuscrito que, apesar de raros, parecem coincidir com determinados traços típicos do Minho, como, por exemplo, a passagem de *a* ou *o* postónico a *e* mudo, em palavras esdrúxulas (Silva, 1962: 315): *chiquera* (‘xícara’), *vivera* (‘víbora’); ou mesmo uma possível ditongação crescente, ainda hoje comum em várias áreas do Minho (Boléo e Silva, 1962: 95), encontrada nas formas *romoam* (‘romã’) ou *raboam* (‘rábão’), apesar de, nas restantes atestações, o autor registar sempre *romam/romans* e *rabam*, respetivamente.

Consideramos ainda pertinente assinalar o caso de um substantivo que, apesar de não surgir no «Tratado de Medicina», revela um dos fenómenos mais caraterísticos do falar minhoto – a **ditongação em ão da vogal tónica nasal final ã** (*id.*: 94; Leite de Vasconcellos, 1970: 79; Maia, 1981). Assim, pode ser encontrada no final do códice a seguinte anotação:

P.^a curar a vista dos olhos o P. Fran.^{co} Xavier da frg.^a de Pias, Lugar da Lapa.

D. Clara **Irmaão** de Fran.^{co} Leixandre da frg.^a de Manzedo ao pe da Igreja. [fl. 253v.]

O uso de <aõ> para grafar este ditongo, em vez do habitual <am>, bem como o facto de se tratar de uma nota pessoal do Reitor António Dias (e, por isso, mais espontânea e informal), torna ainda mais significativo o seu registo. Ajudando a corroborar a possibilidade de o autor do manuscrito realizar o som final das palavras com terminação latina em -ANA com o ditongo [ãw̃], surge por duas vezes, no «Tratado de Medicina», o substantivo plural *macains* (‘maçãs’), cujo singular se pressupõe ser *mação*.

3.2 *Aspetos morfológicos e sintáticos*

No âmbito dos aspetos morfológicos – ou, mais precisamente, morfofonológicos – destaca-se o emprego de *lhe* como forma plural do pronome, confundindo-se, assim, com o singular; vejam-se os seguintes exemplos:

- **Perg. 3** como ~~se purg~~ se curaram os meninos <q’ ja nam mamam.↑>, e as pessoas adultas. **R** lancarlhe sanguexugas nas veias hemorrhoidas, darlhe sangrias necessarias nos pes [fl. 124]
- **Perg.** como se curara. **R** q’ os meninos de mama se **lhe** mungera 2. vezes no dia leite nas costas, ou se **lh’** esfragaram com valdroegas pissadas, ou com alfaces e lanceselhe ajudas de leite de cabras ou de caldo de frango cozido com pena, tirandolhe as tripas. [fl. 195v.].

De facto, em nenhum passo do «Tratado de Medicina» se regista o plural *lhes*, apesar de esta ser já a forma dominante em manuscritos e impressos a partir dos séculos XVII-XVIII (Barros, 2013: 84). É, então, possível que o uso de *lhes* ainda não tivesse ‘vingado’ na língua dos falantes das zonas mais a norte do país, já que estas se revelam sempre mais conservadoras do que as do sul. Curiosamente, na *Medicina Lusitana* verifica-se a mesma situação, o que também poderá ter a ver com a naturalidade do seu autor.

No manuscrito, encontram-se, ainda, alguns casos de alternância morfofonológica em palavras como *des/desde*, *fragar/esfragar* (e *fragacoins/esfragacoins*), ou *estilado/destilado*, sendo que apenas as segundas opções de cada par surgem na obra impressa consultada pelo copista. Convém salientar que a variante *des* é, mais uma vez, uma forma arcaica, que foi sendo abandonada após o século XVI para que a língua retornasse ao original requinte latino (*id.*: 89), mas que, no entanto, permaneceu em algumas localidades das regiões do Minho e Douro, pelo menos até ao século XX (Leite de Vasconcellos, 1928).

No que respeita aos aspetos morfológicos propriamente ditos, começaremos por analisar a variação relativa ao género de duas palavras: *a febre/o febre* e *o defluxo/a defluxo*⁽⁴⁷⁾. No primeiro caso, a variante feminina – correspondente à norma-padrão e a única registada na obra de Mirandela – é nitidamente a mais abundante: registam-se, no manuscrito, 30 ocorrências do substantivo *febre* como feminino e somente 3 como

⁽⁴⁷⁾ Surge ainda, no manuscrito, o caso de “*a postema*” em vez de “*o apostema*”, já assinalado e explicado em nota de rodapé na edição (*vd.* nota 159).

masculino (as restantes atestações da palavra não permitem perceber o género que lhes está associado):

- **Perg. 4** como se curaram os meninos dos pleurizes, q' como nam dizem o q' lhe doi, se conhece, vendo q' tem **m.^{to} febre**, choram m.^{to}, nam dormem, tem as faces m.^{to} vermelhas. [fl. 183]
- e p.^a facilitar sahirem as vexigas he bom exfragalos m.^{tas} vezes com panos quentes perfomados em bejoim, e telos bem coverts, e se ellas forem sahindo bem, com diminoicam **do febre** deixarse ham a natureza [fl. 196v.]
- nos pr.^{os} dias antes de sahirem as vexigas he bom sangrar o q' for necessario, ahindas q' as vixigas bam sahindo sendo grande **o febre**, porq' sendo **piqueno** entam nam se samgrara [fl. 197]

A disparidade quantitativa verificada entre as variantes poderá significar que, na língua do autor do «Tratado de Medicina», a variante masculina estaria já numa fase de decadência, prestes a ser abandonada; contudo, é também possível que o texto tenha sofrido influência da fonte impressa consultada, mesmo que o copista realizasse a variante masculina nas suas produções orais – que seria, aliás, o mais esperado de um falante minhoto, pois, como assinalou Jerónimo Contador de Argote nas suas *Regras da lingua portugueza*, o dialeto de “Entre Douro e Minho” caracterizar-se-ia, entre outros fenómenos, por trocar o género de alguns nomes: “*O fim* dizem *A fim*. *A febre* dizem *O febre*” (Argote, 1725: 294) ⁽⁴⁸⁾. No entanto, no manuscrito, o substantivo *fim* é sempre masculino.

Também a palavra *defluxo* (ou *difluxo*) é maioritariamente tratada como masculina, sendo apenas registada duas vezes como feminina: a primeira, numa anotação acrescentada na margem do fólio 171v. (“<na difluxo←>”), e a seguinte em “he **huma defluxo** de materia excrementicia com sangue com dores no ventre” [fl. 190]. Em ambos os casos, cremos que a alteração de género se poderá dever a uma ‘confusão’ ou cruzamento com o substantivo feminino sinónimo *defluxão*.

No campo da morfologia flexional nominal, encontramos dois casos de nomes terminados em *-ão* cuja formação do plural não coincide com a norma, resultando, portanto, de processos de regularização analógica (em vez de *-ãos*, é utilizada a terminação mais produtiva do português: *-ões*):

⁽⁴⁸⁾ Apesar de Contador de Argote associar este fenómeno a um dialeto específico, na mais recente gramática da língua portuguesa afirma-se que as variantes não contempladas pela norma podem ser detetadas em grande parte do território português (Segura, 2013: 123).

- se lancara huas pinguinhas do cozim.¹⁰ feito assim = hua mam cheia de folhas de **golfoins**, de violas, de salgueiro [fl. 170v.] (única ocorrência)
- tomara banhos de agoa tepida como acima dixee ajuntandolhe neveda, magarona, poejos, **ouregoins**, e depois untando o ventre como acima dixee. [fl. 189]

Ao contrário do manuscrito, na *Medicina Lusitana* registam-se sempre as formas plurais *gólfãos* e *ouregãos*. No entanto, e tendo em conta a ausência de acentos ao longo do tratado, convém salvaguardar que a forma *golfoins* poderá estar adequadamente empregada caso se refira ao substantivo *golfão*, variante prosódica de *gólfão*, cujo plural é, de facto, *golfões*.

Há, ainda, o caso de *macains* ('maçãs'), com plural analógico em *-ães*, que terá sido, aparentemente, vulgar no dialeto minhoto setecentista, uma vez que, ainda no início do século XX, foi possível observar esta forma na linguagem popular de várias terras do Minho estudadas por Leite de Vasconcellos (1928).

No âmbito da morfologia flexional verbal, destacamos a forma de 3^a pessoa do singular do Presente do Conjuntivo do verbo *dar* utilizada no seguinte passo do «Tratado de Medicina»:

Perg. 4 como se curara a gota fora dos acidentees. **R** q' para preseverar q' nam **deia** este mal he bom, q' tanto q' hum menino nace, se lhe **deia** no leite da may des gramos de coral vermelho feitos em po [fl. 129]

A forma *deia* é, então, resultado da analogia com a segunda ou terceira conjugações verbais, acrescentando-se à forma etimológica *dê* (do lat. *dēm*) o sufixo modal-temporal *-a*, idêntico ao das referidas conjugações (*dea*); posteriormente, o hiato criado é resolvido através da epêntese de [j] entre as vogais. Esta forma do verbo *dar*, sendo já bastante antiga, permaneceu até aos dias de hoje no português mais popular, e sobretudo nos dialetos setentrionais (Leite de Vasconcellos, 1970: 115).

Um outro aspeto morfológico interessante, e que também se verifica no português contemporâneo informal, tem a ver com a aplicação do advérbio de lugar *aonde*, em detrimento de *onde*, sempre que se pretende indicar o 'lugar em que':

- tomar hua pouca de baca magra sem cousa alguma de gordura, cozela em agoa, e tirarlhe a espuma, a coal se goarda p.^a por **ahonde** faltar o cavelo [fl. 127]
- Dizem q' he bom com farinha, e ourina do doente fazer hua masa, e pola **ahonde** as aves a comam, ou algum cam, q' se muda a doenca p.^a ellas [fl. 203v.]

Destacamos, ainda, dois casos de formação do comparativo de superioridade dos adjetivos *má* e *mau* em que se seguiu o paradigma comum à maioria dos adjetivos, em vez de se utilizar a forma *pior*, consagrada pela norma: “tem **mais ma** cura” [fl. 164v.] e “he **mais mao** de se curar” [fl. 166], provavelmente para manter a integridade da colocação “mau de curar”. Do mesmo modo, também o superlativo erudito de *cruel* – *crudelíssimo* – foi preterido em favor da variante popular: “dores **cruelíssimas**” [fl. 179v.].

Um outro aspeto a apontar relaciona-se com a frequência de emprego do artigo definido antes de possessivo pré-nominal (*meu, teu, seu*, etc.⁴⁹). Nesta situação, o uso do artigo era, até ao século XIX, geralmente mais raro do que no português contemporâneo (Marquilhas, 2013: 37). Assim sendo, e conforme se esperava, ainda é possível identificar casos de omissão do artigo antes de possessivo ao longo do manuscrito – apresentados nos exemplos seguintes –, apesar de a presença do mesmo ser muito mais frequente (em 15 das 19 ocorrências):

- Porem se a febre hetica for simplex o remedio | he cada manham em jejum tomar leite de cabra, ou de baca, porq’ o de burra tem **seus** incomodos [fls. 200-200v.]
- tome hua onca de manteiga salgada de vaca, outra de manteiga de porco, meia onca de enxofre, cada cousa deretida em **sua** tigela de barro [fl. 124v.]
- e p.^a advirtir o defluxo do peito, ou garganta se tomeram ventosas athe as espadoas, e em **sua** falta de ortigas postas pelas partes donde se aviam de dar as ventosas [fl. 124v.]
- facam por dormir a **seu** tempo, e nam podendo, tomar amendoada de semente de papoulas brancas, lancando nelas hua onca de lambedor de papoulas. [fl. 124v.]⁽⁵⁰⁾

No âmbito morfossintático, chama a atenção a alternância entre a conjunção *quando* e as locuções conjuncionais *logo que*, *tanto que* e *assim como* (‘à medida que’); no português hodierno, as duas últimas variantes já perderam o valor temporal que, como vemos, ainda lhes estava associado em fases mais antigas da língua. Observem-se os exemplos que se seguem:

- na testa de fonte a fonte se lhe pora ~~hum~~ emprasto de ortigas pisadas com clara de ovo, e humas pingas de vinagre forte, renovandos **tanto q’** secarem. [fl. 173v.]

⁽⁴⁹⁾ Devido ao tipo de texto em análise, os únicos possessivos atestados foram os de 3ª pessoa – *seu* e *sua*.

⁽⁵⁰⁾ Neste caso em particular, é natural que o possessivo não se encontre antecedido por artigo definido, já que, ainda nos dias de hoje, a expressão “*a seu tempo*” se mantém conservada sem o artigo.

- E nos adultos se deixara sahir hum pouco athe ver se por si deixa de sahir, e **qd.**º pareca m.^{to} o melhor he logo sangrase, naquela parte donde sahi [fl. 173v.]
- e **logo q'** se lhe lancar as flores se tirara agua do lume, e se cobrira m.^{to} bem [fl. 184]
- Tambem sera bom meter a ourina do idropico dentro da vixiga de porco, e pola ao forno, porq' **asim como** for desecando a ourina, desinchara o doente [fl. 195v.].

No que respeita aos aspetos sintáticos, não poderíamos deixar de comentar a colocação dos clíticos verbais na língua do «Tratado de Medicina». Deste modo, após séculos de variação entre a colocação pré ou pós-verbal dos clíticos (isto é, entre próclise ou ênclise), a contemporânea “gramática enclítica” do português europeu começou a emergir na transição da fase *moderna* (até finais do séc. XVII) para a *hodierna* (do séc. XVIII à atualidade) (Bechara, 1991, *apud* Martins, 2002: 268). Situando-se o manuscrito em meados do século XVIII, é expectável encontrar, ainda, alguma variação no que respeita à posição dos clíticos em orações principais afirmativas (não introduzidas por constituintes proclisadores). De facto, não parece ser possível afirmar que o texto do Reitor António Dias espelhe já uma tendência significativamente maior para a ênclise⁽⁵¹⁾, pois são também frequentes os casos de próclise, registando-se inclusivamente coocorrência das duas estruturas na mesma ‘frase’ ou parágrafo:

- E se a gota coral dos meninos proceder de cruexas de estamago **darselhe**a vomitorio de agua benedita de Rulamdo (...). / E se a gota for causada de se coalhar o leite no estomago, **se lhe** dara a beber hum pouco de mel com sal desfeito com agoa cozida com cerefolio [fl. 129v.]
- **farse** ha hum emprasto desta forma = meolo de pam branco cozido em leite de cabras athe se desfazer, lancas**elhe** 2. gemas de ~~o~~ ovos, hum escorpulo de acafram, huma onca de oleo rozado; e quente o emprasto **se** pora no ouvido [fl. 170v.]
- E se o veneno se emcaminhar p.^a as veias da ourina, ajudarse**ha** o seu movim.^{to} com amendoadas de pividias de melam, e malencia, ou semente de cidras adocadas com xarope de malvaisco, e p.^a ficarem douradas **se lhe** lancara humas pingas de espirito de sal. [fl. 179]
- E [n]a garganta **se** vsara de gorgorejos do cozim.^{to} de cevada, tanchagem, rosas secas, lancandolhe huas colheres de calda de açucar rosado, e se na garganta nacer[em] vixigas **se** lancaram com hua pena alva de cam. E se ao peito correr grande defluxo vsarse**a** de lambedor de violas (...). / E se ouver disinteria, **se** vsara de ajudas de leite ferrado, em q' se disfaca hum ovo

⁽⁵¹⁾ Nesta descrição, utilizamos o termo *ênclise* para cobrir também a *mesóclise*, já que ambas se manifestam nas mesmas configurações sintáticas, tratando-se a última de uma variante morfológica da primeira associada a formas verbais de futuro e condicional (Martins, 2013: 2241).

com clara, e jema, e hum pouco de açúcar, e se asim nam cesarem **se** sangrara. E se nas palmas das maos, e solas dos pes tiver dores **as** metera em agoa morna cozida com malvas, malvaisco, e linhaca galega [fl. 198].

Também nas *Regras da lingua portugueza* de Jerónimo Contador de Argote se confirma esta possibilidade de alternância quando o “Discípulo” responde ao “Mestre” que os “pronomes, ou partículas” “se podem pôr antes, ou depois” do verbo, ilustrando a sua afirmação com o exemplo “*Tu dàslhe paõ, ou Tu lhe dàs paõ*” (Argote, 1725: 289).

Parece-nos, ainda, pertinente assinalar as duas ocorrências do manuscrito em que a obrigatoriedade da próclise não foi respeitada, uma vez que, apesar da presença de elementos proclisadores (*se não*), se registou a partícula *se* numa posição enclítica:

- se nam quizer**se** vsar de vomitorio, vsarse ha de purga [fl. 124]
- se nam resolver**se** o defluxo se samgrara nos bracos na veia comua [fl. 180v.].

Quanto à questão da adjacência clítico-verbo em casos de próclise obrigatória, importa referir que já na transição do português *médio* para o português *moderno* se abandonara o fenómeno da interpolação (Martins, 2002: 268); somente o advérbio negativo *não* continuou a poder surgir entre o clítico e o verbo, mantendo-se a sua interpolação como opção gramatical no português-padrão, sobretudo no registo escrito/literário (*id.*: 265; Martins, 2013: 2233; Marquilhas, 2013: 36). Deste modo, o único constituinte que se encontra no «Tratado de Medicina» em situação de interpolação é precisamente o advérbio *não*⁽⁵²⁾, que tanto pode ocorrer em orações subordinadas finitas como infinitivas:

- depois se pora 4 dias em esterco de cavallo, depois se distele em banho de Maria, tam tapado, q’ o ar **lhe nam** chegue [fl. 174v.]
- E o doente nam deve dormir, emq.^{to} nam lancar de todo fora o veneno, p.^a **se nam** comonicar o veneno as partes principais do corpo [fl. 179]
- He bom remedio a pedra da cobra, q’ bem da India pondo sobre a mordedura se tiver sangue, e | se **o nam** tiver farseha com alfanete [fls. 179-179v.]
- A tosse he de duas sortes, huma thoracica, q’ tem a sua causa no peito, esta he humida, qd.^o se escara humidades pella boca, ou seca, q’ he qd.^o **se nam** lanca humidade alguma [fl. 181v.]

⁽⁵²⁾ Não se encontra, portanto, nenhum outro constituinte interpolado coincidente com os observados nas variedades regionais (sobretudo, setentrionais) do português europeu atual – por exemplo, formas pronominais tónicas, advérbios e até pronomes demonstrativos (Segura, 2013: 133,134).

Um outro aspeto sintático interessante, observado no excerto abaixo, diz respeito à ausência da preposição *de* como introdutora de três orações dependentes do predicador nominal “*sinal*”:

Donde se a pessoa a q.^m cahir o cabelo for descorada, he **sinal q’** cahio omor morboso, e se tiver tido alguma febre maligna he **sinal q’** dela precedeo o cahir o cabelo, e se ouver grande calor na caveca, he **sinal, q’** a causa de cahir he a rarid.^e da pel. [fl. 126v.]

Este fenómeno de variação, conhecido como “queísmo” (Barbosa, 2013: 1889-1896), é já bastante antigo na língua, e pode afetar tanto orações dependentes completivas (seleccionadas por predicadores verbais, nominais ou adjetivais) como especificativas (apenas seleccionadas por nomes)⁽⁵³⁾; o caso supramencionado insere-se neste último tipo de orações. No português contemporâneo, este fenómeno de omissão da preposição está já bastante difundido entre os falantes, sendo, aliás, a variante não-preposicionada a opção preferida pelos mesmos⁽⁵⁴⁾; no caso particular das orações especificativas, as construções queístas estão, em geral, associadas a registos orais e/ou informais, tendendo a ser evitadas na escrita (*id.*: 1895, 1896).

Salientamos, ainda, alguns casos de regência preposicional distintos do português contemporâneo encontrados no «Tratado de Medicina»⁽⁵⁵⁾. Além do uso dos sintagmas preposicionais “*ao depois*” (em vez de somente *depois*) e “*no mesmo tempo*” (que alterna com “*ao mesmo tempo*”), é também relevante a sintaxe do verbo *padecer*, que não era até então regido pela preposição *de*, comportando-se, portanto, como um verbo transitivo direto:

- estes leites sam bons p.^a os q’ **padecem** gotta, ersipelas repetidas, prurigenas, e ¶ os q’ **padecem** intemperanca quente das entranhas [fl. 124v.]
- e se se tem a virtigem por ter tido alguma pancada na caveca, ou por **padecer** dores na caveca, tonidos nos ouvidos, fraqueza na memoria, diminuicam no sentido de cheirar, e gostar, chamase idiopatica. [fl. 161v.]
- No tempo do fastio, e p.^a os q’ **padecem** vomitos, indigestacoins, ou fraqueza de estamago podem pelo tempo de 2. meses trazer este remedio [fl. 184v.].

⁽⁵³⁾ Para um conhecimento mais aprofundado acerca das orações especificativas, *vd.* Barbosa (2013: 1879-1886).

⁽⁵⁴⁾ Vejam-se os resultados obtidos nos estudos de Arim (2008) e Herdeiro e Barbosa (2015) sobre o fenómeno do queísmo no português europeu atual.

⁽⁵⁵⁾ Os dois últimos aspetos sintáticos mencionados também estão presentes na *Medicina Lusitana* de Francisco da Fonseca Henriques.

Por fim, é igualmente possível observar a estrutura [prep. *até* + artigo definido], ainda sem a atual preposição *a* antes do artigo⁽⁵⁶⁾:

- as pernas **athe o** joelho as meteram em cozimento borno de alecrim, e rosmaninho. [fl.180]
- **Perg 1**; a q' tempo de ordinario principiam a sahir as vexigas. **R** q' ao 4 dia depois de dar a febre, e aumento **athe o** setimo dia, estado **athe os 11** dias, e diclinacam **athe os 14**. [fl. 196v.].

3.3 *Aspetos lexicais*

No que concerne ao nível lexical, parece-nos interessante começar por destacar que muitas das denominações utilizadas para referir as várias doenças – tanto na fonte manuscrita como na impressa – estão atualmente em desuso, uma vez que se generalizaram outros termos científicos equivalentes, mesmo em registo de língua corrente – por exemplo, *gota coral*, *esquinência* ou *garrotilho*, *câmaras de sangue* e *quebraduras* deram lugar, respetivamente, a epilepsia, amigdalite, diarreia/disenteria (hemorrágica) e hérnias. Por outro lado, nos dias de hoje, muito dificilmente alguém (mesmo um especialista) se referiria ao fluxo aquoso nasal como *estilicídio*, o termo médico mais recorrente na época. Do mesmo modo, vocábulos como *bofe* (pulmão) e *cadeiras* (quadris, anca), hoje pouco comuns e restritos ao registo popular, foram os únicos empregados no «Tratado de Medicina» e na *Medicina Lusitana*.

É ainda possível resgatar, nestes textos, expressões que se aproximavam mais do seu sentido original ou etimológico (e que hoje soariam ‘estranhas’ à maioria dos falantes), como, por exemplo, *banho de Maria* – atualmente simplificada em *banho-maria* –, ou *tamanho como*, hodiernamente preterida em favor da equivalente *do tamanho de*, por já se ter perdido a ideia comparativa presente no étimo latino *tam magno*, isto é, “tão grande” (Coutinho, 1976: 243): “lhe daram hum bocado de mana **tamanho como** hua fava” [fl. 197]. Um outro aspeto a assinalar é a mudança registada nas designações das principais refeições do dia – assim, no século XVIII, o *almoço* correspondia à primeira refeição (hoje designada pequeno-almoço), o *jantar* à refeição tomada entre as 11h e o meio-dia (ou seja, o atual almoço); por sua vez, o termo *ceia*

⁽⁵⁶⁾ Dado que o autor do manuscrito dispensa os acentos gráficos, torna-se impossível perceber, no caso dos nomes femininos, se se trata somente do artigo definido ou da contração da preposição com o artigo (“desde as orelhas **athe as** fontes da caveca” [fl. 174v.]); no entanto, se a preposição não se verifica nos substantivos masculinos é de esperar que o mesmo aconteça com os femininos.

ficava reservado para a última refeição, tomada entre as 21h e 22h (Henriques, 1721, *apud* Reis, 2009: 3); por isso, quando os autores das obras em análise registam os termos *jantar* e *ceia/cear* devemos interpretá-los como *almoço* e *jantar*, respetivamente. Uma vez que nunca utiliza o termo *almoço*, o Reitor António Dias identifica essa refeição referindo a altura do dia em que é tomada, isto é, “de manhã/pela manhã”; o mesmo pode verificar-se também com a *ceia*, substituída várias vezes por “à noite/de noite”:

- **Perg.** q’ se deve fazer p.^a se perseverar das dores de dentes. **R** (...) comer pouco a noute, e lavar os dentes depois de **gantar**, e **cear**, com agua, ou vinho, e **pela manham**, qd.^o se lava o rosto, nam comer cousas ~~que~~ m.^{to} quentes [fls.175v.-176]
- comera o doente nos pr.^{os} dias frango **ao gantar** com abobera, ou chicoria, ou alface; e **a noute** alface, beldroegas, borragens [fl. 202].

Em ambas as fontes surgem, ainda, alguns casos de variação lexical que parecem alternar livremente, como *doente/enfermo/achacado*; *achaque/doença/queixa* (na obra de Mirandela regista-se também *enfermidade*); *medicamento/remedio*; *marcela/macela* (no manuscrito, esta última surge apenas uma vez, contra 38 atestações da primeira); *borralho/cinzas quentes*; *calor/quentura*; *mênstruo/evacuação mensal* (mas nunca *menstruação* no manuscrito); *um pouco de/um pequeno de*; ou ainda os muito frequentes *lançar/botar* (mas nunca *deitar*; em Mirandela, apenas *lançar*).

No entanto, são também muitos os casos em que, no «Tratado de Medicina», se apresenta uma variante ou sinónimo alternativos ao lexema utilizado na fonte impressa. Assim, enquanto na *Medicina Lusitana* se observam, por exemplo, as formas *tamarindos* e *especiarias*, o autor do manuscrito prefere registar, ao longo do seu texto, *tamarinhos* e *especias*. Frequentemente, o Reitor António Dias opta ainda por substituir um vocábulo ou sintagma original (por vezes, de cariz mais erudito) por um outro mais simples ou mais coloquial, como se demonstra nas seguintes passagens do manuscrito (à esquerda) em confronto com as da fonte impressa (à direita):

Perg. 1, q’ cousa he olhado. **R** q’ hua qualid.^e **venossa** ~~causada~~ <incitada↑> de inveja, ou da ira [fl. 123]

*He pois a fascinação: Comunicação de hua occulta qualidade **nocente*** [p. 123];

*A causa do quebranto he hũa occulta qualidade **venefica*** [p. 123]

<p>Esta qualid.^e ou he natural, q' he qd.^o hua criatura nos principios da sua gereçam adquierio hua qualid.^e maligna de alguas qualid.^s elementares, ou celestes [fl. 123]</p>	<p><i>Os que tem virtude natural para dar quebranto, são aquelles em cujos primordios da sua geração concorrerão certas qualidades elementais, e celestes, por virtude das quais os humores acquirirão hua qualidade maligna [p. 124]</i></p>
<p>deixando na casa hua cacola com lume, e com as ditas erbas [fl. 123v.]</p>	<p><i>e na caza ficará hua caçoula com brasas, em que se lance o hypericaõ, ou qualquer outra erva das q' temos dito [p. 125]</i></p>
<p>q' antes de se curar se esfragara bem a caveca, e se se fizer vermelha ha esplanca de tornar o cavelo, e se curara, e se nam se fizer vermelho, escusado esperar, q' torne [fl. 127]</p>	<p><i>Se a parte de que cahio o cabelo se fizer vermelha, esfregando-a bẽ, pode haver esperãça de que renasça; mas se com as esfregaçoens se não fizer vermelha, não nascirá o cabelo. [p. 138]</i></p>
<p>Porem se os meninos padecerem este mal, se purgaram com este remedio: meia onca de agarico, lancado com meio cartilho de agoa, pondoa hua noute em boralho quente [fl. 129]</p>	<p><i>Tomem meia onça de agarico, infundaõ-no em meio quartilho de agoa, e ponhaõ-no hũa noite em cinzas quentes [p. 167]</i></p>
<p>preparandose cada cousa a parte, e depois mesturando todas, dase aos meninos hum escropolo, e aos grandes dois [fl. 161]</p>	<p><i>Cada huma destas cousas se prepare à parte, e depois se misturem todas exactissimamente. Da-se nos meninos hum escropolo, nos adultos meia oitava até dois escropolos. [p. 175]</i></p>
<p>Donde o estupor he ligitimo, qd.^o causado de h humores frios, qd.^o o doente he branco, tardio nas operacoins, e glutam [fl. 164]</p>	<p><i>Conhecemos que a parlezia he legitima, se o doente for branco, de temperamento fleumatico, tardo nas operaçoens, e glotaõ [p. 191]</i></p>
<p>poriso nam so [estaram] os olhos, mas tambem toda a cara vermelha, e a dor nam sera grande [fl. 166]</p>	<p><i>naõ sómente estaraõ os olhos vermelhos, e tumorosos, mas tambem toda a cara (...); as lagrimas naõ seraõ muito mordazes, nem muito vehemente a dor. [p. 197]</i></p>
<p>vntarse ha as capelas dos olhos pela p.^{te} de fora [fl.167]</p>	<p><i>O modo de uzallo, he untando as capelladas dos olhos pela banda de fora [p. 202]</i></p>
<p>[o doente deve] fugir de salgado[s], de carne de porco, nem de leite, mel, assucar, ou de qualquer doce [fl. 167v.]</p>	<p><i>Devem livrar-se de alimentos acres, vaporosos, salgados, e aromaticos (...), e por isto naõ usarão de mostarda, adubos, e especiarias (...); nem de leite, mel, assucar, e quaesquer doces [p. 203]</i></p>
<p>24 libras de boa agoa ardente metida em lambique de bidro, em q' se bota <u>6</u>. pugilos de flor de alecrim [fl. 174v.]</p>	<p><i>Tomem vinte, e quatro libras de bõa agoa ardente, metta-se em alambique de vidro, em que se infundaõ seis pugillos de flor de alecrim [p. 260]</i></p>

<p>cada cousa feita em po, e depois juntas, e[m] pucro vidrado com vinagre forte, q' fique 2. dedos acima dos pos [fl. 176]</p>	<p><i>Cada huma destas cousas se faça em pó subtilissimo, depoes misturem-se, ponhaõ-se ao lume em vaso vidrado com tanto vinagre fortissimo, que fique dois dedos acima dos pós [p. 274]</i></p>
<p>desta se lancaram 2. outabas botadas em agoa meio cartilho de agoa de tanchagem [fl. 176v.]</p>	<p><i>Destas tomaráõ duas oitavas feita em pó subtilissimo, e lança-la-haõ em meio quartilho de agoa de tanchagem [p. 274]</i></p>
<p>Esta agoa nam so serve p.^a as gengivas, e firmar os dentes q' volem, mas tambem p.^a qualquer chaga lavandoa duas, ou 3 vezes no dia, desfazendo hum bocado desta pedra em agua apropiada p.^a a queixa, q' deseca as chagas, tambem p.^a os olhos q' choram m.^{to} aplicada em vinho branco [fl. 176v.]</p>	<p><i>naõ só serve para as exulceraçoens das gengivas, e para firmar os dentes vacillantes, e abalados; mas também para curar qualquer chaga, ainda que cancrosa, lavando-a duas, ou tres veses no dia com alguma agoa apropiada para a queixa, desfazendo na dita agoa hum bocado desta pedra, porque mundifica, e dessecca as chagas maravilhosamente. Tambem he remedio presentaneo para os olhos lacrimosos, porque os corrobora, e enxuga, sendo applicada em vinho branco [pp. 274-275]</i></p>
<p>[Os doentes] fuigam de cheiros de cal [fl. 181v.]</p>	<p><i>O ar que respirarem (...) há de ser puro, sem fumo, e sem pó, principalmente de caliça, que he taõ nociva [p. 335]</i></p>
<p>Perg 1: q' cousa seja almorreima. R q' he huma inflamacam das veias hemorroidas terminadas nos intestinos, causada de andar a cavalo em vesta muar, ou saltar, ou asentarse em lugar quente [fl. 191]</p>	<p><i>porque o andar a cavallo com vehemencia, principalmente em macho, ou mulla: o saltar, o correr, o sentar em lugar quente, causas saõ de se encherem de sangue as ditas veas [p. 468]</i></p>
<p>He bom lavar o sesego com leite frio, e tomar vanhos de agoa cozida com folhas de sabogeiro, e varvasco [fl. 191v.]</p>	<p><i>Havemos poes de uzar logo os anodinos (...), fomentando a parte com o leite frio, ou sentando-se nelle [p. 470]</i></p>
<p>E os q' se quizerem librar de lonbrigas no presigo q' comerem lancenlhe cumo de limam, e na panela do caldo metamlhe ortelam [fl. 193]</p>	<p><i>Os que tem lombrigas, ou se querem preservar dellas, haõ de comer sempre com vinagre forte, e com çumo de limaõ azedo, assim nos caldos, como nos mays alimentos; e na panella em que se cozer a carne, que houverem de comer, se lançarà ortelam, e açafraõ [p. 486]</i></p>
<p>se pode sangrar amodoradam.^{te}, ou lancar ventosas pelas costas, e curba da perna sargandoas levem.^{te} [fl. 196v.]</p>	<p><i>humas vezes sangrando, (...) outras vezes sarjando nas barrigas das pernas, que he remedio utilissimo [p. 561]</i></p>
<p>fervera o leite com duas gemas de ovos, e algum açucar athe q' fique o leite como caldo de farinha [fl. 201]</p>	<p><i>esprema-se o paõ no leite, o qual ferva cõ duas gemmas de ovos, e algum açucar, até que fique o leite em consistencia de caldo de farinha [p. 595]</i></p>

tomar _ 2 onças de vinho emetico, e 3 onças de tintura de sene, porq' fas purgar mais pelas p. ^{tes} inferiores [fl. 201v.]	<i>purgallo huma hora antes da sesaõ com duas onças de vinho emetico, e tres onças de tintura de sene, e foi com tam fausto successo, que purgando copiosamente pela regiaõ inferior, naõ teve sesaõ [p. 598]</i>
por no dedo anelar < que he o q' esta ao pe do mendinho. ↑> da mao esquerda hum emprasto de sal, alhos, e acafram [fl. 203]	<i>pondo-lhe hum emprasto no dedo anelar da maõ esquerda, no lugar em que andaõ os aneis [p.606]</i> <i>[numa passagem posterior, <i>ponhaõ-se na parte exterior do dedo anelar da maõ esquerda que he o dedo que está entre o maior, e o mais pequeno dedo,</i> p. 607]</i>
o emprasto de hua mao cheia de ortigas piquenas, meia onca de teas de aranha, hua colher de sal tudo bem pisado, e boteselhe hua colher de vinagre. [fl. 203]	<i>Tomem huma maõchea de ortigas pequenas, meia onça das teas de aranhas, huma colher de sal, pizem-se juntando huma colher de vinagre, e misturem-se. [p. 607]</i>
Tambem he bom por nos pulsos, artelhos e pelos lombos das costas des a nuca athe o asento o imprasto no pri[n]cipio dos frios de farinha de centeio, entrecasco de sabogueiro e vinagre [fl. 203]	<i>algumas sesoens (...) se curaraõ pondo no principio do frio emprastos de farinha de centeyo, entrecasco de sabugueiro, e vinagre, desde a nuca até as cadeiras, em humas tiras de panno de linho de largura que baste para cubrir os lombos [p. 607]</i>

Além dos exemplos anteriores, retirados do corpo do texto, consideramos igualmente interessante destacar alguns títulos de capítulos do manuscrito em que o copista, deliberadamente, ignorou e evitou os termos médicos de diversas doenças mencionados nos títulos da *Medicina Lusitana*, preferindo registrar somente aqueles com que estaria mais familiarizado, ou seja, os termos mais correntes e comuns, ou mesmo de cariz popular (próprios do “vulgo”, como assinala o autor da obra impressa):

Capitolo 1 / Do mal do olhado, ou cobrante	<i><u>Da fascinação, quebranto, ou mal de olho.</u></i>
Capitolo 2. / Das pustulas, que vulgo se chama fogo.	<i><u>Das pustulas da cabeça, e mais partes do corpo, a que o vulgo chama fogo, e uzagre, e os Medicos crusta lactea, achores, e favos.</u></i>
Capitolo 5. / Da caspa da caveca ou do corpo	<i><u>Da furfuração, ou caspa da cabeça.</u></i>
Capitolo 7. das Gota coral	<i><u>Da epilepsia, a que vulgarmente chamaõ gota coral.</u></i>
capitolo / Dos Estupores.	<i><u>Do estupor, e parlesia.</u></i>
Capitolo / Da inflamacam dos olhos	<i><u>Da ophtalmia, ou inflammação dos olhos.</u></i>
Capitolo / Das cameras de sangue.	<i><u>Da dysenteria, ou cameras de sangue.</u></i>

Das dores do estomago .	<i>Das dores ictericas.</i>
Capitulo das cobraduras.	<i><u>Da hernia intestinal</u>, a que vulgarmente chamaõ rotura, ou quebradura.</i>
Capitulo / Das bexigas, e sarampelo .	<i>Das bexigas, e serampos.</i>

Por fim, não poderíamos deixar de realçar o contributo de três vocábulos para o enquadramento dialetal do «Tratado de Medicina»⁽⁵⁷⁾.

O primeiro e mais curioso é o termo que o Reitor António Dias emprega, no capítulo sobre as dores de almorreimas, para designar o “ânus” – o *sêssego*:

He bom lavar o **sesego** com leite frio, e tomar vanhos de agoa cozida com folhas de sabogeyro, e varvasco; tambem he bom pisar as folhas de sabogeyro, e polas frias no **sesego**, e se com ellas na.’ cesar a dor se cozera leite com erva de tabaco, meymendro, e verbasco, porq’ p.^a huns sam bons huns remedios, p.^a outro outros conforme os humores, ou pisar voldroegas e polas por emprasto no **sesego**, algum. [fl. 191v.]

Além de nunca surgir na obra de Fonseca Henriques – que opta sempre por registar “*intestino recto*” ou outras referências eufemísticas como “*a parte*” –, esta forma do substantivo *sessô*, o ‘orificio do trazeyro, ou pousadeyro’ (Bluteau, 1720), não se encontra inventariada nem definida em nenhum dicionário antigo ou moderno; somente foi possível descobri-la nos *Opúsculos* de Leite de Vasconcellos, precisamente no volume dedicado ao “dialeto interamnense” (ou seja, do Douro e Minho), em que o autor aponta como explicação para a origem da palavra a junção de *sessô* com o sufixo -*ego*, por possível imitação da terminação de palavras como *hétego* (hético) (Leite de Vasconcellos, 1928: 54, nota 1).

O segundo vocábulo – *presigo* (o mesmo que *conduto*, ou toda a provisão de comer que não é pão) – é identificado nos dicionários de Bluteau (1720) e Morais Silva (1789) como típico da Beira; no entanto, Viterbo (1799) refere que a palavra “*persígo*” é muito frequente na Província do Minho⁽⁵⁸⁾. Tal pode ser corroborado, ainda, pela

⁽⁵⁷⁾ Além dos lexemas que serão aqui analisados, consideramos pertinente assinalar um outro, exclusivo da região do Minho e Douro litoral (Cintra, 1962: 290-291), que, apesar de não surgir no «Tratado de Medicina», pode ser encontrado no «Tratado da Agricultura» – o substantivo *anho*, que designa a cria da ovelha (“**Perg. 2** q’ se ha de fazer p.^a os **anhos** q’ nam querem mamar”; “he bom, q’ os **anhos** q.^{to} piquenos nam andem pelos montes” [fl. 242v]).

⁽⁵⁸⁾ Ver este comentário no verbete relativo ao lema **persigal**.

presença do termo *presigo* nos vocabulários da linguagem popular de várias localidades durienses e minhotas apresentados por Leite de Vasconcellos (1928).

O terceiro e último vocábulo diz respeito à forma ‘mungerá’⁽⁵⁹⁾, do verbo *munger* (variante nasalada de *moger*, do lat. *mulgere*), assinalado em Cintra (1962) como uma das variantes lexicais existentes no território português continental com o sentido de ‘extrair, tirar o leite das tetas de uma vaca’ (no «Tratado de Medicina», bem como na *Medicina Lusitana*, o conceito estende-se ao leite do peito de mulher):

Perg. como se curara. **R** q’ os meninos de mama se lhe **mungera** 2. vezes no dia leite nas costas [fl. 195v.]

Conforme se pode observar no mapa apresentado em Cintra (*id.*: 277), as variantes *moger*, *monger* ou *munger* foram as registadas na zona do Minho onde se situa a localidade natal do Reitor António Dias, constituindo, assim, mais uma evidência da integração da língua do manuscrito no dialeto minhoto. O facto de na obra de Mirandela estar presente uma outra variante – *mugir* (“*Aos meninos se lhe **mugirá** leite nas costas, duas vezes no dia*”, p. 525)⁽⁶⁰⁾ – vem, ainda, reforçar a autenticidade e intencionalidade do registo do copista.

⁽⁵⁹⁾ Pode encontrar-se, ainda, a forma ‘mungido’ em dois passos do manuscrito (“leite de peito **mungido** nos olhos” [fl. 166v.] e “se lancara leite de peito de mulher sam, **mungido** no mesmo ouvido” [fl. 169]); no entanto, esta forma, por si só, não nos permitiria perceber qual a conjugação verbal em causa, se a segunda (*munger*), se a terceira (*mugir*).

⁽⁶⁰⁾ Segundo o mapa traçado em Cintra (1962: 277), esta variante, além de ser utilizada na região de Lisboa, parece coincidir também com a da zona transmontana em que Fonseca Henriques nasceu e cresceu.

IV. CONCLUSÃO

Encerrada a terceira secção, podemos concluir que, além de constituir uma interessante fonte para o conhecimento da medicina portuguesa setecentista, o «Tratado de Medicina» do Reitor António Dias se revela um valioso testemunho da língua do Minho no século XVIII. Exibindo numerosos casos de variação aos diversos níveis da língua, bem como fortes marcas dialetais, este manuscrito afasta-se, claramente, da padronização e normatização linguísticas encontradas na sua fonte, a *Medicina Lusitana* de Fonseca Henriques.

Ao longo do nosso estudo, pudemos dar a conhecer uma prática de crítica textual que é muito defendida mas insuficientemente desenvolvida: a da circulação dos textos modelares e sua naturalização por parte dos leitores. Como tivemos oportunidade de destacar no ponto 2.2.2 da secção I, e na secção III, o «Tratado de Medicina» apresenta-se, de facto, como um excelente exemplar dessa adaptação livre da obra consultada aos interesses próprios do copista, bem como ao modo de este se expressar linguisticamente.

Posto isto, e uma vez que o autor do manuscrito se nos revela um homem relativamente culto, embora registando informalmente apontamentos para seu uso pessoal, podemos considerar que a variação presente no seu texto e as diferenças detetadas em relação à obra de Mirandela não seriam de todo inadvertidas ou involuntárias; esta variação era, aliás, consentânea com a ampla variação, sobretudo gráfica e fonética, que, apesar da existência de gramáticas e normas ortográficas desde o século XVI, continuou a verificar-se até ao final do século XVIII.

Contudo, detetar e interpretar os casos de variação fonética e fonológica presentes numa fonte escrita é sempre um trabalho limitado, uma vez que, em algumas situações, se revela complicado perceber e confirmar se a grafia espelha de facto a realização fonética do falante, se corresponde apenas a convenções da norma, ou a uma grafia conservadora e etimológica, se resulta de ultracorreção ou ainda de uma simples gralha. Por outro lado, no que toca aos casos de variação morfológica, sintática e lexical, a possível disparidade entre o registo escrito e o oral fica mais atenuada, principalmente num estilo de texto fluido e informal como é o do «Tratado de Medicina».

Tendo em mente que não é possível delinear uma divisão dialetal perfeita num dado território linguístico e que não há uma única zona dialetal com características apenas dela, uma outra dificuldade com que, por vezes, nos deparámos diz respeito à distribuição dos diversos fenómenos como gerais do português (popular) ou como próprios dos dialetos setentrionais e, mais especificamente, do dialeto minhoto; procurámos, ainda assim, associar à língua do Minho os fenómenos assinalados como mais representativos desta região em trabalhos de autores que investigaram, sobretudo, o português do século XX, assumindo, portanto, que, se se manifestavam frequentemente nesse século, seriam também comuns em séculos anteriores – e cremos que, em muitos casos, conseguimos comprová-lo para o século XVIII, e dá-lo a conhecer em fonte inédita.

Reconhecemos que neste estudo não foram, naturalmente, esgotadas todas as hipóteses de análise dos vários fenómenos mencionados, merecendo cada um deles uma abordagem mais aprofundada, que não caberia aqui realizar, na sequência da transcrição e fixação rigorosas de um texto manuscrito longo, técnico, com o seu grau de dificuldade paleográfico e filológico.

Neste sentido, no âmbito fonético e fonológico, seria desde logo interessante investigar com maior detalhe a questão da possível palatalização de /s/ e /z/ em posição implosiva, bem como a neutralização da oposição fonológica entre /b/ e /v/, de forma a podermos confirmar se se trata, de facto, de uma indistinção em favor de /b/ ou se haverá a possível permuta entre os sons, tantas vezes apontada pelos gramáticos antigos, ou de modo a estabelecermos se há, por exemplo, conjuntos de palavras com maior tendência a serem representadas com o grafema inadequado do que outras.

De entre os aspetos sintáticos, um dos mais interessantes a estudar futuramente é, sem dúvida, a variação entre ênclise e próclise na colocação dos clíticos verbais em orações finitas afirmativas sem proclisadores, que poderá coincidir com a linha de investigação proposta em Martins (2015), na qual se argumenta a favor da existência no português de dois dialetos, ou duas gramáticas, em competição no que diz respeito à sintaxe dos clíticos, contra o que tem sido geralmente assumido na literatura. Além da análise da variação contida nos limites do «Tratado de Medicina», seria, ainda, pertinente efetuar uma comparação com a *Medicina Lusitana* de Fonseca Henriques, de modo a verificar se existiriam diferenças significativas em função do estilo mais ou menos cuidado e normativo, apesar de pertencerem ao mesmo género textual.

Ao nível lexical, e tendo em conta a riqueza vocabular das fontes manuscrita e impressa, em contraposição com a escassez de certo léxico nas obras lexicográficas, seria interessante construir um glossário que incluísse essencialmente terminologia do âmbito da medicina, da botânica e da farmácia, bem como outros vocábulos e combinatórias lexicais que hoje estão em desuso, ou cujos significados e aceções se alteraram em épocas posteriores ao século XVIII.

Além disso, e apesar de este texto do Reitor António Dias apresentar de modo muito evidente alguns dos traços linguísticos típicos da região noroeste de Portugal, reconhecemos a necessidade de se investigar também outros manuscritos do século XVIII, da mesma zona, mas de diferentes autores ou géneros textuais, assim como manuscritos das diversas regiões do país, para que se possa, de facto, identificar, descrever e reunir, com maior segurança, as principais características fonéticas, morfológicas, sintáticas e lexicais que permitem distinguir e individualizar o falar minhoto setecentista.

Ainda assim, esperamos que a nossa dissertação tenha já disponibilizado e contribuído com informações de relevo para o estudo da variação linguística e da dialetologia histórica em território português.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Manuel Valente (2014). *História da medicina em Portugal: origens, ligações e contextos*, Porto: Porto Editora.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1725). *Regras da lingua portugueza [...]*, Lisboa Occidental: Officina da Musica.
- ARIM, Eva (2008). “Construções queístas no discurso dos meios de comunicação social portugueses”, in Sónia Frota e Ana Lúcia Santos (orgs.), *Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 47-60.
- AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de (1929). “Ervedosa”, in *Revista Lusitana*, 27, pp. 86-197.
- BARBOSA, Pilar (2013). “Subordinação argumental finita”, in E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (orgs.), *Gramática do Português*, vol. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1821-1897.
- BARRETO, João Franco (1671). *Ortografia da Lingua Portugueza*, Lisboa: Officina de Joam da Costa.
- BARROS, Anabela Leal de (2013). *As receitas de cozinha de um frade português do século XVI*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BECHARA, Evanildo (1991). “As fases da língua portuguesa escrita”, in Dieter Kremer (org.), *Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, vol. III, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 68-76.
- BLUTEAU, Raphael (1712-1721). *Vocabulario Portuguez, e Latino [...]: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos [...]*, vols. I, II (1712), III e IV (1713), Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; vols. V (1716), VI, VII (1720) e VIII (1721), Lisboa: Pascoal da Sylva.
- BOLÉO, Manuel de Paiva e SILVA, Maria Helena Santos (1962). “O «Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental»”, in *Boletim de Filologia*, 20, pp. 85-112.
- CALAINHO, Daniela Buono (2009). “Norma e práxis na medicina luso-brasileira setecentista”, in *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*, Fortaleza: ANPUH, pp.1-9. [disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1241.pdf>, consultado em 1 de novembro de 2015]

- CARMELO, Luís do Monte (1767). *Compendio de Orthografia [...]*, Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.
- CARVALHO, Maria José (2015). “Sobre as origens de [u] átono no Português Europeu contemporâneo: variação, mudança e dimensões sociocognitivas”, in *Diacrítica*, 29 (1), pp. 171-202.
- CASTRO, Ivo (1991). *Curso de história da língua portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta.
- CASTRO, Ivo (2013). “Formação da língua portuguesa”, in E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (orgs.), *Gramática do Português*, vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 7-14.
- CENTENO, Sebastião e FARIA, Dr. Frazão (dir.) (1963). *Breve História da Medicina*, Lisboa: Cultura.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1962). “Áreas lexicais no território português”, in *Boletim de Filologia*, 20, pp. 273-307.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1971). “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, in *Boletim de Filologia*, 22, pp. 81-116.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1995). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, 2ª edição, Lisboa: Editora Sá da Costa.
- CIVITA, Victor (ed.) (1968). *Medicina e saúde: enciclopédia semanal da família*, vol. 2, São Paulo: Abril Cultural.
- COSTA, A. M. Amorim da (1988). “Da Farmácia Galénica à Farmácia Química no Portugal Setecentista”, in *Química - Boletim da Sociedade Portuguesa de Química*, 31 (Série II), pp. 23-28.
[disponível em <http://www.spq.pt/magazines/BSPQ/556/article/3000378/pdf>, consultado em 1 de novembro de 2015]
- COSTA, Manuel Freitas e (2010). *Personalidades e Grandes Vultos da Medicina Portuguesa Através dos Séculos*, Lisboa/Porto: Lidel.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1976). *Pontos de gramática histórica*, 7ª edição, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (1994). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 10ª edição, Lisboa: Edições João Sá da Costa.

- CURVO SEMEDO, João (1727). *Polyanthea Medicinal. Noticias Galenicis e Chymicas Repartidas em tres Tratados [...]*, Quarta vez impressa, Lisboa Occidental: Officina de Antonio Pedrozo Galram.
- CURVO SEMEDO, João (s.d.). *Proposta, que o Doutor Joaõ Curvo Semmedo, Medico, morador em Lisboa faz aos amantes da saude, & conciencias, s.l.: s.e..*
[disponível em http://purl.pt/15047/4/sa-26482-v_PDF/sa-26482-v_PDF_24-C-R0150/sa-26482-v_0000_1-b_t24-C-R0150.pdf, consultado em 1 de novembro de 2015]
- DIAS, Ana Paula Veloso Prata (2014). “A variação *ou~oi* em Portugal continental: delimitação das áreas geográficas com maior incidência do ditongo *oi*”, in *Diacrítica*, 28 (1), pp. 51-72.
- FEIJÓ, João de Morais Madureira (1734). *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua Portuguesa*, Lisboa Occidental: Officina de Miguel Rodrigues.
- GONÇALVES, Maria Filomena (1992). *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII*, Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1701). *Pleuricologia, sive syntagma universale de pleuritide, et ipsius curatione [...]*, Ulyssipone: Typographiâ Antonij Pedrozo Galram.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1708). *Tratado unico do uzo, e administração do Azougue nos cazos em que he proibido* (vol. in-4º), Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, impressor delRey.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1710). *Medicina lusitana, e soccorro delphico aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*, Amsterdam: em casa de Miguel Diaz.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1711). *Apiarium medico-chymicum [...]*, Amstelodami: Officina Michaelis Diaz.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1715). *Madeyra illustrado. [...]*, Lisboa: Officina de Antonio Pedroso Galram.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1721). *Anchora Medicinal para conservar a vida com saude*, Lisboa Occidental: Officina da Musica.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1726). *Aquilegio medicinal [...]*, Lisboa Occidental: Officina da Musica.

- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1731). *Medicina lusitana, soccorro delphico aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*, Segunda impressão, correcta, e aumentada pelo seu Author, Amsterdam: em casa de Miguel Diaz.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1750). *Medicina lusitana, soccorro delphico aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*, Terceyra impressão novamente correcta, emendada, Porto: Officina Episcopal de Manoel Pedroso Coimbra.
- HERDEIRO, Ana João e BARBOSA, Pilar (2015). “O fenómeno do queísmo no falar bracarense: um estudo sociolinguístico”, in *Diacrítica*, 29 (1), pp. 327-351.
- HERMANN, Paul (1983). *Princípios fundamentais da história da língua* (trad. Maria Luisa Schemann), 2ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEÃO, Duarte Nunes (1576). *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, Lisboa: João de Barreira, impressor delRei.
- LEITE DE VASCONCELLOS, José (1928). *Opúsculos*, vol. II, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- LEITE DE VASCONCELLOS, José (1970). *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 2ª edição, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- LEMO, Maximiliano de (1899). *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, vol. 2, Lisboa: Manoel Gomes.
[disponível em <https://archive.org/details/historiadamedici00lemo>, consultado em 1 de novembro de 2015]
- MACHADO, José Pedro (1977). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*, 3ª edição, 5 vols., Lisboa: Horizonte.
- MACHADO, José Pedro (1984). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols., Lisboa: Confluência.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1981). “Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina -ANA”, in *Biblos*, 57, pp. 73-96.
- MARÇALO, Maria João (1994). “A dinâmica da língua – implicações num estudo sincrónico”, in Associação Portuguesa de Linguística, *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade: actas do Encontro Regional da APL*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 89-93.

- MARQUILHAS, Rita (1987). “O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas”, in Ivo Castro, Inês Duarte e Isabel Leiria (orgs.), *A Demanda da Ortografia Portuguesa: comentário ao Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da questão que se lhe seguiu*, Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp. 103-116.
- MARQUILHAS, Rita (1991). *Norma gráfica setecentista*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MARQUILHAS, Rita (2003). “Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas”, in Ivo Castro e Inês Duarte (orgs.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 7-18.
- MARQUILHAS, Rita (2013). “Fenómenos de mudança na história do português”, in E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (orgs.), *Gramática do Português*, vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 17-45.
- MARTINS, Ana Maria (2002). “Mudança sintáctica e história da língua portuguesa”, in B. F. Head, J. Teixeira, A. S. Lemos, A. L. Barros e A. Pereira (orgs.), *História da Língua e História da Gramática: Actas do Encontro*, Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, pp. 251-297.
- MARTINS, Ana Maria (2013). “Posição dos pronomes pessoais clíticos”, in E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (orgs.), *Gramática do Português*, vol. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 2231-2302.
- MARTINS, Ana Maria (2015). “Variação sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos”, in *Estudos de Lingüística Galega*, 7, pp. 83-94.
- MATEUS, Maria Helena Mira (2005). “A mudança da língua no tempo e no espaço”, in Maria Helena Mira Mateus e Fernanda Bacelar do Nascimento (orgs.), *A Língua Portuguesa em Mudança*, Lisboa: Caminho, pp. 13-30.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª edição, Lisboa: Caminho.
- MATEUS, Maria Helena Mira e CARDEIRA, Esperança (2007). *Norma e variação*, Lisboa: Caminho.
- MENÉRES, Alfredo (1916). *Carvalhaes: traços históricos*, Porto: Typographia Sequeira.

- MIRA, M. Ferreira de (1947). *História da medicina portuguesa*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- MORAIS SILVA, António de (1789). *Diccionario da Lingua Portugueza*, 2 vols., Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- NETO, Serafim da Silva (1992). *História da Língua Portuguesa*, 6ª edição, Rio de Janeiro: Presença.
- NUNES, José Joaquim (1960). *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, 6ª edição, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536). *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, Lisboa: em casa d' Germão Galharde.
- PINTO, Adelina Angélica (1980). “A neutralização da oposição fonológica *v/b* em português: estudo sincrónico e diacrónico”, in *Biblos*, 56, pp. 599-651.
- PINTO, Adelina Angélica (1981). “A africada *tf* em português: estudo sincrónico e diacrónico”, in *Boletim de Filologia*, 26, pp. 139-192.
- PITA, João Rui (1996). *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)*, Coimbra: Minerva.
- PRISTA, Luís (1994). “Tentativa de cenário para *tʃ > ʃ*”, in Associação Portuguesa de Linguística, *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade: actas do Encontro Regional da APL*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 183-226.
- REIS, J. P. Lima (2009). “Comer no século XVIII, segundo Francisco da Fonseca Henriques”, in *Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Nutrição e Alimentação*, 15 (nº1), pp. 3-8.
 [disponível em http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sOhXDI9-KJoJ:www.spcna.pt/download.php%3Fpath%3Dpdfs%26filename%3DSPCNA_20100507182413_RAH_2009_n_1_1.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt, consultado em 15 de abril de 2016]
- RODRIGUES, Maria Celeste Matias (2003). *Lisboa e Braga: fonologia e variação*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROMA, Francisco Morato (1664). *Luz da medicina, pratica racional, e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes [...]*, Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira.

- SALES, Ernesto (1921). *Subsídios para a biografia do Dr. Francisco da Fonseca Henriques: o Mirandela, médico de D. João V*, Porto: Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos. Separata de *Revista de História*, 36.
- SEGURA, Luísa (2013). “Variedades dialetais do português europeu”, in E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (orgs.), *Gramática do Português*, vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 85-142.
- SEGURA, Luísa e SARAMAGO, João (2001). “Variedades dialectais portuguesas”, in M. H. Mira Mateus (org.), *Catálogo da Exposição Caminhos do Português*, Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 221-240.
- SILVA, Maria Helena Santos (1962). “Características fonéticas do Falar Minhoto”, in *Boletim de Filologia*, 20, pp. 309-321.
- SOURNIA, Jean-Charles (1995). *História da Medicina* (trad. Jorge Nogueira), Lisboa: Instituto Piaget.
- TARALLO, Fernando (2005). *A pesquisa sociolinguística*, 7ª edição, São Paulo: Ática.
- TEYSSIER, Paul (1994). *História da Língua Portuguesa* (trad. Celso Cunha), 6ª edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (1998). “Características gráficas de um texto português setecentista”, in *Anais do 1.º Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro, s.p..
[disponível em http://www.filologia.org.br/anais/anais_360.html, consultado em 1 de novembro de 2015]
- VERNEY, Luís António (1746). *Verdadeiro Metodo de Estudar [...]*, Valença: Oficina de Antonio Balleano.
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de (1798-1799). *Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antiguamente se usarão [...]*, vol. I (1798), Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira; e vol. II (1799), Lisboa: Typographia Regia Silviana.
- WILLIAMS, Edwin B. (1961). *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa* (trad. Antônio Houaiss), Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

FONTES MANUSCRITAS

Carvalheira, S. Paio. *Livro de Óbitos, 1737/10/11–1811/07/02*, cota nº 44 (cota antiga: nº 1), Arquivo Distrital de Braga.

Lavradas, S. Miguel de. *Livro de Óbitos, 1794-1876*, cota 3.11.2.16, Arquivo Distrital de Viana do Castelo. [disponível em <http://digitarq.advct.dgarq.gov.pt/viewer?id=1102800>, consultado em 19 de fevereiro de 2016]

Manuscrito 608, Arquivo Distrital de Braga.

ANEXOS

Tabela 1. Formas com labialização

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>botonica</i>	4	<i>betonica</i>	7
<i>coBradura</i>	3	<i>quebradura</i>	1
<i>coBrante</i>	1	[quebranto]	0
<i>coBrantando</i>	1	[quebrantar]	0
<i>estomogo</i>	1	<i>estomago/ estomaco</i>	20
<i>fodor</i>	1	<i>fedor</i>	1
<i>formento</i>	11	<i>fermento</i>	1
<i>forrugem</i>	1	<i>ferrugem</i>	1
<i>forvor</i>	1	[fervor]	0
<i>humodos</i>	1	<i>humida(s)</i>	3
<i>molam</i>	2	<i>melam</i>	5
<i>portubacam</i>	1	<i>perturbacoins</i>	1
		<i>perturbar</i>	1
<i>poru</i>	1	[peru]	0
<i>reporcusoins</i>	1	[repercussões]	0
<i>somana</i>	1	[semana]	0
<i>tomodo</i>	1	<i>tomado/a(s)</i>	10
<i>tomor</i>	1	<i>tomar/ tomara(m)</i>	126
<i>tromentina</i>	3	[trementina]	0
<i>tromintina</i>	1		
<i>tormentina</i>	1		
<i>voldroegas</i>	1	<i>beldroegas</i>	2
		<i>veldroegas</i>	1
<i>voloz</i>	1	[veloz]	0
<i>vontosa</i>	1	<i>ventosas</i>	14
		<i>bentosas</i>	2
<i>votume</i>	1	[betume]	0

Tabela 2. Formas com metátese

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>alfovras</i>	1	<i>alforvas</i>	4
<i>cabirto</i>	9	<i>cabrito</i>	1
<i>carneo</i>	2	<i>craneo</i>	1
<i>cusmar</i>	1	<i>escumar</i>	0
<i>detrininacam</i>	1	[determinação]	0
<i>escorpolo</i>	4	<i>escropolo(s)</i>	36
<i>escorpulo</i>	1	<i>escropulo</i>	2
<i>escredo</i>	1	<i>esquerdo</i>	1
		<i>esquerda</i>	2
<i>espirguicam.¹⁰</i>	1	[espreguçamento]	0
<i>exarcebara</i>	1	[exacerbar]	0

<i>expermer</i>	1	<i>expremido</i>	1
<i>expermando</i>	1	<i>exprimidos</i>	1
		<i>espreme</i>	1
		<i>espremera</i>	1
		<i>espremer</i>	1
		<i>esprimidas</i>	1
<i>ferquente</i>	2	<i>frequente</i>	1
<i>fervil</i>	2	[febril]	0
<i>fiabreis</i>	1	[friáveis]	0
<i>frebura</i>	1	<i>ferbura</i>	5
<i>largato/a</i>	2	[lagarto/a]	0
<i>malencia</i>	3	[melancia]	0
<i>malencolico(s)</i>	4	[melancólico]	0
<i>malincolico</i>	1		
<i>mantrasto</i>	1	[mentastro]	0
<i>matelorum</i>	1	[metalorum]	0
<i>perparado</i>	1	<i>preparado</i>	31
<i>porceder</i>	2	<i>proceder</i>	12
		<i>procede(m)</i>	16
		<i>procederam</i>	3
		<i>procederem</i>	4
		<i>procedendo</i>	1
		<i>procedido</i>	1
<i>porveitozas</i>	1	[proveitosas]	0
<i>precetiveis</i>	1	[percetíveis]	0
<i>Riveiro</i>	1	<i>Riverio</i>	1
<i>supersam</i>	1	<i>supresam</i>	1
<i>tormentina</i>	1	<i>tromentina</i>	3
		<i>tromintina</i>	1
<i>treceira</i>	1	[terceira]	0

Tabela 3. Formas com síncope

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>alvaade</i>	2	[alvaiade]	0
<i>aspra/o</i>	2	<i>aspero/a</i>	2
<i>brilhas</i>	1	<i>verilhas</i>	1
<i>croa</i>	3	[coroa]	0
<i>dreita</i>	1	<i>direito</i>	3
<i>ersipelas</i>	1	[erisipelas]	0
<i>espanca</i>	1	[esperança]	0
<i>exprementado</i>	1	[experimentado]	0
<i>esprementado</i>	1		
<i>frida</i>	1	<i>ferida</i>	2
<i>parlesia</i>	2	[paralísia]	0
<i>parlezia</i>	2		
<i>parlazia</i>	1		

<i>prigo</i>	1	[perigo]	0
<i>prigozo</i>	1		
<i>pucro</i>	1	<i>pucaro</i>	2
		<i>pucoro</i>	1
<i>suprior</i>	4	[superior]	0
<i>temprara</i>	1	<i>temperar</i>	3
<i>temprando</i>	1	<i>tempera</i>	1
<i>destemprado</i>	1	<i>temperado/as</i>	4
<i>tempram.¹⁰</i>	1	<i>temperando</i>	4
		<i>temperam(en)to</i>	4
		<i>temperativos</i>	1
<i>triaga</i>	2	[teriaga]	0
<i>triarga</i>	1		
<i>vibra</i>	1	<i>vivera</i>	1
		<i>vibora</i>	1

Tabela 4. Formas com prótese

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>acipreste</i>	1	<i>cipreste</i>	2
<i>ajuntando</i>	6	<i>juntando</i>	4
<i>ajuntaram</i>	1	<i>juntara(m)</i>	3
<i>ajuntar</i>	1	<i>junte</i>	2
<i>ajunte</i>	1		
<i>alevantar</i>	1	<i>levantar(a)</i>	2
		<i>levante</i>	2
		<i>levantando</i>	1
<i>alimpar/ alinpar</i>	8	<i>limpar</i>	1
<i>ametades</i>	1	<i>metade</i>	2
<i>apegar</i>	2	<i>pegado/a(s)</i>	4
		<i>pega</i>	1
<i>aporvilhando</i>	1	[polvilhar]	0
<i>aruda</i>	4	<i>ruda</i>	20
<i>asentar</i>	4	[sentar]	0

Tabela 5. Formas com semivocalização

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>basuaticos</i>	1	<i>besoartico</i>	3
<i>ciaram</i>	1	<i>cear</i>	2
<i>cornia</i>	1	[córnea]	0
<i>febri (adiente)</i>	1	<i>febre (+ a...)</i>	3
		<i>febre (+ e/he...)</i>	5
<i>femia</i>	1	[fêmea]	0
<i>lëndias</i>	2	[lêndias]	0
<i>nausia(s)</i>	13	[náusea]	0

<i>olio</i>	1	<i>oleo</i>	72
<i>olioso</i>	1	<i>oleaginoso</i>	1
<i>popoliam</i>	1	[populeão]	0
<i>purgasiam</i>	1	<i>purgasea/purgaseham</i>	2
<i>sulphurias/ sulfurias</i>	6	<i>sulfureo(s)</i>	4
<i>viado</i>	6	[veado]	0

Tabela 6. Formas com crase

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>abertura</i>	1	[a abertura]	0
<i>agua/ agoa</i>	11	<i>a agua/ a agoa</i>	7
<i>antandos</i>	1	[atando-os]	0
<i>aplic[a]ndos</i>	1	[aplicando-os]	0
<i>artemige</i>	1	[a artemige]	0
<i>gomaravia</i>	3	[goma arábia]	0
		<i>gomma de aravia</i>	1
<i>renovandos</i>	1	<i>renovandoo</i>	1
<i>todo</i>	1	<i>todo o</i>	6
<i>trazendos</i>	1	[trazendo-os]	0

Tabela 7. Formas com assimilação consonântica

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>abrilhe</i>	1	<i>abrilhe</i>	2
<i>acites</i>	1	[ascites]	0
<i>amaduraseha</i>	1	[amadurar-se-á]	0
<i>atos</i>	1	[aptos]	0
<i>comvalecenca</i>	1	[convalescença]	0
<i>comvalecencia</i>	1		
<i>corrucam</i>	2	[corrupção]	0
<i>currucam</i>	1		
<i>crasimento</i>	1	[crescimento]	0
<i>decido</i>	1	[descer]	0
<i>decem</i>	1		
<i>dourase</i>	2	[dourar-se]	0
<i>dutos</i>	1	<i>ductos</i>	1
<i>expermese</i>	1	[espremer-se]	0
<i>fase</i>	3	<i>fasse</i>	1
<i>fragase</i>	1	[(es)fragar-se]	0
<i>lacivas</i>	1	[lascivas]	0
<i>librase</i>	1	[livrar-se]	0

<i>nace</i>	3	[nacer]	0
<i>nacem</i>	3		
<i>nacer</i>	1		
<i>nacerem</i>	3		
<i>nacidos</i>	1		
<i>pronosticam</i>	1	[prognosticar]	0
<i>purgase</i>	3	<i>purgarse</i>	3
<i>sangrase / samgrase</i>	8	[sangrar-se]	0
<i>sutil</i>	1	<i>subtilissimos</i>	2
<i>sutilissimos</i>	2		

Tabela 8. Formas com dissimilação consonântica e/ou rotacismo

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>aporvilhando</i>	1	[(a)polvilhar]	0
<i>argodam</i>	1	<i>algodam</i>	5
<i>borna/o</i>	5	<i>morna/o</i>	11
<i>vorno</i>	1		
<i>emprasto</i>	43	[emplastro]	0
<i>imprasto</i>	5		
<i>frustado</i>	1	[frustrado]	0
<i>grandulas</i>	1	[glândulas]	0
<i>gandolas</i>	1		
<i>pirola(s)</i>	19	[pílula]	0
<i>portubacam</i>	1	<i>perturbacoins</i>	1
		<i>perturbar</i>	1
<i>postracam</i>	1	[prostração]	0
<i>propia</i>	2	[própria]	0
<i>apropiada</i>	1	[apropriada]	0

Tabela 9. Formas com assimilação vocálica

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>antando</i>	1	[atando]	0
<i>atribiliarios</i>	1	[atrabiliários]	0
<i>catalicam</i>	1	[catolicão]	0
<i>comrumpidas</i>	1	[corrompidas]	0
		<i>corrompe</i>	2
<i>dogoladouros</i>	1	[degoladouros]	0
<i>estamago</i>	13	<i>estomago/ estomaco</i>	20
<i>geripiga</i>	2	<i>geropiga</i>	1
<i>gerepiga</i>	2		
<i>hipicondrios</i>	1	[hipocôndrios]	0
<i>i(m)modorado</i>	2	<i>moderado</i>	1
<i>(a)modoradam.^{1e}</i>	2		

<i>lanvando</i>	1	<i>labando</i>	2
		<i>lavando</i>	8
<i>ortolam</i>	1	<i>ortelam</i>	20
<i>pilicresto</i>	1	[policresto]	0
<i>pucoro</i>	1	<i>pucaro</i>	2

Tabela 10. Formas com dissimilação vocálica

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>abobera</i>	5	[abóbora]	0
		<i>aboborado</i>	1
<i>arincado/a</i>	2	<i>ar(r)anca(m)</i>	2
<i>arinquara</i>	1	<i>ar(r)ancar</i>	2
<i>arincando</i>	1		
<i>cadornis</i>	1	[codorniz]	0
<i>chocolate</i>	2	<i>chocolate</i>	2
<i>deficultosa</i>	1	[dificultosa]	0
		<i>dificulta</i>	2
		<i>dificultando</i>	1
<i>delerosa</i>	1	<i>doloroso</i>	3
<i>devide</i>	1	<i>divide</i>	1
<i>estalicidio</i>	4	[estilicídio]	0
<i>estalecidio</i>	5		
<i>estepor</i>	1	<i>estupor(es)</i>	15
<i>esteporado/a(s)</i>	3		
<i>hidropesia</i>	4	[hidropisia]	0
<i>horripelacoins</i>	1	[horripilações]	0
<i>latocínios</i>	1	[laticínios]	0
<i>letocínios</i>	1		
<i>mendinho</i>	1	[mindinho]	0
<i>quentilio</i>	3	<i>quintilio/ Quintilio</i>	5
<i>temor</i>	3	<i>tumor</i>	4
		<i>tomor</i>	1
<i>verilhas</i>	1	[virilhas]	0

Tabela 11. Formas com elevação de /o/ átono

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>comrumpidas</i>	1	[corrompidas]	0
<i>cuberto</i>	1	<i>coberto/a</i>	4
		<i>covertos</i>	1
<i>cubrira</i>	2	<i>cobrir</i>	4
		<i>cobrindo</i>	7
<i>culher(es)</i>	6	<i>colher(es)</i>	29
<i>cuminhos</i>	1	<i>cominhos</i>	6
<i>curacam</i>	4	<i>coracam</i>	1

<i>currucam</i>	1	[corrupção]	0
<i>curtadura</i>	1	[cortadura]	0
<i>customava</i>	1	<i>costumarem</i>	1
<i>cuzido</i>	1	<i>cozido/a</i>	105
<i>discuberta</i>	1	<i>discovertas</i>	1
<i>emcubados</i>	1	[encovados]	0
<i>espiritus</i>	1	<i>espírito(s)</i>	17
<i>lumbrigas</i>	1	<i>lombrigas/lonbrigas</i>	13
<i>qd.^u</i>	3	<i>qd.^o</i>	7

Tabela 12. Formas com elevação de /e/ átono

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>adquiri</i>	1	[adquire]	0
<i>advirtir</i>	1	[advertir]	2
<i>alicrim</i>	1	<i>alecrim</i>	18
<i>bafigar</i>	1	[bafejar]	0
<i>bibendo</i>	1	<i>bebendo</i>	3
		<i>vevendo</i>	2
<i>bibida</i>	1	<i>bebida</i>	2
<i>bixigas</i>	1	<i>bexigas</i>	2
<i>vixigas</i>	5	<i>vexigas</i>	11
<i>cabicinhas</i>	1	[cabecinhas]	0
<i>comviniente/conviniente</i>	2	[conviniente]	0
<i>determinacam</i>	1	[determinação]	0
<i>diclinacam</i>	3	<i>declinacam</i>	2
<i>diclinando</i>	2		
<i>difluxo(s)</i>	9	<i>defluxo(s)</i>	13
<i>dimesiados</i>	1	<i>demasiada</i>	1
<i>discovertas</i>	1	[descobertas]	0
<i>discuberta</i>	1		
<i>disfeito</i>	3	<i>desfeito(s)</i>	7
<i>disfazer</i>	1	<i>desfazer</i>	3
<i>disfazendo</i>	3	<i>desfazendo</i>	2
<i>disfaca</i>	1	<i>desfara</i>	2
<i>disintéria</i>	2	[disenteria]	0
<i>distilado</i>	3	<i>destilado</i>	5
<i>distele</i>	1		
<i>divilitar</i>	1	[debilitar]	0
<i>divilidades/ divild.^e</i>	2	[debilidade]	0
<i>divirsid.^e</i>	1	[diversidade]	0
<i>enduricim.¹⁰</i>	1	[endurecimento]	0
<i>espicial</i>	1	[especial]	0
<i>espirguicam.¹⁰</i>	1	[espreguiçamento]	0
<i>esprimidas</i>	1	<i>expremido</i>	1
<i>exprimidos</i>	1		
<i>extrinsicos</i>	1	[extrínsecos]	0

<i>gingibre</i>	1	<i>gengibre</i>	1
<i>gingivas</i>	1	<i>gengivas</i>	1
<i>gorgorijar</i>	1	[gargarejar]	0
<i>imprasto</i>	5	<i>emprasto</i>	43
<i>imvaraco</i>	1	[embaraço]	0
<i>inchim.^{to}</i>	1	[enchimento]	0
<i>inchem(en)to</i>	2		
<i>incolhido</i>	1	<i>encolher</i>	1
		<i>emcolherem</i>	1
<i>infermo</i>	4	[enfermo]	0
<i>ingolir</i>	5	<i>emgolir</i>	1
<i>intendim(en)to</i>	2	[entendimento]	0
<i>inxofre</i>	1	<i>enxofre/ emxofre</i>	10
<i>legítimo</i>	1	<i>legítimo/a</i>	6
<i>milhor</i>	2	<i>melhor</i>	22
<i>minino(s)</i>	2	<i>menino(s)</i>	54
<i>ninhum/ninhua</i>	4	[nenhum(a)]	0
<i>ofindidas</i>	1	<i>ofendidos</i>	1
<i>ortelici</i>	1	<i>(h)ortelice</i>	5
		<i>ortalice</i>	1
<i>pexigueiro</i>	4	<i>pexegueiro</i>	1
		<i>pessegueiro</i>	1
<i>pipinos</i>	1	[pepinos]	0
<i>piqueno</i>	6	<i>pequeno</i>	1
<i>pividas</i>	7	[pevides]	0
<i>pulvirizado</i>	1	[pulverizado]	0
<i>pulvirizado</i>	1		
<i>quasi</i>	1	<i>quase</i>	2
<i>repitidas</i>	1	<i>repetidas</i>	9
<i>repitiram</i>	1	<i>repetir(a)</i>	2
		<i>repetindo</i>	1
<i>rifrigera</i>	1	[refrigera]	0
<i>rigularm.^{te}</i>	1	[regularmente]	0
<i>sanguixugas</i>	1	<i>sanguexugas</i>	11
<i>si</i>	2	<i>se</i>	897
<i>tromintina</i>	1	<i>tormentina</i>	1
		<i>tromentina</i>	3
<i>virtigem/ns</i>	9	<i>vertige(m)</i>	7

Tabela 13. Formas com variação nas sibilantes (início de sílaba)

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>abrazá</i>	1	[abrasar]	0
		<i>brasa</i>	1
<i>alcasus</i>	1	<i>alcacus</i>	3
<i>ancias</i>	3	[ânsias]	0

<i>asucar</i>	4	<i>acucar</i>	22
		<i>açucar</i>	21
		<i>acuquar</i>	1
<i>asucena</i>	2	<i>acucena/ açucena</i>	2
<i>acusena</i>	1		
<i>[a]susena</i>	1		
<i>besoartico</i>	3	[bezoártico]	0
<i>basuaticos</i>	1		
<i>camoezas</i>	1	<i>camoesas</i>	0
<i>caparozza</i>	2	<i>caparroza</i>	2
<i>carapusa</i>	1	[carapuça]	0
<i>caza</i>	1	<i>caca</i>	4
<i>cinsa(s)</i>	7	<i>cinzas</i>	1
<i>contagiozas</i>	1	<i>contagiosas</i>	1
<i>cosim(en)to</i>	4	<i>cozim(en)to</i>	29
<i>cumo(s)</i>	48	<i>sumo</i>	1
<i>dezejo</i>	2	[desejo]	0
<i>mezes</i>	1	<i>meses</i>	6
<i>parlezia</i>	2	<i>parlesia</i>	2
<i>parlazia</i>	1		
<i>pauzas</i>	1	<i>pausas</i>	3
<i>pescosso</i>	1	<i>pescoco</i>	15
<i>pezo</i>	1	<i>peso</i>	4
<i>pizadas</i>	1	<i>pisar</i>	3
<i>pissado/a</i>	3	<i>pise</i>	1
		<i>pisando</i>	1
		<i>pisado/a</i>	15
<i>porveitozas</i>	1	[proveitosas]	0
<i>prigozo</i>	1	[perigoso]	0
<i>pulvirizado</i>	1	<i>pulvirizado</i>	1
<i>quizer(em)</i>	6	[quiser]	0
<i>rapoza</i>	3	<i>raposa/o</i>	3
<i>rezina(s)</i>	4	<i>resina</i>	3
<i>rozada/o</i>	6	<i>rosada/o</i>	25
<i>roza(s)</i>	4	<i>rosa</i>	15
<i>secando</i>	5	<i>cesar(em)</i>	3
<i>secar(em)</i>	2		
<i>sesando</i>	5		
<i>sessarem</i>	1		
<i>sesam</i>	8	[sezão]	0
<i>sesoins</i>	5		
<i>secam</i>	1		
<i>secoins</i>	9		
<i>sobre meza</i>	1	[sobremesa]	0
<i>messa</i>	1	<i>mesa</i>	1
<i>venenossa</i>	1	<i>venenosa</i>	1
		<i>venenoso</i>	1

Tabela 14. Formas com variação nas sibilantes (final de sílaba)

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>alcasus</i>	1	[alcaçuz]	0
<i>alcacus</i>	3		
<i>almofaris</i>	2	<i>almofariz</i>	3
<i>aros</i>	2	<i>aroz</i>	4
<i>cadornis</i>	1	[codorniz]	0
<i>des</i>	6	[dez]	0
<i>dis</i>	5	[diz]	0
<i>eficas</i>	1	[eficaz]	0
<i>escremento</i>	2	<i>excremento</i>	9
		<i>excremento</i>	1
<i>esprementado</i>	1	<i>exprementado</i>	1
<i>esfragar</i>	1	<i>esfragara(m)</i>	10
		<i>esfragar</i>	2
		<i>esfragam</i>	1
		<i>esfragando</i>	1
		<i>esfragacoins</i>	3
<i>expirrar</i>	1	<i>espirrar</i>	2
		<i>espirros</i>	1
<i>expremidido</i>	1	<i>esprimidas</i>	1
<i>exprimidos</i>	1	<i>espremer</i>	1
<i>expermer</i>	1	<i>espreme</i>	1
<i>expermendo</i>	1	<i>espremera</i>	1
<i>expumando</i>	1	[espumando]	0
<i>exquecim.¹⁰</i>	1	[esquecimento]	0
<i>fas</i>	12	[faz]	0
<i>naris</i>	9	<i>nariz</i>	2
<i>nos</i>	2	[noz]	0
<i>perdis</i>	1	[perdiz]	0
<i>pleuriz</i>	1	<i>pleuris</i>	8
<i>pluriz</i>	1	<i>pluris</i>	1
<i>rais</i>	49	<i>raiz</i>	3
<i>simplex</i>	1	<i>simples</i>	1
<i>surdes</i>	7	<i>sordez</i>	1
<i>sordes</i>	1		
<i>tras</i>	3	<i>traz</i>	1
<i>ves</i>	26	[vez]	0

Tabela 15. Formas com variação entre /b/ e /v/

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>aduvos</i>	1	[adubos]	0
<i>agrabacam</i>	1	[agravação]	0
<i>alternatibos</i>	1	<i>alternativos</i>	1
<i>arbores</i>	1	[árvores]	0
<i>ba</i>	1	[vá, vão, vem, etc.]	0
<i>bam</i>	4		
<i>bem</i>	1		
<i>baca</i>	23	<i>vaca</i>	15
<i>baso</i>	1	<i>vaso</i>	2
<i>beneno</i>	1	<i>veneno</i>	16
<i>bento</i>	1	<i>vento</i>	3
<i>bentosa</i>	2	<i>ventosa</i>	14
		<i>vontosa</i>	1
<i>bentre</i>	2	<i>ventre</i>	21
<i>bermelho</i>	2	<i>vermelho/a(s)</i>	50
<i>bever</i>	1	<i>beber</i>	39
<i>veber</i>	4	<i>bebe</i>	1
<i>vebera</i>	2	<i>beba(m)</i>	8
<i>veberem</i>	1	<i>bebera(m)</i>	20
<i>vever</i>	3	<i>beberem</i>	3
<i>veva</i>	2	<i>bebendo/bibendo</i>	4
<i>vevendo</i>	2		
<i>vevera</i>	2		
<i>bidro</i>	5	<i>vidro</i>	2
		<i>vidrada/o</i>	5
<i>binho</i>	11	<i>vinho</i>	50
<i>bomitar</i>	1	<i>vomitar</i>	3
<i>bomitos</i>	1	<i>vomitos</i>	33
		<i>vomitorio</i>	31
<i>brebem.^{te}</i>	1	[brevemente]	0
<i>cabalo</i>	1	<i>cavalo</i>	7
<i>caveca</i>	48	<i>cabeca</i>	12
<i>cavelo(s)</i>	16	<i>cabelos</i>	1
<i>cebada</i>	2	<i>cevada</i>	19
<i>cevola</i>	3	<i>cebola</i>	7
<i>combem</i>	1	<i>comvem</i>	3
<i>coubas</i>	1	<i>couve</i>	1
		<i>couva(s)/ covvas</i>	7
<i>covertos</i>	1	<i>coberto/a</i>	4
		<i>cuberto</i>	1
<i>crabo</i>	1	<i>cravo</i>	2
<i>Curbo</i>	2	<i>Curvo</i>	1
<i>curba</i>	1	[curva]	0
<i>debe(m)</i>	3	<i>deve</i>	9
<i>discovertas</i>	1	<i>discuberta</i>	1

<i>divilitar</i>	1	[debilitar]	0
<i>divilidades/ divild.^e</i>	2	[debilidade]	0
<i>devil</i>	1	[débil]	0
<i>ebacuacam</i>	1	<i>evacuacam</i>	4
		<i>evacuar</i>	1
		<i>evacuantes</i>	1
<i>emcubados</i>	1	[encovados]	0
<i>erba(s)/ herba(s)</i>	21	<i>erva</i>	19
<i>extrabasando</i>	1	[extravasando]	0
<i>fervil</i>	2	[febril]	0
<i>fiabreis</i>	1	[friáveis]	0
<i>frebura</i>	1	[fervura]	0
<i>ferbura</i>	5	<i>ferver(a)</i>	6
<i>ferber</i>	4	<i>fervendo</i>	1
<i>ferba(m)</i>	2	<i>ferva</i>	1
<i>habendo</i>	2	<i>(h)avendo/ avindo</i>	8
<i>habiam</i>	1	<i>(h)aver(a)</i>	14
		<i>aviam</i>	1
		<i>ouver</i>	20
<i>imvaraco</i>	1	[embarço]	0
<i>invigo</i>	1	<i>embigo</i>	1
<i>labando</i>	2	<i>lavando/ lanvando</i>	9
<i>labaram</i>	3	<i>lavar(am)</i>	21
		<i>lavado</i>	3
		<i>lava</i>	2
		<i>lave(m)</i>	3
<i>lavaca</i>	1	[labaça]	0
<i>lebantada</i>	1	<i>(a)levantar</i>	2
		<i>levante</i>	2
		<i>levantando</i>	1
<i>lebe</i>	1	<i>leves</i>	2
<i>librar</i>	6	[livrar]	0
<i>librara(m)</i>	3	[livre]	0
<i>librando</i>	1		
<i>libre (v.)</i>	2		
<i>libre (adj.)</i>	1		
<i>mascabado</i>	1	<i>mascavado</i>	6
<i>mober</i>	1	<i>movendo</i>	1
<i>neboa</i>	10	<i>nevoa</i>	3
<i>nerbo(s)</i>	3	<i>nervos</i>	1
<i>obo</i>	5	<i>ovo</i>	44
<i>outaba(s)</i>	31	<i>outava(s)</i>	103
<i>ovedeceram</i>	1	[obedecer]	0
<i>ovedecendo</i>	1		
<i>rebolto</i>	1	<i>revolta</i>	1
<i>salba</i>	10	<i>salva</i>	13
<i>saver</i>	1	<i>saber</i>	1
<i>save</i>	1	<i>saiba</i>	1

<i>serbem</i>	1	<i>serve(m)</i>	3
		<i>servindo</i>	1
		<i>serviço</i>	1
<i>sevo</i>	1	<i>sebo</i>	4
<i>suabem.^{te}</i>	1	<i>suavem.^{te}</i>	1
		<i>suave</i>	1
		<i>suavidade</i>	1
<i>tavaco</i>	3	<i>tabaco</i>	3
<i>turba</i>	3	<i>turva</i>	1
<i>vaga</i>	3	<i>baga</i>	5
<i>vaixo</i>	8	<i>abaixo</i>	2
<i>avaixo</i>	4		
<i>devaixo</i>	4		
<i>vanho(s)</i>	13	<i>banho(s)</i>	16
<i>varvasco</i>	1	<i>verbasco</i>	1
<i>varbasco</i>	1		
<i>barbasco</i>	1		
<i>vaste</i>	11	<i>baste</i>	4
<i>vasta</i>	4	<i>basta</i>	1
<i>vater</i>	1	<i>bater</i>	1
<i>vatendo</i>	1	<i>batido/a</i>	7
<i>veldroegas</i>	1	<i>beldroegas</i>	2
<i>valdroegas</i>	1	<i>baldroegas</i>	1
<i>voldroegas</i>	1		
<i>venedita</i>	1	<i>benedi(c)ta</i>	20
<i>vexigas</i>	11	<i>bexigas</i>	2
<i>vixigas</i>	5	<i>bixigas</i>	1
<i>vibo</i>	2	<i>vivas</i>	1
<i>bivos</i>	1		
<i>vicho</i>	1	<i>bichinho</i>	2
<i>vichinhos</i>	3		
<i>visnaga</i>	1	[<i>bisnaga</i>]	0
<i>vivera</i>	1	<i>vibora</i>	1
<i>voca</i>	7	<i>boca</i>	31
<i>volsa</i>	3	<i>bolsa</i>	1
<i>voraquinhos</i>	1	<i>buraco</i>	1
<i>voracos</i>	1		
<i>votando</i>	1	<i>botando</i>	1
<i>vote</i>	1	<i>bote</i>	1
		<i>bota</i>	1
		<i>botadas</i>	1
<i>voticas</i>	1	[<i>boticas</i>]	0
<i>votume</i>	1	[<i>betume</i>]	0

Tabela 16. Formas com variação *ou ~ oi ~ o*

Formas com <i>ou</i>	Nº de ocorr.	Formas com <i>oi</i>	Nº de ocorr.	Formas com <i>o</i>	Nº de ocorr.
<i>choupo</i>	1	-		<i>chopo</i>	1
<i>coufa</i>	1	[coifa]	0	-	
<i>couro</i>	3	<i>coiro</i>	1	-	
<i>cousa(s)</i>	74	[coisa]	0	<i>cosa</i>	1
<i>noute(s)</i>	22	[noite]	0	-	
<i>ou</i>	+400	-		<i>o</i>	3
<i>outaba(s)</i>	31	[oitava]	0	-	
<i>outava(s)</i>	103				
<i>outo</i>	2	[oito]	0	-	
<i>papoulas</i>	14	[papoila]	0	-	
<i>pepoula</i>	1				
[çaçoula]	0	[çaçoila]	0	<i>cacola</i>	1
[frouxos]	0	-		<i>froxos</i>	1
[ourives]	0	-		<i>orives</i>	1

Tabela 17. Formas com monotongação (em ditongos crescentes)

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>cartilho(s)</i>	38	<i>coartilho</i> <i>quartilhos</i>	2 1
<i>garda</i>	1	<i>goarda</i>	2
<i>gardar(am)</i>	2	<i>goardara</i> <i>goarde</i>	1 2

Tabela 18. Formas com desnasalação

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>artemige</i>	1	[artemigem]	0
<i>ortemige</i>	2		
<i>borrages</i>	2	<i>borragens</i>	3
<i>homes</i>	1	<i>homens</i>	5
<i>tanchage</i>	1	<i>tanchagem</i>	26
<i>vertige(s)</i>	3	<i>vertigem/ns</i> <i>virtigem/ns</i>	4 9

Tabela 19. Formas com alteração de *a > e*

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>(a)diente</i>	5	[(a)diante]	0
<i>caste(s)</i>	4	<i>casta</i>	1
<i>quastes</i>	1		
<i>cristel</i>	1	<i>crystal</i>	7
<i>deprevado</i>	1	[depravado]	0
<i>dimesiados</i>	1	<i>demasiada</i>	1
<i>elemento(s)</i>	6	<i>alimentos</i>	3
		<i>alimentos</i>	3
<i>emaciecã</i>	1	[emaciação]	0
<i>emendoada</i>	1	<i>amendoada</i>	7
<i>esmeralde</i>	1	<i>esmeraldas</i>	1
<i>frieldade</i>	1	[frialdade]	
<i>gargante</i>	3	<i>garganta</i>	14
<i>gentar / jencar</i>	3	<i>gantar</i>	2
<i>gereçam</i>	1	[geração]	0
<i>incomperavel</i>	1	[incomparável]	0
<i>ireperavel</i>	1	[irreparável]	0
<i>jalape</i>	7	<i>jalapa</i>	2
<i>letantes</i>	1	<i>lactantes</i>	1
<i>letocinios</i>	1	<i>latocinios</i>	1
<i>menha(m)</i>	3	<i>manha(m/ns)</i>	34
<i>minha</i>	1		
<i>(h)ortelice/ ortelici</i>	6	<i>ortalica</i>	1
<i>ortalice</i>	1		
<i>pepoulas</i>	1	<i>papoulas</i>	15
<i>receite</i>	1	<i>receita</i>	11
<i>rechado</i>	1	[rachado]	0
<i>rezam</i>	3	[razão]	0
<i>tacameca</i>	1	[tacamaca]	0

Tabela 20. Formas com alteração de *e ou i > a*

Formas com alteração	Nº de ocorr.	Formas regulares correspondentes	Nº de ocorr.
<i>aleboraster</i>	1	[eleboraster]	0
<i>alfanete</i>	1	[alfinete]	0
<i>almacega</i>	2	<i>almecega</i>	7
<i>antam</i>	1	<i>entam</i>	4
<i>baldroegas</i>	1	<i>beldroegas</i>	2
<i>valdroegas</i>	1	<i>veldroegas</i>	1
<i>coubas</i>	1	<i>couve</i>	1
<i>couva(s)/ covvas</i>	7		
<i>crasimento</i>	1	[crescimento]	0
<i>dalgados</i>	1	<i>delgados</i>	1

<i>esfragara(m)</i>	10	[esfregar]	0
<i>esfragar / exfragar</i>	3		
<i>esfragam</i>	1		
<i>esfragando</i>	1		
<i>esfragacoins</i>	3		
<i>fragar</i>	1		
<i>fragando</i>	2		
<i>fragacoins</i>	2		
<i>estalicidio</i>	4	[estilicídio]	0
<i>estalecidio</i>	5		
<i>excremento</i>	1	<i>excremento</i>	9
		<i>esccremento</i>	2
<i>malancia</i>	5	[melancia]	0
<i>mangarona</i>	10	<i>mangerona</i>	1
<i>mantrasto</i>	1	[mentastro]	0
<i>marcuriais</i>	1	<i>mercuriais</i>	2
<i>mercurio</i>	4	<i>mercurio</i>	1
<i>masturado/a</i>	10	<i>mesturado/a</i>	25
<i>masturando</i>	1	<i>mesture</i>	5
<i>masturar</i>	1	<i>mesturando</i>	1
<i>mastura</i>	1	<i>mesturara</i>	1
<i>masture</i>	1		
<i>matara</i>	1	<i>metera</i>	9
<i>parlazia</i>	1	<i>parlesia</i>	2
		<i>parlezia</i>	2
<i>pividas</i>	7	[pevides]	0